TRABALHOS DO AUTOR

DE COMBATE:

Na Inquisição de Salazar — Rio de Janeiro, 1957 (esgotado)
A Fome em Portugal — Rio de Janeiro, 1958 (esgotado)
O Retrato da Ditadura Portuguesa — Rio de Janeiro, 1962 (esgotado)
Portugal Hoi — Venezuela, 1963 (esgotado)
Deus Vermelho — Porto, Portugal, 1978

ENSAIOS:

Quem Tem Medo do Anarquismo? — Rio de Janeiro, 1992
Conceito de Sociedade Global — Rio de Janeiro, 1974 (esgotado)
Socialismo — Síntese das Origens e Doutrinas — Rio de Janeiro, 1969 (esgotado)
ABC do Anarquismo — Lisboa, Portugal, 1976 (esgotado)
Violência, Autoridade e Humanismo — Rio de Janeiro, 1974 (esgotado)
Breve História do Pensamento e das Lutas Sociais em Portugal — Lisboa, 1977 (esgotado)
ABC do Sindicalismo Revolucionário — Rio de Janeiro, 1987
Socialismo: Uma Visão Alfabética — Rio de Janeiro, 1980 (esgotado)

DE HISTÓRIA SOCIAL:

Socialismo e Sindicalismo no Brasil (Movimento Operário 1657-1913 — Rio de Janeiro, 1969 (esgotado)
Nacionalismo e Cultura Social (Movimento Operário 1913-1922) — Rio de Janeiro, 1972
Novos Rumos (Movimento Operário 1922-1945) — Rio de Janeiro, 1978 (esgotado)
Trabalho e Conflito (As Greves Operárias 1900-1935) — Rio de Janeiro, 1977 (esgotado)
Alvorada Operária (Os Congressos 1887-1920) — Rio de Janeiro, 1980 (esgotado)
O Despertar Operário em Portugal - 1934-1911 — Lisboa, Portugal, 1980
Os Anarquistas e os Sindicatos em Portugal - 1911-1922 — Lisboa, 1981
A Resistência Anarco-Sindicalista em Portugal - 1922-1939 — Lisboa, 1981
A Oposição Libertária à Ditadura - 1939-1974 — Lisboa, Portuga, 1982
Os Anarquistas Trabalhadores Italianos no Brasil — São Paulo, 1984
Os Trabalhadores Italianos no Brasil — Itália, 1985
Os Libertários: Idéias e Experiências Anárquicas — 1988
O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia — 1992
A Nova Aurora Libertária - 1946-1948 — 1992
Entre Ditaduras - 1948-1962 — 1993
O Ressurgir do Anarquismo - 1962-1980 — 1993
Os Libertários — Rio de Janeiro, 1993
O Homem em busca da Terra Livre — Rio de Janeiro, 1993
Os Anarquistas no Banco dos Réus - 1969-1972 — Rio de Janeiro, 1993

NA SALA DE ESPERA

Os Companheiros - 5 vols. — A a Z.
O Universo Acrata
Não Matarás
Guerra aos Senhores — Paz Entre Nós
Anarquia — Uma Visão Histórica do Movimento Libertário em Portugal

Caixa Postal do Autor: 18.107 — CEP 20772 - 970 — Rio de Janeiro — Brasil

Edgar Rodrigues

OS LIBERTÁRIOS

José Oiticica

Maria Lacerda de Moura

Neno Vasco

Fábio Luz

VJR — Editores Associados

VJR — Editores Associados
Praça Tiradentes, 9/406.
20.060-070 — Rio de Janeiro — RJ
(021) 533-0652

Edgar Rodrigues

OS LIBERTÁRIOS

José Oiticica
Maria Lacerda de Moura
Neno Vasco
Fabio Luz

SUMÁRIO

EXPLICANDO ESTA OBRA

Algum tempo atrás ocorreu-nos recolher subsídios com os quais pudéssemos escrever *Vida e a Obra de Alguns Libertários*.

Não obstante tratar-se de uma idéia amadurecida pelo tempo, a investigação evoluiu, cresceu de tal forma que, mesmo resumindo a um mínimo de palavras, cada libertário-colaborador na questão social brasileira não caberia numa volumosa obra.

Foram muitos os que ajudaram com seu saber e suas economias o movimento emancipador do Brasil.

Alguns foram distribuidores de imprensa, vendedores de folhetos e livros, promotores de comícios, conferências e cursos enquanto outros formaram grupos de teatro social, foram atores, escreveram peças teatrais, colaboraram na imprensa social, traduziram e publicaram obras, lançaram jornais, fundaram centros de cultura, escolas alfabetizadoras e profissionalizantes.

Com tanta gente ajudando, cada um de acordo com suas possibilidades, alguns até ao fim da vida e outros durante os períodos de maior efervescência, que vimo-nos na contingência de proceder a um desdobramento começando com quatro expoentes do anarquismo e das letras: JOSÉ OITICICA, MARIA LACERDA DE MOURA, NENO VASCO e FÁBIO LUZ.

Futuramente trataremos de outras figuras libertárias: cada uma a seu modo contribuiu para que hoje se escreva e fale sem temores dos anarquistas em terras brasileiras.

Não se trata de biografias elaboradas dentro dos clássicos modelos literários, de trabalho rebuscado ou exaustivo sobre as personalidades evocadas neste volume. Tampouco temos a preocupação com fazer alguma coisa cheirando a literatura. Nossa pretensão é de reunir uns poucos dados biográficos com escritos de cada anarquista que deu exemplos de bondade, de humanitarismo, de lucidez e de saber, carregando o estigma de sonhadores e a pecha de pregadores da desordem e da violência.

E no entanto nunca cometeram um ato de que tivessem de se envergonhar.

1993
E. R

INTRODUÇÃO

Anarquia não é determinação das coisas. É o desenvolvimento natural e contínuo de todos os elementos de integração vital que estão contidos na Humanidade, trata-se do indivíduo ou de agrupações sociais. Não se reduz ao mecanismo simplista da existência ordinária, mas da que abarca o conjunto de existência universal e se propõe a explicar-se, em suprema síntese, a totalidade da vida e a totalidade das relações. Não é uma invenção, e sim uma verificação.

Ricardo Mella

O ANARQUISMO NO TEMPO E NO ESPAÇO

Na opinião dos conservadores, dos políticos das direitas, dos autores de dicionários (salvo poucas exceções) e das enciclopédias, Anarquia é o mesmo que desordem.

Mas as esquerdas não foram menos contundentes. Para Lênin "Anarquismo é uma corrente político-social pequeno burguesa e reacionária, hostil ao socialismo científico proletário a qual sobre pretexto de recusar todo o poder estatal e toda a luta política, subordina os interesses do proletariado aos interesses da burguesia, ao rejeitar a ditadura do proletariado" *(Bolsiaia Sovietania Entiklopedia,* 2ª edição, Moscou, 1950, pág. 356). E Stalin acrescentou: "Os anarquista estabeleceram aliança com a Igreja Católica e suas agitações políticas, bem como com os socialistas da direita, encarregados de aterrar o caminho ao imperialismo anglo-americano. Além disso eles recolhem certas idéias que estão na moda, como o 'existencialismo' que são expressões da putrefação da cultura burguesa. Os anarquistas exploram a 'defesa dos direitos da personalidade e do seu desenvolvimento como escudo por sua atividade de traidores'" (4ª edição, Tomo XXV, pág. 76. O Anarquismo ocupa das págs. 356 a 366 sempre neste tom, e o Anarco-Sindicalismo das págs. 366 a 368).

Anarquia tem origem no grego: *an,* não; *arkê*, governo. Equivalente à ausência de governo constituído, mas não é o mesmo que desordem.

Na prática, Anarquia pretende a emancipação do Produtor do jugo do Capital; produção em comum e consumo livre de todos os produtos do trabalho comum; emancipação do jugo Governamental; livre desenvolvimento dos indivíduos nos grupos e dos grupos nas federações; organização do simples para o composto segundo as suas necessidades e as tendências

mútuas; emancipação da moral religiosa: moral livre sem punições nem obrigações, desenvolvida no seio das sociedades até tornar-se um hábito.

Anarquia é um estado de sociedade onde governa a razão. Em Anarquia todos os seres humanos têm direito à vida e ao usufruto das riquezas naturais e do trabalho coletivo. Não existe a autoridade irracional constituída nem governantes de nenhuma espécie. É uma sociedade baseada fundamentalmente na liberdade plena, para que o ser humano possa desenvolver todas as suas capacidades e potencialidades formando a verdadeira idéia de que todos somos iguais, irmãos. Não reconhece o "meu" ou o "teu", só o "nosso". Para tanto, o homem do seu mundo será educado -- a partir do berço — para o Amor Fraterno, a Paz e a Igualdade, para ignorar as disputas por notas altas e/ou cargos de mando, isento de ambição, ganância, inveja, ódio, elementos alienantes, altamente prejudiciais à Liberdade e felicidade de todos e de cada um. Em Anarquia cada homem vale um homem e a sociedade será o resultado das experiências (sempre em evolução) e do trabalho associado dentro do lema: Para cada um segundo as suas necessidades e de cada um segundo as suas possibilidades.

O Anarquismo — doutrina dos anarquistas — é uma Nova Ordem Social baseada na liberdade, na qual a produção, o consumo e a educação devem satisfazer às necessidades de cada um e de todos. Os anarquistas propõem-se substituir a organização obrigatória pela organização voluntária, pelo livre acordo, espontaneamente firmado e eternamente dissolúvel, ligando os homens apenas pela comunhão de interesses e pela reciprocidade das conseqüências, afinidades e simpatias. O anarquismo é uma filosofia de vida, não aceita que o homem precise ser governado, de cujo costume se tornou escravo, razão por que lhe parece utópico, uma verdadeira calamidade pública deixar de o ser.

O hábito de sofrer a autoridade dos governantes e seus auxiliares, condicionou-o, deformou-o naquilo que ele tem de mais sublime: razão, inteligência, necessidade e vontade de ser livre. Essa anomalia provocada por hábitos milenares (fazemos aqui distinção entre autoridade irracional e racional) lhe parece ter como conseqüência a desordem, a violência e a confusão. Mas não é nada disso! O Anarquismo tem como pontos altos de sua doutrina, a educação e a solidariedade humanitária, elementos que se contrapõem à desigualdade perpetuada através dos séculos.

O anarquista propaga um Mundo Novo onde o bem-estar, a beleza, a franqueza, a lealdade, a justiça e a fraternidade são cultuadas permanentemente como a saúde e a vida do ser humano. O elemento mais importante a desenvolver e a preservar para o libertário é o ser humano, por isso advoga a liberdade integral como meio de despertar no homem todas as suas

capacidades e aptidões, sem temores, cerceamentos ou frustrações. Não aceita diferenças de raças, cor, idade, sexo e/ou de nacionalidades. Para o militante libertário existe um só homem: a Humanidade! Uma só nação: o Universo!

O anarquista não ignora que lhe tenham emprestado denominações pejorativas, colocado no peito a etiqueta de "perigoso agitador", amante da desordem e da violência, embora nunca tenha desencadeado guerras em que homens se matam mutuamente sem saber por que e/ou seja o responsável pela fome que mata lentamente, fria e conscientemente milhões de seres humanos como nós; tampouco é culpa dos governantes (de todas as cores políticas) não serem capazes de promover a Paz e a felicidade humana. Os atos de violência que enfeiaram uma vez ou outra a filosofia de vida dos anarquistas, cometidos sempre em defesa dos oprimidos, isoladamente por propagandistas partidários da ação direta, foram em número tão reduzido que se apagam diante da desordem e dos genocídios produzidos nas incubadoras do capitalismo, nos laboratórios do Estado, diariamente divulgados.

O anarquista é antes de mais nada um sentimental e um contestador dos privilégios de uns poucos às custas da pobreza e da miséria da maioria. É um defensor ardoroso da sociedade autogestionária, de irmãos, que pretende alcançar pela educação e pelo ensino racionalista.[1]

AS RAÍZES

O Anarquismo não é nem uma idéia nem uma filosofia nova: data de muito antes da nossa era. Tem suas raízes no pensamento egípcio (a 1ª greve de que se tem notícias aconteceu no Egito lá pelos anos 1170 antes do nazareno),[2] indu e chinês de Confúcio, Mo Ti, Chuang Tsé e Lao Tsé. Este último antecedeu 500 anos ao nazareno e é autor de pensamentos que os anarquistas assinariam tranqüilamente hoje:

"Nenhum homem na eternidade poderá ser completamente feliz enquanto existir um infeliz. A infelicidade de um só ser humano é uma deficiência que impede a felicidade perfeita e completa do Universo".

"A solidariedade e todas as obras humanas, desde o trabalho pacífico nos campos até as guerras contra os invasores refletem a grandeza, os rasgos notáveis do caráter chinês".

1. Edgar Rodrigues — *Socialismo: Uma Visão Alfabética.*
2. B. Cano Ruiz — *Que é Anarquismo?*

"Revestir-se de mantos bordados,
Cingir espadas aceradas,
Comer e beber em demasia
Acumular riquezas,
Tudo isto se chama roubo e mentira
E não provém de Tao".[3]

Não é estranho aos anarquistas o pensamento grego, e principalmente o hebreu. Embora religioso e autocrático, envolve idéias de igualdade e ajuda mútua, chegando a profetizar uma sociedade integral, anárquica. Para o professor Anibal Vaz de Melo, "Cristo, foi o maior dos anarquistas!" São de sua tese: "A Anarquia, que foi um sonho generoso, uma utopia, um anseio de amor e de fraternidade imaginado e sonhado pela bondade santa de um Reclus, de um Bakunin, de um Malatesta e de um Kropotkin apresenta na série de seus grandes adeptos um gigante anarquista – Cristo.

O galileu foi, na realidade, o maior dos anarquistas".[4]

"Cristo já era um anarquista. Lançou fora e longe todas as muletas religiosas, combateu, energicamente, os credos políticos de sua época, colocou-se fora da órbita do Estado, indo de encontro às leis escritas, aos usos, costumes, tradições e firmou a grandeza da personalidade humana – livre, inteiramente livre, de todas as peias e algemas do formalismo social".[5]

Em sua caminhada literária, cheia de citações dignas de estudo e análise, Anibal Vaz de Melo argumenta que quando os homens compreenderem com Proudhon, que "a propriedade é o roubo legalizado", nesse dia, então a Anarquia deixará de ser um sonho de idealistas, uma utopia santa e ingênua para ser a mais ampla e a mais alta forma de vida social e coletiva – a vida na federação das Comunas – simples, sem luxos, sem exploração, sem o domínio de castas políticas e religiosas, sem privilégios de classes, sem o roubo, sem o crime, sem a mentira, sem a hipocrisia e sem a infame e degradante exploração do homem pelo homem.

A anarquia será a verdadeira forma da futura organização social, com as suas bases e raízes no Amor, na Bondade e no Fraternismo".[6]

Na Idade Media "Adamistas", seita herética popular da Boêmia proclamava a abolição da propriedade individual e estabelecia a comunidade de bens.

3. Victor Garcia – *La Sabedoria Oriental.*
4. Anibal Vaz de Melo – *Cristo, O Maior dos Anarquistas.*
5. Idem.
6. Idem.

A seita religiosa "Amabricamos", também na Idade Média, não admitia nenhuma diferença de classes e de fortunas. Entendiam que o homem havia de ceder a todos os impulsos da natureza, devendo reinar entre todos a mais fraterna igualdade, partindo do princípio de que o homem era naturalmente bom, de que os ricos e poderosos da sociedade tinham usurpado o que os outros possuiam e que sendo essas fortunas divididas entre todos, todos teriam o suficiente para viver, satisfazer as suas limitadas necessidades. "A Natureza e Deus", segundo eminente religioso, "não conhecem nenhuma diferença social. As diferenças sociais foram criadas pela cobiça dos homens".[7] Não é em virtude do Direito Divino – garante-nos outro religioso – mas em virtude do direito de guerra que um homem pode dizer: "Esta casa é minha, este escravo me pertence".[8]

Nesta linha de pensamento encontramos ainda: "Todo aquele que possuir mais que o necessário para viver, deve dar aos demais o excedente e considerar-se devedor de uma quantia igual a que deu",[9] enquanto o Patriarca de Constantinopla[10] chegava a afirmar categoricamente: "Ninguém pode enriquecer honestamente. Mas, poderão objetar-me, se um homem herdar riqueza de seu pai? Pois bem: ele herdará riquezas adquiridas desonestamente".

Não é menos significativo o exemplo da seita cristã dos Carpocráticos em Alexandria: "A comunidade – escreve Max Beer[11] – e a igualdade são a base da justiça de Deus. No universo tudo é comum. O céu se estende igualmente em todas as direções e cobre a Terra do mesmo modo. A luz banha igualmente a todos os seres. A natureza proporciona seus benefícios a todos os organismos vivos. O próprio Deus deu tudo a todos".

Às portas do século 20, o reverendo americano J. C. Kimbal comentando o avanço do anarquismo nos meios intelectuais, explica assim *O que é Anarquia*: "Nos prados, as flores e as ervas crescem juntas, em agradável consórcio, e não têm livros de leis; os pássaros na gruta, as inúmeras espécies de peixes no mar, os castores fabricando as suas habitações, as formigas – perfeita sociedade na sua defesa – não escolhem legisladores, nem mantêm governos, nem juízes, nem exércitos, nem policiais; não, nada disto. Regem-se pelas suas leis naturais. E se estes seres podem passar sem leis artificiais,

7. Cirilo de Alexandria.
8. Santo Agostinho.
9. São Gerônimo.
10. João Crisóstomo.
11. Max Beer – *História do Socialismo e das Lutas Sociais.*

por que é que o homem, com mais alto grau de inteligência, há-de submeter-se a essa disposição arbitrária e opressora?"[12]

O HOMEM E O MEIO

O anarquista não ignora que o ser humano, encarado individualmente, traz ao nascer disposições psíquicas que, no conjunto, refletem influências atávicas, hereditárias, exercidas ao longo dos séculos transmitidas de gerações a gerações, e que esses males não desaparecem da noite para o dia, com castigos, prisões e/ou pancadas no exterior do homem quando o mal vem do cérebro, é interno. Do meio onde cresceu, do ambiente — dentro do lar, em torno do lar e na escola — em que vive os primeiros anos de vida, dependerá a formação de seu caráter e este guiará os seus atos durante a sua existência.

As forças atávicas, o temperamento, as influências ambientais do meio que cercam as crianças e lhes impõem formas de vida, as pressões religiosas, políticas, econômicas, sociais e a educação determinarão a personalidade, o seu comportamento positivo, negativo, variável e/ou artificial. O homem é fruto da sociedade em que viveram seus antepassados, do meio onde nasceu, dos padrões intelectuais, culturais, opressivos e repressivos predominantes com os quais teve de conviver. Aí estão as manchetes dos jornais, as notícias veladas e às claras revelando aos jovens de hoje o comportamento dos adultos — políticos e governantes — do seu tempo, em cujas escolas aprendem a explorar, a oprimir e punir, no futuro, as gerações vindouras que irão orientar e governar. E não se diga que isso só acontece nos países governados pela burguesia,,porque nos "socialistas", como a Rússia, os atos anti-sociais e de violência são freqüentes, em muitos casos até em percentagens superiores — ainda que tenham origens e características diferentes.

Logo não é válida a concepção de que o poder e o Governo evitam, pela sua existência, e com suas punições, procedimentos anti-sociais, e contra a integridade física das pessoas. Que o ser humano(?) explore e agrida o ser humano, muitas vezes até a morte.

O Anarquismo pode demonstrar que estes são produtos da organização social baseada nas hierarquias e na desigualdade. Que os roubos, os atentados contra pessoas e contra os bens resultam da organização viciada — corrupta e corruptora — que impede uma imensa maioria de seres humanos, como nós, de satisfazer as suas necessidades mínimas, físicas e psíquicas, materiais, morais e emocionais! Originam-se da propriedade privada, do

12. Edgar Rodrigues — Anarquia de Pedro J.C.Kimball — *Gazeta do Sul*, 8-2-1977.

"direito" de uns poucos estragarem aquilo de que milhões de marginalizados carecem, inclusive muitos dos que trabalham oito e mais horas por dia. (A fome em 1981 matou mais gente do que nos cinco anos de guerra, 1939-45.) São estes que impelidos pela necessidade e pelo temperamento "infringem" as leis estatais, estudadas, escritas, aprovadas por políticos, decoradas pelas "autoridades" (irracionais) destinadas a submeter os espoliados à saciedade de capitalistas e governantes. Tais atos são qualificados de anti-sociais, quando eles têm origem na opressão, na desigualdade codificada e garantida pelos governantes detentores das riquezas naturais, da ciência, da tecnologia, e se transformaram em "sócios majoritários" do assalariado, cobrando antecipadamente "sua" parte em forma de impostos. (Sem falar das incubadoras do Estado responsáveis pela procriação e proliferação dos ladrões de colarinho branco.)

Em contraposição, numa sociedade em que cada indivíduo tenha a faculdade de se desenvolver livre e integralmente, enquanto educado dentro de padrões da liberdade responsável, como elemento ativo, participante e usufrutuário, estes atos certamente serão reduzidos a um mínimo de desajustes psíquicos, dada a ausência das causas que hoje os determinam. Está provado cientificamente, que dentro da atual sociedade, não existe nenhum meio repressivo e/ou punitivo capaz de impedir que os atentados à criatura humana e à propriedade privada aconteçam. A violência imposta pelo governo gera a violência individual cada vez em maiores dimensões, e para punir os "infratores", o Estado aplica soluções "externas" com as mãos de outros "infratores", quando o mal tem de ser combatido nas suas origens, está intrinsecamente ligado ao meio ambiente, às potencialidades hereditárias, à educação desigual a que o ser humano é submetido desde a infância.

O homem "infringe" códigos e leis acreditando poder burlar (e mais da metade burlam! Principalmente os "colarinhos brancos"!) a vigilância e escapar à penalidade determinada para castigar seu ato. Comete delitos anti-humanos e anti-sociais em todos os níveis, porque sua vontade é insuficiente para impedir os motivos psicológicos que o impulsionam a praticá-los! A insuficiência da sua vontade resulta da educação recebida, dos meios freqüentados, dos exemplos que lhe deram, faz parte dos seus vícios orgânicos, oriundos da sua árvore genealógica e da deformação do caráter de que foi vítima na sociedade. E por mais violentas que as leis sejam, são sempre impotentes para prevenir e evitar os delitos e os crimes, (aplicação da pena de morte nunca impediu os delinqüentes de praticar seus crimes, às claras ou por trás das cortinas do Estado).

Ao contrário, a violência de cima ativa a violência de baixo, gera a revolta, a vontade da desforra, provoca-a, ajuda-a a crescer. Por isso, cada vez mais gente compra armas para se defender de gente que compra armas!

A demonstração imediata da impotência das leis e dos castigos revela a incompetência das mesmas! Nega sua validade!E ao pensar acabar pela força, com a necessidade, fruto da usurpação — a autoridade irracional — está contrariando abusivamente o direito das pessoas, é a sua declaração de falência!

Não obstante seus visíveis fracassos, os políticos continuam empregando métodos, principalmente para dominar e punir o homem: diretamente pela força bruta, a violência física e psicológica, e indiretamente transformando o produtor em assalariado, reduzindo-lhe a subsistência, obrigando-o por esse meio a submeter-se incondicionalmente às suas regras. O primeiro método é originário do poder, do privilégio político; o segundo é proveniente do privilégio econômico. A opressão pode ser determinada também por condicionamentos segregacionais e/ou injetados na inteligência e nos sentimentos por força das religiões, da idolatria à pátria, na escola, na Universidade e no seio da família, em doses homeopáticas. Mas da mesma forma que essa aceitação só existe como resultado das imposições materiais, também a mentira e as organizações fundadas para propagar esse sentimento só viverão enquanto forem conseqüência dos privilégios políticos, econômicos, herárquicos e sociais. No dia em que tudo isso for abolido, os meios para defender e consolidar as classes, os privilégios, ruirão por carência de utilidade.

Para os libertários, abolir a autoridade irracional, dispensar os seus serviços e os do Governo do homem sobre o homem, não significa destruir as energias, as riquezas individuais e/ou coletivas existentes na espécie humana, pelo contrário, a sua intenção é desenvolvê-las, aperfeiçoá-las, usando como motor de propulsão para um novo dimensionamento e racionalização, a liberdade plena, responsável e a solidariedade humana.

O anarquista não pretende dispersar as energias humanas, isto seria o mesmo que tentar travar e reduzir a humanidade ao estado de uma massa de átomos imóveis, sem ação nem movimentos; seria a destruição dos organismos sociais, a sua morte!

Ao contrário, seus objetivos são de fazer de cada indivíduo uma unidade ativa, capaz de dirigir seus movimentos, gerir sua produção, de usar simultaneamente os braços e o cérebro para se autogovernar.[13]

---

13. Edgar Rodrigues — *ABC do Anarquismo*; José Oiticica — *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos* e *Enciclopédia Anarquista*.

EM ANARQUIA NADA É ESTÁTICO

O anarquista, ampliando a idéia cristã, vê em cada homem um irmão, um igual, não um irmão inferior e faminto a quem pratica a caridade mas um cidadão a quem deve justiça, proteção e defesa.[14] E para levar tais pensamentos à prática quer promover abolição do monopólio da força e da influência deformadoras, ou mais exatamente, derrubar todos os maquinismos capazes de alienar o homem, de o "desmemoriar" convertendo a desigualdade social em instrumento do pensamento, dos interesses de um pequeno número de indivíduos, que canalizam e absorvem energias usando-as exclusivamente em proveito próprio, impedindo assim que estas se convertam numa ordem social farta e boa para todos.

Em contraposição ao sistema que tem como pilares de sustentação a autoridade irracional e o Governo, incapazes de tornar o homem irmão do homem, de promover a sua felicidade, o acrata pretende o desdobramento das cidades em agrovilas, núcleos residenciais, comunas, com base em salutar planejamento arquitetônico horizontal, reconstruir a Nova Sociedade Anárquica, onde possa ser ele mesmo: produtor-consumidor, cada componente na medida de suas forças, capacidades, aptidões, necessidades, e solidariedade com seus companheiros, trabalhar por uma *Nova Educação*, educação essa capaz de ajudar os seres humanos a tornar-se uma família de irmãos convictos, para quem o bem-estar ou a infelicidade de um dos seus membros, signifique alegria ou a tristeza de todos e de cada um.

Ninguém mais ignora que a educação racionalista é a mais possante alavanca do progresso, a consciência, e que a ignorância é o instinto. Que a ignorância abate, apaga, deforma os melhores sentimentos da criatura humana; dá ao homem a passividade ignóbil do escravo, tornando-o fácil presa das paixões e vícios alienantes que um ambiente social putrefato gera.

A educação eleva, dignifica o homem, faz desabrochar a toda a luz as mais excelsas qualidades afetivas e intelectuais de que a matéria humana é suscetível. Por isso o anarquista "investe seu esforço" na Educação verdadeira, racional, no ensino científico. Quer ver despertar o fulgor da razão, de livre exame sem rendilhados da linguagem e/ou sofismas robotizadores que as escolas do Estado infiltram nos alunos de hoje, nos mestres de amanhã.

A educação preconizada pelos acratas com a qual contam para levar avante seus objetivos ideológicos, tem de ser livre, plenamente livre. Proporcionar a formação ética, o indivíduo ativo, cheio de iniciativas, empreende-

---

14. Manuel Gonzalez Prado — *Anarquia*.

dor, valente, solto dessa timidez do pensamento que caracteriza o homem instruído em nossa época, e ao mesmo tempo sociável, igualitário, de instinto anarquista, capaz de sentir sua unidade com todos os homens do universo inteiro.[15]

O libertário vê no ensino racionalista importante componente de libertação intelectual, o motor capaz de agilizar e revelar em cada gesto do homem beleza, grandeza, amor, solidariedade e respeito pela liberdade com igualdade.

A sua proposta para uma Nova Ordem Social, de relações entre indivíduos livremente associados em organismos, sempre dissolúveis, ligados por elos de solidariedade humana, firma-se na falência dos governos conhecidos até hoje. E partindo desta verdade incontestável, cada militante pretende o desenvolvimento da sua vontade, já que só homens com vontade própria, conscientes, de mentes arejadas, libertas das forças condicionadoras, podem projetar-se na humanidade, ver com respeito a natureza e individualmente ser capaz de se autodirigir, de vencer os atavismos, arrancando de dentro de si mesmo o "pequeno reacionário" que cada um de nós carrega no inconsciente coletivo e que tanto nos dificulta de perceber que o mundo é belo desde que seus habitantes convivam racioalmente. Que não existem necessidades superiores ou inferiores entre semelhantes e/ou se dependa de líderes, de chefes para reconstruir uma *Nova Sociedade* onde cada homem vale um homem. O livre concurso de todos mediante associações espontâneas dos indivíduos, de baixo para cima, segundo suas simpatias (afinidades de temperamento e/ou emocionais) e carências, a partir de interesses e necessidades imediatas, até chegar às mais afastadas e gerais, serão o suficiente. Nascerá então um organismo social sempre sujeito a modificações e aperfeiçoamentos em razão das experiências que se for adquirindo. O anarquista é um estudioso permanente, um pesquisador em busca da verdade e da perfeição. Todos os dias abrem-se caminhos novos para o aprimoramento da Nova Sociedade.

Assim como as células do corpo humano desempenham funções orgânicas de manutenção, a vida sem chefes, autoridades governantivas e se autodirigem cada uma delas cumprindo sua tarefa por longos anos, dia e noite, sem se atropelarem (salvo quando estão desgastadas pelo tempo ou pelos maus tratos), em perfeita harmonia, constituído uma máquina de precisão impressionante, executando funções cronometradas, o homem consciente, educado racionalmente tem motivos para acreditar na praticabilidade de uma sociedade sem governo constituído.

---

15. Carta de Pedro Kropotkin ao fundador da Escola Moderna, Francisco Ferrer.

Em Anarquia, nada é estático, tudo evolui. Vai até onde a liberdade possa conduzir o pensamento humano.

O MOVIMENTO ANARQUISTA NO BRASIL

Para se entender a trajetória do Anarquismo no Brasil, cujo movimento se confundia (e ainda é confundido) com o movimento sindicalista revolucionário ou anarco-sindicalista, é preciso definir, ainda que resumidamente, o que os distingue e porque se confundem. (Do Anarquismo – filosofia-doutrina – já se falou na primeira parte desta introdução.)

Movimento Anarquista: Ação de grupos anarquistas, em conjunto ou separadamente, composto por células orgânicas, comunas, grupos, centros de estudos, uniões e federações.

O movimento anarquista não é exclusivamente uma organização de operários para operários, é ação de indivíduos que se opõe e dão combate ao Capitalismo, almejando a derrocada do Estado e a reconstrução de uma *Nova Ordem Social* descentralizada, autogestionária. Não é a revolta dos estômagos, é a revolução das consciências! O Movimento Anarquista não se firma na luta de classes ou pretende instalar os governados no lugar dos governantes, seus fins são de acabar com as classes, tornar o homem irmão do homem.

Anarco-Sindicalismo: Corrente sindicalista, assim chamada a partir da Cisão provocada no 5º Congresso da AIT (Primeira Internacional dos Trabalhadores) em Haia, no ano de 1872, adotado pelos operários do Brasil até a implantação dos sindicatos fascistas pelo Estado Novo de Vargas.

O anarco-sindicalismo é ao mesmo tempo uma doutrina e um método de luta.

Como doutrina, parte do trabalhador, célula componente da sociedade que pretende aperfeiçoar e desenvolver. Como método de luta pretende a anulação do sistema capitalista pela ação direta, pela greve geral revolucionária e a sua substituição por uma sociedade gerida por trabalhadores comunitariamente. Sua força reside no conjunto de organizações operárias (sindicatos, uniões e federações) voluntárias, livremente associados.

Bolchevismo: Variedade de socialismo: doutrina política dos democratas russos que desejavam a aplicação integral do programa máximo de Lênin e Plekhanov. É empregado também como sinônimo do Comunismo e do Marxismo. Nasceu em agosto de 1903, durante o 2º Congresso do Partido Social Democrata Russo, iniciado em Bruxelas e terminado em Londres. Chegou ao Brasil depois da revolução russa de 1917 ganhando corpo com a

formação do PCB em 1922. Disputou com os anarco-sindicalistas a supremacia dos sindicatos, transformando-se desde então num sério opositor aos movimentos anarquista e sindicalista revolucionário.

O Brasil era um país fértil em revoltas e motins.

Os maus tratos impostos aos trabalhadores negros nas fazendas e nos engenhos provocavam fugas e a formação de Quilombos (Palmares foi o mais famoso de todos), originou a revolução Praieira, entre outras, gerou aglomerados populacionais de refugiados e a necessidade da ajuda mútua, mais conhecida por mutirão.

Os escravocratas, cujos familiares faziam parte do governo, eram o Governo, sempre indiferentes à questão social, só pensavam em obter mão-de-obra qualificada para atender à demanda provocada pela implantação da indústria no país.

Vivia-se as últimas décadas do século 19. Anúncios publicados nos jornais do velho mundo atraíam — com suas promessas — trabalhadores das mais variadas profissões. O entusiasmo instalava-se na fisionomia dos candidatos à "redescoberta" do Brasil. Da oferta de uma vida paradisíaca no Brasil à chegada das primeiras levas de desbravadores demorou pouco. Com eles só traziam os braços para trabalhar e sonhos na cabeça. Alguns vinham dispostos a melhorar de vida, mas outros só queriam encontrar espaço e liberdade para divulgar o anarquismo. Traziam as idéias na cabeça, nos livros, em jornais e revistas e começaram logo a divulgá-las entre os imigrantes como eles e brasileiros natos.

Em 1890 chegaram os anarquistas italianos para fundar a "Colônia Cecilia" no Paraná, tendo entre as dezenas de operários e intelectuais, dois médicos, um professor, um jornalista e o engenheiro agrônomo Giovani Rossi, autor da idéia que deixou marcas no Sul do Brasil.

A São Paulo chegou Artur Campagnoli, artista ourives, italiano. Comprou terras e chamou outros anarquistas como ele para formar a Comunidade Acrata de Guararema.

Ao Rio de Janeiro, a São Paulo e Santos chegaram Gigi Damiani, Cherchiai, Oresti Ristori, Sofia Garrido, Miguel Garrido, Mariano Ferrer, Luigi Magrassi, Matilde Magrassi, Romualdo de Figueiredo, Leal Junior, Frederico Kniestedt, José Marques da Costa e outros anarquistas carregando excelente cultura sociológica e a firme disposição de fazer prosélitos.

A maioria dos imigrantes foi trabalhar nas Docas de Santos, nas fazendas, na construção civil, na abertura de estradas de ferro, nas fábricas de tecidos, de calçados, nas olarias, nas tipografias, nas fábricas de vidros, etc., e não demoraram a perceber que no Brasil nada do que os agenciadores de

mão-de- obra prometeram em anúncios, lhes foi dado. Por sua vez a questão social, aqui não era diferente da existente em seus países de origem.

Dentro deste quadro de decepções e de revolta, apareceram os primeiros jornais operários e anarquistas em idioma italiano. São dessa época *Gli Chiavi Bianchi*, São Paulo, *Il Dretrito* (Curitiba, 1899), *Il Laboratero* (Paraná, 1-10-1893), *La Canaglia* (Ribeirão Preto, 1899) *L'Operário* (São Paulo, 1898), *L'Asimo Umano* (São Paulo, 1894), *La Birichino* (São Paulo, 1896), *L'Avvenire* (São Paulo, 1894), *L'Azione Anarchica* (São Paulo, 19-11-1900), *O Libertário* (São Paulo, 1898), *O Despertar* (Rio, dez. 1898), *A Lanterna* (São Paulo, 7-3-1901), e outros periódicos de idéias, de combate e anticlericais. Só os três últimos eram publicados em língua portuguesa e tinham a colaboração de portugueses e brasileiros.

Do velho mundo chegavam livros de figuras eminentes como M. Bakunin, Kropotkin, Tolstoi, Reclus, Malatesta, Max Netlan, Frederico Urales, Francisco Ferrer (este tem uma rua com seu nome em Porto Alegre), Jean Grave, Jame Guillame, Max Stirner, Sebastião Faure (organizador da *Enciclopédia Anarquista*, 1ª edição), Charles Malato, Pietro Gori, Charles Albert, A. Hamon, Luisa Michel, Rafael Barret, Alexandre Berkman, Pierre Bernard, Ricardo Flores Magón, William Godwin, Emma Goldman, J. M. Gnyan, Han Ryner, Gustavo Landaner, Anselmo Lorenzo, Ricardo Mella, J. B. Proudhon e outros vultos da ciência e das letras conhecidos mundialmente por suas idéias. Eram lidos no Brasil. Vendidos nas associações operárias, nos Centros de Cultura Social e na livraria Guarnieri, os livros acratas não demoraram a fazer prosélitos no Brasil. Fábio Luz (médico), Martins Fontes (médico), Reinaldo Frederico Greyer (médico), João Gonçalves (Guarda livros), Elísio de Carvalho, Manuel Curvelo de Mendonça, Pedro do Couto, Rocha Pombo, Pausilipo da Fonseca, Maximino Maciel, Domingos Ribeiro Filho, Lima Barreto (intelectuais), Avelino Foscolo (farmacêutico), Francisco Viott (médico), Afonso Schmidt (jornalista), Hélio Silva (médico), Benjamim Mota (advogado), Ricardo Gonçalves (advogado), Orlando Corrêa Lopes (engenheiro), Florentino de Carvalho (professor), José Oiticica (professor), Maria Lacerda de Moura (professora) e outros.

Destes, nem todos passaram nos testes, alguns desistiram por falta de desprendimento (o anarquismo exigia mais deles do que lhes prometia a curto prazo), mas a maioria viveu e morreu anarquista.

Em 1901 desembarca em São Paulo Neno Vasco (dr. Gregório Nanianzeno Moreira de Queiroz e Vasconcelos), recém-formado em ciências jurídicas na Universidade de Coimbra. Com este lusitano ilustre veio uma extraordinária capacidade de trabalho, erudição e seguras convicções anarquistas. E foi a partir de sua chegada que o movimento anarquista ganhou velocidade

no Brasil. Lançou *O Amigo do Povo*, substituído tempos depois por *A Terra Livre*. Para estes dois jornais sob a sua orientação, traduzia comunicados, realizações anarquistas e notícias do Japão, da China, da Rússia, da América do Norte, da Inglaterra, da França, da Itália e outros países com cujos movimentos mantinha estreitas ligações epistolares. Comentou greves, revoltas populares, debateu idéias, literatura e ortografia com intelectuais e acadêmicos, divulgou e comentou espetáculos realizados pelos grupos de teatro anarquistas e apoiou desde a primeira hora a fundação das *Escolas Modernas* no Brasil.

Bateu-se contra o serviço militar obrigatório, contra as deturpações do anarquismo e criou em torno dos jornais que redigia jovens (Edgard Leuenroth é desse tempo) e fez escola de militantes.

Figura humana de grande sensibilidade e muito saber, Neno Vasco não teve dificuldades em se tornar um amigo e um "professor" de todos.

O caminho estava desbravado. Os pioneiros abriram o espaço necessário para o aparecimento sucessivo de periódicos como *O Trabalhador*, *A Greve*, *O Protesto*, *O Padeiro*, *O Trabalhador Gráfico*, *Kultur*, *La Bataglia*, *O Alfaiate* e mais de uma centena de revistas e jornais diários, (*Voz do Povo*, Rio de Janeiro; *A Plebe* e *Vanguarda Operária*, São Paulo e *A Hora Social*, Pernambuco), semanários, quinzenários, mensários, e os que saíam quando podiam. A rapidez com que o movimento social se desenvolveu e cresceu nos principais estados do Brasil, na primeira década do século 20, apavorou a nova burguesia industrial, os políticos e o governo cercando-se de policiais de grande capacidade para prender e espancar trabalhadores, não demorou a expulsar os primeiros "agitadores estrangeiros" só com a roupa do corpo e os seus pertences, a polícia "guardou".

Pouco depois, a câmara dos Deputados aprovava a "Lei Adolfo Gordo", várias vezes alterada sempre para pior.

Os maiores perseguidores dos anarquistas foram sem dúvida Wenceslau Brás, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luís e seus doutores policiais. São eles os responsáveis pela expulsão de quase um milhar de anarquistas e anarco-sindicalistas, todos elementos de proa do movimento, pelos assaltos às associações operárias, aos Centros de Cultura Social, às escolas operárias e às sedes dos Grupos de Teatro Social. A violência governamental contra os libertários incluia o confisco, a destruição de seus pertences e a lacragem das portas de suas sedes.

Estas medidas de repressão produziram seus lucros para a burguesia e o governo: fizeram o movimento crescer esguio, sem bases suficientemente resistentes, profundas, capazes de sustentar um corpo promissor, cujos braços se estendiam às cidades mais populosas.

Tudo que os anarquistas organizavam, as autoridades destruiram: assaltavam e liquidavam a experiência anarquista de Guararema, a Colônia Cecília do Paraná; A "Escola Eliseu Reclus" de Porto Alegre teve sua vida encurtada, morreu por "asfixia" a Universidade Popular do Rio de Janeiro, as Escolas Modernas nºs 1 e 2, de São Paulo, o governo fechou-as depois de lhes mover processo, os jornais anarquistas sofreram todo o tipo de perseguições, desde o empastelamento (*A Plebe* e outros) até a sua completa proibição de se publicar e circular, seguido da prisão de seus diretores. A primeira vítima foi o anarquista Polinice Mattei, morto durante manifestação em São Paulo no ano de 1898. Depois deste, mais de uma dezena foram assassinados, 5 deles no Campo de Concentração do Oiapoque, na Clevelândia e muitos outros ficaram inutilizados.

O movimento anarquista crescia juntamente com o movimento operário porque a maioria dos anarquistas também eram trabalhadores. Por isso, sempre que eclodia uma greve, os primeiros a serem presos eram os anarquistas, mesmo que dela não tivessem participado.

Durante as greves gerais de 1917 em São Paulo e 1918 no Rio de Janeiro, muitos libertários foram presos, julgados, alguns expulsos e outros deportados. Nas revoltas de 1922, 1924 e na revolução de 1932, os anarquistas, mesmo nada tendo com esses movimentos, sofreram sérios castigos.

Para além da feroz perseguição das autoridades, o movimento ácrata ganhou um adversário a partir de março de 1922. Foi o PCB, fundado por militantes oriundos do anarquismo. Em 1923 começou a "guerra" inglória. Primeiro travou-se no Sindicato dos Sapateiros, da Construção Civil, do Padeiros e do Garçons. Em 1927, debates "inocentes" na sede do Sindicato dos Remadores (Praça da Harmonia), continuada na dos Têxteis (Rua do Acre, 19 - sobrado) e ampliados na dos gráficos, na rua Frei Caneca, nº4, sobrado, terminou com o assassinato do anarquista Antonio Dominguez, Damião de tal e um saldo de 12 trabalhadores feridos.

Combatido antes de possuir um vigoroso organismo coordenador e/ou federativo de grupos com os quais formaria suas bases locais, regionais e nacionais, o Movimento Anarquista do Brasil publicou cerca de uma centena de jornais e revistas, fundou e sustentou editoras, serviço de livraria, fez funcionar centros de cultura libertária (dando ali cursos e conferências semanalmente), grupos de teatro social (realizou centenas de espetáculos), criou escolas racionalistas alfabetizadoras e profissionalizantes — que muito produziram com os míseros recursos dos trabalhadores da época — "formaram" excelente oradores, conferencistas, professores, jornalistas, escritores, introduziram a questão social no romance com *Ideólogos* e *Emancipados* de Fábio Luz, e *Regeneração* de Manuel Curvelo de Mendonça, nos anos de

1902/4. Foi a partir desta data que alguns literatos mudaram de comportamento. Influíram na ortografia, na poesia, contestaram a falta de higiene nos bares (ao tempo os açucareiros eram abertos e ficavam expostos às moscas), nas padarias, nas oficinas e nas fábricas (estas não tinham mictórios nem banheiros adequados ao número de operários), nos açougues; foram dos primeiros a baterem-se contra o serviço militar obrigatório, marcando o início dos objetores de consciência no Brasil. Bateram-se ainda contra a guerra, o uso do chapéu por ser anti-higiênico, pelo seguro de acidentes no trabalho (este só foi implantado depois dos protestos), começaram a propagar a alimentação vegetariana, a "procriação consciente", os "Direitos Humanos", o descanso semanal (aos domingos trabalhava-se até o meio-dia), reivindicaram a redução da jornada de trabalho de 14 e 16 para 8, pagamento de salários em dias certos, a conquista e implantação das feiras livres (hoje totalmente desvirtuadas da idéia inicial) durante a guerra 1914-18, para baratear o custo de vida dos operários (a intenção foi venda diretamente sem impostos do produtor ao consumidor) e outras melhorias que os governantes tiveram que transformar em leis para que o patronato cumprisse (?).

São ainda realizações dos anarquistas a "Conferência Libertária" de São Paulo, em 1914; "Congresso Anarquista Nacional" do Rio de Janeiro, em 1915; o "Congresso Internacional da Paz", no Rio de Janeiro, 1915;[16] os Congressos Operários Nacionais de 1906, 1913 e 1920, no Rio de Janeiro, os 3 congressos estaduais em São Paulo, os 4 no Rio Grande do Sul, 1 no Paraná e 1 em Minas Gerais.[17] Fundaram a *Nossa Chácara* em São Paulo[18] e a Liga Anticlerical com ramificações em vários estados do Brasil, pouco depois fechadas pelo "pai dos trabalhadores"(Getúlio Vargas).

Ao fechamento seguiu-se a caçada aos anarquistas e a clandestinidade.

O ANARQUISMO NO BRASIL, HOJE

O fim da guerra 1939/1945 não foi o começo da Paz!

Tampouco coincidiu com o fim da ditadura Vargas. Os anarquistas reuniam-se clandestinamente. No dia 10 de outubro de 1945, sob a responsabilidade da jovem Dra. Maria Iêda de Morais e do prof. Moacir Caminha ressurge das cinzas como Fênix *Remodelações* carregando como subtítulo: "Seminário Comunista-Libertário". Sua redação ficava na Av. Rio Branco,

16. Edgard Leuenroth, *Anarquismo — Roteiro da Libertação Social.*
17. Edgar Rodrigues, *Alvorada Operária.*
18. Edgard Leuenroth, *Anarquismo — Roteiro da Libertação Social.*

245, 2º andar, sala 2, no Rio de Janeiro. Foi o toque de reunir, a alvorada anarquista!

Pouco depois o ditador era deposto pelas mesmas pessoas que o sustentaram no poder.

No número seguinte José Oiticica escreve os *Princípios e Fins do Anarquismo*.

Joaquim Ribeiro publica *Democracia Libertária*,[19] obra de grande repercussão nos meios intelectuais.

Em abril de 1946, surge no Rio de Janeiro *Ação Direta*, jornal "anarquista específico". José Oiticica foi o seu diretor enquanto viveu.

Os anarquistas de São Paulo reabriram o Centro de Cultura Social, na Rua Rubino de Oliveira e *A Plebe* reaparece em 1-5-1947, jornal tantas vezes suspenso desde sua fundação há trinta anos atrás. Seu diretor — Edgard Leuenroth — procura sensibilizar velhos e novos. Os anarquistas agrupam-se, realizam assembléias, conferências, formam grupos por afinidades, desenvolvem um intenso trabalho de propaganda com ajuda de jornais, revistas e livros chegados da América e da Europa.

Ao chamado da imprensa anarquista jovens organizam-se e editam os periódicos: *Spartacus, O Archote, Revolta* e *Aurora*. Em Campinas anarquistas sobreviventes distribuem vibrantes manifestos. No Rio Grande do Sul, Venâncio Pastorini, Rudosindo Colmenero, Orlando Martins, José Ramos, Rafael Fernandez e outros fazem o mesmo.

Ação Direta publica em folhetim "A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos", de José Oiticica, pouco depois lançado em brochura por editora de São Paulo que também publica *As Ideias Absolutistas no Socialismo*, do escritor anarquista Rudolfo Rocker. Na Bahia edita-se *O Anarquismo* de Pedro Kropotkin e no Rio de Janeiro, do mesmo autor, *Em Volta de Uma Vida* e *A Dor Universal* do anarquista francês Sebastião Faure.

É da praxe anarquista a formação de grupos por afinidades, a participação destes, por meio de delegações, na criação e funcionamento de uniões ou federações regionais, estas por sua vez inter-relacionam-se na região, no país e internacionalmente.

Foi com base nesta praxe que os libertários do Brasil recebiam propaganda, principalmente obras, revistas, jornais e alguns militantes começavam a colaborar em jornais do exterior. Manuel Peres, militante experiente que havia vivido muitos anos na Espanha, Portugal e França foi quem abriu espaço para os jovens. A sua casa na Rua dos Inválidos havia sido transfor-

19. Sócrates Diniz — Joaquim Ribeiro, 247 páginas — São Paulo, 1946.

mada no consulado dos anarquistas. Ali não faltava imprensa para ler e nem anarquistas com quem conversar, todos os dias, inclusive "excursionistas".

Funda-se então a *União Anarquista* do Rio de Janeiro e de São Paulo. Seu trabalho aglutinador e de divulgação preparou os companheiros anarquistas e realizou-se Congresso Anarquista nos dias 17, 18 e 19 de dezembro de 1948, em São Paulo.

O encontro reuniu militantes das mais distantes localidades do Brasil em "Nossa Chácara" (propriedade dos anarquistas), no bairro do Itaim, São Paulo.[20]

Reanimados e fortalecidos pelo Congresso os libertários intensificaram sua propaganda pela imprensa, em conferências e publicações.

Nos dias 9, 10 e 11 de fevereiro de 1953 realizaram outro congresso no Brasil, desta vez no Rio de Janeiro, no bairro da Urca. Cinco anos mais tarde, "Nossa Chácara" foi novamente abrigo e centro de debates dos anarquistas nos dias 20 e 21 de setembro de 1958, ficando desde logo acertado um Congresso mais amplo nos dias 26, 27, 28 e 29 de março de 1959, assistido por dois jornalistas da revista *O Cruzeiro*, que fizeram a cobertura do acontecimento.

Ao todo, os anarquistas realizaram dez Congressos, fundaram as Editoras Germinal e Mundo Livre, publicando até abril de 1964 as seguintes obras: *Três Enganos Sociais, Cooperativa Sem Lucros*, de Pedro Ferreira da Silva; *Nova Ética Sexual*, de E. Armand; *O Quinto Evangelho*, de Han Ryner; *Fátima*, de Tomás da Fonseca; *Provas da Inexistência de Deus*, de Sebastião Faure; *Assim Cantava Um Cidadão do Mundo*, de Roberto das Neves; *Curso de Literatura e Ação Direta*, de José Oiticica; *Na Inquisição de Salazar*, de E. Rodrigues; *O Anarquismo*, de Daniel Guerin; *A Fome em Portugal*, de E. Rodrigues; *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*, de José Oiticica (2ª edição); *Anarquismo – Roteiro de Libertação Social*, de Edgard Leuenroth; *Ciência Moderna e Humanismo*, de P. Kropotkin; *Erros e Contradições do Marxismo*, de Varlan Tcherkesoff; e *O Retrato da Ditadura Portuguesa*, de E. Rodrigues.

A Editora Mundo Livre foi uma das múltiplas atividades do Centro de Estudos Professor José Oiticica, com sede na Av. Almirante Barroso, 6 – sala 1.101 – Rio de Janeiro. No seu desdobramento o CEPJO desenvolveu um vasto trabalho de conferências sobre anarquismo, sociologia e assuntos gerais, sempre voltados para a cultura "com a finalidade de despertar e estimular o sentimento de elevação da personalidade, e levando-a à prática

20. Edgard Leuenroth – *Anarquismo — Roteiro da Libertação Social*.

da verdadeira solidariedade humana, para a Paz e o bem-estar Universais",[21] o teatro amador, cineclube, cursos de Psicologia, Literatura, História, Artes Plásticas, Cinema e Pintura, etc., na sua sede. Fora dela, na ABI (Associação Brasileira de Imprensa) promoveu ciclo de palestras do prof. Mário Ferreira dos Santos, comícios de repúdio ao fascismo dos governos espanhol e português na sede da UNE (União Nacional dos Estudantes) e um Curso de Anarquismo no Teatro Carioca, à Rua Senador Vergueiro.

Era grande a atividade do Centro de Estudos Professor José Oiticica quando forças da repressão (Aeronáutica) rebentaram a porta da sua sede, destruíram alguns dos seus pertences, carregaram o Alvará, livro de presença, fichário, livros, máquina de escrever, mimeógrafo e outros pertences dos anarquistas, todos subversivos no entender dos invasores. Vivia-se o quinto ano da ditadura militar.

Dezessete, entre diretores e freqüentadores, foram detidos para averiguações, alguns prestaram depoimento e vieram para casa, e outros passaram alguns dias nos porões da Aeronáutica e na Polícia do Exército. O processo durou de 1969 a 1972. O Centro fechou, e os anarquistas de novo passaram à clandestinidade em todo o país.

Dos libertários, só sobrou a "Nossa Chácara" (comunidade fundada em 1939, em São Paulo), o arquivo de imprensa social à guarda do militante Edgard Leuenroth[22] e a vontade de ser anarquista dos seus militantes.

Não obstante a rigorosidade policial-militar os acratas continuaram sua caminhada. Em 1977 jovens da Bahia começam a publicar *O Inimigo do Rei*, jornal de feição libertária, em que pesem alguns trabalhos contraditórios, se encarados à luz da filosofia anarquista. Era o ressurgir bem antes do fim da ditadura militar.

No ano seguinte o *Jornal do Brasil* abre espaço para entrevista anarquista, provocando debates. *O Globo, Jornal do Brasil, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo*, as revistas *Veja, Planeta, Manchete, Leia Livros* entre outros jornais comerciais perdem o "medo" e divulgam o anarquismo.

Filmes como *La Cecilia, Sacco e Vanzetti*, e outras produções libertárias de cineastas franceses e italianos são exibidas no Brasil. Em seguida aparecem dois filmes de curta metragem: *Libertários* e *O Sonho Não Acabou* produzidos no Rio e São Paulo, em cima do Movimento Anarquista. E não demorou a que teatrólogos montassem as peças *Em Defesa do Companheiro*

21. Estatuto do Centro Professor José Oiticica – 7 de março 1958.

22. Com o falecimento de Edgard Leuenroth, sua família vendeu esse valioso acervo à Universidade Estadual de Campinas, deixando de cumprir a última vontade do militante anarquista, expresso em "Testamento" manuscrito.

Gigi Damiani, A Morte Acidental de um Anarquista, Bela Ciao, Primo Maggio, O Pecado de Simonia, O Herói e o Viandante, a mininovela *Anarquistas Graças a Deus* e o Governo do Estado de São Paulo (Secretaria da Cultura) custeia a reedição da Coleção do jornal libertário *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira dos anos 1908-1915, e a publicação do livro com 218 páginas intitulado: *O Teatro Operário na Cidade de São Paulo*, levantamento das representações anarquistas por Maria Tereza Vargas e Maria Angela Alves de Lima. Até a televisão e o rádio abriram espaços para os anarquistas expor e debater suas idéias.

Neste ressurgir vale lembrar ainda o *Curso Livre de Anarquismo* em 1986, na ABI, com o apoio do Centro Acadêmico de Ciências Sociais da PUC (Pontifícia Universidade Católica) e a revista *Libertários e Militantes*, editada por professores e às expensas da Universidade de Campinas.

Não são menos significativas, para os anarquistas do Brasil, as comemorações do *Centenário dos Mártires de Chicago* (1886-1986), as manifestações em torno do Cinquentenário da Revolução Espanhola (1936-1986), apoio à batalha judiciária travada na Itália pelo direito de instalar a estátua do anarquista Gaetano Bresci, em Carrara, os protestos dirigidos ao Governo Socialista francês contra sua decisão de fechar a "Rádio Libertaire" de Paris e/ou as saudações alusivas aos centenários da formação dos primeiros grupos anarquistas na Austrália e Portugal. Isto confirma que o anarquista é um cidadão do mundo e o Anarquismo uma filosofia de vida, universal.

Nunca se publicou tantos livros sobre anarquismo no Brasil, como nos 20 anos da ditadura militar. Nos últimos 10 anos publicaram-se ainda as seguintes obras: *Violência, Autoridade e Humanismo*, E.R.; *Socialismo e Sindicalismo no Brasil, 1675-1913*, E.R.; *Nacionalismo e Cultura Social, 1913-1922*, E.R.; *Novos Rumos 1922-1946*, E.R.; *Trabalho e Conflito*, E.R.; *Socialismo — Uma Visão Alfabética*, E.R.; *Os Anarquistas — Trabalhadores Italianos no Brasil*, Edgar Rodrigues; *O Que é o Anarquismo*, de Caio Túlio Costa; *A Colônia Cecília* (2ª edição), Afonso Schmidt; *A Revolução Desconhecida*, de Volin; *Organismo Econômico da Revolução — Autogestão da Revolução Espanhola*, de Diego A. Santillán; *Sacco e Vanzetti*, de Clovis Moura;[23] *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro*, de Sheldon Leslie Maran; *A Greve*, de Eduardo Maffei; *A Imprensa Operária no Brasil*, de Maria N. Ferreira; *Viva eu, Viva tu, Viva o Rabo do Tatu*, de Roberto Freire; *O Anarquismo da Colônia Cecília*, de Newton Stadler de Souza; *Mito do Partido*, Editora A; *O Anarquismo ao Alcance de Todos*, (4ª edição), José Oiticica; *Nem Pátria Nem Patrão*, de Francisco Foot Hardman;

23. Sobre "Sacco e Vanzetti" publicaram-se 5 obras de autores diferentes nestes últimos anos.

Contos Anarquistas, organizado por Antonio Arnoni e F. F. Hardman; *A Outra Face do Feminismo — Maria Lacerda de Moura*, de Mirian Lifchitz Moreira Leite; *Elisée Reclus*, antologia de Manuel Correia de Andrade; *Teresina etc*, de Antonio Candido; *Anarquistas, Graças a Deus*, de Zélia Gattai; *O Caráter Social na Literatura Brasileira*, de Fábio Luca; *Entre Colunas*, de Roberto das Neves; *Os Grandes Escritos Anarquistas* (Antologia), *Alma do Homem sob o Socialismo*, de Oscar Wilde; *Bakunin*, de Daniel Guérin; *Democracia Burguesa e Anarquismo* (Antologia); *Deus Vermelho*, E.R.; *Conquista do Pão*, de P. Kropotkin; *A Solução Anarquista*, de Malatesta; *O Movimento Anarquista em São Paulo*, de Silvia Lang Magnani; *Emma Goldmann*, de Elizabeth Souza Lobo; *O Anarquismo*, de George Woodock; *Os Anarquistas*, de George Woodcok; *Elysio de Carvalho — Um militante do Anarquismo*, de Moacir Medeiros de Sant'Ana; *Pré-Anarquia*, Randolfo Vella; *Malatesta* (antologia) *Proudhon*, (antologia); *Kropotkin* (antologia). Acrescente-se-lhe mais de duas dezenas[24] de teses de doutoramento baseadas em pesquisas feitas no Movimento Anarquista do Brasil e meia centena de livros editados a partir de 1978 enfocando o Movimento Operário de antes de 1930, tendo os anarquistas como atores, e teremos uma imagem do anarquismo hoje. É verdade que nem todos os autores são anarquistas (alguns chegam até agredir aqui e ali a filosofia acrata), mas sabendo-se que o Anarquismo não promete nada aos seus militantes: cargos, vantagens, títulos e só lhes "cobra" sacrifícios, renúncia, estudo, ajuda financeira, intelectual e física, quais os componentes influenciadores para que as novas gerações se voltem para o passado, estudem o anarquismo e/ou recolham dados no seu movimento para se doutorar e afirmar como seres humanos?

Será por que o anarquismo está um pouco em cada um de nós, na medida em que contestamos o poder governativo, praticamos conscientes uns e inconscientemente outros a *Desobediência Civil?*

O tempo certamente mostrará no futuro as razões desta busca desenfreada. Enquanto isso vai ficando claro que todos os sistemas políticos da direita, da esquerda, do centro, liberais, autoritários, experimentados até ao final do século 20 falharam! Nenhum deles conseguiu fazer a Humanidade feliz. Resta o Anarquismo. Vamos estudá-lo?

24. A maioria dessas teses não foram ainda publicadas. O autor tem cópias de algumas, inclusive 2 sobre a "Escola Moderna" implantada pelos anarquistas. Nesta data uma estudante de Israel (Hadassa Grosman) pesquisou no Brasil para defender tese numa Universidade francesa sobre a mulher no anarquismo do Brasil.

JOSÉ OITICICA

Brasileiro, professor, anarquista!

Nasceu em Oliveira, Minas Gerais aos 22-7-1882. Seu pai exercia ali o cargo de promotor público. Veio depois para Alagoas, terra de sua família. Estudou em Petrópolis, no Colégio São Luiz Gonzaga e no Seminário Arquidiocesano São José de onde foi expulso por se insurgir contra os "bolos" de um padre. Cursou Direito na Faculdade de Recife e formou-se em Direito no ano de 1902, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro.

Pouco depois, convencido da inutilidade de sua profissão, foi estudar Medicina e acabando por optar pela carreira do ensino.

Injustiçado várias vezes em concursos, quando concorreu à cadeira de português no Colégio Pedro II teve a boa idéia de convidar o Ministro da Justiça, Carlos Maximiniano, a quem estavam afetas as questões de ensino, na época, para assistir às provas.

Sua tese demonstrava os erros contidos nos livros dos seus examinadores. Foi uma batalha memorável entre o saber e a mediocridade.

José Oiticica era um anarquista "carregado" de idéias exóticas, uma revolução latente, em ebulição. Ninguém o queria aprovado: a maioria por medo do seu saber e uma minoria por desconhecer suas idéias.

Não obstante a vontade transparente dos seus opositores, o Ministro Carlos Maximiniano viu-se forçado – pela capacidade do candidato aprovado em 1º lugar – a nomeá-lo. Catedrático do Pedro II, gesto que desagradou aos medíocres enquanto valioso para inúmeras gerações de alunos do professor, do sábio, do homem José Rodrigues Leite e Oiticica!

AMIGOS JUSTOS

Quando do seu falecimento em 30-6-1957, alguns dos mais ilustres brasileiros falaram e escreveram sobre Oiticica na Academia Brasileira de Letras e na imprensa.

Cândido Jucá (filho) no quinzenário *Para Todos*, Rio, julho de 1957 escreveu: "Sem nunca ter sido aluno de José Oiticica, fui dos que mais aproveitaram de suas aulas. É que tive a oportunidade de acompanhar-lhe as doutrinas, e processos, através de educandos comuns que tivemos.

Nunca pude perfilar-me entre os seus discípulos, mas muito me abeberei na sua ciência imensa, agasalhadora.

Porque ele foi um gigante. Incontestavelmente, dos maiores que jamais puderam viçar no Brasil".

"Todos sabemos que Oiticica foi músico profundo, cuja técnica de composição chegou a dominar perfeitamente. Discípulo desse admirável Paulo Silva, conseguiu dar expressão cintilante e comovida a vários hinos, que lhe eram como anseios de alma. Alguns, ouvi-os eu com deleite.

Mas foi como artista da palavra, sobretudo da palavra escrita, que mestre Oiticica brilhou. Foi poeta bizarro, teatrólogo brilhante, e contista exímio. Fez jornalismo, e fez polêmicas destroçadoras".

Na sua apreciação Cândido Jucá fala do poeta Oiticica: "Sagrou-se definitivamente no gênero, e não admira que fosse proclamado príncipe dos poetas mineiros. O fato lhe ensejou um humorístico artigo intitulado "Eu príncipe" pois se vê, na ilustre galeria dos anarquistas, situado ao lado de Kropotkin, cujo sangue parece que azulijava".

Não obstante a despreocupação com o endeusamento – ao contrário de seus adversários – Oiticica escrevia sonetos de incomparável beleza como este exaltando "A Língua":

Língua em que falo e fala a minha gente
Ó tu, formosa língua portuguesa,
Branda, sonora, enérgica, imponente,
Irmã gêmea da nossa natureza!

Patrimônio do povo que presente
As glórias de um futuro a que estás presa,
Vais ser a língua deste Continente...
Teus poetas vão cantar sua grandeza.

Sim! Vão buscar, no teu vocabulário,
Todas as expressões de assombro e encanto
Que sucita este solo extraordinário.

E amplo na prosa e sem rival no verso,
Hão de os homens sagrar-te, ó idioma santo,
Como Língua mais bela do Universo!

Em seguida Cândido Jucá lembra o sucesso teatral de Oiticica com "*Pedra que Rola*" em 1920, vê alguns dos seus contos como trabalho modelar e acrescenta: "Foi um dos maiores sábios que conheci na minha vida".

Eram-lhe familiares as Humanidades, conhecia História, Filosofia e Filologia como poucos. Entendia-se com Matemática, e em Medicina.

Em Línguas, não somente cultivou com escrúpulo o Português, como ainda ensinou, além dessa, o Francês, o Latim e o Grego. Sabia o Alemão, que praticou em Hamburgo, quando por lá demorou; e ultimamente incursionava pelo Russo. Lia muitos outros idiomas. Traduziu livros do Francês, do Castelhano e do Alemão".

Repassa em seguida a obra gigantesca de José Oiticica, finalizando: "Aí está, em ligeiros traços quem foi José Oiticica, na sua imensidade intelectual.

A sua grande obra, porém, a que fruteou entre alunos, e companheiros de trabalho, a que há de sobreviver entre quantos com ele privaram, foi a do saneamento moral: foi a obra socrática.

Muitos se assustaram com o seu anarquismo. Mas o certo é que chegou sempre a incutir o respeito no ânimo daqueles que se lhe opuseram".

No campo das idéias José Oiticica não foi menos eficiente: produziu uma obra gigantesca na imprensa do Brasil, em prosa e versos chegando muitas vezes ao exterior.

Sua colaboração anarquista efetiva data de 1912, mas seu posicionamento libertário começou no Seminário Arquidiocesano no rebelar-se contra os "bolos" de um padre. Transparece novamente em 1902 ao renunciar a advocacia por achá-la um "direito torto". Cresce em seus poemas apontando para o anarquismo.

Não se pode desprezar os rasgos de rebeldia durante a juventude se se quer compreender por que Oiticica perseguiu princípios na direção do ensino racionalista, da Escola Moderna do libertário Francisco Ferrer, tema do seu artigo de estréia na imprensa acrata.

Segundo o então administrador de *A Lanterna*, José Romero, a primeira colaboração de Oiticica tinha por título "Francisco Ferrer e a Humanidade Nova", publicada no 3º aniversário de fuzilamento do fundador da Escola Moderna, em 13-10-1912.

Falando de sua militância no movimento anarquista e sindical, ao longo de 46 anos, José Romero escreveu por ocasião de seu falecimento: "Em começo de 1913 houve uma reunião de delegados de várias associações de classe do Rio, promovida pela comissão reorganizadora da Confederação Operária Brasileira, nomeada pela Federação local, com o fim de coordenar esforços para desenvolver o movimento associativo profissional com caráter apolítico, isto é, orientação sindicalista-revolucionária. Ela teve lugar na sede de uma sociedade localizada à rua São Pedro, próximo à dos Andradas.

Nessa altura a Federação tinha a sua sede num sobrado no antigo Largo do Capim, situado entre as ruas General Câmara, São Pedro e Andradas, na direção desta última.

Um dia, José Oiticica, com a sua inseparável pasta, subiu a escada do sobrado, entrando no recinto dos trabalhadores, que não tinham medo de ouvir falar do ideal anarquista e ler os seus pensadores e propagadores; lugar perigoso segundo os burgueses caçadores de votos e demais defensores do regime capitalista. Logo deparou com vários grupos, uns sentados e outros em pé. Ao encontro dele, por ser pessoa desconhecida dos presentes, foi um membro da comissão administrativa da Casa. Era um companheiro, carpinteiro de profissão, mulato, natural de Maceió, de quem, no momento, só recordamos o sobrenome que era França.

— Que deseja o nosso amigo? — perguntou-lhe.

— Desejava falar com o presidente ou diretores — respondeu Oiticica.

— Aqui não temos presidentes, nem diretores — replicou por sua vez o companheiro alagoano, criatura de temperamento expansivo e alegre, agregando: Só há comissões administrativas que executam as decisões das suas assembléias.

— Muito bem, — disse Oiticica — e a seguir pronunciou mais algumas palavras que não recordamos bem, cujo sentido fora de haver encontrado alguma coisa do que desejava e lhe causava satisfação.

Depois conversou com os operários que lá estavam. Dessa época em diante não cessou o seu contato com o movimento sindicalista de ação direta, que perdurou até o começo da ditadura getuliana, mais intimamente com o do Rio, entretanto, também, com o de São Paulo. Por meio de conferências, palestras e diálogos procurou distribuir aos companheiros de ideal e aos trabalhadores em geral os conhecimentos que possuía sobre a questão social, idioma, ciência, higiene e muitos outros, necessários ao aumento de cultura do trabalhador, despida dos ranços aos preconceitos da sociedade capitalista.

Assim procedeu na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, 1912/37, onde sua atuação foi grande, esclarecendo cérebros e estimulando vontades. Não era somente contra o clericalismo que ele pregava, era também contra os vícios, o álcool, o fumo e outros. Tivemos ocasião de conhecer pessoas que, depois de terem ouvido as suas conferências sobre os males que esses vícios produzem, deixaram de fumar, tornaram-se abstêmios ou morigerados. Nessa Liga realizaram conferências, também, que nos lembremos, o Dr. Coelho Lisboa, o tenente da Marinha Coriolano Martins e Cecília Meireles contribuindo dessa forma para ilustrar o povo, ensinando-o a amar a liberdade e o livre pensamento.

No decorrer de 1914 foi fundado um Centro de Estudos Sociais, que teve a sua sede na rua General Câmara, 335. Dos seus numerosos aderentes destacavam Oiticica; o velho João Gonçalves, de saudosa memória, contabilista; Cecílio Vilar, tipógrafo, riograndenses os dois; Francisco Viotti, estudante de medicina, mineiro; e outros.

Nos começos de 1915 houve uma reunião plenária do movimento anarquista do Brasil. As sessões, que duraram vários dias, tiveram lugar na sede da Associação de classe dos empregados em hotéis, restaurantes e cafés, denominada Centro Cosmopolita, à rua do Senado, cedida gratuitamente pelos seus associados. Na discussão dos assuntos postos à consideração da assembléia, José Oiticica tomou parte ativa nos debates sobre táticas, meios de propaganda e ética da doutrina. Certos pontos e maneiras de ver os problemas por ele ali expostos acham-se condensados na sua obra *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*. Nessa reunião esteve representada a FORA da Argentina por José Borobio, companheiro que estava de passagem pelo Rio, de volta de uma viagem à Espanha e que, sendo membro de confiança desse organismo operário, foi autorizado a tomar parte em seu nome.

Recuando no tempo para lembrar que Oiticica e Francisco Viotti fundaram a revista *A Vida* em 30-11-1914 e que Orlando Corrêa Lopes lançara o jornal e o opúsculo *Na Barricada* em princípios de 1915, José Romero volta a ocupar-se da Federação Operária de tendência francamente anarquista, responsável pela organização do "Sindicato de Ofícios Vários", destinada a filiar trabalhadores manuais e intelectuais, assalariados e/ou prestando serviços avulso, sem vínculos patronais. Este Sindicato — segundo José Romero — precisava ter um mínimo de 25 sócios efetivos, e dele fizeram parte Fábio Luz, João Gonçalves, José Oiticica e outros intelectuais que proferiram conferências e palestras, davam cursos nas demais associações, colaborando assim para melhorar o nível da instrução, sociológico e de conhecimentos gerais, do proletariado, com ajuda das representações teatrais libertárias realizadas quase mensalmente.

Nos anos subseqüentes à sua estréia, Oiticica continuou participando da atividade da Federação Operária, empenhada no combate aos aumentos do custo de vida e dos aluguéis, realizando comícios em praças públicas nos bairros do Rio, aos sábados e domingos de tarde. Em 1916/17, embora o Brasil estivesse em guerra com a Alemanha, o Governo não proibia manifestações públicas, direito garantido pela Constituição da República.

Por essa época ruiu o Hotel Yorque em construção na Praça Tiradentes, esquina das ruas Silva Jardim com Carioca morrendo muitos operários soterrados no local. A Federação convocou os trabalhadores da Construção

Civil e o proletariado em geral para ajudar no socorro aos sinistrados e sepultar as vítimas.

Juana Rouco Buela comenta assim o desastre e a participação de Oiticica: "Me parece estar vendo no ano de 1916, o professor segurando a mão de José Borobio (anarquista argentino de passagem pelo Brasil) e muitos companheiros formando um 'cordão' para impedir a intervenção da polícia.

Os anarquistas do Rio haviam tomado o encargo de sepultar os quarenta caixões onde se encontravam quarenta operários esmagados pelos escombros de uma obra em construção que ruiu por avareza de um construtor inconsciente.

Durante o enterro, depois de uma série de incidentes com a polícia, Oiticica, com a fluidez de sua palavra, emocionou todos os presentes demonstrando o crime de que foram vítimas quarenta pais de família.

Muitas, muitíssimas são as recordações deste homem que não morreu, porque têm que sobreviver na mente de todos os anarquistas e, sobretudo dos que o conhecemos, jovial, otimista, sempre cheio de iniciativas e sempre disposto a trabalhar.

Sua palavra, seus escritos e toda sua obra para o ideal, que ele, ano após ano, levou ao seio do povo.

Não, não morreu; vive e viverá sempre para nós, para a Anarquia".[25]

Escrevendo na revista *Solidaridad* do Uruguai o anarquista Manuel Perez Fernandez recorda: "Conheci José Oiticica por volta de 1917. Rui Barbosa, então candidato à presidência da república, em comício no Teatro Lírico, após pintar o famoso tipo do "Jeca Tatu", acenou ao protelariado com "um descanso de 8 dias para as mulheres antes do parto". Em resposta à pobreza de conhecimento da questão social do candidato e jurista baiano, Oiticica, publicou no *Correio da Manhã*, de 26-2-1918 "Carta-Aberta ao Sr. Dr. Rui Barbosa" desmistificando um ídolo que ninguém ousava discutir!.

Entretanto no terreno da solidariedade — além da ajuda recebida de Oiticica ao retornar ao Brasil em 1942, de onde fora expulso por suas idéias — Manuel Perez comentou o esforço deste militante para obter 25.000 cruzeiros, enviados em seguida ao jornal *Tierra y Liertad*, porta-voz dos anarquistas espanhóis exilados no México, cuja publicação estava ameaçada por dificuldades financeiras.

Na América do Norte, *L'Adunata dei Refratari* (31-8-1957) sob o título *Figure dell Anarchismo*, de autoria de Nello Garavini, repassa traços do "filólogo, do poeta, do educador, do crítico de arte e do anarquista José Oiticica falecido aos 75 anos de idade no Rio de Janeiro". Ao longo de cerca

25. *Voluntad*, Montevidéu, Uruguai, outubro de 1957.

de meia página, o jornal nova-iorquino em idioma italiano, reproduz trechos da exaltação em discursos, dos profs. Waldemiro Postsch e Vitorino Bergo por ocasião do seu sepultamento (de Oiticica) em 30 de junho de 1957. Lembra "João Gonçalves, Fábio Luz, Maria Lacerda de Moura e outros companheiros" comprometidos com o anarquismo e a resistência aos Governos autoritários de Arthur Bernardes e Getúlio Vargas. Ingressando na Liga Anticlerical para combater o fascismo Oiticica é preso mais uma vez. Antes porém, "convidou o socialista e italiano Líbero Battistelli para proferir Conferência em comemoração ao falecimento de Enrico Malatesta, publicada em seguida por *Studi Sociali* e posteriormente por *Unanitá Nova* em memória dos dois companheiros: Líbero Battistelli e José Oiticica".

Em setembro e outubro de 1957 *Voluntad*, do Uruguai, dedica dois trabalhos de autores distintos ao anarquista José Oiticica.

Em novembro, *Reconstruir*, da Argentina, sob o título "Um Anarquista: Mestre José Oiticica", Adan Eneo distingue o anarquista brasileiro — ao longo de quase uma página — com o seguinte texto: "Pela pluralidade de seus conhecimentos humanísticos e de suas habilidades artísticas, José Oiticica assemelha-se a um daqueles extraordinários homens do Renascimento, que uniam a seus virtuosismos múltiplos e insaciável afã de aperfeiçoamento e saber, ao mesmo tempo que uma inestinguível fé na justiça e no futuro destino do homem. Foi um anarquista da estrutura de Proudhon, de Eliseu Reclus, de Kropotikin e de Rafael Barreto".

Tierra y libertad, do México, *Solidaridad Gastronómica*, de Cuba (15-12-1958), bem como outros jornais e revistas dedicaram comentários à vida e à obra do "sábio e do companheiro José Oiticica, tão grande seu saber quanto modesto, humilde e solidário em sua conduta".

O Globo, do Rio de Janeiro, por ocasião de falecimento de Oiticica, falou do professor e do escritor; o *Correio da Manhã*, do teatrólogo e Renato Bittencourt no *O Globo* em 17-9-1970 realça o polemista e o anarquista José Oiticica, encerrando com o fecho da "Carta-Aberta ao Sr. Rui Barbosa": "Sou de V. Ex. admirador sincero e perigoso".

Por sua vez a revista *Veja*, (São Paulo, 28-12-1977) ao comentar alguns traços da personalidade de Prudente de Morais Neto revela: "Mas ali — no Colégio Pedro II — é que ele iria conhecer duas pessoas que mudariam sua vida; o colega e poeta Celso Kelly, que o aproximou dos modernistas, e o professor José Oiticica, que aos domingos utilizava salas de aula[26] para explicar aos alunos os vinte pontos básicos do anarquismo, no qual Prudente acabaria por aderir".

26. Temos dúvidas quanto a veracidade desta informação...

A Careta (20-7-1957) revista carioca de larga tradição libertária sob a orientação redatorial do anarquista Domingos Ribeiro Filho também homenageia o "mestre": "Essa grande, inolvidável personalidade de professor, de filólogo, de homem de Letras, de ensaista, senão mesmo de filósofo, que foi José Oiticica, com singularidade que a todo o tempo o diferençaram da vulgaridade humana, entrou, faz pouco, a dormir o sono de que não mais despertará. Com surpresa dolorosa para seus velhos amigos, gerações de discípulos, seus antigos colegas do corpo docente do Pedro II e quantos lhe admiravam a cultura soberba, o caráter sem jaça, a ânsia de uma sabedoria insaciável e generosidade que nunca se fatigou de ajudar os menos protegidos, na vida tão desigual, depois de todo um dia de trabalho em diferentes cursos, deu ao que Machado de Assis chamava "o grande mergulho". O coração, aquele coração tão nobre, cujas atitudes de lutador os maldosos não compreenderam, as mais das vezes por debilidade moral e espiritual, embora com arrogâncias principescas, silenciou para sempre. Daí a imensa tristeza dos que o conheceram melhor, para julgamento menos apressado, ou por haverem sido seus alunos ou por terem com ele estudado matérias do máximo interesse, desde os segredos da língua que falamos, e de que, no Brasil, ninguém o superou, aos de outros idiomas, do grego e do latim, ao alemão e ao francês, sem aludir a conhecimentos, da mesma espécie, em diferentes regiões do mundo".

Neste tom e estilo o autor realça a capacidade de trabalho de Oiticica e os despeitados: "Só o pensarão os que não o hajam conhecido de perto, com a sua ingênita modéstia que apenas se transfigurava no instante de tremendos ignorantaços pretenderem dar-lhe lições. Se lograssem fazê-lo com acerto, não se sentiria humilhado em aceitá-las e agradecer-lhes. Bem o souberam os que, tocados de amargura falaram à borda do seu túmulo.

Viu-se orgulho na sua intransigência. E por que esta, às vezes repontava? Por um princípio de honestidade mental. Estudara cuidadosamente o assunto e, desse modo, tinha ele idéia segura. Provinha daí a irredutibilidade dos seus conceitos.

Sem o menor exagero, José Oiticica equivaleu quase, ao longo de sua vida de Mestre incomparável, a uma enciclopédia. Sempre aprenderam aqueles que o consultavam sobre numerosas matérias, afora mesmo as que não eram de sua especialidade. Isto porque foi, desde a mocidade brilhante, um curioso ensofregado. Os livros, a música e a família foram o seu repouso, dentro da faina diuturna. Homem de lealdade, a toda prova, José Oiticica, se fez desafetos, sem emprestar-lhes maior atenção, deixou amigos devotados que o lembrarão com infinita saudade, mercê de suas virtudes, raríssimas, sobretudo numa época de abastardamento moral.

Careta rende-lhe, sinceramente, sua homenagem, porque teve a ventura de conhecer o homem admirável que foi José Oiticica".[27]

ADVERSÁRIOS E INIMIGOS

Oiticica recebia adversários, inimigos ideológicos e profissionais com galhardia. Nunca escondeu que era anarquista e por isso foi preso diversas vezes sem nunca ter praticado atos de que tivesse de envergonhar-se!

Aproveitando a ociosidade do cativeiro pôde rever algumas de suas obras e escrever sonetos como "Na Prisão", "Acusação" e "A Saudação" que se reproduzem pela ordem:

I

As grandes provações tornam as causas grandes!
Nada sofro! Meu sonho há de ser sempre o que é.
Do alto do meu Sinai fito areias e landes
E prossigo a buscar Canaam, como Josué.

Tenho orgulho, alma sã, das espadas que brandes!
Vieram todas de heróis que morreram de pé;
E hoje, em prol de teu povo, entre o Atlântico e os Andes,
Melhor refulgirão, núncias de tua fé.

Bendita esta prisão que me animo em meu surto,
Faz desta Via-Sacra o caminho mais curto
E enfeita a minha Cruz ao toque dos clarins!

Bendita a provação que me ergue aos superiores,
Justifica o meu ato, unge os meus dissabores,
E afirma, em toda a Terra, a glória dos meus fins.

II

Eu vos acuso, ó ricos timoratos,
Preso, embora, por vós, sou vosso juiz.
Sou Jesus; vós, Caifazes e Pilatos...
Diante de vós, sofrendo, sou feliz.

---

27. José Oiticica foi sepultado no cemitério São João Batista, campa 14.762. Faleceu nas Laranjeiras, Rio de Janeiro.

Expondo aos homens bons os vossos atos,
Justifico o alto alcance do que fiz.
Eu – louco – hei de julgar a vós – sensatos
Que eu represento a nova diretriz.

Acuso as vossas leis e as vossas crenças,
Vossas praxes de roubo e usurpação:
Guerras, votos, polícias e sentenças.

Acuso o vosso espírito cristão
E essa moral de perversões intensas,
Filha do Abuso e da Contradição.

III

Irmãos, eu vos saúdo! Embora presos,
Ameaçados, malditos, sem futuro,
Temos, em nossos braços indefesos,
Asas de anjo e tendões de palinuro.

Estes focos azuis em nós acesos
– Luz da Grande Cidade que procuro –
Hão de arder ante os sátrapas surpresos,
Quando for Lei o que hoje é sonho puro.

– Guerreiros da Anarquia – os sofrimentos
São para nós auréolas e honra sublime,
E mais nos honram quanto mais violentos.

Tenhamos por benvindas nossas dores,
Que a dor aos homens justos não oprime
E torna os mais humildes superiores.

Imbuído e revestido de convicções anarquistas, não houve perseguições, prisões e deportações que tivessem força para abater José Oiticica.

Preso em 1918, acusado de ser "o comandante" da Greve Geral insurrecional, Oiticica foi deportado e confinado em Alagoas, pelo todo poderoso chefe de Polícia Aurelino Leal com a concordância do Presidente Wenceslau Brás. Mas, ali mesmo, fez palestras para os pescadores à luz de vela atraindo inclusive o jovem Octávio Brandão que em seguida viria para o Rio de Janeiro.

Tratando da sua deportação, o diário *A Rua*, de maio de 1919, noticiava: "Está no Rio o Dr. José Oiticica. Veio no "Itatinga". "Um agente da Polícia Marítima, vigiou-o em disfarce"... "Foi como se tivesse rebentado uma bomba explosiva na lancha da Polícia Marítima, quando hoje, ao fundear no porto o paquete Itatinga, da Costeira, vindo de Macau e escalas, se constatou a presença do Dr. José Oiticica, sentado no convés, conversando com seu filho. Retido por algum tempo, foi autorizado seu desembarque, pelo Dr. Aurelino Leal. Assediado pelos repórteres e pelos curiosos que queriam 'saber das bombas' o Dr. Oiticica declara: 'Isso é uma das grandes invenções da polícia do Sr. Aurelino Leal'."

Recomeçando no ponto interrompido pela polícia; Oiticica não demorou a ser preso pela famigerada polícia do "racha anarquistas" Epitácio Pessoa. Mas foi durante o "reinado" de Artur Bernardes – o fundador do Campo de Concentração e morte lenta do Oiapoque – que sofreu uma das mais longas prisões. Detido no Colégio Pedro II em 1924, depois de passar alguns dias na Polícia Central, foi confinado na Ilha Rasa passando em 1925 para a Ilha das Flores e depois para a Ilha do Bom Jesus.[28]

O motivo da sua prisão o próprio Oiticica nos conta num bilhete enviado a sua esposa: "Zinha – Fui preso ao sair do Colégio Pedro II, sem saber dos motivos da prisão. Só depois tive notícia da revolução em São Paulo. Estou na Casa de Correção, onde sou muito bem tratado. Não tenhas cuidado. Manda-me roupa e juntamente as gramáticas que estão na saleta contígua à sala de visitas com os papéis do artigo que estou escrevendo. Não é preciso mandar o que está impresso e colado nas folhas de papel. Embrulha tudo, juntamente com Protocolos des Sages de Siou que está na mesa de cabeceira, e a Miragem de Coelho Neto, que deve estar em cima da conversadeira. Manda avisar a Miss Southvel, explicando-lhe minha falta hoje à aula. Ela é inglesa e exige essas atenções.

No mais, beijos muitos saudosos a ti e aos filhos.

Não sei até quando.

Cajusa"[29]

Já na Ilha Rasa – onde passou 7 meses – Oiticica aproveitou para escrever:

28. No final desta biografia estão incluídos alguns documentos sobre esta prisão.

29. "Zinha" era o nome carinhoso pelo qual tratava sua companheira. "Cajusa" assinatura usada por Oiticica na maioria das centenas de cartas que me foram confiadas por Sônia Oiticica.

Ilha Rasa:

Ilha Rasa! Depois das grades do presídio
É saúde ouvir perto os louvores do mar.
Ou, nos panos murais do horizonte meridio
Ver, na entrenévoa azul, o último ouro solar.

Vem das Tijucas, longe, um guaiar vão de exílio:
Algum peito de rocha esmurrada, a penar!
Como que entre os grutões se esgueira a alma de Ovídio
Inda a gemer o seu exílio milenar.

Sobre os cafofos, onde a água estronda e espad' na;
Guinam, brancos, a chiar os tentarés gritões...
Parece que os espanta, ao sol, a sombra humana!

Ó saudade! Entre nós e o ocaso te interpões;
E, com flores nas mãos e encantos de cigana,
Entras devagarinho em nossos corações.
Ilha Rasa, 15-9-1924

E quando figura inconfundível do exército brasileiro aportou naquela ilha exibindo duas estrelas, de novo seu estro falou:

Veio à Ilha Rasa, ora que espiga
Um tenente vesgo e trapalhão
Tinha dez arrobas de barriga
E nem um vintém de educação.

Parecia um porco recortado
Era o pai e a mãe da presunção
Mas saiu-lhe a escrita às avessas, coitado
Pois a turma dos vermelhos
Deu-lhe logo uma lição

Boitatá! Boitatá! Boitatá!
O capim muito caro está!

Proibiu a todos nós bacanos
Andar pelas pedras e pescar
Mal sabia que com veteranos
É ter quatro pés querer tesar

Quis bancar a fera o tal tenente
Mas a soldadesca sem tardar
Desmoralizou-lhe a farromba de frente
Reduzindo o vasto suíno
A grunhir no seu lugar

Boitatá, etc...

Num dos bons estrilos que lhe demos
Sem nenhum respeito aos seus galões
Que o tenente é duplo, oh! ah! soubemos
Pois confessou ter quatro c...

Mas deixou bem claro o suja-tudo
Ser o mais chapado dos poltrões
Pois sem que reagisse um dos nossos, mucudo,
Agarrou-lhe o Talabarte
E quase arranca dois botões.

Boitatá, etc...[30]

Durante a sua deportação, a mais longa de todas as prisões sofridas por José Oiticica, alguns dos seus inimigos ideológicos aproveitaram para pendurar-lhe ao peito adjetivos que deram motivo também ao impedimento de ver sua família e receber seus salários.

Na ocasião recorreu ao que chamaria de "o direito torto" escrevendo uma ordem de "Habeas-Corpus" julgada no Supremo Tribunal, em sessão de 27 de maio de 1925 ensejando um longo parecer do Relator Hermenegildo de Barros do qual extraímos o seguinte trecho: "Para mim, portanto, é manifestamente inconstitucional o sítio, que está vigorando desde 3 de maio e sê-lo-á enquanto o poder executivo não levar ao conhecimento do Congresso, para que este o aprove ou desaprove. Ainda por este motivo, considero ilegal a prisão do paciente.

– Além de preso, sem motivo algum, e também inconstitucionalmente, quando motivo houvesse para a prisão, o dr. José Oiticica tem estado incomunicável. Neste particular, o procedimento do governo toca às raias da crueldade, porque abre para o paciente uma exceção de que só ele tem

30. Poema escrito a lapis, a propósito de um atrabiliário tenente que chegou a ordenar o seu fuzilamento e de outros companheiros de degredo como se irá ler linhas adiante.

sido vítima. Em relação a outros pacientes que tem batido às portas do Tribunal como o dr. Belizário Penna, o Almirante Brasil Silvado e o dr. Edmundo Bittencourt, o Governo informou que eles se comunicavam com as respectivas famílias. O dr. José Oiticica alega que não vê a esposa e os filhos, há mais de dez meses, desde que foi preso até a data da petição de Habeas-Corpus. O Governo não contestou alegação.

Se aos presos políticos, por motivo provado de serem revolucionários, o Tribunal tem feito cessar por Habeas-Corpus, a incomunicabilidade por ser esta uma agravação da detenção, como conservar incomunicável o paciente, que nenhum crime cometeu e tem estado preso infinitamente há tanto tempo? Mando pois, que cesse a incomunicabilidade, se por acaso não for decretada a soltura imediata do paciente.

– Outro ato cruel e desumano do Governo é o que privou o dr. Oiticica de receber os vencimentos a que tem direito, como professor do externato Pedro II e da Escola Dramática Municipal".

Apesar da bem fundamentada exposição de motivos só acompanharam o voto do relator Leoni Ramos, Guimarães Natal e Pedro Mibielli. Os demais: Muniz Barreto, Edmundo Lins, Pedro Santos, Arthur Ribeiro, Geminiano da Franca,[31] Godofredo Cunha e Viveiros de Castro[32] votaram contra.

Rejeitada a orden. de Habeas-Corpus[33] por 7 a 4 votos, Oiticica continuou preso sem visitas e sem salários. Tudo que conseguiu foi ser transferido para a Ilha das Flores de onde escreveu a seguinte carta ao Senador Bueno Brandão:

"Ilha das Flores, 13-6-1925

Sr. Senador Bueno Brandão.

Em discurso de 10 do corrente, referindo-se V.Ex. a presos que assinaram documentos comprovatórios de maus tratos sofridos nas prisões, acentua que, entre os signatários, há *desordeiros, desclassificados e alguns anarquistas.*

Como dentre os signatários só eu sou anarquista, vejo-me classificado por V.Ex. abaixo de *desordeiro e desclassificados*.

Era meu propósito não retorquir à ofensa, pois não julgo mais digno ser senador que ser anarquista, porquanto se qualquer anarquista poderia ser senador, nem todo o senador poderá ser anarquista.

31. Geminiano da Franca tinha sido chefe de Polícia e um dos maiores carrascos dos trabalhadores libertários.

32. *Correio da Manhã*, Rio, 28-5-1925.

33. No final de sua biografia insere-se rascunho da ordem de Habeas-Corpus escrita por Oiticica na Ilha Rasa.

Como, porém, temos decidido, entre nós, não deixar sem pronta repulsa quaisquer insultos ou inverdades e isso para mostrar que estamos vivos, escrevo a V.Ex. estas linhas somente para agradecer V.Ex. o favor que aos anarquistas involuntariamente fez.

Em primeiro lugar, mostrando-se V.Ex. tão intransigente inimigo dos anarquistas, chama sobre eles toda a simpatia nacional.

Em segundo lugar, deixa V.Ex. bem patente que pode V.Ex. ser tudo neste mundo, menos anarquista, pode haver desordeiros, vagabundos, dinamiteiros, assassinos, salteadores, etc., mas nunca, e de fato não há, nenhum Bueno Brandão.

Sem mais, sou de V. Excia,

indiferente contemporâneo

José Oiticica"[34]

Restituído à liberdade, "ganhou" mais uma corrente de adversários, os fundadores do PCB.

Além da Igreja, da burguesia, dos políticos e do Governo ajudado por militares, policiais, magistrados e carcereiros, Oiticica, precisava enfrentar também José Elias da Silva, Astrojildo Pereira, Roberto Morena, João da Costa Pimenta, Otavio Brandão e outros que seriam planejadores do seu assassinato em 1927 e de outros companheiros.[35]

Oiticica já tinha deixado claro que não era homem de se intimidar. Certa vez veio-lhes às mãos uma prova cheia de erros. Sem hesitar deu-lhe nota zero! E ao ser advertido pelos colegas de que se tratava do filho do presidente da república, Wenceslau Brás, respondeu incontinenti: "Pois devia estudar mais, para honrar o nome e a família", e com um "sinto muito", manteve a reprovação.

Logo não seriam as bravatas dos ex-anarquistas que o faria mudar seus rumos.

Getúlio chegou em 1930, "revolucionário", e saiu ditador 15 anos mais tarde. No seu reinado, Oiticica foi preso mais de uma vez. A primeira ocorreu na sede da Liga Anticlerical, na Rua Teófilo Otoni e logo restituído à liberdade. Mas em 1937, quando saía da Faculdade de Letras da Universidade do então Distrito Federal, onde ensinava grego, foi preso novamente pelos esbirros de Vargas. E no cárcere escreveu *O deliquio*.

34. Cópia cedida por Sônia Oiticica ao autor.

35. Ver no final deste trabalho biográfico artigo de José Oiticica sobre o atentado na Rua Frei Caneca, nº4, sobrado.

Vejo em torno ganância e servilismo
Almas sem compostura e sem moral
E eu, poeta ingênuo, anjo anarquista, cismo
Esquecer uma nação neste lamal.

Política, interesse, parceirismo
Dominam tudo e tudo levam mal
Há protestos sem força neste abismo
E nenhuma reação nobre e geral.

Que fazer desta indigna indiferença
Deste deliquio, deste despudor
Dessa vergonha para o que age e pensa?

Debalde movo o braço agitador!
A inércia brasileira é muito extensa
Para um só coração batalhador!

Mesmo na cadeia, Oiticica não deixava de praticar a solidariedade humana, um dos pontos altos do anarquismo.

Em carta de 19.10.1937 visada pela censura, escrita com mão firme, bem legível, reta como o seu caráter começa assim:

"*Zinha* – Estou muito bem disposto, como sempre.

Preciso do seguinte:

Livros: Morais – Palmeirim, 1º vol. na 2ª estante do escritório, à direita.

Gilberto Freire – "Casa Grande e Senzala" na mesa do escritório.

Fichas – há um pacote, embrulhado em papel verde, numa das gavetas da mesa do escritório à esquerda;

Papel de música – Se a Dulce não precisar da Harmonia do Paulo, manda-me.

Dei o meu pijama amarelo a um que precisava; manda outro[36] (o grifo é nosso).

E no dia 1-11-1937, em outra carta igualmente censurada pelos esbirros de Vargas repetia o gesto de solidariedade tendo de valer-se das economias da família:

36. Parte de uma carta manuscrita que nos foi confiada por Sônia Oiticica.

"Zinha: Escrevo-te antes que chegues porque estou prevendo a tua vinda para buscar a procuração. Tenho palpite que suspenderão o pagamento como no tempo do Bernardes. Fala ao homem da rua Teófilo Ottoni, manda ele vender as apólices que estão em depósito. Pede-lhe que espere que eu saia. Fala também ao Tijuca-Mar. Tens o endereço no catálogo de telefone. Não te esqueças do Stefanovitch,[37] dá-lhe 100$000 para o quarto e despesas por 15 dias.

Concedem aqui, para barba, aparelho Gilette.

"Vai ao Pedro II e pede ao Procoro, da Biblioteca, o livro *Memorial da Távola Redonda* de José Ferreira de Vasconcelos e assina um recibo no livro de empréstimos.

Meus objetos que ficaram na Polícia Central até agora não vieram. Não veio também o Stencil nem o papel de música".[38]

Como todo o idealista de convicções seguras, José Oiticica contrariou muita gente à esquerda, à direita e ao centro. Sua posição diante da Igreja, das autoridades irracionais e dos políticos "produzia" muitos adversários e inimigos gratuitos, alguns deles completamente leigos em assuntos libertários. Nunca leram uma obra anarquista, nada conheciam das suas idéias e tampouco conviveram de perto com militantes para poder julgá-los.

Mesmo assim eram e continuam contra!

Vejamos alguns exemplos de significativa ingenuidade:

"Apesar de se dizer anarquista, era um dos homens mais corretos e dignos, que conhecera, chefe de família exemplar", (Presidente da Academia de Letras quando de seu falecimento); "O professor José Oiticica foi talvez o mais pacífico, o mais cândido dos anarquistas do mundo" (acadêmico Viriato Correia) e/ou "Foi Oiticica, o último dos anarquistas" (redator da revista *Leitura*, 1957).

No caso do acadêmico Peregrino Junior não sei se a recíproca é verdadeira... mas no caso de Viriato Correia certamente é! Sua candidez tem a mesma dimensão de sua ignorância do anarquismo. Quanto à opinião do colaborador de *Leitura*, de que com Oiticica, morria "o último dos anarquistas" deve ter agradado muito à burguesia, ao Governo e à Igreja, só que sua "bola de cristal" enganou-o.

37. Trata-se de um anarquista russo residente no Rio de Janeiro, a quem Oiticica pagava o quarto e comida, mesmo preso.

38. Parte de uma carta manuscrita confiada ao autor por Sônia Oiticica.

Ainda sobraram uns poucos para responder a João Duque Estrada Meyer e Fernando Segismundo[39] "biógrafos de Oiticica", apoiados nas lembranças da envelhecida cabeça de Octávio Brandão cheia de gotas de veneno com pontas de frustrações e recalques revelados 20 anos depois da morte de Oiticica. Em vida do anarquista nenhum deles teve coragem de esgaravatar no *Boletim da ABI* coisas como estas do Segismundo: "Acreditava Oiticica em seus dotes de poeta; entretanto não passou de um versejador de reduzida aptidão. Os sonetos que compôs têm excelente vocabulário, rimas adequadas e métrica impecável, porém a todos falta a centelha do verdadeiro artista. Não foi tocado pela graça poética. Neste setor, como no anarquismo, falhou. Eram missões acima de suas forças, miragens que iludiram uma alma tão luminosa como a sua".

Oiticica não tinha inimigos só na polícia, no Governo, entre os políticos e o clero, teve-os também entre alunos, discípulos e no seio das pessoas que com ele militaram bandeando-se mais tarde para o PCB. Alguns deles, como Azevedo Lima, João da Costa Pimenta e Octávio Brandão serviram de fontes de pesquisa a inimigos gratuitos como Foster Dulles, encarregado de recolher peças para o grosso *dossier* americano, sobre o Brasil anarquista e comunista. Para este, pensamento acrata é algo que transcende à sua "erudição", ao seu entendimento e à sua capacidade.

Que não concordem com o anarquista José Oiticica tudo bem... Mas esperar pela sua morte para atacá-lo é uma covardia detestável! Que culpa teve Oiticica de ter sido mais dotado de inteligência do que os segismundos da vida?

EM DEFESA DO PENSAMENTO LIBERTÁRIO

O poeta e anarquista José Oiticica não pode ser "julgado" por um Segismundo qualquer... "*Seu pensamento*" é tão grande quanto a vida, escapa ao alcance dos críticos, vai até onde a liberdade o possa conduzir. Ei-lo:

Meu pensamento é nobre e aristocrata...
Sonho palácios, torres, Melisandes;
Ama o plinto, um minueto, uma balada
É D. Quixote e aplaude os feitos grandes.

39. *Boletim ABI*, julho de 1977 e julho/agosto de 1982.

Preza a arte extrema, onde algo se delata
Do homem, do Fim, do Amor, de Orion, dos Andes,
Detesta o plebeismo, a bambocheta
De Cubismos, foxtrotes e jazbandes.

Quer ver a idéia sã na forma pura,
A linha, o tom, o acordo, o estilo, a rima,
Onde a emoção, zainfe irial, fulgura

E, como intenta erguê-se a uma Obra-Prima
Desdenha as fantochadas da Impostura,
E, sobe, sobe sempre, ao mais acima.

Oiticica terminou de bem consigo mesmo! Não precisou penitenciar-se perante políticos e padres. Findou sem remorsos nem necessidade de renegar seu pensamento anticlerical e libertário. Morreu anarquista como viveu! Foi um mestre em saber, simplicidade e bondade. Abria suas portas a todos quanto o procurassem. À sua sombra muitos conseguiram avançar na vida; com seu prestígio outros obtiveram empregos e foram embora...

Como "pregador" do anarquismo foi ativo e energético. Não perdia um convite para reafirmar suas convicções ideológicas ainda que tivesse que arriscar a vida e/ou deslocar-se a lugares bem distantes às suas custas.

O jornal *A Plebe* de 25-3-1933 testemunha estas afirmações com o título "Jornadas e Sementeira Libertária": "Seis belas sessões de propaganda em quatro dias. O camarada José Oiticica, veio a São Paulo a convite do grupo editor de *A Plebe* para realizar uma série de conferências, atendendo ao pedido da Federação Operária e do Centro de Cultura Social, assim como de vários sindicatos – padeiros, sapateiros e trabalhadores da Light".

Seu pensamento erguia-se em hino *A Anarquia*, como uma realidade sem prazo:

Para a anarquia vai a humanidade
Que da anarquia a humanidade vem!
Vide como esse ideal do acordo invade
As classes todas pelo mundo além!

Que importa que a fração dos ricos brade
Vendo que a antiga lei não se mantém?
Hão de ruir as muralhas da Cidade,
Que não há fortalezas contra o bem

Façam da ação dos subversivos crime,
Persignam, matem, zombem... tudo em vão...
A idéia, perseguida, é mais sublime,

Pois nos rudes ataques à opressão,
A cada herói que morra ou desanime
Dezenas de outros bravos surgirão.

Em sua caminhada ideológica, Oiticica combateu vigorosamente os exploradores do trabalho alheio, os manipuladores de leis e os usurpadores da liberdade para impor o autoritarismo! É o que *Protesto* e *Viva O Chefe do Trabalho* nos mostra dando lambadas nos "novos" enganadores!

I

Protesto contra o mal da força e o da justiça;
Um degrada a fraqueza, outro excita à agressão;
Contra a fé que reduz o homem a alma submissa,
Iludindo-o com céus que nunca se abrirão.

Clamo contra o senhor, clamo contra a cobiça,
Inventora de leis, criadora da opressão.
Sou Spartacus e odeio a pátria se esperdiça
Meu sangue e faz, do suor, esforço hostil ou vão.

Bradam, no meu protesto, os prantos do passado...
Ira acesa de todo um mundo sofredor,
Mártir do amo, do rei, do padre, do soldado!

Sou a nova intuição contra a lei do senhor;
Sou ação que destrói a moral do pecado,
Para erigir o orgulho e libertar o amor.

II

Pessoal, dê um "Viva" ao chefe do Trabalho!
Collor merece manifestação:
deu-vos brida, selim, chincha e vergalho
e uma alfafa legal a proteção.

Viva "iô-iô" Lindolfo e seu esgalho:
O Evaristo, o Agripino e o Pimentão!
Eles vos levam, águias, para o Talho,
bem amarrados à legislação.

Gritai, ovacionai, enchei de vento
a empáfia do Lindolfo safardana,
ex-bernardista que nos perseguiu!

Gritai, com vossos gritos uno e violento,
mandando a claque vil que vos engana
à grandíssima pata que os pariu!

Oiticica sustentou polêmica também com Pontes de Miranda, Evaristo de Morais, Andrade Murici, Tasso da Silveira, o jesuíta Leonel de Franca, Perilo Gomes, Mons. Rosalvo Costa Rego, com o bispo D. Alberto Gonçalves, Osório Duque-Estrada, Alfredo Gomes, Carlos de Laet, Maurício de Medeiros, Manuel Bandeira, Augusto de Lima Junior, os senadores Irineu Machado e Bueno Brandão. "Mexeu" com mitos como Alexandre Herculano, Gonçalves Dias e Rui Barbosa a quem escreveu arrasadora "Carta Aberta":

"Anarquista! – Gritava V. Exa.. E, em torno, os amigos de V. Exª. (padres e jesuítas, generais e condes, políticos e comerciantes) ouvirão tons de dinamite, sentirão fedor de pólvora, verão punhais erguidos. O sr. Cadeal Arcoverde benzerá V. Exa., o sr. chefe de polícia alarmará secretas, o sr. Modesto Leal reforçará a burra ou as burras.

Peço a todos calma. Nunca surrei ninguém, nunca matei ninguém, nunca roubei ninguém, honro pai e mãe, não cobiço a mulher do próximo, dou pão a quem tem fome, visto os nus, não cobro a ninguém, obedeço fielmente às leis do país, cumpro os meus deveres meticulosamente, não faço operações por quatro contos, não exijo vinte por cento de inventários, não prorrogo sessões remuneradas da Câmara, não ganho mil-réis de cada firma reconhecida, não faço contrabando, não especulo, não fumo, não bebo, não jogo, não conheci Bolo-Paxá. Creio-me, modéstia à parte, um sujeito sofrível, nem ótimo para santo (tenho bom gosto), nem ruim para o xadrez".

"Dirá V. Exa.: Para escrever tal parecer, para intentar uma ação, tive de estudar como ninguém; meu pai gastou muito dinheiro com educar-me; despendi somas grossas com a biblioteca enorme que possuo. Tudo isso é capital acumulado, e eu cobro os juros desse capital e do meu talento".

"Quem sustentara V. Exa. enquanto estudava no colégio e na academia? "Meu pai", dirá V. Exa.. E eu contesto: Não. O pai de V. Exa. pagava o colégio, academia, vestia V. Exa., comprava livros, gastava dinheiro. Dinheiro é riqueza, representação social de riqueza produzida pelos trabalhadores. Enquanto V. Exa. felizardo, estudava, desenvolvia o seu espírito, milhares de crianças sem pai rico não podiam estudar, é não podiam estudar porque a sociedade os obrigava a trabalhar, para viver, nas oficinas, nas fazendas, nas senzalas. É verdade: no tempo de V. Exa. estudante e acadêmico, era a senzala, o negro escravo, os molequinhos que não tiveram a fortuna de nascer brancos como V. Exa. e filhos de homem rico ou influente. V. Exa. se educou com as mortificações desses desgraçados, com o sangue do proletariado negro, que sustentava os senhores déspotas."[40]

Pouco depois de espicaçar o mito Rui Barbosa que ninguém ousava contrariar, José Oiticica em nova "Carta-Aberta" investe contra-o-todo-poderoso chefe da Polícia da Capital da República – Dr. Aurelino Leal – em defesa dos trabalhadores da "Federação Operária":

Exmo. Sr: Um tópico do meu artigo "o que não se fez" irritou V. Exa., excitou-lhe as primas da alma e fez V. Exa. enviar ao 1º delegado de Polícia aquele ofício preventivo de catástrofes iminentes. Mandou-lhe V. Exa. o *Correio da Manhã* com meu artigo tatuado de vermelho para assinalar ao deszeloso serventuário o fato grave do restabelecimento, melhor, do renascimento da Federação Operária, extirpada, há um ano por V.Exa.".

"Quem lê isso põe as mãos a orar, agradecendo ao Ser Supremo a dadivosa prenda feita à pátria dos Tupiniquins.

V. Exa. é o salvador desta Grande Pátria, mas atrevo-me a lembrar-lhe que V. Exa. nunca se rebaixou a visitar a Federação amaldiçoada. V. Exa. fala de oitava, pelo que lhe foi contar a sórdida patrulha de secretas, conhecidos dos operários e por eles repelidos com o mais soberbo dos desdéns.

Se o meu testemunho vale alguma coisa, posso atestar a V. Exa. que o convívio de cinco anos com a Tal VASA internacional me aproximou daqueles mesmos "Anarquistas Perigosos" que V. Exa. mandou prender, no ano passado. Esses homens, por exemplo, Máximino de Macedo, Pedro Matera, José Gaiazzo, Primitivo Soares, Maçães e outros, são homens de uma energia moral a toda a prova, de modelar honestidade, cuja dedicação proclamo altamente como título de honra. Para eles abrem-se as portas da minha casa, que eu fecho terminantemente aos subordinados de V. Exa., à vasa nacional que V. Exa. cria e paga nesse

40. Trechos da longa carta publicada no *Correio da Manhã*, de 26-2-1918, e nos livros *Ação Direta* e *Nacionalismo e Cultura Social*.

antro de patifes, assassinos, bêbados e ladrões, nesse valhacouto oficial da capangagem vil, que é a polícia secreta de V. Exa.".

"Se V. Exa. quer salvar o Brasil, comece pela vasa nacional, e se não tem ânimo nem força para começar de cima, inicie o seu trabalho pela estrebaria da Chefatura de Polícia. É realmente indecoroso, nauseante, repulsivo, esse corpo de agentes que V. Exa. sustenta e ouve. Há nele desde o delator mentiroso, até ao assassino criminosamente indultado".[41]

Mais tarde quem entra na berlinda é o *trânsfuga Astrojildo Pereira*, e o "vira-casacas" Octávio Brandão entre tantos outros que fizeram jus às suas "críticas demolidoras", como diria Cândido Jucá, Filho, no jornal *Para Todos*.

Dentro da Liga Anticlerical, na última fase denominada "Coligação Pré-Estado Leigo", com sede na rua Teófilo Otoni, Rio de Janeiro, Oiticica fazia palestras contra a infiltração do clero em todos os órgãos do poder político.

Satirizava a estátua do Cristo-Redentor e traduziu "Onde está Deus?" do poeta espanhol M. Rei com o pseudônio de João Vermelho. O Cardeal do Rio de Janeiro sentiu-se incomodado com o lema: "*Ou o Brasil acaba com o jesuitismo, ou o jesuitismo acaba com o Brasil*" e reagiu.

Oiticica escreveu então a sátira poética:

Ao Cardeal

Cardeal, que vida é a tua, meu maroto:
Comer, beber, dormir e fornicar,
sem pensar que teu ronco e teu arroto
Causam fome e amargura em muito lar!?

Se Cristo andava de sapato roto,
tu não tens o dever de o imitar.
Também São João passava a gafanhoto,
e nenhum papa usou de tal manjar!

Um palácio é melhor que uma baiúca,
Colchão de paina é o suco em noite fria,
e uma dama cheirosa ao lado é o Céu.

41. Vale a pena ler o livro póstumo de José Oiticica, *Ação Direta* publicado pela Editora Germinal, do Rio de Janeiro, 1970. Nesta obra também aparece a "Carta-Aberta" ao dr. Aurelino Leal, conforme publicada no diário *A Rua* de 19-4-1918.

Cardeal, sangras a gente mamêluca,
e a pateta não vê que é da sangria
que escorre o vermelhão do teu chapéu.

O "pai dos trabalhadores" (Getúlio Vargas) também foi "agraciado" com seus sonetos:

Nessa tal democracia
de igrejas, leis e metralha,
goza a alta-roda vadia,
sofre a gente que trabalha.

Pegar no pesado é duro!
(pensam padres e doutores).
É melhor e mais seguro
Ser pai dos Trabalhadores.

Mais tarde foi preso pela polícia do seu "agraciado" presidente-ditador. Mas seu estro não emudeceu por isso. Restituído à liberdade voltou ao "campo de batalha" e saudou Getúlio e o seu homônimo ideológico Plínio Salgado.

Foi um zunzum feroz no galinheiro!
Chegara a hora H, e o chefe bamba,
Com tanto Galináceo no poleiro,
Ia fazer Gêgê[42] dançar um samba.

Mas Gêgê, Galo velho de terreiro,
Que sabe de que lado a roda camba,
Foi deixando que o Hitler brasileiro[43]
Forjasse, alvoraçado, a sua moamba.

O choque até dá pena confessá-lo
Parecia vitória em toda a linha...
Mas, na hora fatal, foi grande o abalo...

42. Getúlio Vargas.
43. Hitler brasileiro – Plínio Salgado.

Pois, quando o Sigma todo, em torno à rainha,
Crendo ouvir seu herói cantar de galo,
O ouviu cacarejando de galinha...

Oiticica não foi menos contundente com os fundadores do Partido Socialista Brasileiro em 1932.

Vale a pena reproduzir alguns trechos dessa "Carta-Aberta":

"Que diabo vai fazer o proletariado, inimigo nato da burguesia num parlamento essencialmente burguês, entre um Lineu de Paula Machado, o sr. Pereira Carneiro, o jesuíta Leonel da Franca ou o sr. Tristão de Atayde?

Ser, seguramente, mais uma vez, crucificado por tais Caifazes da plutocracia e do clero.

Considere-se um pobre tecelão semi-analfabeto e mais um plantador de mandioca, analfabeto de todo, a discutir leis sociais, orçamentos, escola nova e valorização da moeda!

Positivamenmte, lá no vosso íntimo, estais rindo a bom rir, dos bobos operários que vão pegar no anzol. Porém, amigos meus, vós abusais um pouco da vossa veia embusteira e da pascacice do jeca nacional. Cuidado!"

E em seguida indaga "O que é o sindicato" e ele mesmo responde: "Sindicato proletário, já vos disse, é órgão de luta. Para surgir exige duas coisas: o sentimento proletário de defesa econômica e a mentalidade proletária de insurreição".

"Coagir, pois, proletários a ingressar em sindicatos, sem uma eficiente propaganda revolucionária livre, 'propaganda contra o Estado burguês', contra o regime capitalista vigente e por uma organização internacional de trabalhadores, para uma emancipação mais ou menos próxima de todos; alistar mecanicamente camponeses numa associação, para que elejam 'representantes' a um parlamento burguês, necessariamente antiproletário, é uma dessas ridicularias calvamente maquiavélicas ou jesuíticas, que o proletariado consciente vaia e desmoraliza com dois safanões e um 'fiau' bem prolongado".

E como exortação final: "se sois amigos do proletariado, reconsiderai o vosso ato, dissolvei o vosso rançosíssimo Partido Socialista, riscai do vosso programa a tal sindicalização por decreto e a vossa representação de classe, e fazei-vos anti-socialistas, antiburgueses, antiparlamentaristas, anticlericais, anti-estadistas, todos os antis que caractérizam a revolta presente e são credencial única do revolucionário genuíno. Se não tendes coragem disso tende ao menos a franqueza de vos declarardes tais quais sois: socialistas por moda ou... por esperteza.

Patrício e amigo

José Oiticica".

Os inimigos de Oiticica alegam que não conseguiu sequer deixar continuadores ideológicos na família – salvo a fugaz participação da Sônia – enquanto outros como Foster Dulles – apoiado em informações policiais – chega a insinuar que Oiticica evitava que sua esposa ouvisse o que se dizia nas reuniões em sua casa quando se planejava ali a "Greve Geral insurrecional de 1918" com receio de que pudesse denunciá-lo. Isto é de uma primarismo e de uma má fé ilimitada, de uma estupidez secular!!!

O conceito de família, para Oiticica não se restringia simplesmente aos seus filhos e esposa: para ele o anarquismo era o elo de união da grande família dos libertários. Sua família eram, portanto, os anarquistas!

O militante acrata é uma unidade da grande família anarquista ligada por laços de camaradagem, afinidades ideológicas e emocionalmente pela solidariedade humana, a níveis locais, regionais e internacionais. Nesse sentido, não temos dúvida, Oiticica deixou familiares sinceros que vão passando suas mensagens libertárias de geração para geração. Aí estão os seus artigos, suas poesias, suas contestações, seus princípios e suas obras – geradas e redigidas por ele – servindo de evangelho e de guia às gerações de hoje, e servirão, estamos convencidos disso, às de amanhã. A bandeira negra do anarquismo será carregada pelos seus continuadores.

O anarquista integra uma grande família acima das fronteiras, os idiomas, raças, idades, cores, é Universal! Onde quer que um dos seus membros seja atingido, para lá se encaminhará os protestos e a solidariedade dos demais.

Sua companheira e filhos, a quem só deixou exemplos de grandeza, volumosa correspondência, revela-nos o amigo, o homem, o pai amoroso. Caligrafia reta, firme, perfeitamente legível, de um estilo e clareza inconfundíveis, escritas a lápis ou a caneta, e nas entrelinhas com sumo de limão. papel amarelado e chamuscado pelo fogo mortiço de vela ou de candeeiro a querosene, durante as revelações, transborda carinho, preocupação, sem segredos para com esposa e filhos.

Muitas foram escritas entre 1918/1919, quando da sua prisão e desterro; outras em 1924/25, por ocasião da sua deportação para as ilhas Rasa, das Flores e Bom Jesus. Outras saíram do quartel da Brigada Militar e dos calabouços da Polícia Central onde esteve preso em 1937, e algumas vieram de Hamburgo, Alemanha, quando ali lecionou português.

Nessa volumosa correspondência entre José Oiticica e sua esposa não se vislumbra desânimo, revolta, arrependimento ou queixas, a não ser das autoridades governamentais. Seu comportamento é irrepreensível, leal, inalterável para com a esposa e filhos quanto para com os companheiros de

prisão! Tolerância, compreensão e solidariedade não se distinguiam! Anarquistas ou não, via todos os presos como seus amigos, companheiros. Da leitura dessa correspondência destacamos, afeto, carinho, dedicação, amor à esposa e filhos, preocupaçao com suas obrigações familiares, com o estudo das crianças, alimentação, aluguel da casa, inquietação com seus alunos, seus estudos, leituras e exames; cortesia com os amigos, solidariedade e distribuição da comida que recebia com outros presos e cuidado com a censura às suas cartas. (Oiticica escrevia uma carta por dia e recebia outra de sua esposa durante o tempo que esteve nas três ilhas: Rasa, Flores e Bom Jesus.) Mesmo preso queria saber quais os professores que o substituíram no Colégio Pedro II.

Em contraposição recebeu a solidariedade do advogado Levi Carneiro, do advogado preso e anarquista Benjamin Mota, do seu pai, do senhorio da casa onde morava, dos professores, compósitores e músicos e dos companheiros de idéias.

Sua correspondência oferece as seguintes informações: a) chegada de presos à Ilha; b) a saída de presos libertados; c) a recusa às ajudas para sair da prisão mediante renúncia como o pretendeu o escritor Jackson de Figueiredo; d) carta de sua companheira "lamentando esmolas" e exaltando a solidariedade; e) comentários sobre os trabalhadores; f) pedido de Habeas-Corpus;[44] g) comentários sobre os primeiros 4 meses de deportação; h) pedido de ajuda para presos doentes e um pião e fieira para o filho do faroleiro da Ilha. Reclama dos militares-carcereiros; i) da disciplina e da falta de higiene nas celas; j) denuncia a maldade policial; l) ignora praticamente o governo que recusa pagar-lhe os salários e conceder-lhe Habeas-Corpus ou autorizar sua transferência de ilha; m) queixa-se do custo de vida; n) da longa prisão sem condenação ou julgamento e condói-se da subserviência dos juízes que fazem tudo que o Governo quer.

Pede velas à sua esposa para ler de noite, manda vender livros didáticos, concorda em contrair empréstimo em caso de não ser libertado a curto prazo, ou receber seus salários.

Vale a pena reproduzir alguns tópicos dessa impressionante e volumosa correspondência, para uma melhor compreensão do anarquista José Oiticica:

"Zinha! – Escrevo-te da casa de d. Maria Lacerda de Moura".

"O trem passava por Juiz de Fora à 1 e meia e tive medo de ser reconhecido por alguém nos hotéis. Aqui, em Barbacena, contava com a casa do Carlos Moura onde estou, não consentindo ele que eu ande na cidade. Pensa

44. O rascunho aparece no fecho desta biografia.

ele que até Curvelo eu ainda poderei ser reconhecido. Seguirei hoje mesmo às 3 horas, para General Carneiro, ali pernoitarei e tomarei o trem amanhã de manhã para Pirapora. Há navegação regular e diária no São Francisco, de modo que tudo irá às mil maravilhas". (Barbacena, 22-12-1919).

"*Cajusa:* — Bom dia. Como vai? Já ficou bom? Estou aflitíssima porque não recebo uma cartinha tua há dois dias!" (Zinha, Rio, 30/7/24).

"*Cajusa* — Recebi hoje tua carta de 22 de janeiro e o teu retrato na Ilha Rasa. Satisfizeram-me muito a tua fortaleza de ânimo e a altivez com que estás suportando estes golpes da mediocridade covarde que abusa da força de que dispõe para perseguir aqueles a quem supõem domar, sem lhes conhecer a fibra. Graças a Deus tenho filhos que possuem nobreza de alma e sabem encarar os potentados de ocasião sem se lhes abater o ânimo. É uma fortuna!"

Pai amigo — Leite Oiticica" — 11-2-1925.

"*Cajusa:* — Quem está te substituindo no Colégio Pedro II é o Sylvio Bevilaqua e na Escola Dramática é o João Ribeiro" (Zinha, 1-8-1924).

"*Cajusa:* — Não há conforto nenhum que me tente. Se por qualquer circunstância tiveres de ficar preso por muitos meses, eu saberei me arranjar mesmo por aqui desde que me deixem só com os nossos filhos em nossa casa. Me conheces bastante e sabes do que sou capaz de fazer por ti. Agora quem te dá coragem sou eu. Não desanima, tem fé e confie sempre na tua companheira de tantos anos. Farei tudo para ter seguro o aluguel da casa, o mais se arranjará". (Rio, 3-8-1924 — Zinha).

"*Zinha:* — A correspondência foi restabelecida como dantes, de modo que podes mandar tudo. Quero sobretudo que não faltem bananas; sabes que é minha alimentação principal. As que mandas iam-se em dois dias porque todos comem. Calcula que agora somos na Capela 21! Todos põem o que recebem em comuna, de modo que as bananas voam. Quanto ao dinheiro deste mês, é pedir mais uma vez emprestado ou venda livros". (Ilha Rasa, 8-8-24 — Cajusa).

"*Cajusa:* — Não fiquei zangada por não teres querido ver-me no domingo, fiquei triste, mas desde que soube da razão senti-me ainda mais orgulhosa de ti. Estou de acordo contigo e se antes tivesse sabido, não teria aceitado o oferecimento do dr. Soares Brandão que foi quem falou ao Ministro." (Rio, 12-8-1924 — Zinha).

"*Zinha:* — Com a denúncia dos implicados no celebérrimo processo de São Paulo é possível, pelo menos assim deveria ser, que levem hoje o General Villerey um dos nossos companheiros e, como o substituto do procurador geral nos afirmou aqui ser a denúncia dos processados no Rio dada conjuntamente com a de São Paulo, outros deveriam ser hoje transferidos. Juridicamente os não implicados tinham de ser imediatamente soltos e eu entre eles. No Brasil, porém, não se fazem as causas juridicamente e, assim sendo, continuarei preso para saciar as pequeninas vinganças e os custos infantis dos turussus da Terra." (Ilha Rasa, 6-1-1925 — Cajusa).

"*Oiticica:* — A tua carta de ontem só recebi hoje e assim mesmo lá ficou o princípio recebendo eu apenas o fim! Deram ao José para ler e ficaram com ela, creio que para resolverem qualquer coisa sobre as informações que me mandaste a respeito do tenente!" (Rio, 7-1-1925 — Zinha).

"*Zinha:* — Por sugestão do Backhenser fomos procurar diabase encontrando uma ponta e quando nos baixamos para arrancar amostra eu, por acaso olhando para o depósito de querosene vejo o seguinte: o tenente, um soldado e o sargento enfermeiro! o tenente dá uma ordem, o soldado arranca um pente da cartucheira, carrega o fuzil e aponta para nós. Gritei para os companheiros que, perplexos, viram o soldado a visar-nos. Agachei-me atrás duma pedra esperando o tiro. O soldado retirou a arma e pôs-se a explicar. Soubemos depois, e o Backhenser pode certificar-se com o próprio tenente que a ordem de atirar fora dada, mas que a bala encravou." (Ilha Rasa, 13-1-1925 — Cajusa).

"*Oiticica:* — Antes de tudo dou-te a estupenda notícia da fuga do Dr. Edmundo! Fugiu do hospital onde esteve o Maurício. É mais um que se vai, mas este pode viver independente ao passo que tu não podes. Mais uma vez te peço para nada tratar a respeito e quero que me prometas isso sob palavra de honra, do contrário estarei aqui sempre sobressaltada. Recebeste a carta que mandei pelo faroleiro?" (Rio, 30-1-1925 — Zinha).

"*Sônia querida:* — (escrito nas entrelinhas da carta da filha com sumo de limão, revelada a calor). Recebi terça-feira a carta que mandaste pelo mesmo portador da minha. Soube que recebeste também a canção carnavalesca. Quanto à fuga não te posso dar palavra de honra.

Isto me tolheria uma ação possível no futuro e a que minha dignidade me impila. O que te prometerei é não sair nas condições em que o ia fazer e não levar avante qualquer projeto individual. Soubemos estar o Governo em sérios embaraços. É de lamentar que ninguém saiba iniciar aí um movimento de rua, uma espécie de quebra-quebra. É o que eu desejaria promover aí." (Ilha Rasa, 5-2-1925 — Pai).

"*Minha querida Dulce:* — (continua nas entrelinhas com sumo de limão) — Perderam o tempo em combinações e tanto combinaram que a polícia descobre tudo.

Manda-me dizer se N. te levou o código de cifragem."

"O rancheiro é de confiança e desde muito nos serve de correio. Não se esqueças de obter as notícias..." (Ilha Rasa, 5-2-1925 — Pai).

À outra filha (data e nome ilegível, escrita com sumo de limão nas entrelinhas). Como não te posso ocultar nada previno-te que ante-ontem, ao sair o rebocador, houve sério atrito entre mim e o tenente, por me querer tratar como criado e me ter ofendido gratuitamente. Ele pediu, por telegrama idiota, providências. Creio que ou ele será transferido ou eu. Vê se fundas aí com outras senhoras uma Liga Pró-Presos políticos. Há numerosos aqui na maior penúria. Qualquer socorro lhes valeria muito. Padecem sobretudo os da detenção e os de bordo do Campos. Não tenhas medo; todos temos obrigação moral de entrar de corpo e alma neste movimento para derrubar os tiranetes que nos tentam matar de fome. Combina com d. Muta James, é uma revolucionária ativíssima. Entende-te com a senhora de Backhenser." (do Papai)

"*Oiticica:* — (nas entrelinhas, com sumo de limão) O Fontoura informou a um teu colega creio que do Colégio em Petrópolis, que estás preso porque és presidente da sociedade Terrorista do Brasil! Disseram-me que Rosalina é espiã do Fontoura e que vai dar aulas no automóvel dele! Na noite que estive em casa dela achei-a simplesmente tola e imbecil!"

"O Leal de Sousa contou-nos ontem na casa do Coelho Neto que viu os presos do vapor Campos trabalhando no desentulho da explosão da Ilha do Caju. Estavam todos sujos e esfarrapados, de uma turma de 200, fugiram 195 por não haver força suficiente para guardá-los. Soube que d. Muta não está presa. Voua casa de Lulu tomar informações para a carta de terça-feira". (Rio, 12-3-1925 — Zinha).

"*Zinha* — (ainda com limão) Recebeste a visita de Esperidião portador de um submarino?[45] Creio que errei a lista dos presos, por isso aqui a repito: José Oiticica, Barllett James, João Uchoa Cavalcante, Bernardo Carmo, Eurico Costa, Salvador Lima, Francisco Brandão Filho, Guilherme Telles dos Santos, Raul de Paula Lopes, Everardo Dias, Vicente Ferreira, João Nicola Floriano, Raymundo Lemos da Motta, Osmar Oliveira de Almeida, Galdino de Medeiros, Astolpho Delgado Junior e João Ferreira Chaves". (Ilha Rasa, 14-3-1925 — Cajusa).

"*Zinha:* — Receberás este por d. Irene Mota, que vai tratar especificamente da mudança dela para casa de Angelina.

45. Submarino, carta enviada por portador sem passar pela censura da Marinha.

Ela te leva uma carta do Everardo[46] para a Família em São Paulo. Entrega-la-ás a Vanda. O Everardo quer que Vanda vá levá-la pessoalmente para que a mulher e os filhos conheçam uma filha minha. Entende-te com Francisco para que se cumpra esse pequeno desejo do nosso bom camarada." (Ilha do Bom Jesus, 2-8-1925 — Cajusa).

"*Zinha:* — Releva ponderar que, se houver algo de importante a tratar, ou de te pesar muito e não vires, poupa-te ao sacrifício de manteres um capricho embora digno, pois os tiranos nem sequer merecem a honra dos nossos caprichos, nem a destruição do nosso brio e hombridade." (Ilha do Bom Jesus, 12-8-1925 Cajusa).

Nos anos subseqüentes a correspondência entre Oiticica e sua esposa continuam. Postais com data de 1926/27, cartas 1929/30 de diversos pontos do Brasil, e de Hamburgo, da prisão em 1937, tratam assuntos familiares e dos companheiros de idéias sem segredos de parte a parte: comenta-se a visita de Antonio Bernardo Canelas e o seu interesse pelo Sítio de Caramujo,[47] do anarquista russo Ossef Stefanovetoh, entre outros.

Para poder avaliar a vida do casal José Oiticica-Francisca Bulhões li uma a uma as cartas escritas por Oiticica: nos anos de 1918/21, em número de 18; das enviadas das Ilhas Rasa, Bom Jesus e Flores nos anos de 1924/25, em número de 187; e de 1926 a 1937, incluindo durante eventuais viagens e novas prisões, mais 100.

Li igualmente 32 poemas, quase tudo escrito a lápis numa caligrafia inconfundível.

De sua esposa, li 179 cartas enviadas para as Ilhas durante os anos de 1924/25, e referente aos anos 1926/31, 45 cartas.[48]

46. Trata-se de Everardo Dias, já então no PCB e sogro do seu secretário-geral Astrogildo Pereira. Embora Oiticica o considerasse "bom camarada" o Everardo provou o contrário no livro que escreveu sobre sua prisão na Ilha Rasa: *Bastilhas Modernas*. A páginas 161/2 cita poemas e hino de autoria de Oiticica sem outros adjetivos. Em obras posteriores tudo fez para apagar o nome de Oiticica.

47. Ex-anarquista, expulso do Partido Comunista sem nunca ter militado, Canelas foi acolhido num sítio de Oiticica em Caramujo transformando-se em agricultor. Ali chegou a compor o jornal *5 de Julho*. Nos anos de 1929/30 tentou comprar o sítio por dez réis de nada e queria casar com uma das filhas de Oiticica, depois sumiu.

48. Creio que o número de cartas trocadas pelo casal é bem maior, sem falar da ordem de Habeas-Corpus e bilhetes enviados aos amigos e companheiros de idéias. Isto certamente demonstra o "equívoco" de Foster Dulles ao valer-se de depoimentos policiais para insinuar que Oiticica receava que se sua esposa soubesse do plano da Greve insurrecional de 1918, poderia denunciá-la.

Escreveu ainda Oiticica hinos, poemas, crônicas, revisou obras didáticas, monólogos para o teatro libertário, o livro *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos* e alguns sonetos dedicados aos simples e aos seus filhos.

Com a morte de José Oiticica, o Brasil perdeu um dos seus melhores filhos, um educador, um padrão de honestidade (raríssimos nos dias que vivemos), um sábio!

O movimento libertário perdeu um apóstolo, um pregador, uma das grandes figuras do anarquismo.

ALGUMAS PRODUÇÕES

No jornal *O Correio da Manhã*, Oiticica foi crítico literário e no *Diário Carioca*, crítico musical. No primeiro, travava polêmicas, algumas das quais se tornaram famosas, tais como, uma com o padre jesuíta, Leonel Franca.

Participara da reagrupação do movimento anarquista de 1945 – quando da queda da ditadura de Vargas – primeiro com o seu apoio e colaboração no jornal *Remodelações*, lançado por Moacir Caminha, e depois com a fundação de *Ação Direta*, jornal que dirigiu (salvo um curto período) até a sua morte, em 30 de junho de 1957.

José Oiticica escreveu milhares de artigos e deixou as seguintes obras: *Sonetos* (1911), *Ode ao Sol* (1915), *Sonetos*, 2ª Série (1919), *Fonte Perene* (1945), *Estudo de Fonologia* (1916), Manual de Análise (1919), *Novo Dicionário Popular da Língua Portuguesa* (16 fascículos), *Do Método no Estudo das Línguas Sul-americanas* (1933), *Sistema Fonético Brasileiro* (1914). *Um Programa Heterodoxo de Português nas Escolas* (1948), *Teoria da Correlação* (1952), *Português Ginasial*, 1ª Série (1952), *Manual de Estilo* (1926), *Roteiros em Fonética Fisiológica, Técnica do Verso e Dicção* (1955), *O Teatro Russo* (1957), *Pedra que Rola* (1920), *Quem os Salva* (1920), *Pó de Pirlimpimpim* (1936), *Princípios e Fins do Programa Anarquista-Comunista* (1919), *A trama de Um Grande Crime* (1922), *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*, e traduziu livros valiosos.

"... O mal é a lei, a ordem, o mando, a autoridade das minorias, dos grupos, das famílias, das cartas, do indivíduo sobre a sociedade inteira. Os homens estão fartos de Cesares, Levitas, Cortes, Braganças, pertidos e o mais. Todos se fazem leis sobre a maioria escravizada. Vimos das ditaduras, dos vaticanos, das assembléias, experimentadíssimo do que são. Aspira-se hoje, em toda a parte, à não-autoridade, à redução progressiva ou súbita da faculdade de ordenar, da sanção com todos os seus instrumentos opressores.

O uso do poder deforma os caráteres mais apurados. As desobediências às *ordens*, coisa humana, provocam dos privilegiados reações mais ou menos violentas, conflitos desgraças."

A MEUS FILHOS

Meus versos também são meus filhos. Quando
Rompem, anjos mortais, das minhas penas,
Parecem abelhinhas de ouro, em bando,
A voarem dos alvéolos, às centenas.

São pois vossos irmãos, meus filhos! Voando
Sobre vós, crendo serdes açucenas,
Reconhecem, no vosso olhar tão brando,
Que também sois filhinhos das Camenas.

E então, zumbindo alegres, no alvoroço
De irmãos que acharam outros no caminho,
Beijam-nos zoando, sôfregos, sem calma...

E eu, chorando de amor, vejo-vos, ouço,
Acompanho esses múltiplos carinho,
E vos bendigo, ó filhos de minha alma.

"O CENTRO DE ESTUDOS JOSÉ OITICICA"

Tem o prazer de convidar V. Exa. e Exma. Família para a homenagem ao seu patrono, pela passagem do 10º aniversário de falecimento, no Salão Nobre da ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS, às 17h30m do dia 1º de julho próximo.

PROGRAMA

Falarão, por dez minutos, os seguintes oradores:

1 - Dr. Ideal Perez - Oiticica político
2 - Prof. Petrônio Mota - Oiticica filósofo e matemático
3 - Salathiel G. Barreto - Oiticica místico
4 - Albertina Fortuna - Oiticica poeta (A declamadora Genny Sardemberg declamará poemas de José Oiticica)

Escreveu ainda Oiticica hinos, poemas, crônicas, revisou obras didáticas, monólogos para o teatro libertário, o livro *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos* e alguns sonetos dedicados aos simples e aos seus filhos.

Com a morte de José Oiticica, o Brasil perdeu um dos seus melhores filhos, um educador, um padrão de honestidade (raríssimos nos dias que vivemos), um sábio!

O movimento libertário perdeu um apóstolo, um pregador, uma das grandes figuras do anarquismo.

ALGUMAS PRODUÇÕES

No jornal *O Correio da Manhã*, Oiticica foi crítico literário e no *Diário Carioca*, crítico musical. No primeiro, travava polêmicas, algumas das quais se tornaram famosas, tais como, uma com o padre jesuíta, Leonel Franca.

Participara da reagrupação do movimento anarquista de 1945 – quando da queda da ditadura de Vargas – primeiro com o seu apoio e colaboração no jornal *Remodelações*, lançado por Moacir Caminha, e depois com a fundação de *Ação Direta*, jornal que dirigiu (salvo um curto período) até a sua morte, em 30 de junho de 1957.

José Oiticica escreveu milhares de artigos e deixou as seguintes obras: *Sonetos* (1911), *Ode ao Sol* (1915), *Sonetos*, 2ª Série (1919), *Fonte Perene* (1945), *Estudo de Fonologia* (1916), Manual de Análise (1919), *Novo Dicionário Popular da Língua Portuguesa* (16 fascículos), *Do Método no Estudo das Línguas Sul-americanas* (1933), *Sistema Fonético Brasileiro* (1914). *Um Programa Heterodoxo de Português nas Escolas* (1948), *Teoria da Correlação* (1952), *Português Ginasial*, 1ª Série (1952), *Manual de Estilo* (1926), *Roteiros em Fonética Fisiológica, Técnica do Verso e Dicção* (1955), *O Teatro Russo* (1957), *Pedra que Rola* (1920), *Quem os Salva* (1920), *Pó de Pirlimpimpim* (1936), *Princípios e Fins do Programa Anarquista-Comunista* (1919), *A trama de Um Grande Crime* (1922), *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*, e traduziu livros valiosos.

"... O mal é a lei, a ordem, o mando, a autoridade das minorias, dos grupos, das famílias, das cartas, do indivíduo sobre a sociedade inteira. Os homens estão fartos de Cesares, Levitas, Cortes, Braganças, pertidos e o mais. Todos se fazem leis sobre a maioria escravizada. Vimos das ditaduras, dos vaticanos, das assembléias, experimentadíssimo do que são. Aspira-se hoje, em toda a parte, à não-autoridade, à redução progressiva ou súbita da faculdade de ordenar, da sanção com todos os seus instrumentos opressores.

O uso do poder deforma os caráteres mais apurados. As desobediências às *ordens*, coisa humana, provocam dos privilegiados reações mais ou menos violentas, conflitos desgraças."

A MEUS FILHOS

Meus versos também são meus filhos. Quando
Rompem, anjos mortais, das minhas penas,
Parecem abelhinhas de ouro, em bando,
A voarem dos alvéolos, às centenas.

São pois vossos irmãos, meus filhos! Voando
Sobre vós, crendo serdes açucenas,
Reconhecem, no vosso olhar tão brando,
Que também sois filhinhos das Camenas.

E então, zumbindo alegres, no alvoroço
De irmãos que acharam outros no caminho,
Beijam-nos zoando, sôfregos, sem calma...

E eu, chorando de amor, vejo-vos, ouço,
Acompanho esses múltiplos carinho,
E vos bendigo, ó filhos de minha alma.

"O CENTRO DE ESTUDOS JOSÉ OITICICA"

Tem o prazer de convidar V. Exa. e Exma. Família para a homenagem ao seu patrono, pela passagem do 10º aniversário de falecimento, no Salão Nobre da ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS, às 17h30m do dia 1º de julho próximo.

PROGRAMA

Falarão, por dez minutos, os seguintes oradores:

1 - Dr. Ideal Perez - Oiticica político
2 - Prof. Petrônio Mota - Oiticica filósofo e matemático
3 - Salathiel G. Barreto - Oiticica místico
4 - Albertina Fortuna - Oiticica poeta (A declamadora Genny Sardemberg declamará poemas de José Oiticica)

5 - Honra ao Mérito - Palavras da Dra. Célia Damasceno Barreto, quando será ouvida a voz do próprio homenageado, em gravação.

Encerramento com número de "Bach" ao piano, pela Professora Dulce Oiticica.

Local: Edifício da Biblioteca Pública do Estado[49]

49. Ver no apêndice, anexo I, documento de e sobre José Oiticica.

MARIA LACERDA DE MOURA, UMA MULHER DIFERENTE

Maria Lacerda de Moura nasceu na fazenda "Monte Alverne" em Manhuassu, Estado de Minas Gerais – Brasil, a 16 de Maio de 1887.

Cinco anos mais tarde, seus pais – Modesto de Araújo Lacerda e Amélia de Araújo Lacerda – transferiram-se para Barbacena.

Nesta cidade começou Maria Lacerda o seu curso primário no externato do Asilo de Órfãos, tendo como professora uma religiosa conhecida como "Irmã Rosa".

Para se contrapor ao cunho religioso do ensino recebido por sua filha, Modesto Lacerda – homem culto e anticlerical – convence Maria Lacerda a traduzir Lachatre. Contava então entre 10 e 12 anos de idade.

Receptível às idéias do grande anticlerical, a jovem Maria Lacerda começa então a posicionar-se dentro da sociedade burguesa. Lê outros pensadores identificados com idéias sociais que lhe deram a coragem e a convicção com que formaria um caráter límpido, incorruptível, libertário e humanitarista que só a morte pôde vencer!

No ano de 1900 chegou à Escola Normal de Barbacena sem perder de vista o estudo paralelo, a leitura livre, meditada, que tanto a seduzia.

Formou-se professora em 1904, com apenas 16 anos e a 14 de janeiro de 1905 casou-se com Carlos Ferreira de Moura, companheiro e amigo de todas as horas, mesmo quando deliberou ultrapassar os limites de uma união convencional.

Nos primeiros anos dedicou-se à pintura, à música, à xilogravura, à pirogravura, aos bordados e a outros trabalhos manuais ao alcance de uma mulher do interior, sem abandonar a leitura que modelou sua personalidade e robusteceu sua cultura. Aos 21 anos foi nomeada professora de trabalhos manuais da Escola onde se formara, passando depois a ensinar pedagogia, higiene e acabou nomeada diretora do "Podagium" anexo à Escola Normal de Barbacena.

Não obstante a dedicação que devotava ao ensino, continuou aprofundando-se na questão social. Boa observadora, toma contato com os moradores de "casas" de lata e sacos "construídas" no sopé dos morros, sem pisos, sem água e sem esgoto. Analisou a vida dolorosa daquela gente. Percebeu que prestavam serviços à sociedade executando trabalhos pesados, mal pagos e por isso não podiam possuir e/ou morar em residências com um

mínimo de conforto e de higiene! Sentiu-se diante de alguma coisa que já tinha lido.

Não hesitou, associou-se a outras mulheres de Barbacena e começou sua primeira tentativa de corrigir essa distorção social: sensibilizando a população da cidade. Promoveu festas de arte, angariou fundos destinados à construção de moradias mais confortáveis do que as "casas" de lata. A iniciativa repercutiu na cidade, foi bem acolhida pela população. Em pouco tempo seu esforço deu frutos positivos: com o dinheiro arrecadado e materiais doados foram construídas 22 casas no alto de uma colina em Barbacena, entregando-as, quando prontas, às famílias mais carentes. O conjunto ganhou o nome de "Vila D. Viçoso."

Depois partiu para o ensino gratuito, fundando a "Liga Contra o Analfabetismo" com a colaboração de oficiais do Colégio Militar. Apesar de suas boas intenções no combate ao analfabetismo, Maria Lacerda de Moura percebeu que não bastava saber ler e escrever. Os métodos de ensino em uso, escritos sob encomenda, condicionavam as crianças estreitando seus horizontes.

Começa então sua pesquisa e seus estudos pedagógicos!

Lê Maria Montessori, Paul Robin, Sebastião Faure, obras escritas para a "Escola Moderna" fundada por Francisco Ferrer, em Barcelona, no ano de 1901 e compreende a pobreza do ensino que exercia.

Era preciso reformular a educação, criar novos métodos, fundar uma escola nova.

Envolvida por sentimentos humanistas e decepcionada com o meio onde lecionava, libertariamente, parte rumo a São Paulo no ano de 1921, em busca de um espaço maior.

Vivia-se então o auge do movimento anarquista no Brasil. São Paulo era o seu motor de propulsão. Ali chegando, Maria Lacerda de Moura, começou a dar aulas particulares, a colaborar na imprensa anarquista e afim, e a proferir conferências nos meios operários.

Adere à luta dos anarquistas, aos métodos da "Escola Moderna" toma parte na fundação da "Federação Internacional Feminina" e em seu nome, na "União dos Trabalhadores Gráficos" pronuncia conferência encerrada com as seguintes palavras:

"Operários do meu país: não vos esqueçais de que o homem se eleva pela moral sã e não pelos instintos baixos.

Temos em nós o fogo que purifica e o charco que enodoa.

Lembrai-vos do respeito que deveis às vossas mães, esposas, irmãs, e filhos e tende piedade da mulher indefesa, escrava como vós: pensai também na sua libertação.

E quando atingir-nos a grande e triste catástrofe tende compaixão da vossa irmã, da mulher, conservada também na ignorância.

Não façais do instinto bestial o vosso galardão!

Levai como estandarte o ideal de liberdade – sonhado, voando a alma panda de luz e de fé, cantando o hino da civilização da igualdade.

Uni-vos no desejo único de trazer a felicidade à Terra. Em nossos dias não teremos paz.

Agora é que deveis proclamar a beleza dos sentimentos.

Se fordes puros como o sonho que agita as almas puras, a história dirá, mais tarde: os operários do Brasil alcançaram o que souberam desejar porque levaram a bandeira branca do ideal e não a mancharam no lodo dos impulsos baixos que aviltam e degradam.

Acalentai o sonho de igualdade econômica e de ação. Trabalhai por ele.

Tende esperança.

Revolto-me contra essa desigualdade que o berço inconsciente espalha e creio na redenção da humanidade pela própria humanidade.

O Sol, a água, o ar, espalhados por todo o planeta são o símbolo da igualdade que deve reinar entre os homens.

Já que não podemos evitar a revolução das classes, revolução que se prepara, surda, entre as nações – ergamos, num grito ardente de fé, a nossa voz, proclamando, pela palavra e pela ação, intenções puras que desejam a felicidade para todos os homens e pedem o direito à vida, à saúde, ao alimento, à casa, à instrução, aos divertimentos, a tudo que alegra a alma, dos ricos e que, até agora, têm sido vedado aos pobres, aos que mais trabalham.

Detesto a violência, o roubo, o assassínio, o massacre, a dinamite,

Preferirei sempre – morrer a matar.

Mas – adoro a Justiça, a Liberdade, a Solidariedade.

Tenho fé num futuro em que os homens trabalhem para o bem comum.

E a liberdade de ação e a igualdade econômica farão todos irmãos.

Avante Operários!"

No jornal *A Plebe*, Maria Lacerda de Moura inicia colaboração sob o tema "Ciências Básicas e Auxiliares de Pedagogia-Psicologia Pedagógica" continuando e ampliando assim um trabalho iniciado por Neno Vasco em *A Terra Livre*, no ano de 1906.

Em fevereiro de 1923 lança a revista *Renascença*. Publicação mensal, ilustrada em cores, tamanho 32x23, 30 páginas, com redação na Rua Visconde do Rio Branco, 83 — São Paulo, assinatura anual 10$000 e a semestral 6$000. Seu alvo de ataque era a sociedade caduca, a desigualdade social, a corrupção, os vendilhões do ensino surrado, os vícios, as drogas, o jogo. Sua bandeira de luta a emancipação da mulher, a divulgação da arte sadia, da poesia, da música, do livro, e a questão social. O primeiro número esgotou-se em 2 dias. A imprensa do Brasil recebeu *Renascença* com palavras de carinho e aplausos.

O Templário (jornal dos maçons) escreveu: "*Maria Lacerda de de Moura*. Os brasileiros devem orgulhar-se de possuir uma patrícia tão ilustre como aquela cujo nome bem conhecido encima estas linhas.

Já produziu, entre outras, as seguintes publicações: *Em Torno da Educação, Renovação* e *A Mulher e a Maçonaria*, tem no prelo *A Fraternidade e a Escola*, e prepara outras obras de grande valor"...

O jornal anarquista *A Plebe*, também comentou o aparecimento de *Renascença*: "O número de estréia foi um sucesso"...

"Efetivamente, havia razão para isso, devido a importância moral da obra que a simpática revista de arte e pensamento se propõe realizar no meio, tratando de assuntos vários sob um ponto de vista mais elevado, do que o das congêneres, sem deixar passar despercebidas as nuances características dos acontecimentos desenrolados no cenário da sociedade brasileira que tudo se descortina aos olhares perscrutadores e inteligentes de sua ilustre diretora, Maria Lacerda de Moura, cujo espírito crítico se alia à mais bela e nobre das intenções humanas: educar e instruir o povo, para livrá-lo da escravidão e dos opróbios".

Sua distribuição era feita nos nove maiores estados do Brasil, na Argentina, através de Júlia Garcia Cames e em Portugal, ajudada pela sua colaboradora: Ana de Castro Osório.

De 1921 a 1928 Maria Lacerda de Moura desenvolve intensa atividade emancipadora escrevendo e publicando livros, colaborando na imprensa libertária e/ou fazendo conferências nas associações operárias, nos "Centros de Cultura Social" e na abertura de espetáculos de teatro anarquista.

Os políticos do Brasil, uns por medo da revolução que pregava e outros por incapacidade de acompanhar sua inteligência e seu raciocínio, tapavam os ouvidos ou sabotavam seu nome e suas iniciativas libertárias. Apesar disso sua voz e sua obra alcançou a América e a Europa. Tornou-se um prolongamento do filósofo Han Ryner no Brasil e popular no Uruguai, Argentina, Chile e México. Colaborou nas grandes revistas de arte e filosofia da América e no ano de 1929 seus admiradores quiseram conhecê-la. Manda-

ram-lhe passagens de ida e volta e anunciaram suas conferências. Foi uma viagem de grande repercussão em Montevidéu, Buenos Aires e Santiago.

De regresso continuou sua evangelização libertária em São Paulo.

A duras penas conseguiu construir um modesto casebre em Guararema onde viveu os anos pré-revolucionários que culminaram com a implantação da ditadura fascista sob o comando de Getúlio Vargas. Neste entreato (1932) esteve no Rio de Janeiro a convite da "Liga Anticlerical" e pronunciou uma conferência publicada no ano seguinte com o título *Serviço Militar Obrigatório para a Mulher? — Recuso-me! Denuncio!*

Entre os amigos mais íntimos de Maria Lacerda de Moura estava Rodolfo Felipe, anarquista, italiano, criado em Minas, redator de *A Plebe*, por vários anos. Com este companheiro trocou cartas — algumas delas em poder do autor deste trabalho — nas quais faz distinção entre "camaradas e amigos", queixa-se "da multidão que se abalroa e se nega em blocos e igrejinhas — em nome da Anarquia — sem anarquistas" e desabafa: "Não estamos ainda à altura da bondade da pureza dos Reclus ou dos Kropotkin".

Nesse mesmo ano de 1934, foi acometida de forte reumatismo e obrigada abandonar o seu retiro em Guararema para residir no Rio de Janeiro. Ali colaborou na imprensa e proferiu conferências nas associações operárias. Já então se fazia sentir a perseguição do Governo pré-fascista, através do seu Ministério do Trabalho, pressionando os operários aderir...

Em 1935 resolve regressar a Barbacena e terminar ali seus dias ao lado de sua mãe. Tentou encontrar um cargo de professora mas a polícia de Minas Gerais tinha anotado em seus arquivos que Maria Lacerda de Moura era "comunista perigosa" e ninguém lhe deu trabalho. Sem meios de viver por si mesma, independente como era, não se curvou às exigências dos integralistas e retorna ao Rio de Janeiro, passando então a viver na Ilha do Governador, numa casinha modesta, cercada de flores que ela mesmo plantava e tratava com tanto carinho quanto aos seus livros.

Em 1942 escrevia uma longa carta a Rodolfo Felipe da qual reproduzimos as duas primeiras páginas.

"Distrito Federal — 16 de abril de 1942.

Bom amigo Rodolfo Felipe.

Saudações muito afetuosas. Recebi hoje, sua carta de 12, ao chegar ao Rio. Foi uma surpresa agradável, com que eu não contava, porém, esperava de há muito. Sei que os velhos amigos não nos esquecem. Quantas cousas, desde 1935! Por duas vezes me encontrei com Edgard, por acaso, e perguntei suas notícias. Às vezes tenho vontade de ir a São Paulo, onde deixei boas

amizades, mas, primeiro, a luta foi horrível, econômica e de falta de saúde para mim. Até coqueluche eu tive há 2 anos!

Agora estou bem mais forte, bem disposta, renovei-me a poder de força interior. Mas, minha Mãe está velhinha, e enquanto ela viver, não tenho o direito de viajar senão para visitá-la em Barbacena (Minas).

Que luta, Felipe! Tenho saudades de São Paulo, do ambiente mais sério. Não me habituo à vida de samba do Rio! É verdade que vivo isolada na minha casinha na Ilha. Moro absolutamente só. Carlos tem um quarto alugado no Rio e vem aqui, aos domingos, para descansar. Continuamos bons amigos, mas vivendo sempre separados, desde 1927. Este problema foi resolvido definitivamente desde aquela ocasião e acho ótimo. Interessante como as pessoas podem ser amigas sem nenhuma compreensão!...

Está cada vez mais careca e mais apreciador de mocinhas e de gozar a vida...

Eu vivo minha vida de asceta, só, estudando e lendo como sempre. Sempre tenho o que ler e o que estudar. Mas, é demais o isolamento. A não ser umas duas amigas cuja presença me é agradável, tudo mais é tédio, incompreensão e vulgaridade.

Encontro-me de vez em quando, bem freqüentemente aliás, com Oiticica, na Fraternidade Rosa Cruz. É o único que vejo por aqui. Não se encontra um só dos antigos companheiros. Voltei, para lecionar Astrologia na Fraternidade, a chamado justamente do Oiticica. Tudo isso, para vocês, é loucura... Mas, vocês não estudaram Astrologia e a gente só pode negar ou acusar aquilo que se conhece. Kepler, o grande astrônomo, era astrólogo. Fiquei enteirada da vida, da burrice, da imbecilidade humana, da estupidez bestial dos nossos dias. Ficar lamentando? — Nada disso. Olhei para as estrelas e tive vontade de fugir da Terra. Não posso nem devo fazer como o Stefan Zweig. Então, fui estudar as vibrações cósmicas e encontrei paz nos estudos astrológicos. Encontrei a paz porque, enquanto todo mundo está horrorizado com a guerra e suas conseqüências, eu fui estudar a guerra e a nossa época, à luz da Astrologia, e a calma me veio, total, porque vi o caminho que o mundo vai tomar.[50]

Tenho a certeza de que os dias do fascismo e nazismo, matematicamente estão contados".

No mês seguinte Maria Lacerda de Moura ainda escreve novamente ao "amigo Felipe" contestando alguns pontos negativos do livro de Afonso Schmidt *Colônia Cecília*.[51]

---

50. "Isso não impede que, mui comumente as lágrimas me corram dos olhos... O coração sangra neste mundo de misérias!"

51. Esta carta aparece na íntegra em documento, ao final do volume.

Apesar da calma e do conformismo aparente, envelhecera precocemente. O isolamento forçado pela ditadura fascista de Vargas e da Guerra Mundial roubando-lhe a formosura, a sua beleza física que encantava tanto quanto a sua inteligência e a sua cultura, vencendo-a!

Dedicada ao estudo da astrologia, às flores e a sua mãe que ao falecer em setembro de 1944 precipitou o seu fim, tal era a afinidade e o amor que lhe devotava, faleceu a 20 de março de 1945 com 58 anos incompletos.

Alguns jornais noticiaram o falecimento de Maria Lacerda de Moura.

Afonso Schmidt publicou extensa biografia em *Lavoura e Comércio* de Uberaba, Minas Gerais, trabalho mais tarde incluído no livro *Bom Tempo*. Falou também de sua vida e obra *O Trabalhador Gráfico* de São Paulo. *A Noite* encerrava longo comentário assinado pelo anarquista Osvaldo Salgueiro: "Creio que podemos afirmar sem receio de contestação, que Maria Lacerda de Moura foi, até hoje (1945), a mais culta das escritoras brasileiras".

Os poetas também falaram da anarquista Maria Lacerda de Moura. Vale a pena incluir a última estrofe de "Visões do Infinito" (Homenagem à Maria Lacerda de Moura, a maior mentalidade feminina neo-estoica da América do Sul):

"De sublime explendor d'alma envolta em coisas mansas,
Relicária de luz tão intensa como nossas esperanças,
Bafejas de Amor, de harmonia, de sutileza e graça,
O monturo de ignomínias que se estampa e surge da desgraça;
Vítimas inconscientes que a sociedade vil arrasta
Seus próprios semelhantes — como indesejável casta!
A ti — Oh! alma feita de luz sacrossanta e bendita,
Sudário imenso de Amor que entre a turba maldita
Pulveriza a dor, a fome, a mágoa e a tolerância,
Tudo enfim que resume em si — do viver a ânsia,
Abrindo os portais infinitos da Vida em sua própria essência,
Rendo o culto do respeito e da admiração — em nome da Ciência!
Diante da amplitude incomensurável que o Infinito encerra,
Nada de novo se apresenta sobre a face da terra...
Sidney."

A ESCRITORA

Maria Lacerda de Moura estreou com a obra *Em Torno da Educação* no ano de 1918. E apesar da autora anos mais tarde considerá-la vulgar, recebeu

na oportunidade comentários elogiosos, incentivos do poeta Olavo Bilac, dos profs. Sá Vianna, José Oiticica, Candido de Figueiredo (de Portugal) e dos escritores Carlos Malheiros Dias, Luiz Guimarães Filho, Manuel Bonfim, Carlos Sussekind de Mendonça, do argentino José Ingenieros e muitos outros vultos das letras.

Todo o trabalho literário de Maria Lacerda de Moura prima pela seriedade e pelo humanitarismo com que trata desde a dedicatória e/ou apresentação até ao tema em pauta.

Quem abre *Por que Vence o Porvir?*, produto de conferência publicada em 1919 ou *Renovação*, obra lançada no mesmo ano com 261 páginas, sente imediatamente a idéia-mestra da autora: O anarquismo individualista.

Logo no "Prefácio" de *Renovação* sobressai o sentimento, a firmeza e a convicção da autora: "A razão deste livro é simples – afirma!

Estudei sozinha. Eu mesma me indicava os autores que devia ler. Conheci-os, uns através dos outros. E lia tudo: livros de filosofia, lógica, pedagogia, psicologia, moral, etc., etc., – procurando interpretá-los.

Que soma de prazeres imensos!"

"Quando julgava interpretar uma página de Rousseau, um pensamento excelso de Platão, uma teoria de Spencer, quando sentia a filosofia de Guerra Junqueiro, o amor de Tolstoi ou de Kropotkin, a poesia de Goethe, – as lágrimas quase me banhavam o rosto e, prosseguia enlevada".

A página 204/5 Maria Lacerda de Moura contesta as instituições burguesas: "E querem convencer-nos de que – sem a força, a lei, o governo – a mulher se entregará ao primeiro que passar! Nunca!"

"Eduquem a mulher, despertem a sua consciência, iluminem a sua clarividência moral e ela reformará o mundo, fará da humanidade em luta a alavanca formidável em caminho de um mundo novo.

E veremos a cooperação de todas as forças para a felicidade coletiva.

O amor livre pregado pelos grandes idealistas não é a imoralidade, a dissolução da família e do lar, o mercado de prostituição, a libertinagem que sem o amor livre campeia desenfreada nesse triste século parecendo querer reviver a degradação de tempos imemoriais".

Em sua obra póstuma *O Silêncio* recorda: "Quando durante quinze anos ininterruptos dediquei-me ao estudo e à prática da pedagogia, psicologia pedagógica e higiene infantil, como professora em uma Escola Normal e Diretora de um pedagogium, ainda que bem moça, nunca imaginei que fosse para sofrer agora, vendo por toda a parte, ao redor de mim, as crianças de hoje tão mal educadas. Naquele tempo me alimentei de todas as idéias pedagógicas contidas em livros técnicos e filosóficos chamados educadores, e repeti com todo o mundo, as frases rotineiras e vulgares que todo o mundo

continua repetindo como um eco, porque a humanidade tem horror à verdade e cultiva as ilusões e a mentira, com medo da necessidade de raciocinar. Muitas vezes em aulas repeti a consagrada frase de Locke, um dos tais filósofos educadores...: 'a criança é uma página em branco, um bloco de cera, no qual escreveremos ou no qual modelaremos a imagem que queremos'... Com que entusiasmo eu pensava que o povo em um momento podia realizar a transformação radical do mundo! E que dolorosa experiência me aguardava, experiência cheia de riquezas, um tesouro de sabedoria, para que eu aprendesse a varrer do cérebro todas as frases preconcebidas e procurar desprender-me de tudo quanto me ensinaram, para ir, por mim mesma, buscar e dizer valorosamente a verdade da minha consciência. Tesouro caído para mim do céu, esta dolorosa experiência que me abriu os olhos para ver por mim mesma, deixando de lado os chamados mestres intelectuais, para guiar-me pelo meu Mestre interior".

A observação em profundidade da professora Maria Lacerda de Moura deu-lhe a convicção de que "nada educa, todos deseducam e na deseducação, cada qual se empenha em ensinar às crianças uma mentira social... uma hipocrisia, para que de pronto aprendam a matar a consciência interna".

E convicta da validade dos métodos educativos pitagóricos, baseados na filosofia ou sabedoria do silêncio, comenta com desenvoltura a sua decepção: "Em vez das lições do silêncio e dos métodos montessorianos para o despertar interior da iniciativa e do controle, nossas escolas têm a brutalidade do futebol e nos lares só se ouvem as novelas policiais do rádio. Belíssima educação de violência e de crime, de egoísmo e de métodos modernos de chantagem, de traição, de brutalidade e de futura ação política e de bandidos".

Em seu livro *Civilização – Troco de Escravos* continua avançando nas suas concepções libertárias:

"O Capitalismo industrializado se apodera de todo esse afã científico, mesmo ainda em embrião, de maneira que canaliza as energias humanas em uma direção única – a luta de competições, a concorrência econômica, o assalto às posições já ocupadas, o nacionalismo e, conseqüentemente, as guerras.

Todo o gênero humano vive para a cumplicidade brutal da prostituição sob todos os aspectos, pois que a organização social capitalista não passa de um vasto bordel em que se compram e vendem todos os sentimentos e as mais nobres aspirações, o Amor e a Consciência, as mais altas manifestações de Vida humana.

Em toda a humanidade, em tempo de paz como em tempo de guerra, vive, trabalha, luta pela cumplicidade que leva os humanos a se estraçalharem ferozmente nos campos de batalha".

Maria Lacerda de Moura entrou em polêmicas de grande envergadura, atacou o clero e o fascismo, com valentia, contestou os governos de todas as cores ressaltando sempre em cada parágrafo, em cada capítulo ou em cada obra suas idéias anarquistas.

Individualista, livre como era, detentora de extraordinária capacidade de pensar, falar e escrever jamais deixou de destacar a educação como uma necessidade de se chegar a uma nova sociedade, mesmo quando o movimento ou grupos anarquistas acreditavam numa revolução violenta para breve.

Fala de Rousseau, da escola Campius de Robin, da Yasnaia Poliana de Tolstoi, de La Roches, de Edmund Demolina, de Case dei Bambini de Montessori e exalta Ferrer e a Escola Moderna por defender a Educação universal e não excepcional; conforme as vocações e não arbitrária; convergente e não divergente; ativa e não passiva; composta e não simples; integral e não parcial; de desenvolvimento e não de constrangimento.

Para a escritora "a educação começará no berço – antes do berço; começará na escola – antes da escola; começará nos corações maternos". "Não há [afirma] uma pequenina nesga de Arte nas nossas escolas, nem um farrapo de Beleza, um só gorgeio de Idealismo: – é a aridez na sua mais triste solicitude.

Tudo ali é vago, sem significação: até o patriotismo que se empenham em fazer vicejar lá dentro – é tão estéril que as crianças o não compreendem.

Os hinos escolares!

Quando muito, são apenas estímulos guerreiros e odiosos, afagando lembranças atávicas.

Como é diferente a escola que Canta dentro de mim!" (*Religião do Amor e da Beleza*).

A POLEMISTA

Quem lê as obras de Maria Lacerda de Moura não tem dificuldades em perceber a fluência de sua argumentação, o vigor e a profundidade dos temas que se propõe tratar.

Mulher independente, estudiosa, de palavra fácil, não rejeitava adversários desde que soasse à sua consciência como opressão, discriminação, exploração ou violência, as posições ou idéias defendidas em nome de pessoas, de governos ou da Igreja.

Doía-lhe as injustiças praticadas contra os trabalhadores, a exploração de que eram vítimas em nome de falsos direitos convertidos em leis pelos governantes sob a égide do Estado. Doía-lhe, revoltava-se contra os poderosos, os falsos educadores chauvinistas que continuavam convertendo a mulher num ser inferior, sob a proteção do Estado e da Igreja.

Ainda em Barbacena, Maria Lacerda de Moura, recebeu das mãos do dr. Jorge Vaz, um trabalho do psiquiatra português, Miguel Bombarda,[52] intitulado *A Epilepsia e as pseudo epilepsias* onde o autor tenta demonstrar que "a mulher é uma degenerada", um ser inferior ao homem. Não se conformou com a Tese e começou a estudá-la, produzindo então o que viria a ser uma das suas melhores obras: *A Mulher é uma Degenerada?* rechaçando a tese de Bombarda, "como suspeita e antiquada", demonstrando ainda que o sexo não tem inteligência. "A nobreza – diz a autora – pode florescer nos dois sexos".

Constrói o vocabulário "*masculinocracia*" para definir o proprietarismo sexual do homem sobre a mulher, eterna escrava pelas leis do matrimônio e dos costumes. Ataca a crueldade masculina que vê a mulher como fêmea, capaz de satisfazer os seus impulsos sexuais. "O Sr. Bombarda ou a opinião por ele sustentada discute com a mulher o que devia discutir com a Massa, com a mediocridade", ao afirmar haver nela "certo grau de anomalia mental que a torne meio antagônico com o ambiente social".

Inconformada, Maria Lacerda de Moura contra-argumenta: "Digamos de passagem: ambiente social para o Sr. Bombarda é o ambiente masculino. A mulher foi escrava em todos os tempos, é preciso repetir.

Como exigir dos escravos as virtudes e a desenvoltura dos homens livres?

A literatura dos "almofadinhas", dos "faceira", a literatura dos *Bois de Boulonge*, dos *Boulevards*, das *Avenidas* não se empenha em *conservá-la irresponsável, dependente*?"

Ainda no terreno da responsabilidade masculina pela posição subalterna da mulher na sociedade, Maria Lacerda de Moura ataca a educação chauvinista:

"O homem é homem antes de ser pai.

É sábio ou generoso, filósofo ou operário, político ou guerreiro, inventor ou andarilho independente das funções de pai.

E por que razão nos dizem com arrogância axiomática: *a mulher nasceu para esposa e mãe, para o lar?*

Se o homem, socialmente falando,tem fins a preencher independente do sexo, a mulher não menos, é claro.

---

52. Miguel Bombarda, tido como português, nasceu no Brasil, mais exatamente no Rio de Janeiro e foi assassinado em Lisboa no ano de 1910, por um paciente.

A enfermeira, a operária, a cientista, a escritora, a professora, a médica, etc., etc., entregar-se-á mais bem aos deveres sociais se não tiver filhos.

Assim, também a mulher, socialmente falando, nasceu mulher antes de ser esposa ou mãe.

Não há dúvida: o homem não foi a plenitude do seu desenvolvimento quando não agiu senão em benefício social — esquecendo-se da missão de pai de família.

A mulher falhou na vida se não teve ocasião de derramar em volta do lar os tesouros do amor e carinhos reservados para um homem e para os filhos.

Os dois se completam. São diferentes e indispensáveis um ao outro.

A educação tem portanto dois ramos:

— Educar o pai de família para os deveres do lar.

— Educar o cidadão para ser útil à coletividade.

— Educar a mulher para esposa e mãe.

— Educar a mulher para colaborar na vida social".

Avançando sempre na direção da tese de Bombarda continua:

"A mulher é diferente do homem — não inferior.

Sua inferioridade é apenas econômico-social, inferioridade de preconceitos.

Os séculos de escravidão fizeram dela ente mais fraco física e mentalmente.

A educação feminina ou melhor a deseducação da mulher tem retardado a civilização".

"Que ponto de vista limitado e egoísta!

Se a inteligência feminina se desenvolver pela educação — a espantosa faculdade de reprodução (de brasileira por exemplo) se regulará para dar lugar ao desenvolvimento do cérebro.

E haverá mais higiene, mais saúde, menos mortalidade infantil, mais amor de mãe, menos '*amor da macaca*', acréscimo de população".

"A mulher precisa sentir a verdadeira vida, viver pelo pensamento, ter *Clarividência moral*".

Com fartos argumentos, cheios de lógica e vibrantes de convicção persegue a tese de Bombarda:

"A mulher ignorante é incapaz de sentir a sua missão.

Considerando que a mulher, de qualquer condição, ao lado do homem representa a fascinação, o amor, a força para o bem, ou para o mal, — é indispensável educá-la, instruí-la até onde puder voar a sua inteligência, a fim de que ela seja o poder consciente, a *Clarividência moral* para benefício da sociedade humana em busca do bem-estar para todos".

"A educação verdadeira se impõe a fim de fazer desaparecer a intransigência e tornar a Terra uma imensa *Comuna*, governada por uma única

autoridade — o *Amor*, dominada por uma só religião sem dogmas: a procura da *Verdade*.

É preciso fazer sentir à criança que ela não nasceu para pensar e agir somente em benefício próprio e, como membro da grande sociedade, deve ser útil a todos os seus irmãos.

A vantagem social sem prejuízo do indivíduo, Liberdade do indivíduo sem prejuízo da sociedade".

E depois de refutar um a um os argumentos do psiquiatra lusitano, Maria Lacerda de Moura encerra com uma mensagem ideológica de emancipação social e humana:

"Resta-nos o espírito combativo: acotovelaremos as contingências da vida e deixaremos para as gerações vindouras o exemplo do caráter incorruptível, a coragem das convicções, o protesto enérgico e o grito de entusiasmo por todas as causas justas, entre as quais destacamos, neste volume o livre exame para a mentalidade feminina. O que eu desejo é muito: anseio pelo bem-estar social, pela igualdade econômica, pela liberdade de ação, pela educação racional, pela Arte, por todas as emoções do Belo e da Verdade Científica".

Isto era o começo de uma grande "batalha"...

Quatro anos mais tarde a escritora provocou grande controvérsia, tumultos, insultos e o empastelamento dos jornais fascistas de São Paulo: *Il Picolo* e *Fanfulla*.

A "explosão" resultou de um artigo intitulado "*De Amundsen a Del Prete*" publicado em *O Combate*, de 18-8-1928. Eis a "bomba":

"Sensibilizada até às lágrimas a tocante homenagem de toda a imprensa e do povo brasileiro ao denodado 'ás' italiano Del Prete, 'hóspede ilustre do Brasil e cidadão acreditado da nossa metrópole', na linguagem devotada dos jornais de grandes tiragens.

Desaparece mais um herói e um herói desses raros heroísmos, com as três ações, de acordo com a frase altissonante de Monsenhor Lari: 'um homem completo, com as três noções exatas e profundamente elevadas, a da religião, a da família, a da pátria'."

E depois de algumas considerações de rara lucidez sobre o "patriota-camisa preta" vai ao fundo do seu tema:

"Del Prete teria sido herói de verdade, se tivesse ido atrás de Amundsen. Mas, lá nos Gelos polares não há aclamações ruidosas, não há as massas populares para o delírio de entusiasmo esportivo como nas torcidas do futebol e nos páreos de corridas elegantes".

"Enquanto algumas nações européias e os seus 'ases' se movimentavam, fraternalmente para encontrar o grande Amundsen e os companheiros de

Nobile, Del Prete e Ferrarin fazem o vôo América, desviando atenção das multidões para o novo espetáculo".

Opunha-se assim Maria Lacerda de Moura pela palavra escrita ao delírio guerreiro que se desencadeava em nome do facismo de que era principal porta-voz no Brasil o jornal *Il Picolo*. "A insensatez desses *raids* sem nenhum objetivo científico, sem nenhum interesse humano". "É a obra de ódio e não do Amor, é obra da perversidade das escolas de chacina, é a conquista banal, a glória mundana, a glória guerreira, a obra do patriotismo e do esmigalhar de tantas energias moças no efêmero das lágrimas de saudade de um povo, e na vulgaridade patrioteira do 'orgulho da raça'."

Para a mentalidade estreita, fascista de 1928, o fecho do artigo de Maria Lacerda de Moura denunciava uma autêntica catástrofe:

"Sim, Monsenhor Lari, glória aos heróis obscuros que, generosamente, dão a sua vida a fim de que a verdadeira palavra de Cristo seja enfim realizada na Terra: Sem Pátria, sem fronteiras, sem família e sem Religião".

Os sinos tocaram a rebate! A fina flor clerical munida dos argumentos dos "camisas pretas" italianos e brasileiros de São Paulo, encheram as páginas de *Il Picolo* e *Fanfulla* com ataques e calúnias à polemista libertária.

Revidando os insultos os estudantes empastelaram os dois porta-vozes do fascismo italiano em terras brasileiras.

Na oportunidade o *Diário da Noite*, comentando as injúrias e ofensas proclama: "Uma insólita brutalidade, tamanha, que se essa senhora, – a quem não a conhecemos – tem pai, irmãos, marido – esse pai, esse irmão, esse marido, está no indeclinável dever de lavar a afronta em sangue".

À sugestão de "lavar a afronta em sangue", Maria Lacerda de Moura, opõe-se evocando sua mãe:

"Mãe querida, Mãe adorada, Mãe tão humana, não podias melhor defender a minha honra, tu, cuja consciência é a minha própria consciência e que sabe que eu nunca insultei a quem quer que fosse e os que me insultam, bem sabes, são seres alucinados por um fanatismo cego, que lhes não permitiu discernir que a minha palavra é um esforço para mais Harmonia e mais Amor. Amor que quer a solidariedade humana, Amor que quer a expansão das verdades interiores de cada consciência, Amor que sem constrangimento, sem violência, sem ódios, sem rivalidades deve desabrochar, harmonicamente, sob os raios do Sol da Liberdade".

Ainda bem não havia silenciado o eco das "explosões" provocadas com *De Amundsen a Del Prete*, e Maria Lacerda de Moutra é "chamada" para defender o direito de pensar em voz alta. E novamente se envolve, desta vez com o "Estado e o Clero", em nome do livre pensamento:

"Somos a ponte entre duas épocas – afirma. Somos o marco entre duas civilizações. O silêncio, agora, é a conivência. Carregamos o peso morto do cadáver insepulto dos dogmas e da superstição.

Conservar a múmia das mentiras convencionais, a poder de injeções de vitalidade fictícia, é tornar pestilenta a atmosfera moral em que respiramos.

E nem somos dignos de viver em um século tão grande, se não estamos à altura de sentir o momento mais admirável da história da nossa civilização, se não sabemos defender as conquistas de liberdade dos antepassados gloriosos".

E finalizando:

"Passam os legisladores, passam os governos, passa o despotismo, passam todos aqueles que se arrogam o direito de atirar a primeira pedra, passam os Juízes e acusadores – só não passa a consciência humana clarividente, só não passa o pensamento livre – para analisar os crimes políticos dos que governam e exploram, cinicamente, os destinos dos povos".

Por esta época (1931-1934) o nazi-fascismo embriagava muita gente com as bênçãos da Igreja e dos responsáveis (políticos e militares) pela grande hecatombe que ensangüentaria a Humanidade (1939-45).

Era preciso protestar! Maria Lacerda de Moura junta-se a 33 intelectuais brasileiros e nas págs. 39-52 do livro *Por Que Ser Anti-Semita*, demonstra mais uma vez as intenções guerreiras dos Trogloditas. Mas era pouco! E voltou à "Liga Anticlerical", no Rio de Janeiro, para proferir as seguintes palavras:

"Sem Pátria, Sem Fronteiras, Sem Família e sem Religião... Afirmando a Humanidade, tenho que 'negar a Cidade'... Fora da Lei: recuso os direitos de Cidadania. O Estado como a Igreja, são de origem divina....

Patriotismo, nacionalismo, fronteiras, pavilhão nacional são corolários.

Ídolos vorazes, os Deuses dos exércitos e dos autos-de-fé exigem vítimas em massa.

A minha família sou eu quem a escolhe.

A Lei impede o direito da escolha e os costumes solidificam as leis.

A Lei nada tem que ver com as minhas predileções afetivas"...

A ANARQUISTA INDIVIDUALISTA

Recentemente têm-se cometido alguns equívocos envolvendo Maria Lacerda de Moura e a "Comunidade de Guararema", fundada no final do século 19 pelo anarquista italiano Arthur Campagnoli com a participação de libertários de diversas procedências.

Ao contrário da "Colônia Cecília", onde tudo se fazia em comum: construção de moradias, "Casa das Reuniões", casa do moinho, cozinha, refeitório, poço, o cultivo das terras e o produto era depositado em celeiro para ser utilizado coletivamente, assim como as despesas com aquisição de materiais e ferramentas, inclusive a biblioteca, o arquivo e a contabilidade, eram de responsabilidade de todos, na Comunidade de Guararema prevalecia o sistema anarquista-individualista, ou seja: cada componente tinha sua moradia, cultivava uma faixa de terra ou buscava outros meios de sobrevivência individuais, e em casos esporádicos algumas pessoas se agrupavam usando a proporcionalidade de terra — número de — pessoas.

O apoio mútuo global, só acontecia nos casos de construções para uso de toda a coletividade e a Solidariedade humana praticava-se em casos de doença, quando alguém era preso, temporais e/ou pragas destruiam plantações, e outros acontecimentos que exigissem a união de todos.

No mais, os habitantes da Comunidade de Guararema viviam suas vidas com total liberdade e independência.

Era assim quando Maria Lacerda de Moura visitou Guararema, e posteriormente quando ali se fixou decorrido mais de um quarto de século da sua fundação. Não fundou nada e nada criou em Guararema. Ocupou um espaço, que lhe foi concedido dentro da área comprada por Arthur Campagnoli no final do século 19, fez sua moradia e viveu o seu individualismo-anarquista na prática.

Existe também uma certa confusão quando se quer classificar sentimentos ideológicos de Maria Lacerda de Moura.

Muitos alegam que ela não era anarquista porque nunca se filiou a nenhum grupo; outros porque algumas vezes discordou de militantes acratas e ou dos métodos de luta, chegando a elogiar realizações bolchevistas na Rússia, quando os libertários combatiam a "Ditadura do Proletariado"; enquanto há quem ache que o "seu pacifismo" não se "afinava" com o anarquismo. Maria Lacerda de Moura atacou todos os Governos, a Igreja e o militarismo com maior violência do que muitos anarquistas, extrapolando inclusive as correntes pacifistas que se conheciam! Seu combate à exploração do homem pelo homem, à massificação humana pelo ensino e pela política burguesa, religiosa, sua repugnância pelas fronteiras convencionais e pelo Estado inserem-se incontestavelmente dentro do anarquismo! Sua agressividade neste terreno é superior também a de muitos libertários.

É preciso analisar a posição de Maria Lacerda de Moura diante da Igreja, do Capitalismo e do militarismo, os três maiores pilares de sustentação do Estado, pai da desigualdade social, cultural e humana, combatidos por ela com uma argumentação forte, direta, anarquista! Quando investia contra o

ensino padronizado, patrioteiro, condicionado, robotizante, encomendado às elites intelectuais pelo Estado que o impunha para formar hierarquias entre jovens, por sexos e por classes sociais, Maria Lacerda de Moura apoiava-se nos métodos renovadores dos anarquistas Sebastião Faure, Pedro Kropotkin, Paul Rubin e Francisco Ferrer y Guardia. E nos seus "arranques vulcânicos" em defesa da mulher tinha igualmente a embazá-la as idéias de Luisa Michel, Soledade Gustavo, Maria Montessori, Ellen Key, Emma Goldman, Voltairine de Cleyre, Emile Armand e outra anarquistas.

Negar que Maria Lacerda de Moura "colheu" muito do seu anticlericalismo em Lachatre, do seu inconformismo nos anarquistas individualistas Max Stirner e Han Riner, de quem se tornou um prolongamento na América Latina, seus princípios revolucionários de ensino em Ferrer e seu "feminismo" em Ellen Key é no mínimo uma ingenuidade e/ou má fé infantil!

Não se pode ver Maria Lacerda de Moura fora das idéias acratas quando se lê:

"Qualquer que seja a categoria do indivíduo, ele precisa aprender amar a Natureza, a respeitar as idéias e os indivíduos, a dizer só a verdade, a reprimir suas paixões, suas más tendências, a cultivar em si sentimentos nobres, conhecer preceitos morais que devem ser observados numa sociedade futura, melhor que a atual.

A educação física, os preceitos higiênicos para a conservação da saúde; o desenvolvimento intelectual para alargar as concepções e os ideais, abrangendo em um golpe de vista a beleza e a majestade da Verdade, esse, deve ser o ideal da educação nova" (*Renascença*, março de 1923).

Recuando no tempo, vamos encontrar na correspondência do anarquista José Oiticica, escrita à sua esposa no dia 22 de dezembro de 1919, em casa de Maria Lacerda de Moura: "Zinha — Escrevo-te da casa de d. Maria Lacerda de Moura. Não te assustes, nem te zangues. É uma senhora distintíssima, corretíssima e diametralmente o oposto do que se pode esperar pelo estilo. É muito circunspecta, sisuda, de poucas palavras, bonita, mas estrábica. O marido é um rapaz muito distinto e amável.

Hás de supor que parei aqui para fazer esta visita, mas enganas-te. Fui forçado a isto por vários motivos, entre eles a necessidade de dormir, porque não o consegui no trem".

"O trem passava em Juiz de Fora a 1 e meia e tive medo de ser lá reconhecido por alguém nos hotéis. Aqui, em Barbacena, contava com a casa do Carlos Moura onde estou, não consentindo ele que eu ande na cidade. Pensa ele que até Curvelo eu ainda poderei ser reconhecido. Seguirei hoje mesmo às 3 horas, para General Carneiro (suponho que este é o nome), ali

pernoitarei e tomarei o trem amanhã de manhã para Pirapora. Há navegação regular e diária no São Francisco, de modo que tudo irá às mil maravilhas".

"Contei ao casal Moura, nossa vida aí até a minha saída. D. Maria Lacerda de Moura ficou com os olhos cheios d'água e com muita pena de ti. Disse-me que talvez siga na quarta-feira para o Rio, a passeio, e irá imediatamente procurar-te. Hás de gostar dela, tenho certeza".

Oiticica tecia outras considerações em torno da Solidariedade de Maria Lacerda de Moura e seu marido, dispostos a tudo fazer pelo anarquista foragido da polícia política carioca.

Da visita em Barbacena no ano de 1919 até ao seu falecimento em 1945, no Rio de Janeiro. José Oiticica manteve estreitas relações de camaradagem ideológica com Maria Lacerda de Moura. Por diversas vezes esta "mulher diferente" veio ao Rio de Janeiro proferir conferências na Liga Anticlerical, a seu convite.

Numa delas, discorrendo sobre o "Serviço Militar Origatório para a Mulher" (publicada em folheto no ano de 1933, pelo seu amigo, anarquista Rodolfo Felipe), depois de se declarar "sem Pátria, sem Fronteiras, sem Família e sem Religião" e como "Fora da Lei recusar os direitos de Cidadania", reproduz (pág. 5) definição do escritor anarquista Rafael Barrett:

"A Lei se estabelece para conservar e robustecer as posições da maioria dominante; assim, nos tempos presentes, em que a arma das maiorias é o dinheiro, o objeto principal das leis consiste em manter inalterável a riqueza do rico e a pobreza do pobre".

E logo na página seguinte:

"Sejamos objetores de consciência – por humanidade. Contra a tirania. Contra a crueldade. Contra a violência. Contra a Autoridade. Contra todo e qualquer despotismo. Contra a tirania da força armada para a defesa do Estado – que é o partido dos que estão de cima".

Prosseguindo neste terreno lembra que enquanto a "Sociedade das Nações" debatia em Genebra a limitação de armamentos, a Rússia bolchevique mobilizava permanentemente a mulher – para a próxima defesa dos seus princípios: a chamada Ditadura do Proletariado.

A Itália Fascista organizava o fascio feminino e as competições atlética para a mulher. E acrescenta: "A edição alemã de *A Luta pelo Desarmamento*, em quatro idiomas, ilustra com fotografias de moças em trajes militares e até munidas de máscaras para gases, enquanto outras praticam tiro e marchas."

"Em vez de envernizar os bancos escolares, – diz a revista – os estudantes poloneses aprendem a montar como soldados de Cavalaria e as moças a atirar na infantaria". "Não é somente na Rússia soviética – afirma – mas também na Polônia, Estados Unidos e Inglaterra que se dá instrução às

mulheres. O Japão segue a mesma divisa. E, na China modernizada, nacionalista-soviética, sabemos que as mulheres irão às trincheiras, como as russas, quando necessário".

No final Maria Lacerda de Moura proclamou: "A solução do angustioso problema não pode ser a passividade sentimental das lágrimas ou a passividade trágica da resignação feminina – o que chega a ser também cumplicidade.

A luta contra a guerra é uma guerra tremenda, a luta aberta, de vida ou de morte, contra todas as forças sociais reacionárias, é a *Ação Direta*, a mais poderosa força revolucionária do mundo moderno. Todos os Governos são cúlplices, consciente e inconscientemente, dos canibais civilizados, forjadores das guerras.

As Nações nada representam e não são grandes nem se elevam pela fraternal estratégia dos seus generais, mas, iluminam o mundo pelo gênio humano dos seus pensadores e artistas.

Unamo-nos as mãos e os corações, homens e mulheres de todas as raças, de todos os credos, todos os seres conscientes do mundo inteiro – contra a ferocidade bestial das próximas guerras de extermínio.

Proclamemos a nossa humanidade: não há Pátrias, não há fronteiras para as leis naturais.

Todos os humanos são como Sócrates, Cidadãos do Universo.

E a Internacional do Pensamento deve suprimir a vergonha bárbara da Internacional Armamentista".

Este é o pensamento de Maria Lacerda de Moura; é o pensamento dos anarquistas!!!

A mesma afinidade com os anarquistas transparece na carta de Carlos Moura enviada ao anarquista Rodolfo Felipe, que inserimos a seguir!

"Rio de Janeiro, 21-6-1945.

Meu caro Felipe:

Conforme prometi em minha última carta enviada a você, há uns quatro dias atrás, aí envio a biografia da nossa querida amiga, biografia por mim mesmo "*alinhavada*", esperando que vocês, jornalistas velhos, habituados mais à pena do que eu, que sempre vivi às voltas com a "política" do "Deve e Haver" – melhor do que eu saberão pô-la em condições de ser apresentada em público.

Amanhã vou remeter ao André as fotografias para escolherem qual a melhor das duas que enviarei.

Fiquei contente em saber que Jovina ficou consternada com a notícia da morte de Maria Lacerda, pois aquela amizade tão grande que havia entre elas ficou abalada, não sabemos como, desde a nefasta revolução de 32,

quando esses políticos, para manterem as suas posições de mando, sacrificaram a tantos jovens paulistas. Maria sempre teve o retrato dela dependurado na parede de sua salinha de visitas. Cumprindo os pedidos dela, a mim feitos, de restituir às suas amigas as fotografias que lhe ofertaram, entreguei a de Jovina à Noêmia Alvares, prima dela, aqui residente.

Espero que vocês não se esqueçam de me avisar, com antecedência, o dia da homenagem, pois desejo assisti-la e abraçar vocês.

Com certeza encontrarei todos vocês, Boscolo, Salgueiro, André, Tomazini. O ano passado, depois de 6 anos, estive aí, por 3 dias e não tive tempo de procurar-vos.

Abraços do amigo de sempre.

Carlos Moura.

Rua Visconde de Inhaúma, 76 — 1º andar, Rio".

Para além de suas obras e da correspondência com anarquistas em nosso poder, vale recordar dois militantes que com ela conviveram: Osvaldo (José) Salgueiro e Diamantino Augusto (este último ainda vivo com 93 anos de idade e impressionante lucidez), respectivamente em Guararema e no Rio de Janeiro, com quem conversamos. Nenhum deles ouviu pessoalmente de Maria Lacerda de Moura exposições que não tivessem vínculo com o pensamento libertário. Não um pensamento acrata — como muitos querem, sem pontos divergentes — mas um pensamento anarquista na sua essência e forma.

Ser anarquista — é bom que se afirme! — não é repetir todos a mesma coisa, concordar com os princípios traçados por alguns. A grandeza do anarquismo reside exatamente no direito de discordar, de cada um pensar pela sua própria cabeça, agir e ter suas próprias iniciativas! Os anarquistas não pretendem nivelar tamanhos, igualar estômagos e barrigas, e muito menos padronizar cérebros. Pelo contrário, o anarquismo não tem limites ou fronteiras, vai até onde o pensamento e a liberdade o possam conduzir.

O anarquista é antes de tudo um atleta em constante aperfeiçoamento para melhor colaborar na sociedade futura.

A FIGURA HUMANA

Contrariando sua vontade, Maria Lacerda de Moura não teve filhos. Esse fato pesou emocionalmente agredindo o seu desejo de ser mãe, a sua adoração que tinha pelas crianças. E não podendo gerar filhos começou a criar — ainda em Barbacena — uma menina de origem muito pobre educando-a como filha. Formou-a no mesmo colégio onde havia estudado

orientando-a até casar-se. Mas isso era pouco para quem tinha tanto Amor para dar. Sua irmã também professora, vítima de paralisia, deixou à sua guarda um filho de 4 anos a quem dedicou todo o seu afeto ajudando-o a atingir seus objetivos: ser advogado!

Mas o seu Amor não tinha limitações, não se circunscrevia às duas crianças, era irrestrita, abrangia a Humanidade! Por isso escreveu sempre voltada para a mulher e o Amor no seu sentido mais amplo:

"Não é desconhecendo os problemas da vida real ou omitindo-os — afirmou — que poderemos auxiliar moralmente os que sofrem por ignorância dos seus deveres humanos. Não é fingindo que não existem tais problemas que poderemos amenizar dores e reeducar os sentimentos dos seres ainda animalizados". "Que poetas subam com seus instrumentos para cantar a beleza, espreitando as rosadas nuvens: é talvez sua missão. Porém, nós, os pensadores, temos que descer até o povo rude da alta ou da baixa sociedade, pois todos são iguais... para fazê-los dar um passo mais em sua elevação espiritual. A nós cabe criar formas, pensamentos de vida pura, a noção de responsabilidade e de dever, e em silêncio voluntário, em solidão e em meditação de uma vida quase asceta, temos que fazer algo para despertar o íntimo dos adormecidos nas calçadas das ruas da vida. E não é escondendo a verdade e as injustiças humanas, senão defendendo o que é nobre, tendo a coragem de olhar de frente a comédia humana da mentira e dos ídolos sociais, tendo a temeridade de olhar de frente a hipocrisia geral que a boa educação convencional acredita necessária ao bom entendimento e à diplomacia de salões ou granfinismos exóticos e idiota".

Caminhando sempre na direção do humanitarismo, chegou à questão social por Amor ao semelhante, e dela ganhou a mais firme convicção! Para Maria Lacerda de Moura o sentimento de fraternidade só existia onde a liberdade fosse cantada como um hino da vida e a igualdade a lei natural.

Em 1920 resumiu assim "a questão social, a questão do bem-estar para todos":

1º) Formar um núcleo de resistência feminina, cujo objetivo será protestar contra a escravidão da mulher, trabalhar para a reivindicação dos seus direitos e para a sua emancipação mental.

2º) Pregar e exigir a educação popular, a instrução obrigatória, a educação racional feminina por todo o país.

3º) Trabalhar para a criação de uma ou mais universidades femininas, sob esses moldes, a fim de preparar o pequeno exército de trabalhadoras que deverá sair para o interior em demanda de outras mulheres de boa vontade, educando-as num sonho de Paz futura para toda a gente.

4º) Abrir escolas de caráter e da vontade, escolas que despertem iniciativas, escolas de força moral, porquanto "é a força moral que conduz o mundo", no dizer de Binet.

5º) Promover o estudo da psicologia, das forças ancestrais, da higiene, da fisiologia, da educação e da ética, das ciências enfim, da filosofia, das artes — para o conhecimento da humanidade e das leis evolutivas em favor da beleza e da perfeição dos costumes.

6º) Trabalhar pela palavra e pelo exemplo para dar à criança, fazendo crescer na juventude a necessidade de um ideal mais amplo — de justiça e eqüidade entre os homens.

7º) Falar, pregar e protestar contra as mentiras convencionais, contra a hipocrisia protocolar, detestar a política.

8º) Pregar a Paz, abominar a guerra, ampliar o amor da Pátria, fazê-lo atravessar as fronteiras e olhar a Humanidade de uma só vez abrangendo as nacionalidades como membros da família humana".

Firme em suas convicções emancipadoras, de alcance universal, Maria Lacerda de Moura cinco anos mais tarde escrevia:

"A mulher precisa aprender mais, para agir melhor. A eqüidade está acima da caridade, sufoca-a. Não podemos passar por uma mulher do povo, quase selvagem na sua ignorância, sem lhe lançar um olhar de fraternidade, elevando a incúria, protestando contra o egoísmo dos povos, das nações".

"Todos os oprimidos nasceram de ventres femininos, sufocados os corações num lampejo de dores e bênçãos.

Para cada criança nascida na sociedade temos um dever a cumprir.

E a criatura nasce com direito à luz da vida, à aurora do pensamento, ao beijo do amor.

Cada coração feminino deve ser uma 'Creche' imensa, para conter a Humanidade. E, para agasalhar todos os ventres fecundos — cada alma de mulher deve ser uma infinita maternidade".

"Toda a Humanidade passa pelo berço, e quem embala o berço, quem canta as primeiras cantigas de adormecer, quem acorda as crianças para os arrebóis das primeiras alvoradas da alma — é a mulher.

Quem devassa o coração do adolescente e faz lá dentro nascer a angústia ou alegria de amar — é a mulher.

Quem acompanha o homem de mais perto na idade viril levando-o aos páramos iluminados do sonho ou do abismo do vício e da degradação ou ainda quem o pode adormecer na indiferença da mediocridade — é a mulher.

É preciso pois, elevá-la a alturas inconcebíveis, dar-lhe coragem, estimulá-la ante a responsabilidade dessa missão de Beleza, missão regeneradora;

fazer dela o novo Evangelho da Redenção, pronta para o sacrifício de si mesma, em busca de novas esperanças, para conforto, para força moral dessas coortes de idealistas da '*Cidade Futura*'...

Paz, Beleza e Bem-Estar para todos deve ser a nossa divisa.

Esse "é o meu verbo de Fraternidade!"

E quando escreve sobre a lágrima a escritora libertária forma verdadeiros poemas de Amor à Humanidade. Ei-los:

"A Lágrima! A lágrima é o farfalhar dorido das asas da alma soluçando, nostalgia de um paraíso perdido, alma-Prometeu crucificado na Caucaso da carne.

A lágrima é a concretização do sentimento evocando reminiscência da vibração enorme que desprendeu a alma no caos da vida.

A lágrima é harmoniosa, é côncava para poder conter o infinito de torturas e de delicadezas de um sentimento alevantado, é esférica, é um mundo com todas as suas agonias e as suas esperanças, é luminosa, é transparente como o sonho, traduz toda uma agitação interior, toda uma ânsia incontida de voar, adejando pelos espaços".

Sobre os filhos que não teve escreveu:

"No dia em que as crianças forem filhas do puro Amor (dentro ou fora da lei), quando as crianças forem filhas do sonho de criar qualquer coisa acima de nós mesmos, quando os filhos não forem a obra vulgar do acaso ou do descuido — então, veremos surgirem outras verdades, outras teorias mais delicadas; outros sonhos e outros anhelos nascerão por entre todos os caminhos para uma sociedade mais digna".

... "E, um dia, todos os homens e mulheres da terra, sem distinção de raça, de casta, de cor, de sexo, ou de nacionalidade, serão irmãos no auxílio mútuo e no respeito mútuo à dignidade da consciência livre — para mais alta evolução, através do tempo e para além do espaço"...

..."Desperto, olho a noite escura e sinto a Harmonia das Esferas no piscar silencioso das estrelas...

Um grande amor me invade o coração e eu *Saúdo a Toda Humanidade*".

Para se entender a Universalidade, o alcance das idéias libertárias, individualistas da autora de *A Religião do Amor e da Beleza*, nada melhor do que colher em suas obras o material de análise. Nelas o leitor encontrará a revolta contra todo os potentados, o combate agressivo e demolidor a dimensão da Capacidade, a profundidade do ideal e do amor que serviu de bússola à Grande Figura Humana. Só lendo atentamente Maria Lacerda de Moura o leitor poderá entrar nos seus pensamentos e extrair deles a suavidade e o amor em defesa dos oprimidos.

Maria Lacerda de Moura foi fortemente influenciada no seu anticlericalismo por Lachatre, no seu feminismo pela Ellen Key, educadora sueca (1849-1926), nos seus métodos educacionais por Francisco Ferrer e Maria Montessori, e no seu anarquismo individualista por Max Stirner e Han Ryner.

No Brasil colaborou:

Por Que Ser Anti-Semita — 1933;

A Plebe, São Paulo; *Jornal do Comércio*, Rio; *O Combate*, São Paulo; *O Internacional*, SãoPaulo; *O Proletário*, Minas; *A Patrulha Operária*, 1933; *A Lanterna*, *O Trabalhador Gráfico*, São Paulo; *A Opinião do Povo*, São Paulo, 1933;

Revista: *Renascer*, 1923, mensal ilustrada — foi diretora-fundadora.

Fora do Brasil:

Estudios de Valência, Espanha, nºs 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 138, 142, 148, 152, 153, (1932 a 1935); Na Europa em *Cadernos Amigos de Han Ryner*, nºs 30, 31, 34. Neste último número sua colaboração tinha por título: "Tem sexo a inteligência?".

Colaborou ainda em *Inquietudes* e depois de seu falecimento foram inseridos artigos seus em CENIT (Revista, Toulouse) nºs: 40, 69, 85, 89 e 90 (1955 a 1958).

O livro do escritor romeno Eugen Relgis: *Encosta América Europa* (México) fala da anarquista Maria Lacerda de Moura com o mesmo carinho que Vladimir Muñoz em *Voluntad*, do Uruguai e *Reconstruir* da Argentina.

La Revista Blanca, de Barcelona (Espanha), nº 75, de 1º de julho de 1926 deu a seguinte notícia referente à escritora Maria Lacerda de Moura:

"Hemos recibido la edición española del interesantísimo libro de Maria Lacerda de Moura *¿La mujer es una degenerada?*. De su edición brasileña se ocupó ya nuestra compañera de Redacción, Federica Monteseny, en anteriores números de *La Revista Blanca*.

Se trata de un libro notabilísimo y puede adquirirse por nuestro conducto a 2,50 ptas."

Voluntad, jornal anarquista do Uruguai, publicou duas biografias da escritora, uma em 1957 e outra em 1959; a revista *Cenit*, nº 49, de janeiro de 1955, Toulouse, França; *Voz Anarquista*, de Almada, Portugal; os livros *Socialismo: Uma Visão Alfabética*, de E. Rodrigues, *Bom Tempo*, de Afonso Schmidt e a revista *A Idéia*, Lisboa, junho de 1985, também publicaram traços biográficos da escritora.

OBRAS DE MARIA LACERDA DE MOURA

1 — *Em Torno da Educação* — 1918
2 — *Por que Vence o Porvir* (Conferência, 1919)
3 — *Renovação* — 1919
4 — *A Fraternidade e a Escola*
5 — *A Mulher Moderna e o seu papel na sociedade atual e na formação da Civilização Futura* (Conferência) — 1923.
6 — *A Mulher é uma Degenerada?* — 1924, 2ª ed. 1925 — 3ª em Castelhano — Argentina, 1925.
7 — *Lições de Pedagogia* — 1925.
8 — *Religião do Amor e da Beleza* — 1926.
9 — *De Amundsen a Del Prete* — 1928
10 — *Clero e Estado* — 1931
11 — *Civilização Troco de Escravos* — 1931
12 — *Amai e Não Vos Multipliqueis* — 1937
13 — *Han Ryner e o Amor no Plural* — 1933
14 — *Serviço Militar Obrigatório Para a Mulher* — 1933 — 2ª ed. Buenos Aires, 1934.
15 — *Clero e Fascismo*
16 — *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica* — 1934.
17 — *Português para os cursos comerciais* — 1940.
18 — *O Silêncio* (Conferência) — 1948 — Obra Póstuma.

Inéditos: *A Epopéia Bandeirante*; *Lições de Pedagogia* (2º vol.); *História da Pedagogia Feminina* — série de livros para adolescentes, enfeixando diversos ramos do conhecimento humano; *O Álcool, a Morfina e o Fumo; Antologia Rebelde — Florilégio contendo trechos escolhidos de autores revolucionários; Montessori e a Renovação da Escola.*

Outros trabalhos de sua autoria e/ou com a sua participação:
Ver no Apêndice, Anexo II.

NENO VASCO

Seu nome: Gregório Nanianzeno Moreira de Queiroz Vasconcelos.

Nasceu em Penafiel, Norte de Portugal, em 9 de maio de 1878. Antes de completar 9 anos veio com o pai para São Paulo.

Na capital bandeirante não se demorou muito, apesar do conforto que seu pai lhe podia proporcionar.

Quis voltar ao seu país de origem. Foi viver com os avós paternos em Amarante. Ali completou a instrução primária e cursou o Liceu, começando então a sonhar com ser um literato. Entusiasmado, escreveu algumas poesias líricas que pensava publicar um dia. Matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra para desenvolver suas faculdades literárias. Ali conviveu com estudantes que vieram a consagrar-se poetas e escritores renomados como Faria de Vasconcelos e Teixeira de Pascoais.

Mas ao formar-se em Direito, no ano de 1901, já havia deixado para trás seu entusiasmo pela literatura. O anarquismo tinha invadido Coimbra, chegado à Universidade, fascinado alguns dos seus alunos, inclusive ele.

Formado em Direito viajou para o Porto com Artur Abeilard e Antonio Rezende relacionando-se na cidade invicta com anarquistas como Serafim Cardoso Lucena, Cristiano de Carvalho, o cinzelador espanhol José Amoêdo, velho filiado da "Primeira Internacional", refugiado em Portugal, e o dr. Matos Ferreira, integrantes do Grupo "Intervencionista", que davam seu concurso ao movimento revolucionário republicano que viria mais tarde a derrubar a monarquia portuguesa.

No Porto, Neno Vasco conheceu e conviveu com intelectuais e operários que freqüentavam o atelier do caricaturista Cristiano de Carvalho instalado na Rua da Boavista, muitas vezes também invadido pelos agentes do famigerado policial Acácio Morais Carvalho.

O dr. Manuel Laranjeira,[53] o dr. Júlio Abeilard, admirável organizador do Comitê Acadêmico Operário, o poeta Antonio Patrício, Serafim Cardoso Lucena, Amoêdo, Francisco Fontão, Eduardo Ribeiro e outros que mantinham ali ardente a chama revolucionária na cidade do Porto.

---

53. Autor da peça *Amanhã*, consagrada no Brasil. Por mais de 30 anos *Amanhã*, em 1 ato, foi representada pelos libertários nos palcos dos Sindicatos Operários do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santos, Campinas, Paraná, Pará, Manaus e Minas Gerais. *Amanhã* e o *Primeiro de Maio* de Pietro Gori, tiveram extraordinária importância no teatro social brasileiro. (Ver outros dados em *O Anarquismo na Escola, No Teatro e na Poesia*, de Edgar Rodrigues.)

Abriam-se as portas de um mundo novo! Uma revelação para sua inteligência ávida de ideais generosos! E, animado pelas exortações do anarquista Cristiano de Carvalho, Neno Vasco estreou no jornal *O Mundo*, sustentando uma controvérsia com Ernesto da Silva, em torno do Neo-Maltusianismo. Fora lançado na voragem da luta libertária destacando-se desde logo pela lucidez com que refutou os conceitos do velho socialista pioneiro da questão social em Portugal.

Não obstante sua estréia no jornalismo com segurança, Cristiano de Carvalho teria feito a seguinte previsão com base na timidez do seu novo amigo: "este é um dos que ficará por cá dois ou três dias, ir-se-á depois embora".

Recordando o episódio, Neno Vasco já mortalmente atingido pela tuberculose, dizia aos companheiros de idéias que o visitavam com certa satisfação estampada na pálida fisionomia: "Todavia, enganou-se, porque cá estou no meu posto sem quebras nem desfalecimentos, apesar das duras contrariedades sofridas".

E tinha razão: a sua resistência foi um modelo de tenacidade, de lógica, de conseqüente ação combativa, vencendo uma timidez congênita que o fazia apagar-se, impedindo-o de discursar enfrentando o público.

Ainda no Porto, nas páginas de *O Mundo*, polemizou também com Máximo Bron, a propósito de célebre crime de Joaquina Rosa que compungida pela miséria, assassinou os filhos. E, com base nessa tragédia social iniciou uma tese refutando a *Fecundidade* de Emílio Zola, que não chegou a concluir.

Sem vocação para exercer advocacia e discordando da chamada "Ciência Jurídica", rejeita certas facilidades, proporcionadas por parentes, que o queriam magistrado e resolve viajar para o Brasil. Chegando a São Paulo no final de 1901 impregnado pelas idéias libertárias que conhecera em Coimbra e com elas se familiarizara no Porto, no seu convívio com o caricaturista Cristiano de Carvalho e o sapateiro Serafim Cardoso Lucena, operário cultíssimo, orador fluente, anarquista dos mais produtivos e talentosos que o Norte de Portugal conheceu.

Na sua bagagem intelectual carregava as sementes do anarquismo que germinavam modelando sua conduta.

Na capital bandeirante começa a escrever seu primeiro romance social em linguados de papel, durante os meses de janeiro a novembro de 1902, obra que deixaria incompleta. Os primeiros capítulos – segundo Adriano Botelho, em *Almanaque de A Batalha*, 1926 – desenrolava-se em Amarante e o seu herói Júlio, retratava a personalidade do autor, delicada e sensível de anarquista sincero e convicto que veio a ser.

Neste interregno, o jovem bacharel lusitano encontra-se com anarquistas italianos e espanhóis residentes em São Paulo. Trocaram experiências e conhecimentos. Neno Vasco esclarece dúvidas, atualiza-se sobre o embrionário movimento acrata na capital bandeirante. Faz contatos ainda com o dr. Benjamim Mota, com o estudante de direito Ricardo Gonçalves e nasce o grupo de apoio e sustentação do quinzenário anarquista *O Amigo do Povo*, publicado inicialmente nos idiomas italiano e português, sob a direção e revisão de Neno Vasco.

O primeiro número apareceu em abril de 1902, com excelente colaboração de anarquistas residentes no Brasil e no exterior, traduzidos por Neno Vasco. Tinha redação na rua Guilherme Maw, 38, saía aos sábados com o seguinte aviso: "Toda a correspondência deve ser dirigida a Neno Vasco".

Neno Vasco – como diria mais tarde Perfeito de Carvalho, "parecia uma pessoa que andava como que envergonhado do seu valor" – era o redator, diretor, colaborador, tradutor e revisor, de *O Amigo do Povo*. Apesar disso, sua valiosa colaboração perde-se no anonimato: saía quase sempre sem assinatura do autor.

Publicado por "contribuições voluntárias" *O Amigo do Povo* terminou no nº 63, ano 3, e redação na Rua Bento Pires, 35.

Inconformado com a "morte" prematura do quinzenário anarquista e a carência de imprensa libertária em língua portuguesa, Neno lança a revista *Aurora*, que tal como *O Amigo do Povo* também não resistiu à penúria financeira e à "guerra" que lhe moviam os políticos, os empresários e as autoridades. Acabou sem se projetar no Brasil como *O Amigo do Povo*. Sua existência foi curta! Mesmo assim útil à propaganda acrata no desabrochar da industrialização em São Paulo.

Neste mesmo ano de 1904, o proletariado e os anarquistas eram sensibilizados pela crueldade com que o Governo russo massacrava os revoltosos populares. Envolvido numa guerra estúpida com o Japão, o Czar causava incalculáveis prejuízos à agricultura e esfomeava o povo. Os que protestavam eram presos. Leon Tolstoi, anarquista cristão, teve sua casa assaltada pela polícia czarista por ter denunciado no *Times* o desgoverno do governo do seu país. As prisões estavam repletas de discordantes e o ditador russo propõe aos presos de Kalisy a liberdade desde que partissem para a guerra. Como estes recusaram 80 foram reunidos em Moscou, levados de noite para uma floresta e enterrados vivos, depois de serem obrigados a fazer a própria cova.

Apoiado nestes crimes, Neno Vasco traduz e divulga no Brasil algumas das maiores atrocidades czaristas. E, em solidariedade ao sofrido povo russo, promove manifestações públicas, uma delas proibida pela polícia paulista, sempre atenta ao posicionamento libertário.

Em 20 de gosto de 1904, Neno Vasco comentou a proibição da programada manifestação para o dia 6 no Cambuci:

"A Constituição garante a plena liberdade de reunião e de palavra; mas nós sabemos que a vontade das autoridades é superior às leis, e que o único freio que a detém é a resistência dos governados. Ora esta é aqui bem fraca, deixando passar fatos que, mais que o nosso caso, costumam interessar o público.

O pretexto foi a interpretação dada à palavra "anarquista", interpretação comum entre os analfabetos e... os jornalistas, que consideram anarquia sinônimo de lançamento de bombas e regicídios".

E no bojo de sua *Crônica Paulista*:

"Realizou-se, na hora e lugar aprazados, o comício de solidariedade com os revolucionários russos. Falaram Antonio Piccarolo, Oresti Ristori, Ricardo Gonçalves, Benjamim Mota, Valentim Diego, Gabriel Salab e Ernestina Lesina".

E conclui:

"Um movimento de antipatia internacional pode embaraçar o Governo russo: mas estas reuniões têm sobretudo uma vantagem para nós: espalham o sentimento de solidariedade por cima das fronteiras".[54]

Fazia pouco mais de um mês que um dos oradores – Oresti Ristori, chegado clandestinamente ao Brasil pela fronteira do Uruguai – começara a publicar, em idioma italiano, o semanário *La Bataglia*, na cidade de São Paulo, proporcionando pela sua agilidade, um novo despertar anarquista. Ristori proferia semanalmente palestras contraditadas.

Os grupos de teatro social realizavam espetáculos precedidos de conferências acratas, sempre com os salões cheios. Explodiam greves de grande repercussão e de novo se apresentou a oportunidade de Neno Vasco lançar um semanário acrata.

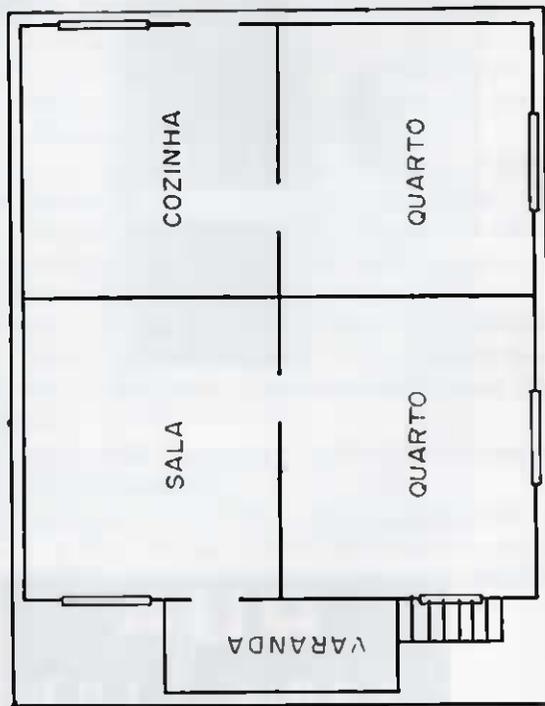
A Terra Livre era o seu título! Despontou em 30-12-1905 na rua Santa Cruz da Figueira, 1, para correspondência.

Os mais diletos auxiliares de Neno Vasco nessa empreitada foram Manuel Moscoso, espanhol, gráfico, portador de excelente cultura sociológica, seu cunhado[55] e o jovem Edgard Leuenroth, encarregado da administração do jornal.

54. Sobre a solidariedade dos anarquistas brasileiros aos revolucionários russos, insere-se no final desta biografia Carta do anarquista Pedro Kropotkin enviada a Neno Vasco agradecendo a remessa do produto da primeira coleta financeira no Brasil.

55. Neno Vasco casara-se nesse mesmo ano de 1905 com Mercedes Moscoso, companheira que perderá em Lisboa no ano de 1920, vitimada pela tuberculose; enfermidade que haveria de aniquilá-lo, meses depois, deixando 3 filhos nascidos no Brasil, um dos quais ainda vive (1985) em Lisboa.

RUA
PROFESSOR JOSE OITICICA

De cima para baixo:
Rua em Campo Grande — Rio de Janeiro
Edifício na Rua Juiz Alberto Nader — Nova Iguaçu — RJ
Rua no bairro do Meier

Primeiro plano
Fachada e vista lateral
Segundo plano
Planta baixa da casa de Maria Lacerda de Moura, em Guararema, São Paulo. Ao lado da fazenda do anarquista Artur Campagnoli
Guararema — 1928-1935

Renascença

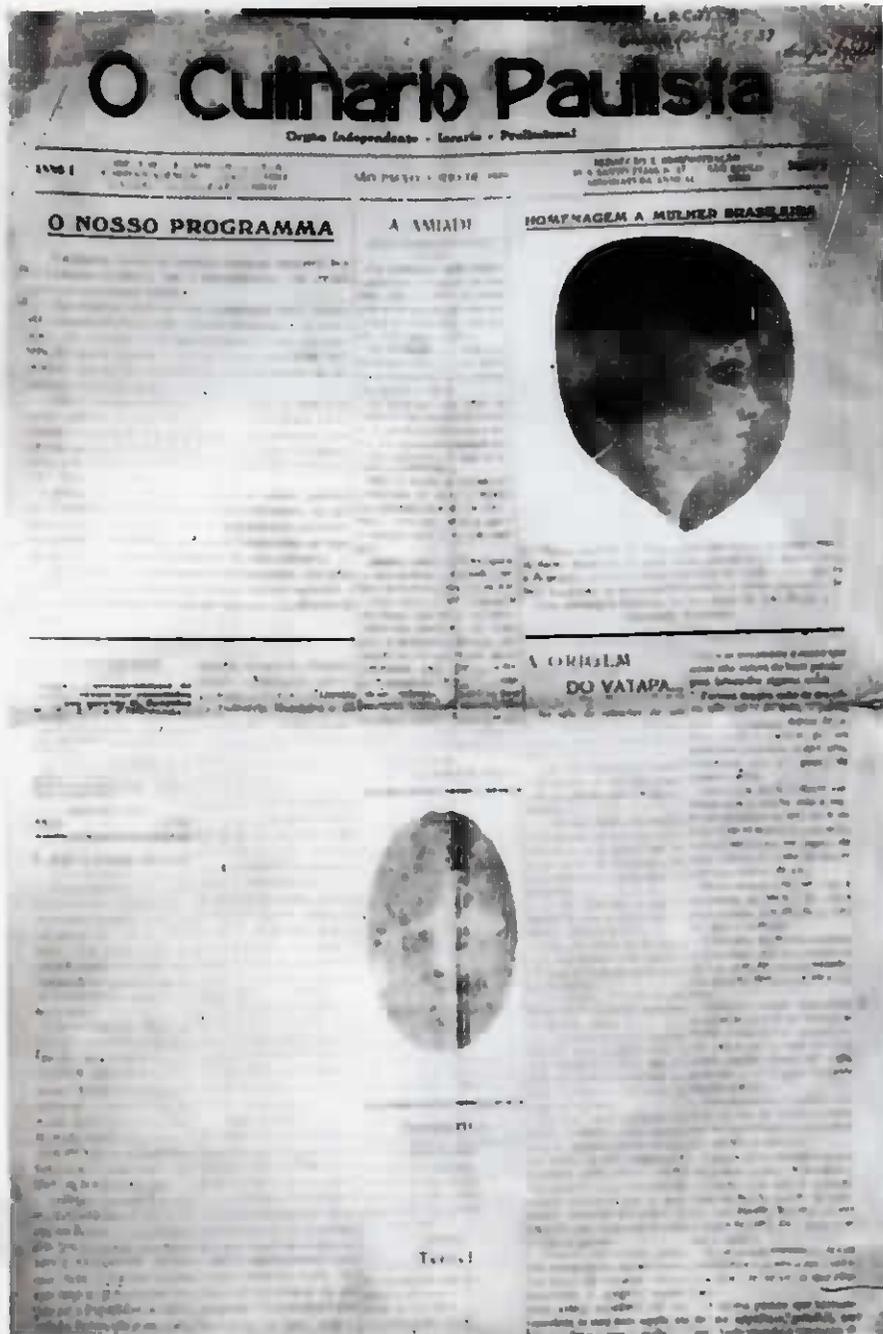
SUMMARIO

Aos Intellectuaes — *Maria Lacerda de Moura.*
O Impressionismo de Giovanni Zampollini — *Angelo Guido.*
Os nossos collaboradores — *Retrato de A. Carneiro Leão.*
O Feminismo e os Anti-Feministas — *Gilberto Vidigal.*
Aos Bons — *Vida Delfino (Academia Mineira de Letras).*
Aplecina do Carmo — *Retrato.*
Revelação — *Kyra*
Problemas Vitaes — *A. Umberto Gandolfo.*
Hacia la Confraternidad Argentino-Brasileña — *Julia Garcia Games*
Julia Garcia Games — *Retrato e notas biographicas.*
Ruy Barbosa — *Edison Waldemar.*

VERSOS

Introspecção — *Lalho Montenegro.*
Dans le soir — *Marguerite Flori Bracet.*
O Meu Poema — *Claudius Caligaris.*
Voz Intima — *Clara Santos.*
A Crença e o Sonho — *Aplecina do Carmo.*

Que é Educação? — *Maria Lacerda de Moura.*
Artes e Artistas.
Livros Novos — *Angelo Guido.*
Pelo Mundo Proletario
Como nos receberam.

Revista *Renascença* — São Paulo — Março de 1923
Diretora: Maria Lacerda de Moura

No primeiro painel: um grupo de anarquistas em piquenique de confraternização e despedida de Neno Vasco que regressava a Lisboa. São Paulo, 4 de abril de 1911. O encontro deu-se na Cantareira e Parque Paulista. No grupo estão Edgard Leuenroth, Neno Vasco, José Romero, Antonio Orelhana, Oresti Ristori, Eugenio Leuenroth, Benjamim Mota, Alexandre Cerchiai, Antonio Duarte Candeias, Arthur Campagnoli e outros homens e mulheres não identificados pelas professoras Ondina Vasconcelos e Aurora Moscoso que me presentearam com estas duas fotografias quando as visitei em Lisboa, em 1986.

No segundo painel: Aurora Moscoso (mãe de Manuel Moscoso), Aurora Moscoso Filha, Mercedes Moscoso (esposa de Neno Vasco), com a filhinha Ondina Vasconcelos no colo, Mercedes (esposa de O. Ristori), Fantina Vasconcelos, Aurora (esposa de Edgard Leuenroth), Celina (esposa de Cerchiai), a esposa de Eugenio Leuenroth e outras mulheres e crianças da família anarquista.

Barbacena 22-12-919

Zinha

Escrevo-te da casa de D. Maria Lacerda de Moura. Não te assustes, nem te zangues. É uma senhora distintíssima, corretíssima e diametralmente o opôsto do que se poderia esperar pelo estilo. É muito circumspecta, sisuda, de poucas palavras, bonita, mas estrábica. O marido é um rapaz muito distinto e amável.

Has de supôr que parei aqui para fazer esta visita, mas enganas-te. Fui forçado a isto por vários motivos, entre êles a necessidade de dormir, porque não o consegui no trem.

Cheguei a Entre-Rios às 8 e 20, jantei por 2$500 num frege, lá chamado hotel; mas o jantar foi ótimo. Tomei o noturno do Rio ás 11,50 da noite e pelo horario calculei que não poderia alcançar Curvêlo senão á tarde de hoje, porque não devo ir a Belo-Horizonte que é ramal. Não te pude

escrever de Entre-Rios porque não achei papel nem sêlos, estando tudo fechado. Conversei com um empregado do hotel, sujeito viajado, que me ensinou o melhor itinerário. Pedi-lhe que me arranjasse uma estampilha de 2$000 para a procuração, ao que êle me retrucou ser impossível, avisando-me que o melhor seria fazê-la aqui ou em Juiz de Fora, os dois pontos que me sugeriu melhores para parar.
Mas o trem passava por Juiz de Fora a 1 e meia e tive medo de ser lá reconhecido por alguém nos hotéis. Aqui, em Barbacena, contava com a casa do Carlos Moura onde estou, não consentindo êle que eu ande na cidade. Pensa êle que até Curvêlo eu ainda poderei ser reconhecido. Seguirei hoje mesmo, ás 3 horas, para General Carneiro (suponho que este é o nome), ahi pernoitarei e tomarei o trem amanhã de manhã para Pirapora. Ha navegação regular e diaria no S. Francisco, de modo que tudo irá ás mil maravilhas.

Vai a procuração para Chiquito receber o dinheiro no Pedro II.

Deitei-me hoje ás 4 ½ da manhã, com muito frio e maiór saudade de ti e dos pequenos. Contei ao casal Moura nossa vida aí e a minha saida. D. Maria ficou com os olhos cheios d'agua e com muita pena de ti. Disse-me que talvez siga na quarta feira para o Rio, a passeio, e irá imediátamente procurar-te. Has de gostar dela, tenho certeza. Calculo quanto has de ter chorado. Coitadinha! Sofrendo por minha culpa! Mas, fica certa que esse sofrimento ainda mais

[illegible]

Carta do pai de José Oiticica.

BREVE INVENTÁRIO:

CORRESPONDÊNCIA DE JOSÉ OITICICA, SUA ESPOSA E OUTROS DADOS BIOGRAFICOS.

JOSÉ RODRIGUES LEITE OITICICA-ADVOGADO, PROFESSOR-ANARQUISTA-NASCEU EM OLIVEIRA, MINAS GERAIS-22-7-1882-FALECEU NO RIO DE JANEIRO EM 30-6-1957
IDENTIDADE REG.2758 I.F.P.-SECÇÃO 1-1224-D.F. SERIE 3333.
CERTIDÃO DE CASAMENTO de 2303-1905-5ª PRETORIA-LIVRO 14-FOLHAS 189-Nº61 do 1º OFICIO DO RIO DE JANEIRO-D.F.

A) CARTAS ENVIADAS DA ILHA RASA QUANDO LÁ ESTEVE DEPORTADO NOS ANOS 1924/24 : 60
B) CARTAS DA ESPOSA PARA OITICICA NA ILHA RASA .... 1924/25 : 93
C) CARTAS DE OITICICA ENVIADAS A ESPOSA DA ILHA DAS FLORES...... 1925 : 53
D) CARTAS DA ESPOSA PARA OITICICA(ILHA DAS FLORES E BOM JESUS) 1925 : 126
E) CARTAS DE OITICICA ENVIADAS A ESPOSA DA ILHA BOM JESUS 1925 : 14
F) CARTAS DA "CASA DA CORREÇÃO"(PRISÃO) DE OITICICA À ESPOSA 1924 : 4
G) CARTAS ENVIADAS A ESPOSA POR OITICICA QUANDO ANDAVA FORAGIDO 1919 : 5
H) HABEAS CORPUS ESCRITO POR OITICICA : 1
I) CARTAS DA PRISÃO, DE OITICICA PARA OS FILHOS : 22
J) CARTA A JACKON DE FIGUEIREDOS(RASCUNHO E ORIGINAL) 1925 : 1
L) CARTA A LEVI CARNEIRO .... : 1
M) CARTAS AO PAI DE OITICICA : 6
N) DOIS CONTOS
O) RECADOS À POLICIA(PEQUENA AGENDA COM 20 PÁGINAS)
P) BILHETES SEM DATA.... : 5
Q) POESIAS ESCRITAS A LÁPIS : 26
R) OUTRAS LOCALIDADES: CARTAS E BILHETES 1924/25 : 94
S) SÃO PAULO-CARTAS -1926/1931-1943 : 17
T) CARTAS DE OITICICA, DE HAMBURGO : 21
U) DA BAHIA CARTAS -Vitoria-HAVRE e de BORDO DO CANTUÁRIA : 10
V) CARTA DE LEIXÕES-PORTO DE MAR PORTUGUÊS(NORTE DE PORTUGAL) : 1

NOTA: DAS CARTAS ESCRITAS POR OITICICA DAS PRISÕES E DAS RESPOSTAS DE SUA ESPOSA, MUITAS ESTÃO ESCRITAS NAS ENTRE-LINHAS COM URINA OU SUMO DE LIMÃO E FORAM "REVELADAS" À LUZ (FOGO) DE VELA OU CHAMINÉ DE CANDIEIRO A QUEROZENE PARA PODER SER LIDAS. AS MARCAS DAS "QUEIMADURAS" ESTÃO BEM VISIVEIS NO PAPEL.

LEVANTAMENTO FEITO POR EDGAR RODRIGUES EM FINS DE 1992. A CORRESPONDÊNCIA FOI EMPRESTADA POR SÔNIA OITICICA.

MOTHER EARTH

Aug 28th 191[illegible]

My very good comrade

I have your letter and also money order for $9.5 which will be forwarded to your Mexican comrades.

You can not imagine what that will mean to them. Not only because of the money itself which they need badly. But because of the solidarity which the comrades of Brazil have

demonstrated.

What a wonderfully inspiring thing our solidarity is. Verily the enemy is helpless so long as people from all nations are united in one great purpose.

Please convey to the comrades of Brazil and Portugal my fraternal greetings. Tell them I long to come to them and some day

MOTHER EARTH
SOCIAL SCIENCE AND LITERATURE
WEST TWENTY-EIGHTH STREET
NEW YORK

I may ~~speak~~ speak
French, but only for
conversational purposes
I wish I could lecture
in that language
I would then make
a lecture tour
through all the Latin
countries
The coming year
I contemplate a tour
to Australia and
all English speaking
parts of the World
Our ideas in America

are fast gaining
grounds, as you can
educe from the tre-
mendous success
of my tours. In
the last 3 years
I lectured before
something like 150,000
people and sold
about 40,000 copies
of anarchist literature
But, the opposition
is very great, not
only from the American
Government, which
is getting mar-

MOTHER EARTH

A MONTHLY MAGAZINE DEVOTED TO SOCIAL SCIENCE AND LITERATURE

55 WEST TWENTY-EIGHTH STREET

NEW YORK

dispatic every day
But also from the
political power seekers
in the socialist
party
However, we do
not care. The spirit
of Revolution marches
on and Anarchism
will triumph.
Fraternally
Emma Goldman

Carta da escritora e anarquista russa Emma Goldmann, nesta época (1911) residindo na América do Norte.

Lisboa, 8-10-1911

Caríssimo Edgard:

Mando estes artigos, velhos mas interessantes, do [illegible] da Fonseca. Mande-lhe a *Lanterna* para

Rua de S. João da Mata, 1 – 2.º
Lisboa

Comunica aos bons amigos o meu novo endereço a partir do próximo dia 10 do corrente e pelo menos até ao fim do ano:

Estrada da Penha de França, 70 – 3.º Esq.
Lisboa

Verdade é que não se perderão as cartas que venham ainda para a Calçada do Poço dos Mouros, 8, pois é casa de parentes meus e perto da minha nova casa.

Recebi a tua carta de 18 do p.p. e sou-te muito grato pelas tuas informações. — Se por acaso a *Lanterna* tiver de ser abandonada, faze ao menos o possível por me obter aí ou em Santos uma [illegible]. — Vou ver se acabo por estes dias o 1.º livro p.ª o Cattani. — De meu pai ainda não veio carta. Falaste-lhe? — Avisa o Manuel do que lhe escrevi p.ª o Rio e B.A. (a José Mathias). A mãe está desesperada por falta de notícias. — A remessa de originais que eu tinha prometido e a que aludes na carta, foi na semana seguinte com os da *Lanterna*. — Não li o *Libertaire*: peço hoje p.ª Paris o n.º [illegible] — A situação europeia é realmente agitada: veremos se a maré cheia tem desta vez força bastante p.ª romper o dique... — Ao falar em *Battaglia*: explica-lhes que não tenho podido continuar a colaborar por absoluta falta de tempo. De vez em quando mandarei alguma coisa. — A Mercedes manda muitas lembranças à tua gente e beijos às crianças. — Abraça-me essa boa e saudosa rapaziada de que falas na tua carta encantadora. Um grande abraço do

Neno

Carta de Neno Vasco a Edgard Leuenroth.

Lisboa, [illegible] novembro [illegible]

Ill.mo Snr. Edgard Leuenroth

S. Paulo

MEMORANDUM

Typ. Ca e Garra[illegible]

Caríssimo Edgard.

Como já na semana passada te expliquei, farás o favor de entregar ao portador desta carta, o camarada e amigo Julio Diniz, o equivalente de trinta mil reis fortes, na ocasião em que deverias fazer-me remessa de tal importância. O mesmo amigo deixa-me encarregado de receber aqui, por conta dêle, a quantia de Rs. 3$180, fortes, que porás a teu crédito na conta assinaturas de jornais e que lhe pagarás logo que possas.

O amigo J. Diniz é portador duma carta do Campos Lima, com quem eu e êle conversámos, e dum pacote que do Porto me foi remetido para eu entregar à tua companheira. Recomenda-nos muito aos teus.

Esta semana não vai folhetim, mas irá duplo na próxima. Em compensação muitas e várias mudanças interessantes. Recebi juntos 3 n.os da *Lanterna*, entre êles o especial, que me agradou e agradou na *Sementeira*. A *Lanterna* diz que já publicara 3 n.os especiais até hoje: só me lembro de dois, os de Ferrer. Um abraço do Neno

PS. No folhetim 19, 1.a coluna, vem um belo êrro de sintaxe, já corrigido aliás no espanhol. Em todo caso, confesso o meu descuido. Já a [illegible] não é tão *escrupulosa*...

Carta de Neno Vasco a Edgard Leuenroth.

Lisboa, 14/1/1912

Caríssimo:

Se pelo telégrafo tiveres sabido da amnistia que alguns optimistas esperavam em França, faze no artigo *Pela liberdade em França* as alterações ou acrescentamentos do caso. Na próxima semana falarei da manifestação contra as *leis scelerades*.

Quanto ao caso do Baltar, o que hoje eu poderia dizer já aí deve estar dito ao chegarem estas linhas. Depois, como não sei ainda se o que falta [illegible] será perdoado ou executado amanhã, não poderia fazer um comentário completo. Veremos se vale a pena na próxima semana.

A Mercedes, aqui ao meu lado, pergunta se a Aurora recebeu, ou se recebeste o retrato da Ondina e o pacote enviado pela mãe dela.

E a respeito do Campos Lima?

O Tomás da Fonseca é que está custoso de apanhar. Hei-de esperá-lo um dia destes à porta do parlamento.

O Pinho escreve-me que o Cristiano se ocupa do desenho.

Quanto a mim... continuo na mesma. O mestre da "Noite" nada! Contava com dificuldades no princípio, aqui; mas tantas! Se perco o crédito na venda, padeiro, leiteiro, carvoeiro — estou fresco! O próprio sêlo desta correspondência é emprestado pela "Sementeira"... E o regime do crédito é terrível!

Vamos aguentando...

Um abraço do

Neno

Carta de Neno Vasco a Edgard Leuenroth.

Lisboa, 10/3/1912

Caríssimo:

— Recebi o vale de 30 francos, que deu aqui Rs. 9$700. De que é, ou para que é? No n.º 125 da Le li o recado p.ª mim; chegou depois do n.º 126, apesar de registado (registado, porquê?). O Carlos [illegible] não arranjou o cobre da "Noite" (que fome! parece que fala d'um assalto nocturno!). Veremos na proxima semana: então já haverá tempo p.ª resposta ao meu bilhete ao homem. Mas se não chega o dinheiro da "Noite" ou o de meu pai, estou literalmente f... raso!

— O Lima da Costa, encarregado de obter informações nas livrarias sobre o teu projecto, nada pôde saber ainda.

— O Pinto Quartin, moço simpático e valente, teve de adiar a publicação da *Terra Livre*, por inconvenientes resultantes da greve: os que deviam contribuir ou foram presos e ficaram sem vintém, ou perderam o emprego e *idem*, ou tiveram de contribuir para outras coisas. Ele precisa de 100$000 para começar com segurança, e só tem 20$, eis porque vai dar dois talões de *acções* de 500 rs cada uma (1$700 francos talvez), para eu os mandar p.ª aí. Se não puderes passá-los todos em S. Paulo, manda o saldo p.ª o Rio. São 20 acções, portanto 10$000 fortes, ou 50 francos ou pouco mais de 30 francos. Se [illegible] algumas, devolve, naturalmente. Coisa demorada, é claro.

— Mando um engraçadíssimo conto de Octave Mirbeau, ridicularizando o duelo. No género, é dos coisas melhores que tenho lido. É a sátira de Cervantes à moderna e em miniatura. Se ainda for a tempo p.ª folhetim, dará p.ª uns 4 números (são 16 tiras cheias). Convém preanunciar isso em duas palavras.

Um abraço do

Ne.

Carta de Neno Vasco.

Lisboa, 17-3-1912

Caríssimo:

Li no n.º 127 o teu recado ao Carlos. Trata-se dos da "Noite", não? Esta semana deve ter chegado resposta aos gajos cariocas, indicando o modo de remeter o dinheiro e pedindo urgência. Nada veio. Nem jornais. Nem sei se deva esperar ainda e continuar a escrever.

Original. — Mando um velho conto meu (de 1901) e a tradução duma poesia italiana. Se servir. — A propósito de contos: talvez convenha à *Lanterna* publicar ao mesmo tempo dois folhetins: num, contos curtos, para um a três números; noutro, romances, não muito longos. Tenho boa provisão de contos, dos de *La Bat. Synd.* — Esta começou a publicar um interessante romance de costumes norte-africanos: creio eu o caso Rousset. É empolgante o valor. Recorta e manda.

Fra Contadini. — O Myer, a meu pedido, falou com Malatesta sobre a nova edição portuguesa, e M.ta prometeu mandar um exemplar duma edição italiana segura (publ. por ele em Londres), com prefácio e adendas e alterações, se as houver. Estou, pois, a esperar. Malatesta disse "que ficará muito contente se a coisa sair perfeita." Quanto à tradução, farei o possível. Agora, pela edição, não posso responder... Digo em todo caso aos rapazes do grupo "Aurora" que, se eles quiserem, o opúsculo pode ser editado aqui, sob a fiscalização técnica do Lima da Costa e com a minha revisão. Penso que a edição, para preço igual ao daí, sairá aqui melhor. Que decidam já.

A Brochura Social. — Conto que já tenhas respondido a este propósito (a biblioteca em projecto). Se fosse possível desenvolver a empresa! Editar livros!... Montar uma pequena livraria!... Falta o principal!

— O L. da Costa anda a arranjar catálogos e informações. Gomes de Carvalho dá 30% — mas dinheiro à vista e correio a cargo do comprador. Veremos os outros.

Um abraço do

Neno

Carta de Neno Vasco.

Lisboa, 5/4/1912

Caríssimo:

Acabo de receber do Malatesta um exemplar de Fra Contadini, com uma carta-prefácio do autor. Vou deitar-me à tradução, esperando a resposta relativa à edição: se desejas aí, ou aqui, sob a minha fiscalização.

— O Lima da Costa ainda não me arranjou os catálogos. Consultei outra casa, que lhe dá as mesmas condições: desconto de 30%, pagamento à vista, correio a teu cargo.

— Continuo a mandar contos, mas como ainda não vi nenhum publicado, não sei se deva continuar. La Bataille Syndicaliste forneceu-me alguns que tenho guardados para tradução: nem todos são anticlericais, mas como te ouvi dizer por vezes que desejavas alargar a esfera da Lanterna e dar-lhe uma feição literária, penso que servem todos. Desta vez mando outro meu — fiz-me contista! — e estou com tentações de transformar em conto o Pecado de Simonia. Que me dizes? É verso, queres?...

— Responde-me (se ainda não o fizeste) a todos os pontos das minhas cartas anteriores.

— O "Diario" de Porto Alegre pagou-me o 1.º mês pontualmente. É pouquinho (menos de 10$ fortes), mas antes pouco e certo, do que muito saído do bolso da empresa. Chegou ao menos para o aluguel da casa e salvou o pior da situação. "A Noite", essa continua espessa e impenetrável. Escrevi-lhe novo cartão de visita a solicitar a remessa. E o dr. Mauricio de Medeiros a garantir-me que o homem era sério!...

Um abraço do

Neno

Carta de Neno Vasco.

Lisboa, 2-12-1912

Caríssimo Edgard:

O Hilário manda-te, por intermédio do A. Ovalhena (reclama dele o pacote), um cento de folhetos Os trabalhos da guerra, de Magalhães. Depois seguirão mais. Para o Rio também foram. Para poderes vendê-los a 100 rs., fez-te o preço de 20 rs fortes, 2$000 fortes o cento, sendo a cargo dele o correio. Esforça-te por promover rapidamente a venda; e se o grupo E.S. quiser, tem mil ou mais à sua disposição. Vendido este, sairá outro; e a Brochura Social passará a ser administrada pelo Hilário, p.ª poder continuar, por o L. da C. não cumprir. Se o grupo E. S. quiser comprar e pagar já 1.000, 1500 ou 2.000, ainda o H. lhe fará um abatimento. — Deves ir à casa do Antonio, pois ele não foi avisado e não sabe p.ª quem são os folhetos.

— Já calculaste quantos n.ºs da Sementeira c/ a biografia Berthelot recebeste e vendeste? Quantos te cobrou?

— O Elísio, de Santos, que faz? Tem recebido 20 ex. da Sementeira e não paga nem escreve. O H. não sabe se deve suspender.

— Se por acaso te cair nas mãos, grátis, um livro de contos de Valdomiro Silveira, ou mesmo algum conto dele insulado, bom, manda-mo, dado ou emprestado. Desejo tornar aqui conhecida essa boa e original literatura local.

— É grande favor remeteres-me os seguintes jornais que me faltam:

✓ Terra Livre, n.º 24;
✓ Guerra Social, n.º 2, 3 e 4;
Lanterna, n.º 90, 135, 137, 149.

— Mando um O que vai pelo mundo muito extenso; mas acho que é todo interessante. Tive ainda de resumir e cortar factos. Não falo da absolvição de Ettor, Giovannitti e Caruso, porque não sei pormenores, e a notícia essa já a Lanterna a terá dado. O Congresso da C. G. T. tem causado aqui, entre nós, grande febre. Estávamos à beira de um abismo... Ou sim, ou sopa!...

— Que diz meu pai?... Estou a precisar muito de pecúnia...

... Aguardo com impaciência carta tua.

Pelo correio, a brochura da [illegible] não pode sair ao [illegible] dela a 100 rs. Para conservar o preço [illegible] de 100 rs, lembro que podes pedir que o comprador te forneça junto ao pedido e ao custo do folheto mais um selo de 20 rs. Basta como entenderes.

Um abraço do

Neno

Carta de Neno Vasco a Edgard Leuenroth.

Carta de Neno Vasco a Edgard Leuenroth.

Carta de Neno Vasco a Edgard Leuenroth.

R.

Lisboa, 7-4-1913

Caríssimo Edgard:

Mando-te a conta até hoje. Daqui em diante, para maior clareza, mandarei contas mensais, isto é, no fim de cada mês, com o teu débito e crédito. E o dinheiro do *Diário* de Porto-Alegre? Nada?

— Tenho protestado contra a demora do *Entre Camponeses* e o que isso me tem incomodado não se descreve! Os homens desculpam-se com a extraordinária falta de mão de obra e acumulação de trabalhos que as tipografias de Lisboa teem neste quadra. Prometem dar pronto o folheto por estes dias; mas como mentem tanto...

— O Quartim incumbiu-me disto: pedir-te que compres ou arranjes quem compre 2.000 exemplares do folheto *Geórgicas* que êle quer editar. (Nota que eu nada tenho com a edição, apenas de ter escrito o folheto). Preço: 15$000 fortes, mais o correio. Vem a ficar tudo, aí, por 60$000 fracos, a 30 rs. o exemplar. Não é vantajosa a proposta? Será impresso em bom papel, com gravura na capa. Poderá ser vendido aí, avulso, a 100 rs. e a 5$ o cento.

Responde sem demora e responde às m/ anteriores cartas.

— Aconselho-te a reprodução das declarações de Teófilo Braga e do soneto de Coriolano Leite, do n.º 8 da *Terra Livre*.

Um abraço do
Neno

Carta de Neno Vasco a Edgard Leuenroth.

Lisboa, 4-5-1913

Caríssimo Edgard:

Dou-te uma maçada... por economia! e também para que me informes sôbre a pessoa. O sr. *Carlos Maria Pereira Bastos* (Travessa do Hospício, 13) escreve-me, para o escritório de Sobral de Campos, uma carta datada de 11 de abril, confirmando outra de 8 de abril e pedindo resposta telegráfica. Ora não recebi essa 1ª carta. Não sei, portanto, de que se trata. Queres ir explicar isto àquele senhor? Fala também do caso a meu pai. A correspondência *advocacial* deve ser endereçada directamente ao Dr. Sobral de Campos.

— Mais economia... Faze o favor de entregar a meu pai a lista inclusa de endereços aos quais foram remetidos pacotes do meu livro, esta semana.

— E o *Diário* de Porto Alegre?...

— Não poderás obter, do Comité da Esc. Moderna, uma cartinha a mim dirigida (em português) explicando porque foi abandonado o projecto de editar *L'Homme et la Terre*? É para eu a mandar a Paul Reclus, que me interroga sobre o caso e a quem não sei que responder. Estou envergonhado com esta história: dei-lhe maçada; parou em Paris por causa disso, e o editor parisiense também o apoquenta com perguntas. História bem desagradável!

— Faze o favor de liquidar os n.os atrasados da *Terra Livre* com Alvaro Jorge (Chapelaria Liberdade), que mandou suspender.

— A *Lanterna* publica n.º especial em outubro? Se deve ser feito cá, é preciso tratar já disso.

— O homem do livro White espera a tua resposta. Acharam (êle e o Bebé) a oferta um tanto baixa, mas eu fiz-lhes entrever a possibilidade de novo pedido. Não assumi compromisso, é claro.

— Não poderás arranjar-me o n.º 1 do *Germinal*?

Saudações aos teus e aos companheiros.

Um abraço do
Neno

Carta de Neno Vasco a Edgard Leuenroth.

Lisboa, 8/3/1914

Caríssimo Edgard:

Recebi a tua carta de 16 do pp. Sinto muito que colegas tem desajudado. Porque não falas com meu cunhado? Talvez ele te arranje amigos que dêem uma ajuda na expedição do jornal.

— D. Myer nada recebi ainda sobre as edições, a não ser o que já sabes. Ele deixou-me [illegible] não lhe tinhas respondido.

— Do Cecílio ou do Policarpo, nenhuma notícia tenho ainda. Parece dinheiro perdido.

— Compreendo e agradeço a tua intenção, pondo-me como tradutor dos Comuneros. Mas bastaria [illegible] tê-lo afirmado, à parte, uma só vez, ou duas. Como estava, parecia exibicionismo.

— Não recebi o vale de 50$000 rs. brasileiros emitido em 26 de dezembro de 1913, segundo a tua carta. Recebi o que foi emitido três dias depois. Reclama sem demora, pois acho que é de 3 meses o prazo. Mais uma vez: sempre que me envies um vale, deves escrever ao menos um postal, ou um aviso no jornal. Esse vale perdido não chegou a Lisboa: o extravio foi no correio daí. Procura o recibo (mas não o confundas com o de 29 de dezembro) e apresenta-o logo no correio.

— A situação do jornal é, com efeito, crítica; e pelos telegramas e notícias dos jornais, vejo que a crise é geral. Necessitas sem dúvida de grande coragem; a energia gasta é enorme. Como isso é em meu favor também e como te guia em boa parte o pensamento de me pagar e ajudar, sou-te imensamente grato. Por minha parte, tenho procurado sofrer a crise com paciência e, se me queixo amiúde, ainda não digo metade do que por cá vai...

— A Volontà é uma das minhas melhores consolações. Tenho comunicado a muitos o meu entusiasmo pela obra de Malatesta e do seu jornal. Até ando a dar lições de italiano aos camaradas...

— Não acho mal a Lanterna, e nos últimos números tem ganhado interesse.

— Não posso dar E. C. em troca das Geórgicas porque aquele vende-se pouco. Ainda se a T. L. vivesse! Mas o que é preciso é pagar o débito que ela deixou. Se tens aí ainda exemplares das Geórgicas, devolve-os, pois aqui esgotaram-se inteiramente. Faz isso já. Há dias recebi um vale de 50$000 rs. brasileiros, emitido a 14 de fev.: deu 17$55. Um abraço do Neno

Carta de Neno Vasco a Edgard Leuenroth.

Tinha como Divisa: "O homem livre sobre a Terra Livre" (de Goethe).

A Terra Livre foi editada em São Paulo até ao nº 33. Em abril de 1907, por acordo entre os Grupos *Novos Rumos* e *Terra Livre*, passou a publicar-se no Rio de Janeiro, semanalmente com início no dia 25-5-1907 até junho de 1908; voltando, desta data em diante para SãoPaulo, onde saiu até ao nº 75, ano 1910.

Neno Vasco foi sempre o seu redator responsável enquanto viveu no Brasil.

No Rio de Janeiro, *Terra Livre*, tinha como ponto de referência a rua 7 de Setembro, nº 7, sobrado e na volta a São Paulo, Caixa Postal, 236.

Na apresentação desse histórico porta-voz dos libertários, Neno Vasco fez a seguinte profissão de fé:

"O periódico que hoje apresentamos, vem defender as idéias que temos exposto no extinto *O Amigo do Povo* e na *Aurora*, e que não podemos repetir aqui miudamente. Limitamo-nos às linhas gerais.

Somos socialistas e anarquistas. Como socialistas, atacamos o instituto da propriedade privada e a moral que o tem por base. No monopólio da riqueza produzida por todos, sem que a parte de cada um possa rigorosamente ser determinada, na apropriação individual da terra, dos meios de produção e de comunicação, bem como dos produtos, vemos nós a origem principal da miséria e do aviltamento da grande maioria, da insegurança e da inquietação de todos.

Sujeito à escravidão do salário, o trabalhador, recebendo em troca do seu labor uma pequena parte do que produz, vê muito limitada a possibilidade de consumo, não pode comprar. A produção é então igualmente limitada, pois que não se produz para satisfazer as necessidades de todas, mas para vender. Sucede mesmo este absurdo: quando esta se torna, por um momento, superior às possibilidades de compra (não às necessidades reais), a crise lança na rua milhares de obreiros; com a desocupação, é ainda menor a possibilidade de consumir, de comprar; e a miséria é maior, há... excesso de produção!

Não se produz para todos e no entanto não faltam as matérias-primas, as máquinas, as terras e os braços desocupados. A solução que defendemos é a seguinte: destruir esse terrível direito de vida e de morte que tem o proprietário, senhor dos meios de produção, sobre o trabalhador, desprovido de tudo, socializando, para isso, isto é, pondo à disposição de todos a terra, os instrumentos de trabalho, os meios de comunicação, as matérias-primas, tudo posto em ação por todos em proveito de todos. Queremos uma sociedade que tenha por fim assegurar a cada um o seu desenvolvimento integral; uma sociedade em que o trabalho, tendendo à satisfação das

necessidades dos indivíduos, seja escolhido por cada um e organizado pelos próprios trabalhadores.

Tomamos o nome de anarquistas e libertários, porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições políticas que têm por fim impor a todos os seus interesses e a sua vontade, mascarada ou não com a vontade popular. O Governo (Poder Executivo, Legislativo e Judiciário), sob o pretexto de cuidar dos interesses gerais, não faz mais do que defender a classe economicamente forte que o ampara, e os escolhe. A sua 'justiça' é uma justiça burguesa: o Juiz só condena o fraco, o carcereiro é rigoroso só com o pobre. A sua polícia é a guarda do cofre forte. O seu patriotismo é o dos banqueiros e dos grandes exportadores. Os seus 'serviços públicos' são especialmente para os ricos e servem sobretudo para gratificar os amigos e defensores".

"Somos anarquistas porque queremos uma sociedade sem Governo, uma organização política livre, indo do indivíduo ao grupo, do grupo à federação e à confederação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre acordo e, naturalmente, determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, idéias, e sentimentos dos indivíduos. É para nós, essa organização política correspondente ao socialismo: a anarquia é o vaso que pode conter a garantia e a igualdade de condições econômicas.

Concepção integral, o socialismo anarquista tem um método próprio de ação, baseado sobre a livre iniciativa e a solidariedade".

O HOMEM SIMPLES

Sensível ao sofrimento alheio, mais do que ao seu próprio, Neno Vasco foi um idealista que deu tudo de si, a mocidade, o vigor, a inteligência, o saber em prol de uma causa proibida: a emancipação social e humana!

Não foi um guerreiro que esgrimiu espadas em defesa da pátria brasileira e/ou portuguesa, foi um valente defensor dos oprimidos, dos produtores assalariados, da Liberdade, do Amor Fraterno e da Igualdade para todos.

Sua pena brandiu mais do que as espadas ferindo inimigos de todos os quadrantes.

Escreveu contos, crônicas, reportagens, peças para o teatro social, poesias, sátiras, artigos ideológicos, literários, críticas sobre idiomas, traduziu hinos, notícias e trabalhos dos maiores vultos da sociologia universal. Bateu-se pela realização do "Primeiro Congresso Operário Brasileiro" realizado

de 15 a 22 de abril de 1906, no Rio de Janeiro,[56] onde compareceram: o dr. Giovani Rossi, fundador da "Colônia Cecília"; Paul Berthelot, esperantista francês e outros vultos do Socialismo libertário num gesto de solidariedade aos trabalhadores do Brasil. E em defesa dos congressistas operários escreveu na oportunidade:

"A imprensa burguesa nem sequer suspeitava da existência das idéias que predominaram no Congresso. Esperava-se coisa muito diversa. O mundo burguês ignora o mundo proletário".

"Os jornalistas chegaram a ser ingênuos. Pasmavam franca, confessadamente, ante simples operários, desconhecidos, que discutiam sociologia como coisa familiar".

Pouco depois solicitado por um leitor de *A Terra Livre* a definir o "Estado e a Propriedade", Nero Vasco sintetizou assim a sua resposta:

"O Estado sustenta um montão de absurdos! A miséria produzida tem como conseqüência a ignorância, a superstição, a falta de higiene. O excessivo trabalho e insuficiente reparação de forças trazem o enfraquecimento orgânico, a predisposição para a doença. E isso não é só um mal para quem o sofre diretamente, mas para todos.

Num meio ignorante são impossíveis os sábios e os artistas, e se logram existir, são incompreendidos, odiados, embaraçados: a miséria dos outros prende-os ao solo com sólidos grilhões. O homem de saúde expõe-se a todas as doenças e epidemias onde a higiene é desconhecida. Quando não aceita a solidariedade no bem-estar é-se obrigado a aceitá-la no sofrimento.

O mesmo com o crime. Ignoram-se, ou não se podem praticar os mais elementares preceitos da higiene sexual. Os filhos são concebidos, trazidos no ventre. Amamentados, educados nas mais horríveis condições de insalubridade, violência e embrutecimento. Depois, desde que estão assim preparados, o meio social, as necessidades os levará ao crime. E a autoridade, os juízes, representantes da sociedade (sic), distribuirão punições, não se importando com as suas causas!

Não se tratando de as remover! E essas penas longe de emendarem, corrompem. Uma sentença condenatória é o Diploma do criminoso: Pode continuar!

Tem uma profissão: a sociedade não lhe permite outra. E é assim, para defesa da "sagrada propriedade", que se justifica o Estado! Matai o Estado, deixando de pé o monopólio econômico: os proprietários, senhores um momento da riqueza toda, reconstituirão o poder político, a violência orga-

56. Vide *Socialismo e Sindicalismo no Brasil — 1637-1913*, de Edgar Rodrigues — Editora Lambert, Rio, 1969.

nizada, para se manter na sua posse. Do mesmo modo, matai a propriedade particular, mas conservai um Governo, e esse criará uma classe interessada na sua conservação, privilegiada e como o poder econômico é segura base, uma classe é detentora da riqueza, embora com o pretexto de a administrar. É pelas cousas necessárias que os homens são governados.

Privilégio econômico e privilégio político são inseparáveis. Por isso somos socialistas, isto é, queremos abolida a apropriação privada da terra e instrumentos de trabalho, queremos esses meios de produção ao dispor de todos e de cada um; e só assim a propriedade, sendo social, será verdadeiramente individual; e somos anarquistas, isto é, queremos, em vez do Estado, a vida social livremente organizada, entregue à iniciativa individual e à livre associação, ao livre acordo dos interessados.

Vimos os males do Governo; podemos resumir deste modo os da propriedade monopolizada: 1º Impede a produção em vista das necessidades individuais; 2º Produz a miséria: – a ignorância, a porcaria, o aviltamento e o crime; 3º Ampara e justifica o Governo, Conservador nato, inimigo natural da iniciativa do progresso".

Durante sua militância no Brasil, Neno Vasco produziu trabalhos antológicos em defesa das suas idéias e do proletariado. Forneceu-nos detalhes grandiosos de suas convicções ideológicas revelando-se um polemista vigoroso, combativo, um ardoroso defensor dos oprimidos.

Homem de extraordinária lucidez e seguras convicções, não perdia a oportunidade de aclarar dúvidas levantadas, confusões semeadas intencionalmente pelos políticos, principalmente os socialistas editores do *Avanti* de São Paulo.

"A diferença – exemplificava Neno Vasco em *A Terra Livre* – entre socialistas-democráticos e socialistas-anarquistas está precisamente na política, no fim, e no método, com o fim estreitamente relacionado. Nós não queremos penetrar e conquistar os poderes públicos, impotentes como instrumento de emancipação proletária capazes de, para conservação própria, restaurar o privilégio; queremos destruí-los, e fundar a sociedade baseada sobre o livre pacto, a livre federação das associações de produção e de consumo. Achamos que os socialistas são conquistados e penetrados pelos poderes públicos, que a ação destes é debilitante e desorganizadora, e que a tática da conquista do Estado só tem o bom efeito de desiludir pelos seus desastres, quando há um elemento revolucionário consciente e ativo.

Ora se o *Avanti* provasse que há realmente uma contraditória "tirania anarquista" exercida sobre os sindicatos, prestaria um bom serviço ao proletariado e a nós. Os nossos leitores devem conhecer as nossas idéias a tal respeito. Um "sindicato anarquista" ou deixaria de ser sindicato, aberto

a todos os operários, assim como à livre propaganda de todas as idéias e a todas as iniciativas de ação operária, e nesse caso seria um simples grupo político, faria franca propaganda anarquista, e não teria vantagens de trazer à ação as massas menos conscientes; ou seria um sindicato com um anarquismo fictício, de surpresa, contradizendo-o e prejudicando-o a cada momento. Se os sindicatos fossem realmente anarquistas, oh! Então não fariam tão pouco! Bem pobres idéias nos atribuem estes pobres adversários.

Quanto às greves, também, achamos que o papel dos anarquistas, disponham ou não de alguma influência, não é incitar à greve a torto e a direito, mas mostrar as responsabilidades e perigos que é preciso afrontar. Erros e derrotas sempre as haverá: só a inação os evita; mas os operários devem agir o mais possível por si, com decisão e conhecimento de causa. Só assim aprenderão, ganharão uma consciência. Nós desejamos e esperamos que os sindicatos caminhem para um fim anarquista, isto é, que a expropriação revolucionária da burguesia, a destruição do seu poder político e a organização direta, pelos próprios trabalhadores, da produção e do consumo, sejam o coroamento da sua ação quotidiana, ineficaz enquanto se restringe ao círculo vicioso dos pequenos melhoramentos; mas isso há de ser da marcha das coisas, das lições dos fatos, da educação revolucionária, da ação da propaganda e do exemplo; das circunstâncias criadas por uma situação revolucionária, e não fruto de uma absurda e impossível ditadura anarquista. O engano nada produz".

Caminhando neste terreno esclarecedor, válido até hoje, para autores de livros de história como o Sr. Foster Dulles, que também descobriu no passado "sindicatos e greves anarquistas", Neno Vasco conclui sua aula acrata:

"A ação direta é própria da classe operária, autônoma, não convém às igrejas e partidos formados de equívocos e compromissos, a um bando eleitoral, mosaico de interesses variados, bem pouco proletários. E então o que o partido pretende tomar a direção, pensar por todos, encabeçar os movimentos, exercer uma tutela, canalizar as energias operárias para os interesses do partido, não da classe".

Neno Vasco não era apenas um anarquista preocupado com a emancipação social e humana, com as lutas do proletariado e a publicação de jornais – divulgadores dos princípios socialistas – libertários, era também um idealista que prezava o idioma ao nível dos filólogos e do poliglota que era.

Nas páginas de O Amigo do Povo, e posteriormente do jornal A Terra Livre,[57] escreveu artigos memoráveis de clara preocupação com o idioma

57. Números de 18-7; 18-8 e 1-9-1907.

português enquanto fazia restrições aos acadêmicos Salvador de Mendonça, José Veríssimo, João Ribeiro e outros, apontando-lhes incoerências nas "desesseis proposições" apresentadas por eles à Academia Brasileira de Letras, para uma renovação ortográfica.

"A Academia Brasileira – enfatizava o talentoso redator de *A Terra Livre* – aprovou ultimamente, uma reforma ortográfica, no sentido de uma simplificação bastante semelhante a que usávamos. Sejam quais forem as nossas opiniões sobre certos pontos, como temos empenho em entrar num acordo tendente a pôr termo as ortografias em uso, tão complicadas, não temos dúvidas em seguir a opinião e iniciativa da Academia, fazendo, no entanto algumas observações".

Lembra em seguida a "substituição do Ph por F, da retirada do H das palavras ombro, ontem, etc., e acrescenta:

"Alguns dos nossos leitores, concordando com a utilidade da simplificação ortográfica, que só repugna aos literateiros exóticos, fanáticos exclusivos de formas arcaicas e vazias de idéias, não gostaram, porém, do "abuso" de acentos que, para eles, é antes uma complicação.

É certo que é preciso ter em conta, ao mesmo tempo, a simplificação caligráfica e que, por esse lado, os acentos complicam a escrita; mas, por outra parte, uma acentuação, o mais sóbria possível, tem vantagens importantes, fáceis de calcular, confrontando o castelhano com o português usual, em que a ausência de acentos dá origem a tantas incertezas na pronúncia".

Esta preocupação manteve-a Neno Vasco quando de Lisboa escrevia ao seu "Caríssimo Edgard Leuenroth", carta com data de 18-2-1912, da qual destacamos:

"*Ortografia*: – Eu acho a acentuação uma grande vantagem. Vemos, sobretudo entre os operários que fazem a sua instrução por si mesmos, constantes erros – até em conferências e discursos – e tudo por não termos, como o espanhol tem, o rigor de acentos. Em todo o caso, ao menos no *período transitório*, o rigor só é exigido nos livros escolares e publicações oficiais. No resto, de nosso só se acentuam palavras que possam confundir-se (há prévia e previa; Júbilo e jubilo; dívida e ele duvida; desânimo e eu desanimo) e as esdrúxulas pouco conhecidas. Vou comprar e mandar os 12 Mandamentos de C. Figueiredo, que resumem e simplificam a reforma. Aí há outra vantagem dos acentos; os italianos, e por influência deles, muitos outros dizem por exemplo eu anúncio, eu desanino, etc."

Já em Lisboa – como se lê na sua correspondência – Neno Vasco ainda continuava colaborando com os libertários do Brasil, ajudando na educação ideológica e na instrução iniciada por ele nas "redações" de *O Amigo do Povo* e *A Terra Livre*, pontos de encontro de militantes, de colaboradores,

escola de alfabetização para alguns e de aprimoramento para a maioria. Acima do advogado (profissão que nunca exerceu), do jornalista, do escritor, do teatrólogo, do tradutor, do idealista abnegado e do "Mestre", estava uma figura humana rara!

Nos 9 anos vividos em terras brasileiras, devotou-se a esclarecer dúvidas ideológicas a conciliar grupos ou militantes divergentes, instruir, ensinar e ensinar.

Orientou operários que desejavam escrever artigos nos jornais do movimento com muito para dizer e não sabiam como fazê-lo. Neno corrigia pacientemente artigos e cartas que lhe chegavam à redação publicando-as sempre com o objetivo de incentivar principiantes. Dava sugestões por cartas, ajudava a dizer melhor, corretamente o que pretendiam, sem nenhum ar de superioridade.

Contou-nos José Romero, um dos muitos que muito aprenderam com Neno, que ele nunca se valia da sua superioridade cultural, do seu saber, para distribuir normas ou aplicar métodos colocando os trabalhadores em posição de inferioridade. Nas reuniões, ou quando examinava escritos que tinha de corrigir, tentava fazê-lo, sempre que possível, na presença de quem os escrevia, dando através da sugestão, aulas práticas, sem nunca empregar "*o faça assim*", mas lembrando que "*se fosse assim*", tornar-se-ia mais clara a frase, o parágrafo, o artigo, ou a palestra, quando se tratava de preparar militantes para falar nos sindicatos e em comícios. Neno Vasco, "*era um verdadeiro mestre! Sabia ensinar com devoção de apóstolo. Jamais o vi colocar alguém em posição inferior à sua. Nem mesmo o mais humilde e rude dos trabalhadores. Era o mais puro dos militantes acratas que conheci nos meus 85 anos de vida*", acrescentou José Romero.

E o mais importante, é que fazia tudo pacientemente, esquecendo-se quase sempre de si, da sua própria subsistência, e para melhor ajudar e ensinar os trabalhadores, confundia-se com eles para desinibi-los.

Entre artigos, traduções, produções literárias, a preocupação com o anarquismo e o idioma português Neno Vasco escreveu "*Canto Operário*".

Neste inferno Proletário
Nossa vida se consome
O escravo do salário
Açoitado pela fome.

Não é livre quem depende
de potentes monstros de aço.
Não é livre quem se vende,
só dispondo dos seus braços.

português enquanto fazia restrições aos acadêmicos Salvador de Mendonça, José Veríssimo, João Ribeiro e outros, apontando-lhes incoerências nas "desesseis proposições" apresentadas por eles à Academia Brasileira de Letras, para uma renovação ortográfica.

"A Academia Brasileira — enfatizava o talentoso redator de *A Terra Livre* — aprovou ultimamente, uma reforma ortográfica, no sentido de uma simplificação bastante semelhante a que usávamos. Sejam quais forem as nossas opiniões sobre certos pontos, como temos empenho em entrar num acordo tendente a pôr termo as ortografias em uso, tão complicadas, não temos dúvidas em seguir a opinião e iniciativa da Academia, fazendo, no entanto algumas observações".

Lembra em seguida a "substituição do Ph por F, da retirada do H das palavras ombro, ontem, etc., e acrescenta:

"Alguns dos nossos leitores, concordando com a utilidade da simplificação ortográfica, que só repugna aos literateiros exóticos, fanáticos exclusivos de formas arcaicas e vazias de idéias, não gostaram, porém, do "abuso" de acentos que, para eles, é antes uma complicação.

É certo que é preciso ter em conta, ao mesmo tempo, a simplificação caligráfica e que, por esse lado, os acentos complicam a escrita; mas, por outra parte, uma acentuação, o mais sóbria possível, tem vantagens importantes, fáceis de calcular, confrontando o castelhano com o português usual, em que a ausência de acentos dá origem a tantas incertezas na pronúncia".

Esta preocupação manteve-a Neno Vasco quando de Lisboa escrevia ao seu "Caríssimo Edgard Leuenroth", carta com data de 18-2-1912, da qual destacamos:

"*Ortografia*: — Eu acho a acentuação uma grande vantagem. Vemos, sobretudo entre os operários que fazem a sua instrução por si mesmos, constantes erros — até em conferências e discursos — e tudo por não termos, como o espanhol tem, o rigor de acentos. Em todo o caso, ao menos no *período transitório*, o rigor só é exigido nos livros escolares e publicações oficiais. No resto, de nosso só se acentuam palavras que possam confundir-se (há prévia e previa; Júbilo e jubilo; dívida e ele duvida; desânimo e eu desanimo) e as esdrúxulas pouco conhecidas. Vou comprar e mandar os 12 Mandamentos de C. Figueiredo, que resumem e simplificam a reforma. Aí há outra vantagem dos acentos; os italianos, e por influência deles, muitos outros dizem por exemplo eu anúncio, eu desanino, etc."

Já em Lisboa — como se lê na sua correspondência — Neno Vasco ainda continuava colaborando com os libertários do Brasil, ajudando na educação ideológica e na instrução iniciada por ele nas "redações" de *O Amigo do Povo* e *A Terra Livre*, pontos de encontro de militantes, de colaboradores,

escola de alfabetização para alguns e de aprimoramento para a maioria. Acima do advogado (profissão que nunca exerceu), do jornalista, do escritor, do teatrólogo, do tradutor, do idealista abnegado e do "Mestre", estava uma figura humana rara!

Nos 9 anos vividos em terras brasileiras, devotou-se a esclarecer dúvidas ideológicas a conciliar grupos ou militantes divergentes, instruir, ensinar e ensinar.

Orientou operários que desejavam escrever artigos nos jornais do movimento com muito para dizer e não sabiam como fazê-lo. Neno corrigia pacientemente artigos e cartas que lhe chegavam à redação publicando-as sempre com o objetivo de incentivar principiantes. Dava sugestões por cartas, ajudava a dizer melhor, corretamente o que pretendiam, sem nenhum ar de superioridade.

Contou-nos José Romero, um dos muitos que muito aprenderam com Neno, que ele nunca se valia da sua superioridade cultural, do seu saber, para distribuir normas ou aplicar métodos colocando os trabalhadores em posição de inferioridade. Nas reuniões, ou quando examinava escritos que tinha de corrigir, tentava fazê-lo, sempre que possível, na presença de quem os escrevia, dando através da sugestão, aulas práticas, sem nunca empregar "*o faça assim*", mas lembrando que "*se fosse assim*", tornar-se-ia mais clara a frase, o parágrafo, o artigo, ou a palestra, quando se tratava de preparar militantes para falar nos sindicatos e em comícios. Neno Vasco, "*era um verdadeiro mestre! Sabia ensinar com devoção de apóstolo. Jamais o vi colocar alguém em posição inferior à sua. Nem mesmo o mais humilde e rude dos trabalhadores. Era o mais puro dos militantes acratas que conheci nos meus 85 anos de vida*", acrescentou José Romero.

E o mais importante, é que fazia tudo pacientemente, esquecendo-se quase sempre de si, da sua própria subsistência, e para melhor ajudar e ensinar os trabalhadores, confundia-se com eles para desinibi-los.

Entre artigos, traduções, produções literárias, a preocupação com o anarquismo e o idioma português Neno Vasco escreveu "*Canto Operário*".

Neste inferno Proletário
Nossa vida se consome
O escravo do salário
Açoitado pela fome.

Não é livre quem depende
de potentes monstros de aço.
Não é livre quem se vende,
só dispondo dos seus braços.

Vossos braços
fortes laços
sempre vivos,
enlaçai.
Vida! Vida!
decidida!
Eis, uni-vos!
Despertai!

Desgraçados,
Embalados
na esperança,
ficais sóis!
Luta! Luta.
Resoluta!
Confiança
só em vós!

Tu és sangue, liberdade!
Liberdade, tu és vida!
Mas mentira, Falsidade,
quando aos pobres concedida.

Liberdade e alegria
ao trabalho fecundante!
Seja a Terra que nos cria
Para todos boa amante!

Vossos braços, etc.

Nossas penas, nossas dores
são riquezas cumuladas.
Nem escravos nem senhores,
sobre a terra libertada!

Homens todos, produzamos,
nas cidades e nas minas!
Comuns sejam — não dos amos —
Campos, frutos, oficinas!

Vossos braços, etc.

Tudo, tudo produzimos,
mas, dispersos, nada temos!
Separados sucumbimos;
Só unidos, venceremos!

Um só corpo produtores,
desde os velhos às crianças:
nossas forças, nossas flores,
nossas ternas esperanças.

Vossos braços, etc.

Liberdade bem querida
irmã gêmea da igualdade!
Só contigo tem nascido
entre os homens a Verdade!

Liberdade, mãe da vida!
Na Igualdade, teu alento,
só teu seio dá guarida
ao fraterno sentimento!

Vossos braços, etc.[58]

O RETORNO

A Revolução Mexicana, como mais tarde outras revoluções, apaixonou os homens de idéias e os libertários da época, muito para além das fronteiras do país azteca.

A solidariedade não se fez esperar. A insurreição começa com a invasão da *Baixa Califórnia*, para libertá-la da tirania porfirista e fundar ali uma sociedade livre. Ricardo Flores Magon, já mundialmente conhecido pelas suas idéias libertárias e pelo seu combate à ditadura de Porfírio Dias, pede auxílio ao proletariado americano e ao movimento anarquista internacional. Em seu apoio foram para o México sindicalistas da Industrial Workers of the World e militantes libertários de todas as procedências: espanhóis, alemães,

58. Publicado no dia 1º de maio de 1907, no jornal *A Terra Livre*.

russos, ingleses, americanos e italianos, inclusive Giuseppe Garibaldi (neto do famoso lutador).

Neno Vasco encontrava-se ainda em São Paulo quando tudo começou. Solidarizou-se imediatamente com os revolucionários mexicanos sendo incumbido na ocasião de reunir donativos no Brasil para enviar à *"Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano"*, fundada e orientada pelo anarquista Ricardo Flores Magon.

Em 1911 voltou a Portugal fixando residência em Lisboa. A decisão do retorno foi motivada "pelo espírito nativista brasileiro contra o estrangeiro, a estreiteza de entendimento e o desrespeito às idéias e sentimentos dos que vinham viver e trabalhar no Brasil, e a implantação da *República Portuguesa* abrindo novos Horizontes ao movimento operário". Ainda depositários de "certa importância em dinheiro" coletado para os revolucionários mexicanos transfere essa incumbência para Edgard Leuenroth, anarquista radicado em São Paulo, ficando a seu cargo os recursos coletados apenas em Portugal.

Da capital portuguesa Neno Vasco faz apelos à solidariedade nas páginas do semanário portuense *A Aurora* dirigido pelo anarquista Antonio Alves Pereira.

É dessa época a carta (16-7-1911) escrita por Neno Vasco a Edgar Leuenroth falando de suas preocupações:

"Meu caro Edgard, estou com medo de fazer tolice no envio do dinheiro para o México. Com a prisão de Magom, foi substituído por um outro que me fala de Deus e da Pátria! Que fazer? Pedi informações aos camaradas de Paris para poder continuar a desempenhar a minha tarefa".

Posteriormente em cartas dirigidas a Manuel G. Garza, espanhol radicado em Los Angeles, e a Ema Goldman[59] procura inteirar-se da marcha da revolução mexicana e da trama da polícia ianque para prender e condenar Ricardo Flores Magon.

Nos primeiros tempos em Lisboa, Neno Vasco exerceu as funções de correspondente do *Diário* de Porto Alegre e de *A Lanterna*, jornal anticlerical e libertário dirigido por Edgard Leuenroth, na capital bandeirante, com o genérico título "Da Porta da Europa", crônicas mais tarde publicadas em livro com o mesmo título.

Anteriormente já havia escrito e publicado no Brasil as peças para o teatro social: "O Pecado de Simonia", "Greve de Inquilinos", traduzido o drama "Primo Maggio" de Pietro Gori, o hino "A Internacional", inúmeros poemas,

59. Pela importância ideológica e histórica, insere-se no final desta biografia versão em português da resposta de Emma Goldman a Neno Vasco.

artigos, folhetos, prefaciado *O Evangelho da Hora* de Paul Bertholet, colaborado na revista *Kultur*, *A Noite*, diário do Rio de Janeiro, e *La Bataglia*, São Paulo.

No começo de 1914, encargos de família obrigaram-no a procurar trabalho onde pudesse contar com pagamento certo. Empregou-se então como correspondente de línguas estrangeiras no escritório da Companhia Central Vinícola de Portugal, exportadora de vinhos, e o resto do tempo dividia-o dando aulas particulares, traduzindo livros, artigos, ao mesmo tempo que colaborava nos jornais: *A Aurora* e *Almanaque de A Aurora*, 1913, Porto; na revista *A Sementeira*, e ajudou a fundar *A Terra Livre*, e mais tarde o diário anarco-sindicalista *A Batalha* (1919-1927), de Lisboa.

Enviava ainda trabalhos para *Guerra Social*, do Rio de Janeiro bem como para outros periódicos brasileiros.

Durante a guerra de 1914-1918, Neno Vasco, nunca se deixou sensibilizar pelas forças em luta. Manteve-se sempre fiel aos princípios anarquistas e anacionalista, sendo então criticado por alguns aliadófilos colaboradores do jornal *Germinal*, como Emílio Costa, Augusto Machado, Bernardo Sá e outros, na época ainda (?) anarquistas. Como conseqüência dessa posição, travou-se uma breve polêmica, provocando ruptura no "tecido orgânico", sem maiores conseqüências porque o bom senso acabou prevalecendo.

Outro episódio que marcaria a coerência de Neno com os princípios libertários, ocorreu durante a greve dos empregados de escritórios, a qual só ele aderiu. Os demais companheiros da Companhia Vinícola continuaram trabalhando. No final do movimento, após discussão com o guarda-livros da firma, resolveu enviar carta à Direção explicando, com desassombro, as razões do seu gesto e pedindo demissão.

Não obstante a franqueza de Neno Vasco, um dos diretores, militar profissional, inimigo declarado das greves, resistiu ao pedido de demissão e quando viu que este era irreversível, inspirado na retidão de caráter do "seu funcionário" arranjou-lhe um emprego ainda melhor em outra Companhia exportadora.

Entre colaborações ideológicas e traduções, Neno Vasco chegou a comentar obras literárias, ressaltando que os literários só se interessavam pelas idéias revolucionárias unicamente com a preocupacção de tirar delas "motivos de beleza" para os seus escritos. "Sua revolta — escreveu na oportunidade — contra a atual sociedade é sempre incerta e inconsciente, sempre prontos a mudar de campo logo que descubram novos 'filões' de beleza para explorar."

Não obstante suas bem fundamentadas observações tinha simpatia pelos literatos que buscavam na questão social temas para suas obras, deixando

isso bem claro quando escreveu sobre a morte de Octávio Mirbeau. Suas objeções firmavam-se na "convicção de que os literatos muitas vezes, sacrificavam ao culto da forma a clareza do pensamento, obscurecendo-o, e tornando-o de difícil compreensão, fato que prejudicava sem dúvida, a tarefa do propagandista do ideal anarquista".

É de sua autoria o seguinte texto:

"A liberdade, a independência só existem na interdependência e na solidariedade entre iguais. Só existe na equivalência das funções igualmente necessárias à vida social. Só existe na propriedade comum e no trabalho associado. Só existe no socialismo — com a sua indispensável garantia de liberdade individual, que é para cada um o direito, em todos os casos, ao uso gratuito dos instrumentos de trabalho, e ter nos grupos produtores entrada e saída franca.

Façamos todos os homens donos de tudo. Organizemos a produção, tendo em vista as necessidades reais de todos, produzamos não para a venda, mas para o consumo. Façamos as trocas sem sinal de câmbio, isto é, sem valores de fácil emulação, meio de exploração, de parasitismo e furto. Aproveitemos todas as forças produtivas hoje desdenhadas — braços desocupados ou mal ocupados, parasitas improdutivos, terras incultas, máquinas inativas, matérias-primas, materiais de construção, forças naturais inaplicadas, progresso da técnica, descobertas científicas — e promovamos a abundância para todos e para todo o trabalho breve e curto. Costituamos a sociedade pela forma mais livre e maleável, da unidade para a coletividade, sob o impulso das necessidades naturais e pelo jogo das afinidades, o indivíduo autônomo no grupo, o grupo na federação. Não teria assim indivíduo a maior soma de independência?"

E insiste neste ponto:

"A independência natural aumenta com a solidariedade. Na sociedade atual, dividida em classes, há dependência e subordinação de escravos. Na sua organização socialista livre, de propriedade comum e de trabalho associado, teria cada um cada vez mais garantidas todas as vantagens da civilização. O próprio trabalho associado evoluiria no sentido da maior elasticidade, do maior número de vontades, a congregar, da maior individualização de força motriz e pelos progressos gerais da técnica.

Outra independência não há. Onde todos são interdependentes e solidários ninguém depende de outrem".

Nos primeiros tempos da revolução russa, Neno Vasco traduziu inúmeros documentos para a revista *A Sementeira*, mas não demorou a perceber que as bolchevistas agrediam a sua sensibilidade de anarquista, com os rumos

que vinham tomando. A prática de certas violências já então conhecidas mundialmente, eram inaceitáveis!

Coincidentemente com a revolução russa, sua companheira Mercedes Moscoso, espanhola, com quem se casara em 1905, em São Paulo, contraíra a tuberculose, doença que se mostrava claramente irreversível, vindo a falecer em janeiro de 1920. Abalado por esta situação, com três filhos brasileiros: Ciro, Fantina e Ondina, Neno Vasco tomou conhecimento de que também estava tuberculoso.

Começou então sua luta contra o tempo. Quem nos fornece esse detalhe da vida coerente e heróica do ilustre lusitano é *A Plebe*, nº 71, de 1920, com o seguinte texto:

"Necessitando de um tratamento rigoroso, com encargos de família, obrigado a abandonar o emprego que exercia a conselho médico e mesmo em virtude de seu abatimento físico, encontrando-se a braços com dificuldades tremendas, devido a todas as circunstâncias acima enumeradas e atendendo também à carestia terrível que assoberba todo o mundo, especialmente o povo português, Neno Vasco nada pede. Aquele infatigável espírito de combatente e militante, ao contrário: 'Trato de escrever a toda a pessoa o meu testamento espiritual, a ver se ao menos deixo algum serviço aos homens por insignificante que seja', assim, com os olhos fitos no ideal, se expressa num postal que escreveu a um amigo aqui domiciliado, referindo-se a um livro cujo comentário os leitores encontrarão noutro número deste jornal.

Nós, todos que o conhecemos, que com ele aprendemos e convivemos, e todos aqueles que têm bebido em seus escritos notáveis, conselhos e observações de tática e de doutrina, temos, mesmo com risco de ferir a sua enorme modéstia, o dever iniludível de o não abandonar neste transe doloroso e difícil de sua vida auxiliando suas crianças".

Pouco depois, ou mais exatamente em 15 de setembro de 1920 o Dr. Gregório Naniazeno Moreira de Queiroz Vasconcelos, "advogado, cientista, poliglota, escritor, jornalista e teatrólogo" falecia em São Romão do Coronado, perto do Porto, para onde se deslocara na esperança de ser beneficiado pelo clima mais favorável para seu precário estado de saúde.

Surpreendido pela morte, Neno Vasco deixou incompleto o livro anunciado aos seus companheiros de São Paulo. Assim mesmo foi publicado com o título *A Concepção Anarquista do Sindicalismo*, prefaciado pelo professor e anarquista Adolfo Lima.

Por ocasião de sua morte, *A Comuna*, semanário portuense, publicou em primeira página:

"Morreu Neno Vasco. Com ele desaparece uma figura inigualável de apóstolo e de lutador, que à causa da anarquia dera o melhor e mais nobre quinhão do seu esforço de homem superior, pelo caráter e pelo espírito, em cuja alma ardia a bondade dos justos e a exuberante ternura dos sacrificados de Amor e da Justiça. Sucumbiu bem novo. Apaga-se esta figura inconfundível aos 42 anos, à hora em que pelo vasto mundo a humanidade vela ansiosamente as claridades de uma era que alvorece..."[60]

Em seu livro *Figuras Gradas do Movimento Social Português*, Lisboa, 1959, Alexandre Vieira fala deste homem simples e culto, extraordinário pelo seu saber e modesto por temperamento.

"A perda de Neno Vasco – doutrinário que não chegou a tentar ser o lírico a que aspirava na adolescência, mas que, do ponto de vista educativo, lançou jorros de luz em muitos cérebros – foi não só irreparável para a família, mas também para o movimento anarquista. Esse homem, que, além de escritor primoroso, era um filósofo distinto, nunca se apresentou como conferencista, nem tomou parte em qualquer Congresso, comício ou sessão, porque não tinha temperamento para defrontar o público, não obstante haver defendido com veemência a organização sindicalista e de ter mostrado que possuia vontade forte".

"Era tão simples na apresentação e no trato que só por ocasião da sua morte os patrões e o pessoal do estabelecimento do Poço do Bispo, onde trabalhara durante anos, vieram a saber que haviam contatado com um universitário e escritor de mérito!"

Ao seu funeral estiveram presente – segundo o jornal *A Comuna* do Porto – representantes do "Comitê de Auxílio a Neno Vasco" de Lisboa e do Porto; o secretário da Confederação Geral do Trabalho, Manuel Joaquim de Sousa; Darwin Castelhano, representando *A Comuna* e Cristiano de Carvalho, representando os intelectuais.

Compareceram ainda delegados do diário *A Batalha*, que se deslocaram de Lisboa, da União dos Sindicatos Operários, de Grupos Anarquistas, Trabalhadores e homens de idéias.

Seu cunhado e anarquista – Adriano Botelho – ficou com os seus três filhos, do quais dois faleceram vítimas da mesma doença dos pais, restando apenas a filha mais nova que ainda vive nesta data (1985), em Lisboa.

Após a sua morte foi fundado o "Grupo Anarquista Neno Vasco" em São Paulo; na sede do diário *A Batalha*, afixado uma ampliação do seu retrato,

60. *A Plebe*, de São Paulo, também publicou uma biografia na primeira página que incluímos no final desta biografia.

obra do seu amigo Adolfo Nunes, usando da palavra no ato diversos companheiros de idéias na presença dos seus filhos e cunhada.

No Brasil, na rua Juiz Alberto Nader, 30, Cidade – Município de Nova Iguaçu, existe um edifício multifamiliar com o nome de "*Neno Vasco*"; suas peças, principalmente "O Pecado de Simonia" foi representada dezenas de vezes. E seus trabalhos reproduzidos em *Contos Anarquistas*, de Antônio Arnoni Prado e Francisco Foot Hardman, este último, autor de *Nem Pátria nem Patrão*, onde a figura de Neno Vasco se faz presente. Nos livros *Socialismo e Sindicalismo*; *Nacionalismo e Cultura Social; Novos Rumos; Alvorada Operária; Violência, Autoridade e Humanismo; O Anarquismo na Escola – No Teatro e na Poesia*, todos do autor desta biografia, em *Anarquismo – Roteiro da Libertação Social*, antologia de Edgard Leuenroth e em mais de duas dezenas de teses de doutoramento e obras publicadas nos últimos 15 anos.

PONTOS DE CONTATO COM NENO VASCO

Carta de Kropotkin a Neno Vasco

"Caro camarada,

Agradeço-te bem fraternalmente – a ti e aos camaradas de São Paulo – o envio de dinheiro (4 libras esterlinas) para os revolucionários russos.

Divido esta soma em duas partes iguais entre os socialistas revolucionários e os anarquistas.

Não, queridos camaradas e amigos, a vossa subscrição não chega tarde demais. A Revolução na Rússia não se fará num dia. Ela exigirá dois, três anos para se realizar, como a Revolução Francesa e a Inglesa (de 1648). Neste momento, sofremos um instante de reação terrível. Mata-se, fere-se, viola-se...os horrores praticados nas províncias Bálticas, no caminho de ferro Moscou-Kazan, pela Guarda Imperial, sobre os camponeses que se revoltam, e enfim sobre as raparigas que, cansadas de ver esses horrores, atiraram sobre o chefe da polícia em Minsk e sobre o vice-governador em Tambof, – esses horrores excedem tudo quanto se teria podido conceber. É necessário [re]montar à *Idade Média* para imaginar o que essas duas jovens heroínas, A. Ismailovitch em Minsk, e Maria Spiridonoff em Tambof, sofreram.

E, no entanto, são as contorções do animal que morre. Por toda a parte penetra o espírito de revolução. Por toda a parte há um sopro novo.

A imprensa *toma* as liberdades, e, apesar das perseguições, diz tudo. A nossa literatura anarquista aumenta e circula. E, como sempre em Revolu-

ção, acham-se lado a lado os contrastes mais frisantes, de terror branco e de liberdade tomada.

Sabeis sem dúvida da greve imensa das minas que começou nos Estados Unidos, e das grandes greve dos mineiros do Norte, em França.

A Europa Ocidental agita-se também, e uma grande greve se prepara em França para o primeiro de maio. Que fazeis vós, camaradas, nesta direção? Se estalar uma greve geral num só país da Europa, haverá imensas greves por toda a parte.

Vosso, caros camaradas, e da Revolução Social.

Muito fraternalmente,

Pedro Kropotkin.

Que bonito nome *A Terra Livre*, que tomastes para o vosso jornal! Vai bem?"[61]

Carta de Emma Goldmann para Neno Vasco:

"Meu caro camarada:

Tenho em meu poder a sua carta e também o dinheiro enviado em dólares os quais serão remetidos aos nossos camaradas mexicanos.

Você não pode imaginar o que significará para eles. Não somente por causa do dinheiro, o que eles necessitam muito, mas também por causa da *Solidariedade* que os camaradas do Brasil têm demonstrado.

Realmente o inimigo está desesperado ao verificar a união de várias nações no mesmo propósito.

Por favor, transmita aos camaradas do Brasil e Portugal minhas saudações cordiais. Diga-lhes que desejo um dia ir ao encontro deles se puder.

Eu falo francês mas somente para conversar. Quisera poder fazer conferências naqueles idiomas. Eu então faria uma série de conferências através de todos os países latinos. No próximo ano espero fazer uma turnée à Austrália e a todo o mundo da língua inglesa.

Nossas idéias na América estão ganhando terreno, como você pode deduzir pelo sucesso de minhas turnées. Nos últimos 3 anos fiz conferências diante de aproximadamente 150.000 pessoas e vendi cerca de 40.000 exemplares de literatura anarquista. Porém, a repressão é muito grande, não somente por parte do Governo americano, que está ficando despótico a cada

61. Recebida em São Paulo no começo de 1906 e publicada por Neno Vasco na *Terra Livre*, de 16-5-1906. Esta tinha por fim confirmar o recebimento de dinheiro de uma coleta feita em São Paulo a favor dos revolucionários russos. (Nada tem haver com os bolchevistas.)

dia mais, também por causa dos caçadores ao poder político dentro do partido socialista.

No entanto, não nos importamos, o espírito da marcha revolucionária e o anarquismo triunfará.

Fraternalmente,

(28-11-1911) Emma Goldmann."

TRABALHOS DE NENO VASCO

1 – *Greve de Inquilinos* – peça de teatro em 1 ato;
2 – *O Pecado de Simonia* – comédia em 1 ato;
3 – *Geórgicas* (Ao Trabalhador Rural);
4 – *Da Porta da Europa*;
5 – *Sindicalistas e Anarquistas* (antologia);
6 – *Concepção Anarquista do Sindicalismo* (incompleta);

No Brasil:

7 – *O Amigo do Povo* (diretor);
8 – *A Terra Livre* (diretor);
9 – *Aurora* (diretor);
10 – *A Lanterna*, *A Guerra Social* e *O Diário* (colaborador);

Em Portugal:

11 – *A Sementeira*, *A Aurora*, *Germinal*, *Terra Livre*, *A Batalha*.

ESCREVEU:

Tese: *Os Anarquistas no Movimento Operário* (1913).

Tem seu nome (Dr. Neno Vasco) num edifício multifamiliar na Cidade de Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro e na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 34 – Pág. 305/6, que conclui o verbete a seu respeito: "Era tão simples na apresentação e no trato que só depois de sua morte os patrões e o pessoal do estabelecimento (onde era tradutor de línguas) vieram a saber que haviam contado com um universitário e escritor."[62]

62. Ver no apêndice, Anexo III, outros documentos de e sobre Neno Vasco.

FÁBIO LUZ

Brasileiro, médico, professor, escritor, jornalista, anarquista.

Fábio Lopes dos Santos Luz (31-7-1864 – 9-5-1938) nasceu em Valença, Bahia,[63] formou-se em medicina, e como ele mesmo diz em seu *Testamento Libertário*: chegou ao anarquismo instintivamente.

Colaborando na imprensa libertária, fazendo conferências e ministrando cursos nos sindicatos, Fábio Luz não poupava esforços. Estava sempre pronto, inclusive a ensinar português e francês em sua casa, à noite, aos operários que queriam melhorar seus conhecimentos e saber ler jornais acratas chegados da Itália, da França e da Espanha. Não sabia dizer não e nem cobrar qualquer tipo de pagamento. Viveu e morreu pobre entre os pobres que labutavam honradamente, dia a dia.

Começou sua produção literária em 1901 com o livro *Novelas*. Em 1903 publicou *Ideólogo* e logo *Os Emancipados* trazendo para o romance a questão social pela primeira vez no Brasil.

No ano de 1908 publicou a novela *Virgem-Mãe*.

Por essa época já colaborava na imprensa operária e libertária.

Nos quatro anos seguintes escreveu e publicou obra didática *Leituras de Ilka e Alba* onde sobressai a sua bondade, o seu humanismo e o seu carinho pelas crianças e pela natureza como se pode avaliar no seguinte capítulo:

"Salmo da Vida e das Flores

– 1 –

As promessas de um arrebol de cores matizados, que se contêm nos botões, formam-se, estiolam-se, caem ao sopro frio da geada.

– 2 –

Brotam das flexíveis hastes flores mimosas que esmaltam e perfumam os campos. O sol as cresta.

63. Em nosso livro *"Socialismo: Uma Visão Alfabética"*, no verbete sobre "Fábio Luz", consta ter nascido em Marquês de Valença, Estado do Rio de Janeiro. Aqui fica a retificação: Fábio Lopes dos Santos Luz nasceu na Cidade de Valença, Estado da Bahia.

– 3 –

Cheias de viço, douradas de fino pólen fecundante, espandem-se em pleno desenvolvimento; abrem as multicores corolas; deixam evolar-se para o azul sereno do céu, perfumes embriagadores; percorrem todo o ciclo da existência outras flores, cujas pétalas o vento leva.

– 4 –

As primeiras não chegam a viver.

– 5 –

As segundas viçam e desaparecem sem deixar traços.

– 6 –

Somente as terceiras vivem a vida completa, perpetuam-se, levados os germens pelo espaço em fora, na tênue escumilha das asas transparentes ou nos tumultuosos remoínhos das tempestades.

– 7 –

Vivem no turbilhão da vida que se renova e se transmite.

– 8 –

Assim as almas humanas.

– 9 –

Umas não deixam sequer o casulo, não chegam a olhar a deslumbrante luz do saber.

– 10 –

Outras aparecem para finar-se ingloriamente, tendo brilhado um dia, sem ter sofrido.

– 11 –

As outras que receberam o banho sacrossanto da luz de um ideal, que passam no turbilhão do sonho, semeando crenças, agitando consciências, só elas se perpetuam, vivem a vida intensa, santificadas pelo sofrimento, enobrecidas pelo sacrifício, em bem da espécie.

– 12 –

Compare-se a sociedade humana com uma planta.

— 13 —

As raízes buscam o alimento nas fundas trevas das entranhas da terra, na limpidez das águas, nas oscilações do ar, são a base e o sustentáculo da árvore.

Representam o vulgus, a turba ignara, a plebe trabalhadora, buscando nas minas, nos fundos mares, na eletricidade ambiente a riqueza e o sustento.

— 14 —

As flores viçosas, vistosas e ornamentais, respirando ar puro e o oxigênio vivificador, aproveitando o carbono nutriente, e da luz solar fazendo-se criativos químicos, tomam formas múltiplas e elegantes, deixam-se acaricar pelas brisas, vestem as plantas e lhes dão os tons de garridice e elegância. Representam a classe média que lhe faz sabidamente a distribuição da seiva e goza.

— 15 —

As flores viçosas e os frutos saborosos, ornamentais, em busca da luz, em busca do azul, simbolizam o escol da inteligência, da beleza, da perfeição, da arte, da representação da raça, da perpetuidade dos instintos refinados, dos estigmas da espécie elevados ao seu maior grau potencial."

Produzindo sempre no sentido de contribuir para a emancipação social e humana, Fábio Luz publicou em 1915, *Elias Barrão* e no ano seguinte *Memórias de Joãozinho* consagrando-se como escritor social.

Penetrando no terreno da crítica literária publica *A Paisagem no Conto, na Novela e no Romance* (1922), *Nunca* (1924), *Estudos de Literatura* (1927), *Ensaios* (1930), *Salamandra* (1931), *Pretidão de Amor* (1932) e *Dioramas* em 1934.

São de sua autoria também os seguintes folhetos de estudo e combate: *A tuberculose sob o ponto de vista social*, *A Internacional Negra*, *Nós e os Outros* e *Lua Nova* ou *O Amor Livre*.

Fábio Luz escreveu ainda *Graças a Deus*,[64] *Para Tão Grande Amor*, *Tão Curta Cura*, *Antheros* e outras peças de teatro social e infantil; a novela *Holophernes* (1938), *Hipnotismo e Livre Arbítrio*,[65] *Manuscrito de Helena* (novela), *O Sistema Montessoriano na educação das crianças* e *O Cerco da Lapa* (história).

64. A peça *Graças a Deus* foi traduzida para o castelhano.
65. Trata-se de sua tese de doutoramento.

Colaborou nos seguintes jornais e revistas: ***Brasil Moderno*, *Rio Chic*, *Revista das Revistas*, *Brasiliana*, *Brasiléia*, *Tico-Tico*, *Ordem e Progresso*, *O Malho*, *O Paiz*, *Jornal do Comércio*, *Aurora*, *O Dia*, *A Época*, *Jornal do Brasil*, *Correio do Brasil*, *A Folha*, *Voz do Povo*, *A Plebe*, *O Amigo do Povo*, *Correio da Tarde*, *Manhã*, *Correio do Comércio*, *Gazeta de Notícias*, *Revolução Social*, *A Luta Social*, *A Vanguarda*, *Internacional*, *A Lanterna*, *Guerra Social*, *A Voz da União*, *Kultur*, *A Vida*, *Na Barricada*, *Renovação*** e outros jornais anarquistas e operários do Brasil e do exterior.

Fábio Luz foi, também, um professor aplicado, realista, inovador, de largos recursos criadores, que se bateu sempre pela renovação[66] da escola. Ensinou francês, português, história e latim no Colégio Pedro II e regeu a cadeira de português do 2º ano. Prelecionou história do Brasil, história natural e higiene em colégio e em Centros de Estudos Sociais. Já aposentado dirigiu o Ateneu e depois o Liceu Popular de Inhaúma; fôra professor de Artes e Ofício na Escola Orsina da Fonseca e na Escola Royal de Datilografia. Fábio Luz ensinava seus conhecimentos didáticos, também pelos seus atos, pela sua dedicação aos que precisavam de saber, e pela bondade e tolerância, graças a sua irreprimível personalidade.

Como higienista, o Dr. Fábio Luz, prestou relevantes serviços. Já no ano de 1888, fôra delegado de higiene na freguesia de Santa Rita, todavia, seus melhores serviços, prestou-os gratuitamente, por simples Solidariedade. Promoveu campanhas a favor da higiene nas fábricas, nas oficinas, nos locais de trabalho. Sobre isso, proferiu conferências e publicou artigos em jornais. Bateu-se pela higiene nos restaurantes, bares e cafés, e a ele se deve os açucareiros fechados hermeticamente nos botequins de hoje, que ao tempo apareciam sobre as mesas abertos, sujeitos às moscas, à poeira e a toda sorte de insetos; a ele se deve a defesa e conservação das árvores de tanta utilidade para a saúde humana. Como médico, Fábio Luz teve sempre nos trabalhadores, nos humildes, os seus maiores clientes. Para os pobres do Engenho Novo, do Méier e bairros vizinhos, onde tem hoje uma rua com seu nome, o Dr. Fábio Luz era o médico e o amigo que examinava e, ainda, dava dinheiro para comprar os remédios. Onde quer que estivesse nos sindicatos operários, nos Centros de Cultura Social, na Academia Carioca de Letras a qual pertencia, ou nas suas múltiplas atividades, ali estava irradiando anarquismo. Fábio Luz era anarquista entre os anarquistas e fora deles, quando escrevia ou falava e nas suas relações e ocupações de todos os dias.

66. Neste sentido em 1904, Fábio Luz, ajudou a fundar a "*Universidade Popular Livre*" no Rio de Janeiro (entenda-se libertária) e foi um de seus professores.

Sobre o militante libertário, disse o escritor argentino Campio Carpio:

"Fábio Luz não é exemplo único de grandeza moral, num país propício à criação e manifestação de grandes espíritos. Mas é um deles, e dos mais distinguidos, cujo pensamento sobreviverá por muitos anos, ao lado dos seus prósperos mais excelsos".[67]

Todavia, para um dos seus muitos admiradores e aluno que o conheceu na intimidade "o Dr. Fábio Luz era uma anarquista puro. O anarquismo era o seu modo de ser, de viver, era a sua atitude para com a humanidade".[68]

Apesar de toda a sua bondade, grandeza moral e coerência ideológica, foi preso algumas vezes pela polícia e atacado por egressos do anarquismo.

O seu mais feroz inimigo foi, sem dúvida, Àstrojildo Pereira, seu ex-companheiro de idéias e de andanças pelos sindicatos, a partir de março de 1922.

Depois de tecer loas inúmeras vezes ao camarada Fábio Luz, quando chegou à chefia do PCB passou a atacá-lo com palavras odiosas, de moleque,[69] influindo recentemente no crítico literário Fábio Lucas.[70]

Da resposta de Fábio Luz às "infantilidades do Sr. Astrojildo"[71] recolhemos os seguintes tópicos:

"Adstrito aos costumes russos e tradicionais, nosso ditador já exerce as funções de um pontífice bolchevista religioso; assim é que, inspirado pelos divinos poderes bolchevistas, nomeia bispos e cria igrejinhas.

Quem se poderá julgar revolucionário sem o cartão de identidade e o distintivo, à lapela, do Partido Comunista? Revolucionário no conceito respeitável do mestre amável, sempre pronto a dar conselhos, é somente aquele que faz propaganda pelo fato, o terrorista, e dinamiteiro, que destrói as edificações materiais da burguesia, na intenção de reconstruir, com os mesmos materiais podres, edifícios iguais".

... "Não errei caminho quando caminhei decididamente para o anarquismo e aí firmei-me pelo estudo, sem pedir licença a mestre algum, provisionado ou não. Desde que julgo ter chegado à verdade e dela me acho convencido, pouco me preocupo com as opiniões contrárias pregadas por Confúcio, Buda, Jesus Cristo... ou Astrojildo. Se não ingressei nas associações que recomenda o mestre do Marxismo, principalmente na Sociedade Protetora dos Animais, foi para não amparar certa raça de animais de dois pés tão conhecidos de todos, e que tanto mal fazem ao progresso da humanidade".

67. Da revista *Umbral*, Paris, outubro de 1964.
68. Memórias de Amilcar dos Santos
69. Veja-se *O Libertário* — 1922-29 — Rio Grande do Sul.
70. *O Caráter Social da Literatura Brasileira*.
71. Título de um dos artigos de Fábio em *A Voz da União*, São Paulo, ano 1, nº 8, 4-12-1922 — Redator: Souza Passos.

... "Se o sr. Astrogildo não me conheceu nas lutas libertárias, queixe-se de sua ignorância ou de sua má fé, pois bem sabe que o primeiro romance publicado no Brasil com francas tendências anarquistas, em 1903, foi *O Ideólogo* de minha autoria, numa época em que se fundava a "Universidade Popular Livre" e anarquista, em que se editavam, *O Amigo do Povo*, *Kultur*, etc., já com a minha colaboração".

O HOMEM E AS IDÉIAS

Justificando os objetivos do livro *Nacionalismo e Cultura Social*[72] publicado pela Editora Laemmert em 1972, fizemos alguns reparos aos enfoques de Fábio Lucas em torno da figura ímpar de Fábio Luz, homem de idéias humanitaristas, escritor pioneiro, introdutor da questão social no romance em terras brasileiras.

Não nos moveu intuitos de polemizar com o ilustre crítico mineiro, pretendemos na oportunidade chamar a sua atenção para a injustiça cometida contra Fábio Luz, influenciado pelas "odiosas expressões de Astrojildo Pereira, que a partir de 1922, após atingir a 'chefia' do PCB se tornara ferrenho e combativo inimigo do seu velho mestre". Acrescentamos na ocasião que "o crítico transferia o mérito do anarquista Fábio Luz para o anarquista Avelino Foscolo. Ambos adeptos da Escola Filosófica de Pedro Kropotkin, ambos humanistas de primeira linha! Fábio Luz era da Academia Carioca de Letras, médico; Foscolo era da Academia Mineira de Letras, farmacêutico, dois grandes corações, sempre prontos a prestar solidariedade àqueles que não tinham como pagar e a eles recorriam em busca de alívio para seus sofrimentos físicos. Ambos foram dos primeiros no Brasil a falar da emancipação operária, a se lançarem na luta social, na elaboração e fundação do teatro sacial, organizadores de centros de cultura, de jornais libertários, e assíduos colaboradores na imprensa acrata e porque não dizê-lo, ambos anarquistas, que apesar de 'perigosos', o Estado apôs seus nomes em ruas do Rio e de Minas".

72. O título deste livro e da maioria dos seus capítulos resultaram da necessidade de torná-lo menos "subversivo" aos olhos e ao entendimento dos servidores da ditadura implantada em 1º de abril de 1964, vivendo o "momento histórico dos seus inquisidores", no ano de 1972. Apreendido o original na residência de um amigo do autor, passou a fazer parte do "material de acusação" contra mais de uma dezena de anarquistas envolvidos num processo transitando na Auditoria da Aeronáutica do Rio de Janeiro. Para reaver o original (hoje depositado em arquivo na Suíça) pagou o autor, 700 cruzeiros, e assumiu o compromisso de lhe mudar o título geral e de alguns capítulos, "refazer" e "amaneirar" alguns textos, para conseguir sua publicação em 1972.

Fábio Luz tinha em melhor conta Avelino Foscolo. Comentou seus romances com respeito e admiração.

"Tomou para estudo Avelino Foscolo, no seu romance social – *O Jubileu*, um dos males psicológicos das nossas populações, não só rurais como cidadãos, a crendice, o fetichismo, combatido e explorado pelo clero, com sua adoração de ídolos, suas invocações, suas promessas, suas superstições.

Em largas, vigorosas e impressionantes pinceladas nos descreve a peregrinação à igreja do Bom Jesus de Matosinhos, com a orgia, o jogo, a miséria, a exploração dos milagres, a simonia, a venda de tudo, o mercado das carnes, das consciências, do gado e da honra".

"De um grande poder descritivo – continua Fábio Luz – Foscolo não se estende demasiadamente nas suas paisagens, esboçando-as apenas como molduras que enquadram as almas de seus personagens. Mesmo assim são nítidas e exatas as pinturas, com as cores vivas dos trajes e a majestade dos panoramas", concluindo que *Jubileu* é livro para ser lido e meditado, é este um bom modelo de litertura regional, em que se estuda a dor universal. É um romance mineiro que interessa à Humanidade". (*Ensaios*, Rio, 1930, Pág. 51 e seguintes).

Fábio Luz era sincero em sua expressões, fiel às idéias que defendia, preferindo sempre o conteúdo à forma bela e vazia da maioria dos literatos.

Othon Costa homenageando Fábio Luz na Academia Carioca de Letras, na sessão de 24 de maio de 1938, a qual também pertencia, proferiu significativas palavras sobre o anarquista baiano:

"Outros façam a crítica de seus livros, outros lhe descubram falhas, defeitos e incorreções, eu sou cego; ceguei ao brilho diamantino da impecavel pureza daquela vida; não vejo nunca o escritor, vejo sempre o homem virtuoso e bom; é através do homem que enxergo a obra, e através do poeta, do pensador, que leio os livros, que me emociono, conformando-me ou não com os conceitos. Quando leio seus trabalhos, vejo sempre entre as páginas e a minha retina muito esbatida, mas muito nítida, sua figura serena, irradiante de simpatia, macilenta e pensativa, tal qual sempre conheci, na inalterabilidade superior de quem achou o sentido da vida no desprendimento de si, no amor do próximo, na transitoriedade da existência terrena e na tendência para um mundo melhor de paz e de carinho, de solidariedade, verdade e felicidade.

Estas palavras que o boníssimo Fábio Luz escreveu em *Dioremas* evocando a figura serena e admirável de Rocha Pombo, podem ser agora repetidas, com igual propriedade, ao relembrar-se a personalidade, por assim dizer, estranha nos dias que passam, de um homem que se conservou essencialmente bom, harmoniosamente idealista, absolutamente sem ambições e

vaidades, renunciando a tudo que estivesse além de sua intensa vida espiritual, como a demonstrar praticamente que as nossas grandes reservas morais ainda não se extinguiram de todo, e que todos os bens desta vida não valem a irrepreensível lição de sabedoria e dignidade que se perpetua nos belos e nobres exemplos como o seu.

Infelizmente são bem raros, nos dias atuais, os exemplos de uma vida como a de Fábio Luz, que pouco faltou e eu mesmo nem sei o que terá faltado, para ser perfeita. A propósito daquela alma irmã que foi Rocha Pombo, disse o meu saudoso e querido Fábio Luz: 'quem tem uma direção na sua trajetória por este vale de lágrimas, não pode muito variar de pele, e já é uma grande virtude resistir ao mimetismo circunjacente'. Este conceito define magistralmente o seu caráter, cuja integridade foi uma das mais constantes e gratas observações de minha vida.

A minha amizade pelo insigne escritor brasileiro foi uma das minhas mais ardentes alegrias íntimas e um prazer espiritual que todos os dias se renovava em contato com a sua alma clara, luminosa, irradiando uma simpatia que chegava a sedução, e a eclodir, naquela serenidade que refletia a mais bela vida interior, as lições de sabedoria e de nobreza que andavam sempre nos seus lábios e nas suas atitudes".

A avaliação da figura humana de Fábio Luz não podia ser retratada de outra forma. Em tudo que dizia e fazia, a bondade e a humildade natas estavam presentes.

O seu EU transparecia imaculado, sem reticências...

Fábio Luz viveu e morreu anarquista, sem ter de que se arrepender ou esconder. Deixou isso bem claro em seu *Testamento Ideológico* incluído no final desta modesta biografia, pela primeira vez publicado no Brasil; nos comentários ao livro de Veiga Miranda, *Os Irmãos Siameses* e sobretudo à obra do seu "inspirador" Pedro Kropotkin.

Ao longo de 16 páginas em *Dioremas*, Fábio Luz repassa a vida e a obra de um príncipe que renunciou à vida faustosa para ser um plebeu anarquista. Por fim fala da influência que o anarquista russo teve na sua formação:

"Não foi outro o meu intento, escrevendo estas linhas a respeito da obra de Pedro Kropotkin, senão o de prestar pobre e insignificante homenagem ao único espírito pelo qual me tomei, a princípio, de simpatia, depois de admiração e por fim de veneração. Espírito libérrimo, um tanto ou quanto inconoclasta, rebelde e revolucionário, jamais tive ou aceitei ídolos ou mestres; nunca me prendi aos grandes nomes das letras e das ciências senão às suas idéias.

A vida romântica de Kropotkin, seus estudos da natureza, seus livros de economia política libertária, seus livros de ciência sempre me atraíram e se

não fora presunção de pobre hera desconhecida, eu diria que fui seu discípulo e com ele aprendi a coordenar e dirigir, bem divulgadas, minhas tendências anarquistas, minhas revoltas de libertário.

Foi efetivamente o encontro com as obras de Kropotkin, que o acaso proporcionou ao jovem médico baiano, que conduziram Fábio Luz ao anarquismo, os estudos e ensinamentos do sábio russo responsáveis por seu discurso quando da inauguração da "Universidade Popular" em 1904, no Rio de Janeiro:

"Cidadãos:

Está aberta a sessão com que se instala definitivamente a "*Universidade Popular*".

Que soma de esforços e de energia, que soma de atividade e boa vontade, que soma de tenacidde e perseverança, representa esta solenidade, esta primeira estação alcançada, este pioneiro marco fincado, esta pioneira paragem vencida na longa jornada do bem e da instrução popular, todos vós conheceis, todos vós compreendeis.

A presente sessão inaugural vale por um protesto vibrante, vale por uma afirmação solene, no momento mesmo em que os poderes públicos, por seus representantes, declaram que é cedo para cuidar de Universidades Populares. Cedo para cuidar da educação do povo!!! Cruel irrisão!!!

Raramente se encontra em documentos públicos tais franquezas, tal sinceridade.

A república, em verdade, não foi aqui a incorporação do proletariado à sociedade moderna; tem sido bem ao contrário a sua exclusão. Aqueles que declaram lealmente que é cedo para educar a plebe são coerentes; defendem-se".

Ao dar por inaugurada a "*Universidade Popular de Ensino Livre*" o jovem médico disse:

"Mais uma larga e luminosa senda está aberta para o futuro de paz e de justiça, de solidariedade e amor. Que todos aqueles que nos negrores das oficinas fuliginosas, nos presídios das fábricas, na galé eterna do trabalho exaustivo e no doloroso labor diário em benefício do explorador; que todos aqueles que aspiram pela emancipação moral e pela libertação econômica, venham aqui buscar um pouco de luz para desbravar o caminho na conquista da sociedade futura, feliz e igualitária".

Este é Fábio Luz, um dos mais ilustres brasileiros que — contrariando todos os adjetivos desprimorosos que lhe foram dispensados por ser anarquista — nunca cometeu um ato indigno ou praticou a violência contra quem

quer que fosse. Sua vida, sua obra e suas idéias se confundem, completam formando uma personalidade proba, de irrepreensível honradez.

Fábio Lopes dos Santos Luz morreu em 9 de maio de 1938, pobre e anarquista como viveu.[73]

73. Ver o Testamento e outros documentos de Fábio Luz, no apêndice, Anexo IV.

APÊNDICE

ANEXO I

José Oiticica

A BENÇÃO

A praia era lira; o mar ressoava nela.
Copacabana acesa era um bazar pagão...
Vinham da Ilha Rasa, olás! de sentinelas
E o Pão de Açúcar estranhava a imensidão!

Cada luz de lampião tinha ares de donzela
A rir, a rir, na noite apaixonada. Em vão
Cantava a luz do tear da espuma tagarela...
O forte – espião do sul – espiava a Escuridão.

Nós dois, par amorosos, ante o mar sonolento,
Cheios da festa nova iluminada em tudo,
Entrevimos um *mais* que viria depois.

Fechamos os olhos, comentando o pensamento,
Apertamos as mãos num juramento mudo...
E um deus qualquer abriu as mãos sobre nós dois!

JOÃO FELPUDO

João Felpudo vai-te embora
Que o menino não te quer
Dorme quieto já não chora
Volta quando eu te disser

Quem chorou foi o vizinho
Mas não foi de manhã, não.
Anda agora tão doentinho
Aí tem pena dele João.

Vai ao mato, vê cidreira
Ferve as folhas, faze um chá
Que a mãe dele, é lavadeira
Sabe Deus que vai por lá

Se estiver com muito frio
Dá-lhe roupa e cobertor
Um colchão quente e macio
Deus te pague tal favor.

EXTRATOS DE CARTAS DA PRISÃO

"*Cajusa*:
Pela segunda vez me recomendas que não me ponha a rezar!! Então pelo simples fato de ter ido assistir a 1ª comunhão das colegas das nossas filhas, quer dizer que dei para rezar ou freqüentar igrejas? Não vês que foi uma gentileza da minha parte para com Miss Andrew e D. Alice que têm sido muito gentis comigo? Bem sabes que a minha fé é a tua". (Rio, 1-9-1924 – Zinha).

"*Cajusa*:
Estava jantando ontem quando o Coelho Neto me telefonou para que eu aparecesse. Lá estive e soube então da resposta da tal carta encantada... Disse-lhe o Felix Pacheco, que o Dr. Artur Bernardes dissera que acreditava muito na palavra de honra de Coelho Neto, mas que eles vissem o que se está passando na cidade e que é tudo reflexo de coisas passadas anteriormente. (Creio que se refere ao caso de 1918). Que pândegos! Eles não tiveram em que se apegar e foram buscar um acontecimento pelo qual nem ao menos foste condenado!" (Rio, 3-9-24 – Zinha).

"*Oiticica*:
Só hoje às 10 horas indo a Casa de Correção com o José, me entregaram o bilhete em que me comunicavas a tansferência e pedindo roupa e uma mala. Por esta razão nada te mandei. Os embrulhos não me entregaram. Mandarei buscar amanhã. Recebeste uma lata de bolachas ontem a noite? Não irei mais à Casa da Correção, mesmo porque só ia lá por tua causa. A carta que te escrevi ontem foi feita quase sem consciência, debaixo de um estado de nervos enorme! Desculpe-me[74] se te aborreci, bem sabes que estou sempre de acordo com as tuas resoluções, e sempre pronta a todos os sacrifícios por ti." (Rio, 11-9-24 – Zinha).

74. Esta carta retira o pedido feito em carta anterior de que Oiticica não se tranferisse da Ilha para tentar a fuga, como vinha sendo planejado.

"*Cajusa*:
Corre com insistência pela cidade a notícia de tua loucura. Disseram a Laura no Colégio, que ias ser mandado para o hospício, porque estavas completamente louco!" (Rio, 19-9-24 - Zinha).

"*Oiticica*:
Fui sábado ao Trianon e conversei com o Barbosa sobre a tua peça e ele acha melhor levar à cena 'Pedra que Rola', por ser mais gênero de comédia." (Rio, 29-9-24 - Zinha).

"*Oiticica*":
Sem comer não se pode viver, nem podemos morar na rua, a situação continua a mesma, tudo sobe de preço e não vejo modos de melhorar. Estou convencida meu marido, que não se pode ser bom e honesto e de que sempre vencem os maus e os covardes!" (Rio, 15-10-24 – Zinha).

"*Oiticica*"
Recebi tua carta e estou de pleno acordo com o teu modo de pensar. Estarei sempre ao teu lado e pronta para os maiores sacrifícios. A carta que escreveste ao Dr. E. Lins foi parar no Catete e serve agora de pretexto para te conservarem preso e não pagarem os vencimentos! É um absurdo mas é a verdade. Um homem de brio e de sentimentos nobres, hoje, não vale nada e como os filhos podem herdar do pai o mesmo caráter, mata-se à fome! Tem nos valido de muito as boas amizades que soubemos conquistar e a tua nobreza de alma!"
"Hoje telefonou-me um professor da Escola Brasileira pedindo notícias tuas e para fazer uma visita em nome dos professores e do diretor." (Rio, 20-10-24 – Zinha).

"*Zinha*:
Faz hoje seis anos que fui preso, dia glorioso, não? Pelo menos estarei na lista perpétua dos perseguidos pelos potentados. Em qualquer revolução ou revolta que haja, no Brasil, ainda as mais contrárias aos meus princípios e opiniões, hei-de provar o quinhão dos réprobos. Isso, entretanto, embora conseqüência da consumada ignorância dos nossos dirigentes em assuntos sociais, tem a vantagem de treinar a mim e chamar a atenção e simpatia dos indiferentes. O doloroso em tudo é que sejas tu quem mais sofres, e, só por ti e pelos pequenos, me pesa a prisão."
"O filho de um faroleiro, menino de 8 anos, tinha um pião rachado, mas que ele jogava e se divertia. Meti-me a jogar também, mas na segunda vez,

dei um pouco mais de força e ele evaporou-se. O pequeno ficou passado e eu logo lhe prometi um novo e com fieira. A perspectiva de ganhar um pião novo alegrou-o e não há outro jeito senão cumprir a promessa. Manda o José comprar um pião pequeno e uma ou duas fieiras." (Ilha Rasa, 18-11-24 – Cajusa).

"*Oiticica*:

Aqui esperarei que os grandes pensem e vejam a injustiça que estão praticando, embora sujeita a toda sorte de trabalhos e sacrifícios! Daqui não me arredo[75] por consideração alguma, não há conforto capaz de me fazer deixar-te preso e longe de qualquer comunicação! Bem sabes que por ti sou capaz de vencer aos maiores obstáculos! Quando souber que ainda terás um ano ou mais de prisão, procurarei me manter aqui mesmo, e sem nos endividarmos. Para isso conto com a minha coragem e resignação!" (Rio, 21-11-1924 – Zinha).

"*Oiticica*:

O pequeno ficou satisfeito com o pião? Vai uma lata com doces, os fósforos e o filme." (Rio, 24-11-1924 – Zinha).

"*Zinha*:

Basta dizer-te que o destacamento foi mais que dobrado e o regime agora é severo, com um tenente *Kolossal*. Houve alguns turembambas, um deles comigo. O homenzinho queria meter-nos em forma e a um de nós avisou que tinha de levantar-se em presença dele. Foi um tremendo estrilo. Agora está um tanto macio e desistiu de tratar-nos como a soldados ou presos comuns."

"Hoje vai-se embora o Benjamin Mota, creio que em liberdade e o Paulo Bittencourt para o Corpo de Bombeiros, onde naturalmente receberá visitas da família.

Está na hora. Manda-me um caderninho de música." (Ilha Rasa, 30-12-1924 – Cajusa).

"*Oiticica*:

(nas entrelinhas) Recebi o submarino. Notícias novas não há. Chiquinho está chegando e diz que o Izidoro – dizem – está em Bebedouro."

75. Oiticica em cartas anteriores sugeria à sua companheira que fosse para casa dos seus familiares em Alagoas enquanto ele estivesse preso, mas ela recusou sempre afastar-se do Rio de Janeiro.

"Não sei se poderei fazer o que me pedes. As senhoras brasileiras com raras exceções só cuidam do seu bem-estar, todas são revoltosas dentro de casa, na rua não passam de melindrosas.

É o que eu continuo a observar." (Rio, 18-3-1925 – Zinha).

"*Oiticica*:

Vou contar-te uma coisa cômica! Ontem, quando cheguei ao Ministério apresentou-se-me um rapaz dizendo que tinha para mim um recado do dr. Waldemar Loureiro que ainda continua como diretor da Casa de Detenção! O dr. Loureiro mandava-me oferecer os seus serviços junto ao Presidente da República para seres transferido para a Casa de Correção!O tal sujeito mostrou-me todas as conveniências mas está claro que não aceitei. Não tenho tempo de contar a resposta que lhe dei (e não lhe disse tudo que me veio ao pensamento!) mas o chaleira desnorteou!Depois perguntei-lhe o nome: é irmão do Brandão Filho, disse mais que tem conseguido a transferência de alguns daí! É o cúmulo da hipocrisia!" (Rio, 25-3-1925 – Zinha)..

"*Cajusa:*

Tome cuidado com estas cartas pois disseram que já andam desconfiando desse processo.[76] Vou ensinar-te um meio mais simples de serem lidas. Em vez de ferro quante ou vela molha a carta que tem mais a vantagem de quando seca desaparecerem as letras novamente". (Rio, 8-4-1925 – Zinha).

"*Zinha*

O Capitão recusou-se a receber a carta para o Ministro."

"Faze o seguinte: umedece com um pano molhado as bordas gomadas do envelope e passa depois entre elas a lâmina de uma faca: abrindo-o todo. Escreve na sobra dentro. Deixa secar as bordas e passa de novo goma arábica e fecha-o. Assim, não pode haver o menor perigo: avisa com o mesmo sinal". (Ilha das Flores, 28-4-25 – Cajusa).

"*Zinha*:

Escrevo-te a pedido do irmão do dr. Carneiro Leão, diretor de Instrução Pública. Chama-se Josias Carneiro Leão,[77] foi preso em Pernambuco, chegou aqui no dia 30 de junho, em 3ª classe, com a roupa do corpo. Foi um dos dez que fugiram da Casa de Correção pela galeria de águas pluviais.

76. Refere-se a esposa de Oiticica à escrita com sumo de limão nas entrelinhas.
77. Vale ressaltar que Josias era comunista e Oiticica anarquista.

Ele pede que mandes avisar o irmão e obter dele alguma roupa. Podes fazê-lo através de Kabel.

Está aqui incomunicável, com sentinela à vista, no porão. Avisa com urgência." (Ilha das Flores, 3-7-1925 – Cajusa).

"CENAS RÚSTICAS

Do casebre do Martinho
Bem à beira do regato
Sai Jovita de mansinho
Com seu filho, o Fortunato.

O vestido é cor de vinho
De algodãozinho barato
Calça tamancos de pinho
Que pobre não tem sapatos.

O guri leva um bodoque
Para matar pomba rola
Pelas margens da represa!

Atrás vai indo, a reboque,
De rabinho alto, a Crioula...
Que três anjos de pobreza!

O VENDEDOR DE MANDUBIM[78]

Sou pobre, vivo sofrendo,
Ninguém tem pena de mim
Para viver ando e vendo
Pelas ruas mandubim

E vou gritando
De vez em quando
Mandubim torradinho
Tá quentinho.

78. Na margem do rascunho a lápis, estava escrito *"Sol Maior"*. Foi cantado em espetáculos de teatro anarquista segundo nos informou Amilcar dos Santos.

Minha mãe caiu doente
Nunca vi caipora assim
Ai que seria da gente
Se não fosse o mandubim

E vou gritando...

Vejam meu chapéu rasgado
Minha calcinha de brim
Não posso ter um calçado
Que dá pouco o mandubim

E vou gritando...

Amanhã trago um cartucho
Farinha de Gargolim
Comprem que é coisa de luxo
É de milho e mandubim

E vou gritando...

Documento 2

COLÔNIAS: FRATERNÁLIA

Programa

1. Reunião de amigos para lançar a idéia (local, dia e hora, podendo ser no apartamento, chá às 5).

2. Nessa reunião, escolher uma comissão para redigir os estatutos e uma diretoria provisória (presidente, secretário, tesoureiro).

3. Sendo colônia deve cuidar, antes de tudo, de arrendar, com opção de compra, ou comprar, uma fazendola perto com as condições necessárias.

4. Essa Colônia que depois desabrochará em outras por tudo o Brasil, propõe-se amparar quaisquer desvalidos, especialmente crianças.

5. Futuramente terá sanatórios, casas de saúde, maternidade, etc.

6. A colônia pretende no mínimo prazo, viver por si, criando patrimônio próprio.

7. O patrimônio será conseguido por:

a) donativos.

b) aliança da agricultura, comércio e indústria: cultura da terra pelos colonos (pais ou parentes das crianças ou quaisquer outros trabalhadores que aceitem o regulamento e fins da colônia ou simples jornaleiros; essas culturas obedecerão a um critério de renda imediata (verdura, banana, mamoeiros, etc.) e certa.

c) comércio dessas culturas por processo direto, sem intermediário, criando transporte próprio e casas de venda próprias.

d) criação na colônia de pequenas indústrias domésticas (costuras, camisaria, roupas brancas, tricô, etc.) doces, conservas, etc...

e) contratos de compras de culturas aos pequenos lavradores vizinhos da colônia para revendê-los, ajudando esses colonos nas culturas.

f) criação de pomares industriais (futuramente).

g) granja (futuramente).

h) plantação de cereais para consumo próprio e, mais tarde de venda.

i) fundação no Rio e outras cidades de colégios.

j) contrato de concertos com artistas de nome. Tornando-se a colônia uma como empresária, ajudando assim, ao mesmo tempo, os desvalidos artistas brasileiros.

— Muitos outros empreendimentos são facílimos desde que a colônia nº 1 se firme e prospere.

Documento 3

Programa da velada de 31 de dezembro pelos presos da Ilha Rasa.

a) 0 hora em ponto — *Zé Pereira*.

b) Concentração de dois minutos com votos de felicidade às famílias dos presos.

c) Hino Cinco de Julho (música do hino nacional).

d) Concentração antibernárdica

e) Canção carnavalesca

f) Ceia

g) Discurso pelo exilado Vicente Ferreira

h) *Seu Mé*!

i) Brinde ao General Isidoro, por José Oiticica.

(Assinado por 14 exilados, entre os quais: José Oiticica, Raul de Paula Lopes, Bartlell James, Felipe Rodrigues, Vicente Ferreira, F. Brandão Filho, Guilherme Telles dos Santos e Bernardo Carmo).

Documento 4

Ilha Rasa

LISTA DA VELADA DE ANO BOM

(31 de dezembro de 1924)
Frios — mortadela à Honório de Lemos
— salame à Juarez Távora.
Peixe — sardinhas à João Francisco.
Castanhas cozidas à Zeca Netto.
Nozes, Amêndoas e avelãs
Figos e ameixas.
Doces — pêssego em calda à Cabañas
— geléia de morango à Eduardo Gomes
— Bananas fritas à Isidoro.
Queijos — prata e parmesão
Biscoitos — de chocolate
— cream crackers.
Chá, mate, café.
Creme de arroz — à Capitão Prestes.
Águas — Caxambu, São Lourenço, Pluvial.
Charutos: *Rafaela*.
(1º de janeiro de 1925).

Seguem-se 14 assinaturas de presos, entre os quais: José Oiticica, Raul de Paula Lopes, Raphael de Almeida Uchoa, Bartlell James, Felipe Rodrigues, Everardo Dias, Vicente Ferreira, F. Brandão Filho, Guilherme Teles dos Santos, Bernardo Carmo, Eurico Peres de Castro).

Documento 5

"Exmos. Srs. Ministros do Supremo Tribunal Federal

José Rodrigues Leite e Oiticica, professor de português do Colégio Pedro II e de Prosódia da Escola Dramática Municipal, vem pela segunda vez impetrar desse Colendo Tribunal uma ordem de *habeas-corpus* por continuar a sofrer, da parte do poder executivo, coação e violências ilegais, como neste papel expõe.

O impetrante, segundo informações do governo, se acha preso 'por ser altamente nociva, em período de agitações e revoltas, a sua mais que notória atividade na propaganda de idéias subversivas da ordem e contrárias aos poderes constituídos'.

O impetrante teve ocasião de mostrar perante esse Colendo Tribunal a nenhuma consideração desse alegado perigo e invocar por testemunhos seus, 1º esse próprio Egrégio Tribunal que o absolveu de acusações idênticas em 1919, 2º o sr. ministro Geminiano da Franca, chefe de polícia em 1922, o qual não achou de modo algum perigosa, em época de agitação, a propaganda ou a ação anarquista, e do próprio sr. Ministro do Interior pondo em liberdade o dr. Belisário Penna, o qual se manifestara publicamente, contra o governo atual e em favor da revolução de São Paulo.

O impetrante volve a tratar deste último ponto em virtude da informação falsa prestada em juízo pelo sr. Procurador da República.

Com efeito, o seu terceiro argumento tirava do governo autoridade moral de manter preso o impetrante que nenhuma ingerência tivera na revolução de 1924, quando soltara outro cidadão manifestamente revoltoso.

Ora, esse argumento, para o impetrante valiosíssimo, porque denotava parcialidade do governo contra o impetrante, foi desfeito pelo sr. Procurador da República ao declarar ter sido a liberdade do sr. dr. Belisário Penna concedida por se haver este comprometido com o governo a não prosseguir em sua ação desistindo de qualquer propósito revolucionário. Fizesse o impetrante o mesmo, afirmou S. Ex. e solto seria.

Entretanto Exmos. srs. Ministros tais informações não eram verdadeiras, como se prova com o protesto público do mesmo sr. dr. Belisário Penna que, em carta ao sr. Procurador da Repúbica e cuja cópia junto a esta petição, nega terminantemente ter assumido qualquer compromisso, asseverando ter sido incondicional sua libertação.

Acha pois o impetrante que direito lhe assiste de insistir no seu argumento, pois certamente a informação do sr. Procurador da Republica influira poderosamente na opinião dos srs. ministros, que a tiveram por verdadeira.

Acrescenta o impetrante que não foi esse caso o único de libertação concedida a cidadãos manifestamente revoltosos. Na Ilha Rasa, por exemplo, estiveram vindos de Santa Catarina, com passagem pela Detenção, sete prisioneiros apanhados com armas na mão em caminhos do Contestado, para onde se dirigiam acompanhados do general Vieira da Rosa a juntarem-se às tropas revolucionárias. Pois bem, esses prisioneiros muito mais perigosos do que o impetrante foram postos em liberdade e, com certeza, nenhum compromisso assumiram com o governo.

Se o governo concedeu liberdade a tais cidadãos não é justo, e só por perseguição se compreendendo, que mantenha preso o impetrante há perto de um ano, contra o qual esse mesmo governo indício algum possui.

Tendo sido negada ao impetrante por esse Egrégio Tribunal a liberdade foi-lhe todavia concedido, 1º comunicabilidade ampla e sem restrições com sua esposa e filhos; 2º pagamento integral de todas as vantagens pecuniárias dos cargos que ocupa, segundo promessa categórica do poder executivo.

Ora, nenhuma dessas duas condições estão sendo observadas quer pelo governo federal, quer pelo municipal, porquanto não lhe foram pagos os seus vencimentos (ordenados, gratificações, turmas suplementares e cotas de exames), como ainda o impetrante se acha privado de comunicabilidade livre com sua família.

Na primeira semana após a concessão dessa parte do habeas-corpus, o capitão comandante desta ilha, atendeu à ordem, permitindo visitas ao impetrante, mas, sabendo o governo da ocorrência mandou que o capitão sujeitasse o impetrante à tabela de visitas dos demais presos, denunciados e não denunciados.

Por essa tabela o preso tem: a) uma só visita semanal; b) cada visita deve durar apenas uma hora; c) de ver somente duas pessoas; d) dia e hora são prefixados pelo governo.

As famílias têm que sujeitar-se a, pelo menos, duas horas de viagem para *aventurarem* uma hora de visita. Só havendo uma condução: às 7 1/2 da manhã, perdida a lancha, tem a família de esperar mais 8 ou 10 dias por nova hora. Uma tempestade, uma doença momentânea, um acidente qualquer podem privar o preso da sua visita. O diretor da hospedaria de Imigrantes concede passagens num botezinho que de duas em duas horas vai às Neves. Porém a família que se queira aproveitar dessa condução de favor tem de fazer enorme percurso com perda de tempo e maior fadiga.

O impetrante tem oito filhos, quatro dos quais já não se consideram crianças. Todos eles têm seus afazeres escolares e só nos domingos lhes é facultado visitarem o impetrante. Dado, na mais favorável hipótese, não verificada este mês, de pela tabela lhe serem os domingos para suas visitas ele só veria seus filhos uma hora em trinta dias. A seguir a tabela deste mês de junho ele só teria visto um dos seus filhos pois só lhe coube uma visita em domingo. Sobrecarregada de afazeres domésticos a esposa do impetrante só em dois dias da semana pode vir à ilha. Assim sendo há de esperar que o acesso favoreça com uma coincidência de dia e hora para visitar o marido, menos contemplado que os presos comuns de qualquer presídio.

Ora, não foi essa comunicabilidade restritíssima, irrisória a que ao impetrante concedeu esse Egrégio Tribunal, como se depreende dos debates

travados, mas uma comunicabilidade ampla, com a única restrição de ser feita durante o dia.

Do exposto conclui o impetrante pedindo a esse Colendo Tribunal uma ordem de *habeas-corpus* para lhe ser concedida liberdade, por infundadas as suspeitas de governo que a outros fraternalmente muito mais perigosos a concedeu.

No caso de lhe ser negada, requer as seguintes garantias:

a) Comunicabilidade ampla com sua esposa, filhos e mais parentes, sem tabelas restritivas, que nada justifica;

b) Pagamento imediato das vantagens pecuniárias dos cargos ocupados pelo impetrante já prometido pelo governo.

O impetrante requer e esse Egrégio Tribunal seu comparecimento..." (o rascunho deste documento está incompleto).

Documento 6

"Ilha do Bom Jesus – 22-8-925.

Meu caro Jackson

Releva-me escrever-te neste papel, único de que disponho aqui.

Acabo de receber tua carta de 19. Comoveu-me sobremodo ver quanto insistes na minha libertação, chegando a assumires, contra a minha vontade, perante o sr. Presidente da República, o compromisso de meu comportamento.

Pedes-me anua a teu empenho e declare, em carta, consentir na tua responsabilização espontânea. Não podes avaliar, meu caro amigo, o sobre-esforço moral com que recuso semelhante oferta. Primeiro, por dar um desiludente *não* a quem me prova tanto apreço e amizade, hoje raríssima. Segundo, por ferir pungentemente, com mais uma desesperança, minha adorada companheira de vida e alongar, por meses ou anos, a precária situação de minhas filhas, já tão prejudicadas em sua educação com minha ausência.

Tudo isso pesei e repensei, lutando contra o intenso desejo de rever meu lar e recomeçar, com dobrado afinco, a tremenda peleja diuturna pela vida. Mas, pertenço a uma escola que põe a serenidade e a inquebrantabilidade acima de tudo, não por orgulho, senão por coerência e retidão de alma.

Demais, em carta que me escreveu minha mulher, o mais adamantino caráter que jamais conheci no mundo, me avisa ela que aceite tua proposta se 'não for cousa que afete tua dignidade'.

A tudo sobrepõe ela minha dignidade. Prefere-me preso e ver-se tão cruelmente separada do seu companheiro de 35 anos (pois moramos juntos desde crianças), a ter-me diminuído no meu brio ou na minha altivez.

Recusando, embora prevendo indefinida prisão, mantenho íntegro, aos olhos dela, meu caráter e mais forças lhe dou para resistir a tão duras provações.

Quero expor-te aqui, minuciosamente, as razões do meu proceder.

Fui preso há quase quatorze meses. A primeira humilhação sofrida foi a de não me darem a menor satisfação da violência praticada, pois não havia estado de sítio e eu ignorava completamente os sucessos de São Paulo.

A segunda humilhação foi meterem-me entre réus de crime comum, numa sala vizinha às oficinas de encadernação, servindo-me eu até das mesmas privadas dos correcionais. Conquanto deles não tenha a menor queixa, havendo, ao contrário, deles recebido as maiores finezas, senti, naquela reclusão, um claro propósito de injusta deprimência.

O governo não me interrogou, não me ouviu, não apurou sequer se minha opinião era pró ou contra a sedição e, somente por ser eu anarquista, me equiparou a assassinos e ladrões.

A terceira humilhação, requintada com inominável crueldade foi a de suprimirem, ilegalmente, meus vencimentos. O governo sabia que, fora desses vencimentos e dos recursos auferidos com minhas lições particulares, eu nada possuia. Nunca logrei pôr dinheiro em bancos ou caixa econômica. Meus ganhos, com aquela atividade que bem conheces, mal cobrem as enormes despesas de casa.

Esse tremendo golpe do governo deu azo a uma série de dolorosas humilhações: empréstimos, subscrições, presentes indiretos, cousas extremamente vexatórias a quem viveu sempre de seu trabalho, só recorrendo, em momentos de quase sossobro, a seu pai e irmãos.

Dois meses depois, atiram-me à Ilha Rasa! Não podes calcular o que foi isso para minha pobre companheira. Não lhe podiam infligir mais excruciante martírio. Na Correção, conquanto incomunicável, podia dar-me adeus de longe e consolava-se com me ter perto recebendo notícias diárias.

Sabes o que somos, nós dois, um para o outro, a comunhão verdadeiramente cristã (no exato sentido) das nossas almas. Apartá-las de chofre, por sete meses de exílio, foi para elas o padecimento máximo. Tudo suportamos sem vacilações.

Na Ilha Rasa, onde fui quase fuzilado, passei por humilhações amargas, sobretudo de um tenente boçal, que acaba de ser promovido *por merecimento*. Um dia tive de reagir num conflito onde fatalmente seria eu vítima, se o tenente não se houvesse acovardado.

Na Ilha das Flores, novas humilhações. Fui metido num porão, quando os soldados do destacamento estavam alojados em pavimento igual ao dos oficiais presos comigo. Aí éramos humilhados, de quando em quando pelos oficiais, que chegaram a mandar-nos para a cama, tivéssemos, ou não, sono, nos proibiram cantar e arrogantemente se jactavam de nossa inferioridade de presos.

Minha correspondência desde 5 de julho, tem sido cuidadosamente censurada passando eu assim pela severa humilhação de revelar a olhos estranhos, nem sempre discretos, minha vida íntima.

Esperei, na Ilha das Flores, ver minha mulher e filhos. Eram, porém, necessárias licenças especiais. Tínhamos de humilhar-nos ainda a solicitações diárias e receber, como alto favor, uma visita de uma hora. Não me querendo curvar, impetrei um *habeas-corpus*, tendo-me sido concedida comunicabilidade ampla.

O governo, entretanto, insistiu em humilhar-me e não cumpriu o acordão do Supremo. Muitas lágrimas custou isso a minha mulher que, fiada no direito (o impagável *direito* das democracias) para lá se abalâva com duas horas de viagem. Recusa do comandante ou mera concessão dentro da então (só então!) improvisada tabela.

Recorri novamente ao Supremo Tribunal que me recomendou comunicabilidade *sem restrições* de dias ou de horas. Pois, ainda assim, prossegue o governo a humilhar-me com sua tabela iníqüa e vexatória.

Minha mulher não me vem ver quando quer, mas quando lhe permitem seus assoberbantes afazeres, inclusive o de cozinheira há mais de ano, e a tabela, previamente organizada, é muitas vezes um impeço.

Passasses tu aqui dois meses, meu caro Jackson, e poderias compreender meus sofrimentos nestes compridos quatorze meses.

Sobretudo, a esmagadora humilhação de reduzirem-nos à vida de colégio, com mesas de mármore sem toalha, bancos de pau, talheres mal lavados, comida intragável e dormitório comum, sem mesa para escrever, sem cabide para roupa, sem nenhum conforto.

E, quando obtenho isolamento para trabalhar, concedem-mo por quatro dias na Brigada e me reenviam para o *colégio interno* sem cerimônia alguma.

E tudo por quê? Houve um ato meu, indício sequer confirmativo da mais leve suspeita? O governo é o primeiro a confessar que não.

Tenho eu ambições de cargos, mando, vantagens quaisquer na política nacional? Absolutamente nenhuma. Continuamente me tenho recusado a quaisquer compromissos políticos e há quinze anos que aconselho sempre os operários a fugirem das lutas políticas para concentrarem seus esforços

exclusivamente na luta econômica. Em meus artigos sempre assim me externei e não há uma linha de meu punho a favor deste ou daquele.

Se há gente que, deliberadamente, programaticamente, repugna a política e não se envolve em revoluções de políticos são os anarquistas.

Logo, nada justifica minha detenção, nem tantas humilhações.

Mais ainda. Como explicar minha reclusão quando tantos indivíduos suspeitos, outros indigitados, outros delatados, outros manifestamente simpáticos à revolução, outros apanhados com armas nas mãos, outros até denunciados se acham soltos? Onde o espírito de justiça e equanimidade em tudo isso?

Já te expliquei a impossibilidade material de levantar eu operários no Rio, ainda que o pretendesse.

Não sou, portanto nem leve sombra do perigo alardeado.

A prova da minha sinceridade nessa afirmação está na proposta por mim feita. Estou pronto a dar conta à polícia de todos os meus atos diários, sendo eu mesmo o melhor fiscal do governo.

Em suma que faz este? Depois de quatorze meses de humilhações, amarguras, impostas a um seu funcionário que se preza de exemplar, longe de reconhecer a situação a recompor a injustiça cometida exige de mim, como condição de soltura, a pior das humilhações.

Sabes, como te fiz ver, que, malgrado os procedimentos da prisão, nenhum sentimento de vingança me anima.

Longe de ter ódio aos homens do poder, tenho-lhes pena ao vê-los tão mal encarreirados na solução da profunda crise destes três anos.

Estaria pronto mesmo, na medida de minhas forças, a colaborar na obra de paz, se porventura meus conselhos pudesem ser ouvidos e seguidos. Penso que seria facílima a tarefa caso houvesse decisão no empenho de pôr termo a divergências, tão desabonadoras, da nossa terra.

Tenho assim, penso defender meu nome e a própria dignidade da minha função pública rejeitando a condição de assinar um compromisso como réu, ou aceitar o compromisso de outrem, como réu beneficiado, como colegial arrependido, ou soldado relapso. Julgo minha liberdade um direito que desejo me reconheçam incondicionalmente.

O sofrimento não me quebranta. Passarei na prisão mais um, dois ou três anos, com a mesma serenidade, criando resistências das minhas mesmas amarguras.

Embora sem desejá-lo, auguro, como São Paulo, aos meus detentores, tantas brasas acesas sobre suas cabeças, quantas horas de mágoa vão causando implacavelmente aos meus. Pesa-me declinar do teu bondoso ofere-

cimento. A sutileza da tua *combinação* não disfarça a *capitis diminutio*, nem aplacaria os tremendos brados da minha consciência revoltada.

Perdoa, caro Jackson. Sei que és do mesmo barro, da mesma tabatinga nortista e estou certíssimo de que procederias, no meu caso, como estou procedendo.

Se eu acedesse ao teu pedido, aliás tão confirmador da tua bondade cristã, que tremendo juiz diante de mim!

Demais não quero crer procedessem diversamente o sr. Ministro do Interior e o próprio sr. Presidente da República.

Aproveito a ocasião para renovar meu insistente pedido de transferência, com o que muito me obsequiará o sr. Ministro da Justiça em quem reconheço um espírito de puro quilate.

Perdoa, mais uma vez, ao teu, que espera continuar sempre digno da tua amizade.

José Oiticica".[79]

Documento 7

"HÁBITO DELES

Causa indignação, a quantos assistiram à selvageria dos senhores comunistas na rua Frei Caneca nº 4, a desfaçatez com que procuram eximir-se das responsabilidades que lhes cabem e atirá-las para os outros.

Que as sacudam para as costas da polícia, pouco se nos dá, conquanto, neste caso, nada se lhe possa arguir. Mas que nos acusem, a nós anarquistas, de provocadores do conflito é o que toca as raias do mais revoltante cinismo.

A verdade é que o conflito estava pelos chefes comunistas, com o Sr. Azevedo Lima à frente, preparadinho, foi rigorosamente planejado e fielmente executado.

Os comunistas, forçados a aceitar o desafio da associação dos tecelões, para provar ser Pereira de Oliveira espião de polícia, sabiam perfeitamente que o Sr. Azevedo Lima nenhuma prova convincente poderia aduzir.

A acusação era caluniosa. Outras muitas acusações iguais têm sido dirigidas a anarquistas por esses caluniadores contumazes e na Ilha Rasa fui obrigado a repelir energicamente acusação idêntica atirada por um comunista a Marques da Costa.

79. Esta carta já foi publicada alguma vezes, mas sempre incompleta. Agora conseguimos refazê-la, encontrando a parte que faltou nas publicações anteriores.

Fosse como fosse, a mais elementar compostura determinava que, terminado o libelo do Dr. Azevedo Lima, fosse permitido ao operário Pereira de Oliveira defender-se.

Isso, entretanto, é o que não queriam os comunistas receosos de que o acusado rebatesse vitoriosamente os argumentos e documentos do acusador.

Por isso, convocaram a reunião para a rua Frei Caneca, onde o Partido constituíra o seu quartel general.

Nós, anarquistas, tínhamos previsto a manobra e alguns dos nossos puseram de sobreaviso os tecelões para que de modo algum aceitassem a reunião nesse local. Desde que era um membro dos tecelões o acusado, perante a assembléia dos tecelões, na sua sede, deveriam apurar as contas.

Os tecelões caíram na esparrela, ingenuamente. Estava claro que, na rua Frei Caneca, na sede dos Gráficos, inteiramente dominados pelos bolchevistas, estes ficariam senhores do terreno e não permitiriam qualquer tentativa de defesa.

Demais, era azada a ocasião para saciarem seus ódios contra dois anarquistas que lhes têm barrado os manhosos passos entre os sapateiros e os da construção civil: Antonino Dominguez e José Leite.

Assim, mal Pereira de Oliveira pediu a palavra, promoveram os comunistas a algazarra e logo um bolchevista desfechou os tiros contra Antonino Dominguez, enquanto outro comunista que fugiu disparava sua pistola contra Leite.

Este abaixou-se rapidamente e o tiro foi apanhar o comunista Damião.

É absolutamente falso haver qualquer anarquista disparado contra o Dr. Azevedo Lima. Seu discurso, em linguagem indigna de um deputado ou sequer de um homem que se preze, foi ouvido religiosamente pelos anarquistas, sendo ele aparteado apenas, com grande precisão aliás e absoluta calma, pelo operário Ataulpho.

Posso asseverar que nenhum anarquista foi para lá armado, pois, apesar de preverem a agressão dos comunistas, resolveram ir desarmados. Nem sequer uma simples bengala tinham.

Há muito que dizemos aos comunistas ser contraproducente o programa de calúnia sistemática e provocações abomináveis que os seus amos lhes ordenam de Moscou.

Os sucessos de anteontem os desmoralizaram completamente perante os trabalhadores. O negarem eles defesa a um acusado e o tentarem assassinar, sem motivo, adversários inermes foram atos de tal covardia que bem mostram a mentalidade do seu Partido, mentalidade de fanáticos sem nenhum idealismo revolucionário.[80]

80. Em *Braço e Cérebro*, Rio, 1928.

Documento 8

"Rio, 30-6-947

Catalo:

Escrevo-lhe para anunciar a vocês de São Paulo que, em reunião de sábado, 28, renunciei definitivamente à direção do nosso periódico *Ação Direta*. Seria longo e sem mais importância relatar o sucedido nessa reunião e ponderar os motivos que me levaram a tal procedimento. Resume-se tudo em que as censuras continuam, achando muitos, mormente os *jovens*, que o jornal não satisfaz. Como não sei fazer melhor, nem o posso ainda que soubesse, renunciei para que os que podem e sabem nos dêem uma cousa digna de nós todos.

Como aqui não é possível atuar nos sindicatos, nem achar locais para conferências ou festivais, fico na contingência de recolher-me à minha velhice e imprestabilidade, passando aos novos, dinâmicos e mais prendados que eu, a vanguarda do movimento anarquista no Brasil.

Pensava em ir até aí este mês, porém, que vou eu fazer lá? É melhor que, em meu lugar, vão outros de mais préstimo.

Um abraço em cada camarada.

Seu de sempre

José Oiticica."

Documento 9

"Muitas pessoas, após conhecimento superficial do anarquismo, vendo afirmar nossos escritores a destruição do Estado, das leis, dos tribunais, do dinheiro, do comércio, das milícias, etc... tomam-nos por loucos e perguntavam como será possível a humanidade viver sem esses males necessários.

Eis porque, após os Princípios e fins do anarquismo, achamos conveniente satisfazer a curiosidade desses assustadiços dando-lhes um esquema da organização social num regime anárquico. As previsões que se seguem foram escritas há mais de 25 anos. Hoje, vendo funcionar as comunidades da Palestina, já podemos afirmar o acerto destas previsões.

Ei-las:

1º — O território de cada país será dividido em zonas federadas, cada zona em município e cada município em comunas.

2º — A divisão por zonas e municípios obedecerá ao critério do ecúmeno geográfico, isto é, à feição particular de cada uma, atinente ao gênero de indústria por explorar ou à distribuição das populações.

3º — Em cada comuna, os trabalhadores se reunirão em classes, conforme seus ofícios, manuais ou intelectuais.

4º — Cada classe resolverá, nas suas assembléias, tudo quanto se refira aos serviços comunais de sua especialidade.

5º — Para coordenação e direção dos serviços e execução das medidas tomadas nas assembléias, haverá conselhos comunais, municipais, federais e um internacional.

6º — Cada classe de uma comuna escolherá um delegado para o conselho comunal; cada conselho comunal, um delegado para o conselho municipal e cada conselho municipal, um delegado para o conselho federal e cada conselho federal, um para o conselho internacional.

7º — O conselho comunal cuidará dos interesses da comuna executando as resoluções das assembléias, dirigindo a produção, transporte e distribuição dos produtos, o serviço de estatística, a conservação das obras feitas e seus melhoramentos, o ensino primário, as artes, embelezamentos, festas, correspondências, etc., etc.. O conselho comunal se reunirá diariamente e se revezará por turnos semanais ou mensais.

8º — O conselho municipal cuidará das relações entre as comunas, da distribuição dos produtos próprios ou recebidos de fora, dos pedidos e permutas de trabalhadores, especializados ou não, dos serviços internacionais, etc., etc... Reunir-se-á uma vez por semana.

9º — O conselho federal cuidará das relações entre os municípios, do ensino superior e profissional, da formação de professores, dos trabalhos materiais importantes na zona que lhe couber, da instalação de usinas, fábricas, laboratórios, observatórios, estaleiros, etc., podendo pedir os trabalhadores necessários, especializados ou não, de acordo com os conselhos municipais e as assembléias comunais. Esse conselho se reunirá, normalmente, uma vez por mês e seus delegados se revezarão em turnos anuais.

10º — O conselho internacional cuidará das relações entre os países, de armazenagem e distribuição dos produtos, do pedido e permuta de trabalhadores entre os países, da navegação internacional, dos grandes trabalhos de interesse universal, materiais, intelectuais ou artísticos, etc... Esse conselho funcionará permanentemente revezando-se por turnos trienais.

11º — Os delegados não gozarão de nenhum privilégio, nem serão dispensados de seus serviços profissionais senão quando suas funções de delegado lhes absorverem todo o tempo.

12º – Além dos conselhos, haverá congressos municipais, federais e internacionais da classe, onde os representantes de cada classe discutirão os assuntos especiais de cada serviço. Por exemplo, o congresso de professores, composto de um representante, professor, de cada comuna do município, ou de cada município na federação, ou de cada federação no congresso internacional discutirá as questões de educação e ensino.

13º – Nesses congressos serão apresentadas as invenções, os processos novos, os métodos que, expostos pelos autores e discutidos, serão enviados às comissões técnicas para estudo e experiência até adoção ou rejeição final.

14º – O ensino superior e profissional será ministrado em universidades constituídas em comuna, onde se instalarão laboratórios, usinas, hospitais, escolas, etc., modelares.

15º – Os professores universitários de cada especialidade constituir-se-ão em comissão técnica para exame das novas invenções, processos científicos, métodos de ensino, livros didáticos, etc...

16º – Cada comuna terá serviço completo de assistência médica e dentária com seu hospital próprio.

17º – Nos lugares mais apropriados serão instituídos sanatórios especiais, modelares.

18º – As horas de trabalho, em cada comuna, serão reguladas pelas necessidades de produção e serviços, ficando o horário a cargo do conselho comunal.

19º – Os trabalhos serão distribuídos, em cada serviço, atendendo-se ao vigor físico e capacidade de cada trabalhador.

20º – Os serviços repugnantes ou insalubres se farão por turnos entre os trabalhadores sem exceção, de preferência voluntários.

21º – Os encargos de direção técnica serão confiados aos mais competentes a juízo dos próprios trabalhadores, mas não conferem nenhum privilégio.

22º – Cada comuna adotará seu regime doméstico, podendo depois, por meio de congressos, adotar-se um sistema único, o mais prático possível.

23º – A instalação de escolas, fábricas, teatros, etc... obedecerá aos preceitos mais rigorosos de higiene.

24º – As casas serão ocupadas por famílias de acordo com o número dos seus componentes.

25º – A construção de templos, se os houver, e confecção de petrechos de culto serão trabalho exclusivo dos crentes, fora da atividade comum da produção. Será, igualmente, trabalho extraodinário a formação dos respectivos sacerdotes.

26º – A união conjugal, inteiramente livre, se fará por mero registro na sede do conselho comunal, podendo cada casal realizar as cerimônias religiosas que lhes aprouver nas respectivas igrejas.

27º – Ninguém poderá eximir-se do trabalho produtivo sob pretexto de religião; não será admissível pois, o sacerdócio profissional.

28º – As federações entender-se-ão para facultar, o mais possível, as viagens por toda a terra e o estágio de estudantes em países diferentes para estudo prático das línguas e manejo da língua internacional. Essas viagens se farão muito facilmente, ocupando-se os viajantes em serviços de sua profissão nas comunas onde se fixarem temporariamente.

29º – Os loucos serão internados em quintas especiais onde serão tratados cientificamente pelos processos mais brandos e recomendáveis.

30º – A repressão dos crimes (que necessariamente sem o dinheiro, causa 80% deles, se reduzirão a um mínimo insignificante) será da alçada exclusiva da comuna onde ocorra, a qual decidirá como bem lhe apraza e o ditem as circunstâncias."[81]

---

81. *Ação Direta*. Rio de Janeiro, abril de 1957.

ANEXO II

MARIA LACERDA DE MOURA

Documento 1

"A PALAVRA

A palavra humana não foi feita para a mentira e dela as sociedades não fizeram outra coisa senão instrumento da astúcia e da mentira. Entre pregar a paz e armar-se até os dentes há um abismo de hipocrisia.

Até certo tempo acreditou-se na palavra. Hoje, é uma calamidade!

Tudo se transformou em mentira.

Tudo faliu. As palavras servem para exprimir as coisas mais contraditórias.

E toda as línguas, antes do advento da língua internacional, buscam nas outras irmãs, mais força, mais veemência, mais sutileza e mais astúcia para melhor enganar e mentir mais finamente. É o caminho seguro para se chegar à língua internacional...

As leis de causa e efeito são admiráveis no tempo e no espaço.

No meio dos maiores crimes, embebidas em sangue, as sociedades preparam a vida mais feliz da humanidade futura.

Estranha maneira de progresso!

Que sabemos nós da psicologia coletiva? Que sabemos nós do que se passa nas criptas profundas do subconsciente do homem? E há um subconsciente individual como há o subconsciente de um povo ou de uma nação ou de uma raça.

Preocupados com a vida material, com o ganha pão diário ou com o mundanismo, não auscultamos os estremecimentos misteriosos das forças humanas, nos abismos profundos da evolução social. Que de coisas para ver! Os gramáticos se preocupam em encontrar erros gramaticais nos artistas. Mas, não conseguem construir uma obra de arte imortal.

A língua é uma coisa viva, misteriosa, profunda: tem alma, tem sentimento, vive a vida subjetiva das emoções e da beleza, no tempo e no espaço se transforma segundo o momento internacional. É romântica no seio do romantismo. É planfletária preparando revoluções.

É calma ou agitada, realista ou dogmática, demagógica ou catedrática, segundo a posição do escritor ou do orador no cenário político-social.

A língua nasceu de mistérios insondáveis da natureza humana, das leis da natureza humana, das leis de causa e efeito e não cabe nos limites estreitos de uma gramática.

Daí que deva ser ensinada nas escolas na sua riqueza, enriquecida cada vez mais.

A missão da gramática não será de empobrecer a língua, no ensino moderno, porém, de engalaná-la, coroá-la com todas as pétalas macias dos intercâmbios da arte; com as engrenagens industriais que o ruído dos aviões ou das máquinas pesadas distribui através das agências telegráficas ou dos boletins comerciais; harmonizá-la dentro da riqueza internacional dos sons musicais que o folclore de todas as terras e de todos os povos despeja na sonoridade das ondas longas ou curtas da radiotelefonia; torná-las científica procurando abrir o pensamento e o coração de todos para a cultura dos sábios em cujas retortas do pensamento ou dos gabinetes de experimentações são preparados outros caminhos para a evolução humana de uma humanidade mais feliz que a nossa.

Só assim as línguas se tornarão instrumento de paz, de harmonia, de beleza, de aproximação dos povos.

Qual o gênio de Zamenhof? Em que consiste a beleza do Esperanto? — Justamente na harmonia interuniversal de todas as raízes dos vocábulos de todas as línguas.

Por que razão dar o nome de *hibridismo* aos vocábulos de raízes de duas línguas como por exemplo do grego e do latim?

Matar e destruir é que exige técnica científica. Mas, para criar uma obra de Arte ou de Pensamento, o espírito precisa libertar-se por completo da técnica dos prejuízos e alar-se sobre os mares e montanhas, pairar por sobre todas as misérias e amar ao próximo como a si mesmo...

MARIA LACERDA DE MOURA".

Documento 2

VIDA LIBERTÁRIA
(Concepcion Fernandez no Brasil)

Esteve entre nós, por alguns dias, a companheira *Concepcion Fernandez*, vinda da Argentina em visita à camarada Maria Lacerda de Moura, com quem travara relações durante a estadia, em Buenos Aires, desta nossa colaboradora, alguns anos atrás. Concepcion, que vinha com o propósito de

repousar na quieta mansidão de Guararema e ali descansar alguns dias da labuta do seu ganha-pão de cada dia, não descansou.

Espírito irrequieto e culto, não quis e não pôde descansar, quis conhecer a *família libertária*, quis privar com os camaradas brasileiros.

Permaneceu no Rio durante 8 dias em companhia de suas amigas, as escritoras Hermínia Murmana e Maria Lacerda de Moura, e lá realizou três conferências.

Na noite de 25 chegavam a São Paulo, depois de haverem passado alguns dias em Guararema, residência de Maria Lacerda.

Dia 26, no festival do Centro de Cultura Social, leu a sua primeira conferência sobre o tema: "A Mulher de hoje e a mulher do futuro".

Criatura que inspira, logo à primeira vista amizade e simpatia, que atrai pela simplicidade do seu ser, que prende a atenção das pessoas pela maneira clara e conveniente com que discorre sobre todos os assuntos, mesmo os mais áridos e complexos, artísticos ou sociais, a ativa camarada logrou, desde logo o carinho de avultado número de companheiros de ambos os sexos, com os quais percorreu e conheceu os pontos mais interessantes desta cidade. A convite da Federação Operária, pronunciou, na terça-feira, dia 29, à noite, a sua 2ª conferência, um interessante estudo sobre "A Biologia da Guerra" do prof. Nicolai.

O Salão da R. Quintino Bocaiúva estava quase repleto de pessoas, que ali acorreram para ouvir a palavra de Concepcion Fernandez, ao convite da Federação Operária. A escassez de espaço nos impede de abordar, mesmo em síntese, os belíssimos argumentos apresentados pela oradora nas suas conferências.

No dia 30, a convite da Sociedade Pró-Arte Moderna (Spam) Concepcion Fernandez realizou no luxuoso Salão daquela sociedade outra conferência — "A Música como fator de aproximação dos povos".

Os Artistas Modernos, prevendo talvez que a conferencista fosse mais moderna do que eles, nas suas concepções, brilharam pela ausência.

E fizeram bem.

Pois se lá estivessem, como deviam estar, teriam a belíssima oportunidade de constatar que os anarquistas têm as mais elevadas concepções de Arte, que o belo, o grande, e o harmonioso, constituem as suas mais agitadas preocupações; aprenderiam a saber que a Arte pela arte faliu, que a arte como mercadoria, como objeto de compra e venda, não é arte e que os libertários têm da arte um conceito humano. Essa conferência, repetida depois na noite de 31, a convite do Centro de Cultura Social, levou ao salão uma grande concorrência de indivíduos de ambos os sexos, na sua maioria proletários, que estabeleceram com isso um flagrante contraste em relação

ao ambiente da Spam, onde, pelo tema da conferência, deveriam acorrer os artistas que a compõem, se, de fato tivessem sentimentos artísticos.

Concepcion Fernandes deixou entre nós muitas saudades, e a esta hora deve já estar em Buenos Aires, para onde regressou, convencida mais uma vez de que só as massas que sofrem e produzem quando impulsionadas pelo ideal libertário, são capazes de criar e realizar a obra de Redenção Social e Artística da Humanidade![82]

Documento 3

A POLÍTICA NÃO ME INTERESSA

O voto? — Nem secreto, nem masculino, nem feminino.

O voto secreto? — A confissão pública da covardia, a confissão pública da incapacidade de ostentar a espinha dorsal em linha reta, a confissão pública de servilismo e da fidelidade aviltante de uns, do domínio das mediocracias legalmente organizadas.

Democracia? — Ferrero a definiu: "este animal cujo ventre é imenso e a cabeça insignificante"...

O voto não é necessidade natural da espécie humana: é uma das armas do vampirismo social. Se tivéssemos os olhos abertos, chegaríamos a compreender que o rebanho humano vive a balar a sua inconsciência, aplaudindo a miséria parasitária que inventou e representa a *tournée* da teatralidade dos governos, da política, da força armada, da burocracia de afilhados — para complicar a vida cegando aos incautos, a fim de explorar a todo o gênero humano em proveito de interesses mascarados nos ídolos do patriotismo, das bandeiras, da defesa sagrada dos nacionalismos e das fronteiras, de honra e da dignidade dos povos...

Depois, a rotina, a tradição, a escola, o patriotismo cultivado, carinhosamente, para que a carneirada louve, em uníssono, o cutelo bem afiado dos senhores. A religião, a família se encarrega do que falta para desfibrar o indivíduo.

O voto, a legislação interesseira e mesquinha dos pais da Pátria, Parlamentos, Senados, Consulados, Ditaduras,Impérios, Reinos, Repúblicas, Exércitos, Embaixadas, Liga das Nações, Paz armada, Alexandre, Cesares, Mussolini — "escultores de montanhas", símbolos de cegueira do rebanho

82. *A Plebe*, jornal anarquista, São Paulo, 9-9-1933. Matéria da responsabilidade de Maria Lacerda de Moura.

humano, ídolos que se substituem e se equivalem, brinquedos perversos de crianças grandes, sonhos transformados em "verdades mortas", infância, atavismo de paranoicos...

A política é um trapézio.

Direitos do povo, sufrágio universal... palavras. Dentro do demagogo há uma alma de tirano. Caída a máscara que atrai o rebanho humano, o ditador salta no picadeiro da política, as duas mãos ocupadas: em uma, o "manganelo"; na outra, o óleo de rícino...

Tem razão Aristóteles: "O meio de chegar à tirania é ganhar a confiança da multidão: o tirano começa sempre por ser demagogo. Assim fizeram Pisistrate em Atenas, Téagéne em Mégara, Denys em Siracusa".

Assim fez Mussolini.

Quando um Rui Barbosa, por exemplo, falava tão alto contra os nobres pais da pátria, é porque tinha na alma o despeito louco de não ter sido elevado ao pico máximo da vontade de poder.

Em política, age-se de modo inverso: os tribunos demagogos adulam o povo, elogiam a soberania do povo, proclamam os direitos do povo, prometem a felicidade do povo e sobem, empurrados pela embriaguez nacionalista e pelo servilismo e docilidade do povo, mas representado pela "populaça de cima"...

Quem quiser subir aos picos da vontade de poder, não procura as vozes desassombradas e nem toma decisões sem ouvir a direção do seu partido. Obedecer é a escola de quem quer mandar.

O político é um acrobata e, para alguém ser acrobata tem de principiar cedo a deslocar todas as juntas...

O político quando sobe às culminâncias da glória e do poder, já se dobrou tanto, já se curvou, já se humilhou, já fez de tal modo o corpo em arco e a alma em camaleão que é capaz de identificar-se com o molusco.

Como deve ser difícil engolir a liberdade de opinião, a liberdade de consciência, a liberdade da imprensa, a coragem de proclamar alto as convicções – se fazemos parte de um partido definido, com declaração de princípios e afirmações categóricas e ação metodicamente organizada para derrubar partidos contrários ou dogmas religiosos que vêm ferir os nossos dogmas e pôr diques à nossa desenvoltura apostólica!...

Quando a imprensa é só louvor aos "eleitos" de cada partido político; se ninguém quer ouvir senão o que interessa aos seus planos e aos projetos e decisões do seu partido, se todos se preocupam com o cidadão e desprezam o homem livre, se se trata de ser sempre contra alguém, para subir, para vencer, custe o que custar; se obedecemos à lei em prejuízo da consciência; se fechamos os olhos para não ver e nos servimos da lógica como instrumento

para abafar as vozes sinceras! se semeamos ódio e as ambições, nas farças patrióticas dos nacionalismos de partidos a se digladiarem pelo osso da vontade de poder, pelo osso do dominismo e da glória política – abrimos alas a uma ditadura mussolinesca com todas as arlequinadas do "manganello", batuta da orquestração paranóica do atavismo elevado à altura do gênio, e que há de representar, condignamente a dignidade de Consul, como aquele cavalo célebre...

Também nós, insensivelmente, pouco a pouco, preparamos o ambiente para que surja, neste país, um capataz, rebenque em punho, para gaudio dos acrobatas moluscos das democracias de demagogos.

Somos uma nação de leis.

E Sócrates já dizia: "é a lei que corrompe os homens. Quem quer que aconselhe: "Obedeça à lei" – é corruptor aos olhos do filósofo. Mas, quem quer que aconselhe: "Obedeça à sua consciência" – é corruptor aos olhos do povo e dos magistrados". (Han Ryner – *Les véritables entretiens de Socrate*).

E, a propósito da liberdade da imprensa, lembremo-nos ainda de Sócrates: "Parece-me bem insignificante a coragem que acha temíveis certas verdades".

Que será preciso para ser político ou servir a amigos políticos?

– Ouvir, observar, acatar, obedecer, curvar-se ante os paredros da política, louvar ao povo, cantar a soberania do povo, prometer liberdade e... fazer ginástica.

Cada um de nós só tem o direito de governar a si mesmo.

Ninguém pode exigir da consciência de outrem.

Os homens se esqueceram da própria realização interior – para cuidar de todas as necessidades perfeitamente desnecessárias, criadas pela cupidez do capitalismo absorvente e pela perversidade inominável do industrialismo de tudo, inclusive das consciências, – organização social de caftens e de vampiros do sentimento humano, mantida pela política, pelo capital, pelas religiões dominantes, que separam os humanos em vez de os unir, e pela força armada – escola de chacina para formar almas de canibais condecorados.

Cada um de nós tem o seu governo interior: tudo o que vem de fora, não constituindo uma nota de beleza, de harmonia vibrando em unissono com a nossa harmonia, – é violência que gera a violência, é ódio que gera o ódio. Mandar, como obedecer, é covardia: degrada, avilta, imbeciliza o gênero humano.

MARIA LACERDA DE MOURA"[83]

83. *A Plebe*, jornal anarquista, direção Rodolfo Felipe, São Paulo, 8-4-1933.

Documento 4

"Ilha do Governador, 16 de maio de 1942

Meu bom amigo, Rodolfo Felipe

Saudações muito afetuosas e saudades a todos os que realmente me querem bem, dentre os amigos de São Paulo.

Você já deve ter recebido minha carta, em resposta à sua.

Hoje venho agradecer o livro do Afonso Schmidt, *Colônia Cecília*.

Gostei muito como documento histórico, e fiquei encantada com a liberalidade do nosso Pedro II. Mas, acho que o Schmidt fez uma cousa apressada, embora tenha sempre sabor o que ele escreve. Com o seu talento e sua arte, poderia ter feito uma obra-prima de beleza. Perdeu ou deixou perder, com a pressa com que se tem de fazer tudo hoje, muito motivo interessante que ele poderia ter aproveitado. Por exemplo, com o natural egoísmo de homem, próprio do sexo, não teve uma palavra para aquela que foi a "criada" dos anarquistas, dos homens que não querem explorar ninguém..., para a única mulher que veio com os primeiros colonos ou fundadores da Colônia, a lavadeira, cozinheira, a tábua de bater roupa de todos... Não perdoei essa falha. Livro de homem, mesmo que fosse anarquista... A segunda grande falha, proposital, talvez, porque é a unhazinha do comunista que saltou, sem querer... é a da página 28, quando cita o "niilismo" de Bakunin, aliás isso não é nada. O principal é citar Max Stirner como "pai de Sorel" (evidente má fé), "Avô de fascistas, nazistas e tutti quanti". Se o Schmidt lesse hoje Stirner, como artista e individualista que é (não há ninguém mais individualista!), se ainda fosse livre para ler aquele grande anarquista, ficaria encantado, maravilhado. Mas, não pode, porque os comunistas do tempo do Brandão decretaram que ser anarquista e individualista é a maior vergonha do mundo. Daí que é preciso atacar a um gênio, porque é anarquista individualista, dizendo que é "polícia, fascista, pai do fascista Sorel, avô dos nazistas", etc... Não há absurdo maior, mas quem não conhece Stirner nem a tática... Não perderam ainda o costume... Não há meios. São sempre os mesmos, até o Schmidt. Isso, vocês anarquistas, tão ciosos em me atacar por qualquer cousa e atacar de rijo, isso vocês não vêem. O Schmidt nasceu empelicado, é o eterno Bebê dos anarquistas de São Paulo, e de vez em quando solta uma mijada em vocês e vocês, ficam encantados...

A propósito, se você conseguir um livro de Max Stirner em São Paulo, compre-o para mim, por favor e me mande dizer quanto é. Com a tirada do nosso querido Schmidt, fiquei com saudade do Stirner, foi o que ele ganhou, por minha parte. Gosto do Schmidt e muito, mas gostaria mais dele se fosse mais sincero com a sua própria consciência e ficasse só no artista e... olhe

lá... Essas ideologias todas põem tanto fanatismo nos melhores, que é quase impossível depois a gente reconhecer o HOMEM metido nessas capas, e eles mesmos depois se confundem e misturam tudo. E ai daquele que quer ser realmente HOMEM ou MULHER antes de vestir a roupagem do partido ou da ideologia desse ou daquele feitio.

Eu estava com vontade de "cavaquinho", por isso aproveitei-me da ocasião. Isso é para vocês verem que ainda estou firme na minha independência e disposta a dizer o que sinto, seja o que for, nesse campo. Tenho a coragem de respeitar minha consciência incorruptível. Não há nada que me faça retroceder. E gosto de encontrar "gatos" ou o rabinho escondido...

Quando eu tiver o prazer de encontrar o Schmidt, farei as contas com ele, para ouvir aquela risadinha de quem não faz conta. Mando um abraço para ele, mas protesto em nome do meu individualismo stirneano.

O terceiro ponto é o de roubo: o tesoureiro ou caixa, ou escriturário da Colônia escapa-se e deixa os companheiros no aperto... Ótima propaganda das idéias... em ação! Ingenuidade do autor?... Ou má fé de outra ideologia?[84]

Abraços para todos vocês, em particular para você, meu caro Felipe.

Visitas de Carlos Moura.

Muito Afetuosamente

Maria Lacerda"

84. Nesta época Schmidt estava servindo ao PCB.

CRONOLOGIA DE MARIA LACERDA DE MOURA[85]

"Nem a exibição da libertinagem, nem o puritanismo moralista da civilização farisaica, nos poderão dar o tipo de mulher de amanhã: sensível, normal, sadia, terna para acariciar e livre, ativa, independente, para defender seus direitos de indivíduo, contra todos os prejuízos e contra todas as baixezas que têm degradado o ser humano".

Maria Lacerda de Moura

1814 – Maurice La Chatre (futuro mentor ideológico da infância e juventude de Maria Lacerda de Moura), nasce em Issoudum (Indre), França, a 14 de outubro. Filho de um Coronel que foi Barão no Primeiro Império (1804).

1820 – La Chatre começa seus estudos primários no Colégio de Fleche, onde aprende a venerar a monarquia nobre.

1826 – La Chatre começa a estudar em Saint Cyr (Seine et Oise), renomada escola militar fundada em 1685. Presta juramento diante de Carlos X, Monarca desde 1824.

1830 – Quando Louis Philipe sucedeu Carlos X no trono, La Chatre nega-se a prestar novo juramento e em pouco tempo abandona a escola militar.

1831 – Contente por ter abandonado o anacrônico militarismo, La Chatre (jovem, com dezessete anos) começa uma caminhada a pé até Marselha. Resolve ficar algum tempo no povoado de Le Muy (Var) aprendendo o ofício de carpinteiro. No mesmo lugar começa a ganhar seu sustento dando aulas particulares de matemática.

1834 – La Chatre, chega a Paris e vai vender livros.

1842 – La Chatre torna-se editor; entre outros livros publica *Os Mistérios do Povo*, de Eugênio Sue.

1848 – La Chatre começa a escrever seu famoso *Dicionário*, sobre o qual comentará o libertário belga Hem Day: "É e será para muitos de nós um monumento notável, quase único, uma ferramenta de trabalho de primeira ordem."

1849 – Em Sundsholm, Suécia, nasce Ellen Key: defensora do futuro feminismo e de uma pedagogia livre, inspirados no libertarismo (luta que adotará com fervor Maria Lacerda de Moura).

---

85. Autor: Vlademir Muñoz – *Reconstruir*, (revista) – Argentina, julho/agosto de 1972. Tradução livre de E.R.

1851 – Por ter editado nove anos antes *Os Mistérios do Povo*, perseguem, e finalmente prendem La Chatre.

1857 – Em 25 de setembro condenam novamente La Chatre (a seis mil francos de multa e um ano de cárceres), por sua nova edição de *Os Mistérios do Povo*.

1858 – Perseguido pelos obscurantistas franceses, La Chatre resolve exilar-se nos países de fronteira com a França.

1864 – La Chatre regressa do estrangeiro e recomeça seu trabalho editorial. Reedita uma vez mais, o famoso livro de Eugenio Sue, bem como a *História da Revolução Francesa*, de Jean Joseph Louis Blanc, historiador francês nascido em Madri.

1871 – Estala a Comuna de Paris, La Chatre toma parte na defesa do povo. Em 24 de maio os soldados versallenses invadem a sede de sua editora e destrói tudo que encontram de valor, fuzilando um pobre velho inofensivo colaborador de La Chatre que precisou se esconder, para não ser assassinado.

1872 – La Chatre refugia-se em Espanha, na cidade San Sebastian (Guipúzcoa). Nasce em Borge, Noruega, o que viria a ser o famoso polar, Roald Amundsen, e sobre quem Maria Lacerda escreve, memorável refutação antifascista.

1874 – La Chatre, perseguido em Espanha por suas idéias vanguardistas, é obrigado abandonar este país e refugiar-se na Bélgica.

1875 – La Chatre, foi para a Suiça e depois Itália, antes de regressar à França, após a proclamação da Anistia para os partidários da Comuna.

1879 – La Chatre visita a Le Muy: os entusiasmados vizinhos dão seu nome à praça principal do povo. Em Paris, inicia gigantesca tarefa de reescrever seu famoso dicionário com a colaboração de Eliseu Reclus, André Girard, Hector France, Eugenio Sue, Félix Piat, Louis Blanc, Jean Grave, Jules Guedes, Victor Hugo e outros destacados precursores.

1880 – Ellen Key dedica-se ao ensino libertário.

1882 – Morre o historiador Louis Blanc. Em 22 de julho nasce José Rodrigues Leite e Oiticica (José Oiticica), em Minas Gerais, Brasil: será proeminente educador libertário, que atuará com Maria Lacerda.

1887 – Em 16 de maio nasce Maria Lacerda, filha do livre-pensador Modesto Lacerda e de Amélia Toledo, na fazenda "Monte Alverne" nas imediações do povoado Manhuaçu, em Minas Gerais.

1892 – Aos 5 anos Maria Lacerda muda-se com seus pais para Barbacena, localidade situada entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro, onde passou o resto de sua infância.

1893 – Começa seu estudo primário no externato do Asilo dos Órfãos, tendo como professora a religiosa irmã Rosa, educadora estimada em Barbacena.

1898 – Modesto Lacerda testa a inteligência de sua filha Maria com o pensamento de La Chatre, fazendo-a traduzir seu famoso *Dicionário*: tanto se entusiasma Maria, que desde essa época se inclina pelas idéias libertárias.

1900 – Em 9 de março, aos oitenta e seis anos, morre Maurice La Chatre, deixando para a posteridade seu famoso livro, do qual opinara um Hem Day: "O *Dicionário* de La Chatre é uma obra de libertação pela qual temos de elogiar o seu autor e, em nome de minha juventude estudiosa, é meu dever felicitar calorosamente o seu criador." Maria Lacerda, ao terminar a escola primária, matricula-se na Escola Normal de Barbacena, cujos professores se esforçam dando cursos gratuitamente ilustrando a juventude mineira do lugar.

1901 – Publica-se na capital da Espanha o livro intitulado *O amor e o Casamento*, de Ellen Key, tradução de Francisco Lombardia (Madrid, ediciones, La España Moderna, 308 pág.). Os dois temas inquietaram a juventude e a maturidade, de Maria Lacerda.

1904 – Maria tem dezesseis anos e diploma-se professora primária. Será uma das educadoras libertárias mais proeminentes do Continente Americano.

1905 – Nasce no interior do Uruguai a menina Maria Alvarez, que representou radiante promessa da educação racionalista na América. Em 14 de janeiro, Maria Lacerda casa-se com Carlos Ferreira de Moura, seu compreensivo companheiro até ao final dos seus dias. Maria começa a estudar pintura, piano, xilografia, pirogravura, bordados, etc., para capacitar-se e ensinar melhor a infância.

1908 – Maria Lacerda é agora professora de trabalhos manuais, de pedagogia, higiene e ao mesmo tempo diretora de "Pedagogium" anexo à Escola Normal de Barbacena.

1910 – A pedagogia libertária de Maria Lacerda se projeta nos meios extra-escolar, ao lutar para proteger os idosos desvalidos e abandonados. Associa-se com outras boas mulheres de Barbacena, organizando festas de arte, muito concorridas para angariar recursos construindo com eles vinte e duas casas, conjunto habitacional chamado "Vila D. Viçoso", um razoável abrigo para os velhos barbacenenses.

1911 – Roald Amundsen descobre o Pólo Sul.

1915 – Maria Lacerda, já que a natureza lhe nega a faculdade de ser mãe, adota uma pobre órfã que vive com sua avó doente. Também adota um seu sobrinho, filho de uma irmã, também professora, que fica paralítica.

1918 – Publica-se o primeiro livro de Maria Lacerda, intitulado *Em Torno da Educação*, muito bem recebido pelos leitores ávidos de um ensino livre; sobre seu texto chegam cartas elogiosas, uma delas de José Oiticica e outra do sociológo argentino José Ingenieros. A imprensa também faz críticas favoráveis, como o *Correio da Manhã*.

1919 – Impulsionada pela acolhida favorável do seu primeiro livro, projeta-se culturalmente escrevendo outros dois, que se publicam neste ano: *Renovação*, *E Por que Vence O Porvir*. Aqui Maria Lacerda já se destaca como vanguardista no mundo das letras, e dela opinará neste sentido Eugen Relgis: "Escritora, uma das melhores mulheres que tem lutado no Brasil por ideais de Paz e de Fraternidade humana."

Para contestar a insidiosa infiltração do nefasto ensino católico e a prostituição das consciências infantis nos antros eclesiásticos, José Oiticica funda, no Rio de Janeiro a Liga Anticlerical, por proposta de Maria Lacerda, considerada já por Oiticica como "*a maior pensadora brasileira*" e recebe adesão de muitos livre-pensadores.

1921 – Com seu companheiro e filhos adotivos, Maria Lacerda fixa residência em São Paulo, trabalhando como professora particular. Tem assim a possibilidade de projetar-se socialmente com mais amplitude, sendo numerosas as conferências, colaborações na imprensa, etc...

Ao entrar em contato com o pensamento pacífico e pacifista de Han Ryner, fica deslumbrada e escreve: "Sócrates do Século XX, que nos transporta pela harmonia interior e a euritmia de seus sonhos, por seu estilo tolerante, seu pensamento fecundo e transparente em perpétua ascensão. Através de cada página desdobra seu gênio fulgurante e nobre, sua incomparável sabedoria."

1922 – Novo livro de Maria Lacerda intitulado *A Mulher e a Maçonaria*. Neste mesmo ano publica o seu quinto livro, ainda sobre trabalho educativo: *A Fraternidade e a Escola*.

1923 – Sai o sexto livro de Maria Lacerda: *A Mulher Moderna e o seu Papel na Sociedade Atual e na Formação da Civilização Futura*. Sua trajetória libertária é límpida: "Sufocar o espírito de autoridade dentro do coração. A autoridade não está somente no Estado e só poderá desaparecer com este. É uma herança do reino animal. Entretanto existe a violência do espírito de autoridade que se enfrenta com o ideal de liberdade."

1924 – Seu amigo, Dr. Jorge Vaz, empresta-lhe um opúsculo do médico português Dr. Miguel Bombarda,[86] intitulado *A Epilepsia e as supostas Epi-*

86. O Dr. Miguel Bombarda nasceu no Rio de Janeiro (não em Portugal), Brasil, a 6 de março de 1851 e foi assassinado a 3 de outubro de 1910, em Lisboa, por oficial da Marinha, esquizofrênico (nota do trad.)

lepsias, onde deixa supor que, por natureza, a mulher é uma degenerada. Não se faz esperar a lúcida refutação de Maria Lacerda, que escreve um livro notável, editado neste mesmo ano: *A Mulher é uma Degenerada?* Livro que dedica a seu companheiro: "Ao meu Carlos, ao mais abnegado dos amigos, ao mais afetuoso e leal dos companheiros – esposo e irmão –, a quem devo uma enorme gratidão por sua delicadeza com a qual soube identificar sua vida com a minha na luta de cada instante, na esperança e nas amarguras de cada dia, em prol de um ensino ideal sempre fugaz e sempre rebelde. Ao meu Carlos, que soube compreender toda a grandeza do meu idealismo de pensadora impenitente pela maneira em que renunciou aos prejuízos para fazer uma vida conjugal inteiramente diferente da vulgaridade, da abnegação e lealdade excepcionais, contribuindo para a verdadeira felicidade do lar. Ao meu melhor amigo meu beijo mais afetuoso e fraternal. Nossa vida é o melhor exemplo de que a emancipação feminina não representa a destruição do lar; ao contrário, quando homens e mulheres se fazem dignos uns dos outros, pela superioridade moral, quando se elevam às alturas do grande amor que exalta e purifica, sentindo a significação da existência, então compreendem a razão pela qual os precursores se sacrificam por um ideal."

1925 – Falece em Montevidéu, a 24 de março, a jovem Maria Alvarez. De um obituário copiamos: "Nós que a conhecíamos, que pudemos avaliar sua firme e clara inteligência, estamos em condições de dizer ao mundo revolucionário, que com ela se perdeu um pensamento forte, interessante, e que apesar de ter-se manifestado rico em idéias e alto em conceitos, prometia mais, muito mais ainda." Publica-se o oitavo livro de Maria Lacerda· *Lições de Pedagogia*. Em Buenos Aires traduz-se e edita-se *A Mulher é uma Degenerada?*.

1926 – Morre Ellen Key. Publica-se a nona obra de Maria Lacerda: *Religião do Amor e da Beleza*. Sua fraternidade pródiga atingia os autóctones: "Os aborigenes da América receberam os europeus desarmados e confiantes, só usaram a força e a brutalidade depois de haver sido tratados violenta e cruelmente pelos invasores; honrando-nos muito o sangue indígena que corre por nossas veias."

1927 – As edições Radet, de Paris, editam o livro *O Amor Plural* de Han Ryner, primeira parte de uma trilogia amorosa: a esta concepção do pluralismo amoroso aderiu Maria Lacerda. Divulga o pensamento Ryeriano no seu trabalho *O Individualismo Estóico de Han Ryner* (Barcelona: *La Revista Blanca* nº 102). Na revista *Humanidad*, de Buenos Aires, "La autoeducación dos niños", de Maria Montessori (julho p.p. 15-16). No número de outubro, "Cerca del Corazón", escrito póstumo de Maria Alvarez?

1928 – Publica-se *En el Centenario de Ellen Key*, de J. M. Lunazzi (Buenos Aires: *Humanidad*, maio p.p. 12-13). Roald Amundsen morre em julho, num vôo ártico, quando tentava resgatar o explorador italiano Umberto Nóbile.

Pouco depois o aviador italiano Del Prete chega ao Brasil e é recebido com festas pelos fascistas de São Paulo. Maria Lacerda inicia vigorosa campanha antifascista no jornal *O Combate*: produzindo grande repercussão e dando motivo a suspensão do órgão fascista *Il Picolo*, publicado em idioma italiano em São Paulo. No final reúne a polêmica e sai o opúsculo *De Amundsen a Del Petre*.

1929 – Maria Lacerda visita a Argentina, fazendo conferências na capital e noutras cidades: "Estive na Argentina em 1929. Fiquei encantada. Voltei emocionada do acolhimento que me dispensaram. Encontrei um punhado de jovens dessa gente nova, amálgama de todas as raças e de todos os povos, com o coração nas mãos e os sonhos mais belos na alma aberta para todas as verdades, fraternalmente unidos num elevado ideal de solidariedade humana. Um deslumbramento de esperanças e realizações. Pois bem, é esse mesmo punhado de homens novos e outros mais que estão à frente de *Nervio*, de *Bandeira Negra* e de outros grupos e publicações." Patrocinada por jovens israelitas, dá uma conferência na Biblioteca Anatole France, da capital: "Tive ocasião de ouvir os moços e moças da raça judia e confirmei o juízo de Romain Roland a respeito dessa juventude vibrante e idealista, que semeia o pólem de todas as idéias, de todos os sonhos, por toda a parte. Outro fator extraordinário de evolução humana."

1930 – De volta de La Prata, fixa residência em Barbacena, lugar onde morava sua mãe.

1931 – Novo opúsculo é publicado de autoria de Maria Lacerda: *Clero e Estado*, no qual enfrenta estas duas poderosas forças seculares, retrógadas e obscurantistas. E em seguida seu livro *Civilização Troco de Escravos*, obra publicada antes de 1936 pelo editorial Estudios de Valência, Espanha. Na revista *Estudios* da mesma cidade, publica "Procreación e Miseria" (nº 106).

1932 – Neste mesmo ano edita-se o livro de Maria Lacerda *Amai E... Não vos multipliqueis*, em cujas páginas defende um neomalthusianismo libertário esclarecedor. E tal como o seu livro anterior foi publicado em Espanha, antes de 1936, pelo mesmo editorial Estudios. Na revista de igual nome colabora com: "Los Libertarios y el Feminismo" (nº 107); "La Educacion Moral" (nº 108); "La Santa Violencia" (nº 109); "Todo es Criación Nuestra" (nº 110); "El Trabajo y la Aspiracion de la Mujer" (nºs 111/112).

1933 – Aparece o único livro que sobre Han Ryner se publicou na América: *Han Ryner e o Amor no Plural*, de Maria Lacerda.

Nesse mesmo ano Maria Lacerda protesta vigorosamente contra o "vergonhoso espetáculo do belicismo feminino, em seu vibrante e contundente opúsculo: *Serviço Militar Obrigatório para a Mulher, Recuso-me e Denuncio.* Outras colaborações suas aparecem na revista valenciana *Estudios*; "Una Hipotesis que es um sueño de perfeccion" (nº 113), "Kardec y Comte" (nº 116), "La Asociación Internacional Biocosmica" (nºs 118/119), "El Salvajismo Fascista Contra Israelitas" (nº 120), "La sujeición de la mujer y el Predominio Religioso y Capitalista" (nº 121), e "La Cadena de la Bue Muerte" (nº 122).

1934 – Em defesa do mártir da Escola Moderna escrever o opúsc *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica.* Em Buenos Aires, em Castel no publica seu opúsculo *Servicio Militar Obligatorio para la Mujer?*. Segu suas colaborações em *Estudios*, a prestigiosa revista valenciana: *La Nu Escuela de la Nueva Oportunidad* (nº 125/126); "Cuando el Amor Mue (nº 127); "Qué es el Amor Plural" (nº 127) e expondo o conceito ryneri do amor múltiplo, escreve: "El Amor Plural frente a la Camaradia Amoro (nº 129). Refutando a concepção amorosa de E. Armand publica: "La Mujer Nueva y la Moral Sexual" (nº 130/131) esboçando sua própria concepção do amor.

Doente de reumatismo, Maria Lacerda vai para o Rio de Janeiro, onde continua sua difusão libertária.

1935 – As últimas colaborações de Maria Lacerda em *Estudios* de Valencia são "Amor y Liberdad" (nº 132), "Pedagogia y Educación" (nº 138), "Mussolini, las Mujeres y el Malthusianismo" (nº 142), "El Fascismo Contra la Evolución Humana" (nº 148), "Han Ryner, El Socrates Moderno" (nº 152), "El idolo de la Cultura Fascista" (nº 153).

Na Argentina publica-se seu opúsculo *Clericalismo y Fascismo* (Rosário: Libraria Ruiz). A mesma editora de Rosário publica o livro *Sociedad y Prostitución*, do Dr. Juan Lazarte, prefaciado por Maria Lacerda de Moura. Coagida pela ditadura brasileira, abandona o Rio de Janeiro e refugia-se em Barbacena, mas é impedida pelas autoridades locais de ensinar em escolas públicas.

1936 – O militarismo, o clero e a reação associados começam a crucificação fascista na Espanha liberal e libertária: as simpatias de Maria Lacerda vão em defesa dos libertários que enfrentam a barbárie totalitária em solo espanhol. Sente muita pena pela irrupção em Espanha do racismo hitlerista e pensa que o Brasil é um dos países anti-racistas: "O negro – escreveu então – aqui é um irmão e amigo tratado com um carinho e um afeto verdadeiramente fraternais. Na América do Norte seria absurdo uma estátua levantada a uma mãe negra, a nossa ama, a escrava que nos viu nascer, tão

boa, tão carinhosa e tão leal. No Brasil é um poema esse culto a mãe negra – no monumento artístico e nas canções populares, na poesia e na vida real – o negro idoso que foi semeador do nosso café inspira centenas de poesias de nossos melhores poetas. Não impedem que estes estejam na miséria e sofram as conseqüências das lutas de classes da nossa civilização; mas a índole romântica, sentimental, cavalheiresca dos ibérios, tem para os negros o carinho do sentimentalismo generoso e de gratidão fraternal."

1937 – De novo no Rio de Janeiro, onde trabalha duramente para sobreviver.

1938 – Vai morar Maria Lacerda na Ilha do Governador, próximo da capital, com o fim de fazer conferências sobre temas libertários e, principalmente, o grande amor ético de sua vida.

1940 – Publicou os livros *Português para os Cursos Comerciais*.

1944 – Maria Lacerda pressente o fim de sua mãe. Em setembro retorna ao Rio de Janeiro, já bastante doente. De novo vai para a Ilha do Governador e começa a dar quase tudo que possuía: seus livros e, o que é lamentável, destrói quase toda sua correspondência tão valiosa. Pensa que não viverá muito mais ao retornar definitivamente, ao Rio de Janeiro em dezembro.

1945 – Último artigo de Maria Lacerda, em vida, foi publicado na revista dos exilados espanhóis no México: "Han Ryner" (revista *Inquietudes*, nº 4 – maio pp. 18-19). Começa assim: "Porque nada se afirma com certeza absoluta de convicções com os 'homens de muita fé e pouca inteligência' e porque não destrói nada com a devastadora obstinação dos negadores de espírito forte, Han Ryner foi mais completo, e mais harmonioso, o mais claro, o mais filosofo de todo os filósofos conhecidos no Ocidente, e de todos, certamente, o mais imparcial, porque era o mais flutuante e o mais próximo, quiçá, a verdade cósmica." Maria Lacerda morre em 20 de março no Rio de Janeiro: enterro modesto, sem coroas e com umas poucas flores sobre o seu corpo.

1948 – Publica-se o opúsculo póstumo de Maria Lacerda com o título *O Silêncio*. Entre outros estudos analisa a obra ryneriana *El Filho del Silencio*, que versa sonbre o filósofo e matemático Pitágoras de Samos.

1952 – Morre Maria Montessori.

1953 – "Maria Lacerda de Moura", por Vlademir Muñoz (Les Pavillens seus Bois, Seine, França: *Cuadernos de los Amigos de Han Ryner*, nº 30, terceiro trimestre, p.p. 3-6), esboço bibliográfico: "Com Maria Lacerda desapareceu uma das mulheres mais admiráveis que a América produziu, um desses seres realizadores, tão raros no mundo, um desses sábios que passam pela vida semeando a boa vontade da harmonia." Este trabalho se reproduz em nosso idioma (Toulouse), França: revista *Cenit*, nº 31). A mesma revista publica no nº 34: *Tem sexo a inteligência?* por Maria Lacerda.

1954 — "Han Ryner", por Maria Lacerda (*Cuadernos de Amigos de Han Ryner*, nº 33) segundo trimestre: o artigo da revista *Inquietudes* traduzido ao francês pelo autor desta cronologia.

1955 — Em *Cenit*, nº 49: "Pitágoras e a Sabedoria do Silêncio", por Maria Lacerda. Nesta data o conjunto residencial fundado em Barbacena por Maria Lacerda ainda existia.

1956 — Publica-se *Anarquismo e Feminismo*, por Maria Lacerda em *Cenit*, nº 69.

1957 — Morre José Oiticica, em 30 de junho, no Rio de Janeiro.

1958 — Novas colaborações de Maria Lacerda sai na revista *Telesana Cenit*: "Ibsen" (nº 85), "La ciencia ao Serviço da Degradação Humana" (nº 89) e "Domesticando" (nº 90). "Maurice La Chatre", por Han Ryner, no periódico anarquista de Paris *Le Monde Libertaire* (nº 43, outubro) sugere-se a distribuição da obra deste ilustre precursor.

1959 — No número de dezembro de *Le Monde Libertaire* outra excelente colaboração de Han Ryner: *Le Dictionaire La Chatre*: "Guardei cuidadosamente faz mais de quarenta anos, um caderno onde copiava notas, e onde copiava extratos dos vocábulos consultados dos dois volumes do *Dicionário La Chatre*, herdados do meu avô paterno."

1968 — No livro *Encuesta America-Europa*, de Eugen Relgis (México: Ediciones Tierra y Libertad, pp. 94/95) "lê-se fragmentos da resposta de Maria Lacerda". O original manuscrito em português, muito extenso, encontra-se na Coleção Eugen Relgis.

1970 — *Ação Direta*, por José Oiticica: seleção, introdução e notas de Roberto das Neves (Rio de Janeiro: Editora Germinal), inicia a publicação dos escritos libertários dispersos de Oiticica. Outro notável livro é: *Descobrindo Han Ryner*, por Louis Simón, em idioma francês (Paris: Le Pavillon — Roger Maria, Editor). Na página 147 desta biografia é citada uma cronologia de Han Ryner aparecida em *Reconstruir*, nº 51 (Argentina).

1971 — Morre na obscuridade pública, em Espanha, já muito idoso o escritor libertário Higinio Neja Ruiz, admirador de Maria Lacerda, autor do valioso livro: *Gandhi, Animador de la India* (Valencia, Editorial Estudios, 1932).

Assim termina a enquete comentada por Eugen Relgis: em junho de 1932 sobre Maria Lacerda de Moura: "Acima de tudo, no mais elevando-a grande alma da India, Gandhi — cheia de amor e sacrifício heróico, indica ao mundo o caminho da redenção do gênero humano pelo amor à simplicidade." Outro libertário, Gaston Leval, na revista libertária francesa *Contre Courant* (Paris, 2 de junho de 1953, nº 30) escrevia: "Deu uma importância enorme, talvez decisiva a experiência de Gandhi. Pois Gandhi foi um espírito que se

manifestou historicamente pela ação. Uma ação formidável, extraordinária, que sacudiu, despertando e mobilizando a trezentos e vinte milhões de seres, que pôs em marcha a um povo milenarmente adormecido, prisioneiro de crendices religiosas e tradições espantosas, que estremeceram o sistema de castas e venceu, sem massacres, o imperialismo então mais poderoso do mundo."

Nota do tradutor: Maria Lacerda de Moura colaborou em diversos jornais do Brasil: *A Culinária Paulista*, *A Patrulha Operária*, *A Plebe*, *A Lanterna*, *O Trabalhador Gráfico*, no livro *Por que Ser Anti-Semita* (um inquérito entre 35 intelectuais brasileiros, só ela de mulher, páginas 39 a 52, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1923). Viveu em Guararema, na Comunidade do anarquista italiano Arthur Campagnoli, fundando uma escola para ensinar aos camponeses da comunidade e mais tarde comprou um terreno nas imediações, fez uma casa modesta e nela uma escola.

Exaltou Concepción Fernandez, anarquista argentina e atacou na imprensa brasileira Rui Barbosa pelos seus minguados conceitos sociais e humanos.

Formou e orientou o Comitê Feminino Contra a Guerra, a Federação Internacional Feminina e fundou e foi diretora da revista ilustrada *A Renascença* em São Paulo, 1923, entre outros trabalhos valiosos.

Ao falecer deixou algumas correspondências, hoje no arquivo do autor destas notas, que guarda igualmente breve biografia escrita por seu companheiro Carlos Ferreira de Moura, e uns poucos documentos.

ANEXO III

NENO VASCO

Carta 1

"Lisboa, 31-5-1913

Caríssimo Edgard Leuenroth:

Respondo à tua de 12 do corrente.

E. Camponeses – Já seguiram cerca de 500, como te disse. Breve vão mais. Espero novos endereços.

Livro do Babo – A remessa será feita de uma só vez, logo que venha ordem. Vai tudo encaixotado, como carga.

Folheto Netlau – Mando-te 100 exemplares deste magnífico folheto (25 a cada um dos seguintes: tu e V. Correia; Myer e teu mano João; avisa-os de que são teus). Com 20% são 2$400, mais 440 de correio, são 2$840 fortes, que debito na tua conta. Se queres mais, pede.

Terra Livre – Vai vivendo e vende-se bem. Mas gasta muito também. Seria bom que remetesses tudo o que tiveres cobrado. Do nº 16 (desta semana) já não há nenhum! Receio até já não os obter para V. Correia.

Da Porta da Europa – Não me dizes que percentagem te dá meu pai no meu desgraçado alfarrábio. Tenciono escrever-lhe breve sobre a inconveniência do preço.

M/Contas – Guarda a cópia, e se surgir qualquer incidente que torne necessária a publicação delas, faz-me esse favor. Qualquer reparo que seja feito, comunica-mo. A falta de tempo absoluto tem-me impedido de tirar a longa lista dos compradores e "recebedores" do livro Reclus. Tratarei disso logo que possa. Com o original e as cópias, as contas já devem ter tido bastante *publicidade* entre os camaradas, únicos que por elas se podem interessar.

Geórgicas – Os pacotes, por descuido, ficaram retidos na redação bastantes dias. Não haverá aí um camarada que conheça bem a linguagem caipira para escrever umas *Geórgicas* brasileiras? Sabes que as minhas têm sido apreendidas no Alentejo? Que honra!...

Romero – Estimo bem que o bom Romero permaneça contigo, no seu posto. Dá-lhe um abraço por mim.

Clichês – Escolhe tu mesmo os de caráter social, ainda que metam padre, e vai mandando.

Foletim – Vou traduzindo contos. Entretanto procurarei um romance. Parece que os leitores da *Lanterna*, como os outros, gostam dos romances de aventuras com (ilegível) rocambolescas. Disso, conheço pouco. Se eles (ilegível) Anatole France...

Diário – A situação que me propõe é excelente: 50$ fortes, mais algumas traduções ou coisa parecida e já poderei viver tranqüilo com os meus. Mas isso não me impedirá de te falar com franqueza. Tu sabes como dificilmente me entusiasmo pelos diários. As despesas são grandes e os assinantes não são os mesmos que os do semanário: são menos. Tem, pois, cautela, não te precipites. Enfim, estando aí, sabes melhor do que eu o que podes e deves fazer. Por mim, farei tudo o que puder, não só para merecer o dinheiro, mas por dedicação sincera. Já agora, com o semanário, embora veja que tens original de sobra, ando irritado porque não posso fazer quanto quero. Mas tu sabes: aqui abusam de mim. Ainda ontem quase me zanguei com o Quartim porque, à última hora, quando eu precisava de fazer enfim alguma coisa para a *A Lanterna*, queria que eu escrevesse uma coisa que me tomaria seguramente cinco ou seis horas! E invocou, apelou para tudo. Estou, porém, disposto a pôr ordem nisto, e já ontem lhe disse que absolutamente não contasse comigo para nada, pelo menos nos 3 últimos dias da semana (5ª, 6ª e sábado). O que me oferecem convém-me e muito me alegra, porque 50$, embora não me bastem ainda nesta cidade e com esta família, são entretanto o *grosso* do necessário: o resto pode arranjar-se. Mas, repito, nem por isso me atrevo a encorajar-te na empresa, que precisa de capitais e de apoios.

Questões – Folgo com a paz aí concluída... O Nilo prometeu-me uma carta, mas até hoje, nada.

Lista livros Manuel – O Antonio ainda não me remeteu.

Livro Manuel – Não recebi a *Luta* do R.G. Sul. *La Protesta*, sim.

Propaganda – Bravo! a coisa vai bem pelo Rio. Quanto à lei celerada, continuaremos. Li o artigo do Primitivo. Vou ver se posso escrever a resposta. Lamentável desorientação! A atitude dos pseudo-anarquistas da Argentina indigna.

Tua visita – É isso, o Congresso! Não me tinha lembrado! Tu deves vir como delegado. Que isso não fique em projeto, caramba! Conto contigo!

Avatar – Não me poderás arranjar quanto antes um exemplar dessa peça teatral?

Recomenda-nos muito à tua companheira e a todos os teus. Com que então o Eugênio é socialista parlamentar? É boa!

Os meus pequenos estão excelentes: gordos, corados, brincalhões. Se os teus cá vierem um dia, ganharão cor e carne, sem perder a viveza...

A nossa "mamã", coitada, nada sabe ainda, e chora de vez em quando. Ainda hoje. O Pinho parece que tenciona escrever-lhe daí a dar-lhe a fatal notícia. Diz-lhe que não fale, porém, em suicídio: que faleceu, rodeado de cuidados e amizades. O (ilegível) talvez pudesse desempenhar melhor (ilegível) em que nada lhe faltou. (Ilegível).

Um abraço.

NENO".

Carta 2

"Lisboa, 30/5/1914

Caríssimo Edgard Leuenroth:

Todo tomado por mil ocupações e preocupações, não pude esta semana escrever uma crônica: nem para isso tenho cabeça. Traduzi uma bela crônica de Malato, a qual parecerá feita para a *A Lanterna*... Podes até pô-la em *fundo*. Malato (recebe o jornal, não é verdade?) será o primeiro a sorrir da inocente manha.

Mando um questionário, que me chega às mãos por intermédio do Grave. Peço respondas com escrúpulo e rapidez. Escreve primeiro as respostas na tradução portuguesa, e passa-as depois para o original francês, remetendo este a Monsieur Eclacke, – 61, rue dos Soeurs – Alexandria, Egypte. Os preços serão postos em *réis*, mas no fim indicarás o valor do franco. Escreve os preços sem cifrão ($): basta um ponto, pois assim são mais compreensíveis para um estrangeiro. Quando o preço for por litro, escreve *litre*. Na parte *meubles usuels*, podes pôr: cadeiras, uma dúzia (*chaises, une douzaine*); mesa de jantar (*table a manger*); secretária (*bureau*); guarda-roupa (*armeire*); guarda-louça (*buffet*), etc. Nos salários, sendo pagos aos meses põe o ordenado dum mês, ajuntando: *par mois*; sendo por semana, acrescenta: *par semaine*. Não te descuide desta vez...

Sabes como consegui arranjar dinheiro para agüentar alguns dias? Tentei vender a máquina! mas ofereciam tão pouco por ela, que dentro de dois dias ficaria eu sem dinheiro e sem máquina... Então, graças à intervenção dum amigo, também amigo dum penhorista, empenhei-a em condições excepcionais: recebi 20$00 e fiquei com a máquina em casa! Em todo o caso, há sempre as sabidas desvantagens: terei de restituir o dinheiro e de pagar juros ($ 60 por mês), e no caso, muito possível, de falta de pagamento, terei de dar a máquina, ficando assim sem ela por pouco dinheiro (20$00 menos os juros pagos). E os 20 *escudos* já lá vão quase... Que triste vida!

Recomendo-te o questionário de Eclacke.

Abraço ao Romero e a todos os amigos.

Abraça-te o

NENO".

Carta 3

"Lisboa, 23 Nov. 1919.

Meu caro Pinho:

Há muito que não tenho notícias tuas. Peço-te que não te faças desleixado para comigo como a família e amigos que aí deixei. Escrevendo-me, podes até fazer-me o favor de me dar notícias de meu pai (que não me escreve há muitos meses) e dos amigos.

Outro favor te peço. Vê se o Edgard me pode mandar o que lá tem daquele romance histórico de Malato que lhe traduzi para folhetim, isto é, todos os folhetins publicados, mais o original que não chegou a sair. Eu tenho cá o final, isto é, em linguados (nº 431 a 530). É para publicar em folhetim cá no jornal.

E por que é que ele não permuta cá com a gente? E tu tens recebido o jornal regularmente? Não poderias tu mandar ou arranjar quem mande umas crônicas *breves*, de vez em quando?

Dá-me notícias tuas e dos teus, a quem nos recomendarás. Cá por casa tudo na mesma! a Mercedes um pouco mais minada e abatida. Saudades a todos os bons amigos, Edgard, Candinor, Vitorino Correia, etc.

Um grande abraço do

NENO"[87]

Documento 1

"O PERIGO MACARRÔNICO

Houve quem lançasse o grito de alarme sobre o perigo que nos ameaça: a invasão do italiano. A 'língua de Dante' ganha terreno sobre a 'língua de Camões'. Estamos na hora negra dos perigos...

Este, como as cores estão todas empregadas – perigo amarelo, negro, branco, cor de burro quando foge – intitulâmo-lo, um pouco jocosamente, perigo macarrônico. Além da *Divina Comédia* (oh! comédia humana!) é o macarrão que nos ameaça. O perigo complica-se com um aspecto culinário: estamos expostos a ter de abandonar a carne seca com feijão ou o cozido e arroz para *mangaire i maccheroni*. É a ruína dos 'nossos costumes'!

---

87. Incluem-se aqui cartas escritas entre 1911 e 1919 por Neno Vasco para São Paulo. Em nosso poder, de sua autoria, em letra miúda, caligrafia inconfundível, bem legível, ficam 56 dos anos 1911-12; 14 de 1913; 11 de 1914; 3 de 1915 e um original inacabado com 36 páginas.

Se os espíritos aferrados às tradições, receosos de mudanças, inimigos da livre evolução, se limitassem a cobrir o solo de escolas onde se ensinasse o português, ao gosto dos mais exigentes puristas, seria já talvez perder tempo numa educação clássica, puramente instrumental, com as regras incertas da gramática, mas não existiria o mal da intervenção da autoridade, obrigando todas as escolas, às vezes utilíssimas, a introduzir um ensino que acarretará despesas superiores às suas forças.

É tarefa inútil! As línguas e costumes evoluem rapidamente, a despeito de todas as leis em contrário. As relações comerciais, industriais, literárias, sociais, entre os povos, os progressos das ciências e das artes, as influências das escolas literárias, as variações dialetais, tudo isso transforma os idiomas apesar dos puristas, fazendo das sucessivas edições de dicionários verdadeiros museus arqueológicos das línguas.

São Paulo então é um laboratório perfeito. Assistimos a transformações à vista em tudo, desde a cozinha ao tipo do habitante. Basta percorrer as fábricas, os meios operários; basta ler as resenhas de casamentos, com o glorioso internacionalismo do amor... Não há assimilação completa: há fusão. Os diversos elementos penetram-se, o que é natural numa população em que, postas de lado a parte espanhola, a árabe, a alemã, a francesa e outras, deve haver equivalência, ou quase, entre o elemento brasileiro e português e o italiano.

Na língua sucede isto: vocábulos italianos aportuguesam-se, e vice-versa, formando-se deste modo uma linguagem que acabará por se impor mesmo aos literatos. Podemos ainda falar em perigo *macarrônico*, dando a este qualificativo o significado que ele tem há muito no léxico português...

Esta questão levou-nos a pensar na imperfeição das línguas existentes como meios de comunicação do pensamento, nas gramáticas carregadas de absurdas e contraditórias regras e exceções, que servem apenas para fazer perder um tempo precioso no estudo dum simples instrumento para adquirir os verdadeiros conhecimentos. Servem ainda para que os padres e os governos encham os programas de ensino com inutilidades (línguas mortas até) que desviam a atenção da educação integral, inimiga do dogma e da autoridade, e deixam as vítimas ignorantes como os analfabetos, e tendo a mais pedantismo e diplomas.

Veja-se, por exemplo, a ortografia portuguesa, a chamada usual, tão disparatada. Nós usamos uma simplificada (não *sônica*, porque essa é impossível, em vista das variações regionais da pronúncia), que encontra obstáculos fortes, tais como a falta de hábito do leitor, que é preciso acostumar sem muita violência, e a dum dicionário barato. Esperamos que os dicionaristas, que são meros registradores dos fatos, nos acompanhem a

nós e aos já numerosos periódicos e outras publicações que, em Portugal sobretudo, abandonaram a absurda ortografia usual. Entretanto baseamo-nos no *Dicionário* de Cândido de Figueiredo, especialmente na sua conversação preliminar, salvo quanto à acentuação.

Mas isto é pouco. Que dizer da sintaxe? Que dizer da etimologia de todas as línguas, em que os termos, mal definidos, dão lugar a inúteis e intermináveis discussões.

Ora, assim como os italianos não analfabetos (não contamos os toscanos), além dos seus numerosos dialetos, têm uma língua segunda e comum — o italiano, por que não ensinar em todo o globo uma língua auxiliar, universal? Essa língua poderia ser sabidamente organizada, com uma gramática de poucas regras, sem exceções, com uma letra para cada voz ou modo, e só uma, com sons facilmente pronunciáveis, com raízes rigorosamente definidas.

Algumas línguas deste gênero se fizeram já, como o volapuk, o bolak e o esperanto. Paulo Robin acha mais perfeita a segunda: bolak ou língua azul; mas, em virtude de certas circunstâncias, triunfou o esperanto, ardentemente propagado por várias sociedades, sobretudo na Europa. Calcula-se em 80.000 o número de aderentes. Quanto ao volapuk morreu.

Num dos próximos números, daremos um artigo sobre a língua universal — Esperanto."[88]

Documento 2

DA OCIDENTAL PRAIA LUSITANA

Para *O Diário*

Lisboa, 7 de novembro.

Morreu miseramente no sábado e miseramente foi a enterrar no domingo o escritor Silva Pinto.

Era um grande escritor? Afirmam que sim, dizem que era um mestre da língua, embora o reconheçam sobretudo um panfletário.

Eu, por mim, conheci-o mal. Li-lhe, há anos, num jornal do Porto, as suas breves crônicas diárias de Lisboa, secas, acres, rabugentas. E como o pessimismo desalentado me soa mal e me incomoda o azedume, como só amo os

88. Neno em *O Amigo do Povo*, São Paulo, 20-8-1904, nº 60, ano 3.

hinos à vida ou ceticismo sorridente e benévolo, não quis saber mais, convencido ainda de que o cronista não tinha, a compensar suficientemente o árido amargor da sua frase, um sopro vivificante e renovador de idéias largas e modernas...

Ouço agora que teve uma mocidade ardente e combativa, com as vibrantes seduções de ideal e os impulsos generosos do sacrifício; que era, no fim, uma alma de criança rabugenta como as próprias crianças que ele amava, a quem ele dispensava os melhores fulgores da sua bondade e da sua piedade. Ouço que o seu estilo se desconjuntou e descoloriu na mesquinha tarefa de comentar dia a dia, à sobreposse pela obrigação cotidiana do ganha-pão, os raquíticos e fastidiosos sucessos do ramerrão politico e social...

Quantas ilusões literárias perdidas deste modo! Quantos sonhos de arte esvaídos! Quantas almas azedadas!

Atemorizados ante o seu humor os amigos começaram a fugir-lhe. Foram-se quase todos. Tornou-se um solitário, a desabafar amargamente.

E veio a expirar em casa de um dos seus dois únicos amigos, abandonado e pobre como Camões, horas depois de iniciada uma subscrição para lhe valer na sua doença e na sua penúria! O seu enterro foi uma cerimônia miserável e despercebida.

O homem que deixa uma não leve bagagem literária, crítico reputado e prosador de renome, não levou, triste e frio cadáver a caminho do cemitério, senão um reduzido grupo de colegas e os alunos da Escola de Reforma de Caxias, de que fora diretor. Nada mais, Nem lustrosas librés, nem fulgentes uniformes, nem as altas personalidades políticas, nem as figuras consagradas da república das letras.

O mundo oficial boicotou o ato; a gente intelectual e literária eclipsou-se. Se eu advinhasse tais ausências... teria ido!

Hão de supor talvez que estou também a redundar em pessimista amargo. Não, senhores. Eu estou a sorrir-me.

Estou a sorrir-me, imaginando o pomposo funeral que teria tido Silva Pinto, a despeito da sua mordacidade sarcástica e acidulada, se além de escritor tivesse possuído dinheiros e houvesse furado, com galharda desenvoltura e desembaraçado apetite, por entre os ruidosos FEIRANTES DA POLÍTICA!

Os grandes homens, em regra, não estão no laboratório do sábio ou no gabinete do escritor: peroram na praça pública. É aqui que se tecem coroas de glórias e se organizam apoteoses, que as aclamações se colhem com menos talento do que o necessário para aperfeiçoar a peça de aço de um maquinismo, para discutir um problema social, para idear uma estrofe.

Pobres multidões! Boas multidões! Elas vivem na ânsia de melhorar, e como há homens que sabem prometer, elas, que são ainda tão confiadas, sabem também ter esperança. São os políticos que se incumbem da felicidade de todos! por isso, enquanto os homens não sabem ocupar-se, eles, próprios, de tão ingente tarefa, como não hão de venerar os políticos, seguí-los anhelantemente, depositar neles a sua mais ardente fé? Onde menos se trabalha, onde menos se sabe atuar e coordenar as energias individuais e coletivas, é que a peleja política mais referve e estua. Erguem-se e tombam ídolos, que, embora caídos, ou porque caídos no conceito de uns, ganham e conservam a admiração de outros. Novas formas exteriores vêm redoirar antigas substâncias. Os neologismos vêm caiar e modernizar os interesses velhos e os inveterados hábitos. Classes aparentemente soterradas, reaparecem com os mesmos poderes mas outras máscaras. E as boas multidões, na mesma oposição, derrubam ídolos, levantam ídolos, vivem da mesma esperança. Aclamação, apoteose, delírio.

Conhecem o nosso muito ilustre tribuno Antonio José de Almeida, que de salvador de enfermos passou a salvador da pátria e foi ministro do governo provisório?

Este saboreou o mais intato prestígio popular. Orador consagrado de comícios, verbo fluente e vigoroso, idéias não muitas nem profundas, mas tiradas fulgurantes e tropos magníficos, recebeu as mais entusiásticas ovações das massas. Fazia entrever paraísos radiantes.

Veio a República, subiu ele ao poder, dizem que quis opor a colegas seus um partido forte, e para isso fez a famosa "política de atração", chamou a aderir ao regime novo as "boas vontades" do velho, favoreceu influentes da monarquia. Com outro chefe astuto e fino jornalista, o capitão-médico Brito Camacho, acaba de fundar uma *União Nacional Republicana*, para opor ao grupo *Democrático*; senhor de quase todo o partido republicano histórico, como se prover no recente Congresso. A União é uma excelente válvula de segurança para a *forma* republicana, porque será o escoamento de todos os descontentes. Mas o povo dos grandes centros, não se rende naturalmente a esta razão, considera traidores os seus antigos generais, e já por três vezes vaiou o tribuno outrora glorioso, que se consola recrutando nova e proveitosa clientela e vendo agora, pelo binóculo invertido do seu orgulho maltratado, reduzidas às ridículas proporções de meia dúzia de maltrapilhos assalariados a incontável multidão que antes o vitoriara com delírio.

As aclamações delirantes vão agora a novos messias. Vão aos chefes popularíssimos da facção *democrática*; vão especialmente ao *estadista votadíssimo à salvação desta pátria*, como disse no Porto à multidão extasiada um senador entusiasta.

O messias em questão é o dr. Afonso Costa, tipo bem acabado de político e advogado, sagaz manobrador de júris e de partidos. É o grande homem do dia. O seu prestígio, além de outras origens, procede das suas leis anticlericais e da promessa que ele parece representar, de vagas reformas sociais...

... E quando o exercício do poder lhe tiver embaciado a aureola aos olhos das boas multidões, sempre ansiosas, sempre na oposição, estas talvez ainda ajudem outros a trepar, sem que os velhos percam de todo as posições adquiridas e a grave e brilhante consideração das altas rodas, e sem que seu cortejo fúnebre — que aos deuses apraza retardar o mais possível! — deixe de ter o luzimento do número e o aparato dos galões e das cartolas, e na descarga simbólica da tropa a imagem do muito ruído que fizeram.

Neno Vasco"[89]

Documento 3

"MORREU NENO VASCO!

Eis a notícia que nos acaba de transmitir o telégrafo, lacônica e indiferentemente, em três linhas apenas, e ainda assim mentindo no que diz respeito ao sublime ideal de que o nosso inestimável companheiro foi sempre não só um ardoroso e abnegado propagandista, mas também um dos mais belos e admiráveis expoentes no terreno da literatura e do jornalismo revolucionário.

Ao contrário, pois, do que telegraficamente se leu no *O Estado de São Paulo*, Neno não era nem fora apologista do sistema republicano, mas sim genuíno e sinceramente anarquista, cujas convicções e propósitos se patentearam sempre com galhardia e inteligência no decorrer de sua plácida e trabalhosa vida; quer como propagandista dos mesmos princípios; quer como pai, esposo e filho, de que foi sempre, na família, um dos mais belos modelos de ternura e de amor; quer, finalmemnte, como indivíduo, cuja moral e inteligência, a par de uma sólida cultura científica, realçavam-lhe a feição gentil e extremamente delicada e cativante de suas maneiras, tornando-o não só admirado de todos os seus amigos e companheiros de luta, mas até mesmo de seus próprios adversários, que nele viam a encarnação do ideal anarquista e revolucionário nobremente representado e dignificado pelo talento e pela cultura de quem, sabendo esgrimir as armas da inteligência e

89. *O Diário*, ano 1, nº 153, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

da razão em defesa dos mais alevantados princípios, fazia brilhar a verdade em seus argumentos e confundia-os, patenteando-lhes a nobreza e a sublimidade dos seus sentimentos de justiça e a elevação de seu amor pela causa da humanidade.

Modesto ao extremo, despretencioso, desprendido de interesses, foi o que se pode chamar um apóstolo perfeito, um modelo impecável de virtude, porque no seio bonansoso e amorável de sua grande alma se abrigavam todos os ideais de justiça, de paz e de amor.

O trabalho intelectual por ele desenvolvido na obra de propaganda e organização das forças revolucionárias era tão intenso como o seu amor e o seu entusiasmo pela causa da redenção da humanidade, não poupando esforços nem sacrifícios na luta pelo bem-estar e felicidade de todas as vítimas do odioso regime atual.

Assim foi que, aqui em São Paulo como em Portugal, terra de seu nascimento, soube ele imprimir a virilidade de seu talento de escol na obra de propaganda emancipadora do proletariado, a quem, por meio da imprensa libertária, que criou e deu vida, e por meio de opúsculos, que escreveu e traduziu para a divulgação de nossos ideais — abriu com toda a prodigalidade o tesouro inesgotável de seu coração, iluminando-lhe a alma com a luz de sua inteligência privilegiada e culta, cujas irradiações possuiam o condão de afugentar-lhes as trevas da ignorância e abrir-lhe clareiras na selva tenebrosa dos inimigos da luz e da liberdade, apontando-lhe a senda que o conduiziria à vitória.

Espírito lúcido, abnegado e generoso, soube relegar os privilégios de seu título de bacharel pela Universidade de Coimbra, à qual cursou com distinção, para se tornar professor e jornalista, dadas as repugnâncias que lhe causavam a profissão de advogado, para a qual não podia adaptar-se a sua grande alma de apóstolo do bem e da justiça.

Além de artigos, opúsculos, versos e outros trabalhos literários, publicados pelos nossos jornais, legou-nos o livro — *Da Porta da Europa*, e a peça teatral, inédita — "O Pecado de Simonia", fina e brilhante comédia de crítica social e religiosa, já bastante vezes levadas à cena e que constitui uma das belas jóias do repertório do teatro libertário."[90]

90. João Penteado, em *A Plebe*, São Paulo, 25-9-1920.

ANEXO IV

FÁBIO LUZ

Documento 1

TESTAMENTO LIBERTÁRIO DE FÁBIO LUZ

Foi instintiva em mim a idéia anarquista. Assistindo desde menino a cenas de escravatura, rebelei-me contra a autoridade e o Estado. Não conseguia convencer-me da razão da desigualdade entre os homens, uns, ricos e dominadores; outros, pobres, humildes e injustiçados. Meu pai foi escrivão e, mais tarde administrador da Receita da Fazenda de Valença, onde nasci. Nesta repartição eram averbadas as escrituras de compra e venda de escravos mediante a cobrança do imposto de transmissão do direito e propriedade.

Tornei-me abolicionista por sensibilidade. Constrangido quando observava a miséria, os sofrimentos e humilhações impostas pelos policiais negros nos seus semelhantes. O Estado, o Império, apareciam-me como responsáveis por estes atos de desumanidade, atribuía-os a todas as formas de Governo. Este entendimento fez nascer em mim aspiração de uma forma de Governo que fosse mais humano e igualitário.

Supuz que umá república democrática realizaria esse ideal e me tornei republicano apesar do decreto que pôs fim à escravidão ter sido aprovado pela monarquia, forçada pela propaganda que o povo fazia. Enganei-me, e só mais tarde percebi o equívoco em que vivi, colaborando na organização republicana que, com sua revolução, mudou os homens e exploradores, deixando na essência de seus discursos e enfáticas promessas a mesma exploração da monarquia, autocrática, oligárquicas e ditatoriais.

Comecei então a preocupar-me com a questão econômica e a má distribuição da riqueza social, criada pelo trabalhador, dinamizada pelos exploradores e açambarcada pelos capitalistas.

Foi quando, por casualidade, caíu-me nas mãos o livro de Pedro Kropotkin *Palavras de Um Revoltado*.

Senti que nessas páginas havia algo que eu não podia explicar. Mas aquelas palavras de humanitarismo e de revolta, vinham ao encontro do que a minha mãe havia me ensinado, ainda que com argumentos diferentes de

serena rebeldia, de resignação contra o destino em sua fervorosa candidez cristã.

Li avidamente tudo quanto Kropotkin tinha escrito, e assim me revelava a mim mesmo.

Certo dia, na Livraria Garnier, quando procurava obras de Kropotkin, aproximou-se de mim um jovem bem falante e simpático que me perguntou se eu me interessava por leituras anarquistas. Era Elísio de Carvalho, moço pretencioso e mal visto, tachado até de plagiador, acusado de ter publicado livros em prosa e versos escritos por mãos e pensados por inteligências mercenárias a quem pagava generosamente, pois estava casado com uma mulher rica.

Corrido assim dos meios literários, Elísio buscava amparo noutros meios. Fez-se anarquista individualista. Desse encontro fortuito nasceu uma segura amizade entre nós, vindo da minha parte por compaixão, ao vê-lo assim humilhado pelos outros, e de outro lado, pelo interesse que me despertavam as idéias que de algum modo se irmanavam com as minhas ou lhe eram afins.

Elísio era individualista e se vangloriava de ter como mestre Stirner com *O Único e sua Propriedade*, cuja leitura em vão tentei assimilar, muito habituado já à clareza de exposição de Pedro Kropotkin. Outro ídolo de Elísio de Carvalho era Frederico Nietzsche, o pai nebuloso do imperialismo alemão, com seus super-homens.

Foi por essa época que também entrei em contato com o pensamento tolstoiano, e me relacionei com Curvelo de Mendonça, nessa época professor de economia política que, aos poucos tornou-se um tolstoiano entusiasta.

Fomos formando assim na Livraria Garnier um Grupo de rebeldes, cada qual com sua tendência. Todos éramos contra o que se praticava em nome do povo para a infelicidade do povo.

Rocha Pombo, que ainda não havia começado a escrever a sua grande História do Brasil, defendia o Comunismo Cristão, pregado por Cristo. Pedro do Couto, republicano exaltado e positivista, achava que a questão social já havia sido resolvida por Augusto Comte. Esses encontros literários transformaram-se em verdadeiros Centros de Estudos Sociais.

Elísio de Carvalho resolveu fundar a "Universidade Popular Livre", do Rio de Janeiro, e publicar a revista *Kultur*, francamente anarquista.

Todos os componentes de grupo fomos professores da Universidade e colaboradores da revista. Mas pouco tempo durou a Universidade. Ainda assim deu o que falar. Uma de suas campanhas foi desencadeada contra a vacinação obrigatória.

Depois Pausilipo da Fonseca fundou o periódico *A Greve*, e tentando provocar uma greve geral sem sucesso, deitou por terra todo o trabalho de propaganda que se vinha fazendo no Rio, auxiliado por *O Amigo do Povo*[91] que se publicava em São Paulo. Nós íamos fazer conferências nas portas das fábricas. Aos domingos reuníamos na sede da Universidade todos os camaradas. Depois os contribuintes para a manutenção das aulas incorreram em faltas graves de administração universitária, sendo responsabilizado por tudo isso o reitor, que era Elisio de Carvalho.

Este se afastou totalmente e a Universidade teve de fechar suas portas.

Elísio foi ocupar um cargo na política e chegou a ser diretor do instituto de identificação criminal, debaixo da proteção do atual[92] diretor e redator do *Jornal do Comércio*, doutor Félix Pacheco, ex-ministro de relações exteriores, deputado e senador.

Curvelo de Mendonça ao aceitar um emprego no jornal *O Paiz* converteu-se em escritor da burguesia e economista da primeira página desse diário. Desertou como os outros. Rocha Pombo, que apelidei de "Jesus Cristo", se conservou místico e apaixonadamente dedicado à caridade, alma de apóstolo, dolorido e resignado. Pedro do Couto seguiu seu caminho republicano.

Maximino Maciel, formado em medicina, professor do Colégio Militar, filólogo de grandes méritos, também companheiro de encontros literários jamais chegou a compreender a possibilidade de uma sociedade sem Governo, eliminando o Estado com todo o seu aparato.

Entrei, pois, na propaganda ativa tendo já a minha orientação libertária formada pela leitura de livros de Kropotkin, Reclus, Jean Grave, e através das novelas de Tolstoi.

Mais tarde, encontrei-me com João Gonçalves da Silva, guarda-livros, no Rio de Janeiro. Esse camarada, como eu de origem burguesa, militou na política republicana e se ocupava em trabalhos de Comércio como Contador. Era e continua[93] sendo, apesar de seu estado de doente incurável, um bom orientador, domina perfeitamente a filosofia anarquista.

Somente em 1901, depois de ter publicado *Novelas*, ideologicamente identificada quanto a questões sociais, foi que soube do movimento revolucionário, de fundo totalmente libertário. Em 1902, já formava com o malogrado Curvelo de Mendonça um pequeno grupo de rebeldes. Em 1903 publicamos, eu a novela *Ideólogo*, de franca tendência anarquista, o Curvelo, a novela *Regeneração*, perfeitamente acrata. Foi nesta época que começamos a reunir-nos com Elísio de Carvalho, como digo, individualista stirniano e adepto de Nietzsche, que iniciamos a propaganda autenticamente libertária entre os trabalhadores, pronunciando conferências e comentários nas portas das fábricas e nas associações operárias.

Na imprensa, nossa propaganda tinha boa receptividade.

Depois começou a publicar-se *A Serra* de J. Reza, no Rio de Janeiro, *A Terra Livre*, de Neno Vasco e Manoel Moscoso, antimilitarista, *La Bataglia*,[94] semanário anárquico que saía em São Paulo em 1906.

Sob a minha responsabilidade, como redator, publicou-se *A Luta Social* e *Revolução Social*, no Rio de Janeiro. *Na Barricada*, folheto de propaganda, foi editado em 1915 por Orlando Corrêa Lopes, que depois se afastou das idéias anarquistas para ser diretor de um colégio de educação profissional no município do Rio de Janeiro.

Num diário vespertino, dirigido pelo dr. Orlando Corrêa Lopes, sustentei uma larga polêmica explanando os princípios para uma reforma social, tendo como opositor o dr. Pedro do Couto. Nessa polêmica entrou o advogado Silva Marques, de franca tendência social democrática.

Em 1906 a Editora Percaria Maria Pereira, de Lisboa, publicou meu livro *Os Emancipados*, novela de propaganda libertária.

Ao longo do Governo Epitácio Pessoa circulou no Rio o diário *Voz do Povo*, barbaramente empastelado pela polícia inutilizando todo o material tipográfico. Isso me custou algumas horas de prisão. Foi depois da destruição de *Voz do Povo* que se reorganizou o Grupo "Os Emancipados", marcando sua vida vibrante no terreno de propaganda e de lutas. Na primeira fase do grupo "Os Emancipados" lançou os periódicos *A Luta Social* e *Revolução Social* e na segunda *Lua Nova*, um estudo de amor livre de minha autoria. Em São Paulo o grupo de *A Plebe* dinamizava a propaganda, organizando séries de conferências e festivais libertários, conservando assim, até à chegada dos "libertadores" da revolução setembrina de 1931. Reapareceu mais tarde com uma vida precária, mercê do empurrão do dr. José Oiticica, incansável lutador, vítima de inumeráveis prisões e deportações, secundado pela ilustre conferencista Maria Lacerda de Moura. Ação profícua e notável a de Oiticica, no Rio, particularmente na Liga Anticlerical.

Maria Lacerda de Moura trabalha pela causa libertária em seus livros e conferências freqüentes e educativas. Os camaradas de São Paulo editam em folheto minha conferência: *Nós e os Outros*.

---

91. Quinzenário anarquista redigido pelo anarquista e advogado Neno Vasco recém-chegado de Portugal.
92. Este "Testamento" foi escrito em 16-3-1933.
93. João Gonçalves da Silva morreu pouco depois de Fábio Luz escrever este "*Testamento*".
94. *La Bataglia* começou a publicar-se em 26-6-1904 em idioma italiano sob a orientação de Oresti Ristori.

A "República" atual, que se diz nova, emprega contra a propaganda de renovação social os mesmos métodos dos Governos anteriores, confundindo anarquistas com bolchevistas; não sabe distinguir comunistas autoritários, marxistas, dos comunistas libertários, anarquistas. Para os governantes, todos são simplesmente subversivos.

Nesta breve resenha de propaganda em que pude participar, não devo esquecer os nomes de dois tenazes batalhadores de São Paulo: Rodolfo Felipe e Edgard Leuenroth. Tivemos companheiros que se afastaram da propaganda denegrindo em seguida as idéias libertárias, cujos nomes não é desacertado figurarem neste relato: dr. Alvaro Palmeira, professor Luiz Palmeira, Mota Assunção, Astrojildo Pereira, Octávio Brandão e outros que o desterro, as perseguições e a morte afastaram-nos do ideal.

Este rápido informe do mais agitado período hitórico da propaganda libertária, hoje inteiramente sufocada pela pressão policial que nos persegue, e que só me refiro às duas cidades mais importantes do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo, para dar uma idéia, boa ou má, do pouco que se pôde fazer em todo o território brasileiro, em razão das condições de ignorância e/ou do atraso de um povo com 80% de analfabetos.

A situação global do mundo é de opressão e predomínio da força.

Depois da Grande Guerra[95] houve um enorme receio, retorno ao passado de violências, a concepção monárquica, isto é, de um Governo absoluto, de um só homem, ditatorial, sob o comando de Mussolini com seu fascio, e de Hitler com seu nazismo, que plasmaram suas inspirações na ditadura do proletariado. Os povos encontravam-se exaustos da luta armada e caíram numa espécie de ilusão adinâmica. Tenho a certeza absoluta de que todos estes contratempos e obstáculos interpostos à grande luta social onde servir de aliciamento para dinimizar a nova arrancada. Atualmente duas forças se enfrentam decisivamente. A missão dos anarquistas prima pela orientação da classe trabalhadora, educando-a para a conquista de seu próprio destino. Seguramente teras tu[96] a possibilidade de ver cristalizadas tantas penúrias, sacrifícios e desgastes de energias na consecução do ideal que nos ilumina. Sonho com ele e o momento se me apresenta com todas as cores de um porvir cheio de promessas.

---

95. Trata-se da guerra de 1914-18.
96. Este "Testamento" foi enviado ao escritor anarquista argentino Campio Carpio, que o traduziu para o castelhano publicando-o em outubro de 1948 no periódico *Inquietudes*, do México e em outubro de 1973 na revista *Reconstruir*, da Argentina. O "Seguramente terás tu" é uma alusão ao então jovem Campio Carpio.

A reação será dinamogênica, porque nenhum regime social pode contar, para sua execução, com a grande maioria de analfabetos nem com os analfabetos que sabem ler. É preciso formar uma consciência libertária mundial, uma responsabilidade que tenha a força suficiente para levar aos indiferentes por nossas idéias, que a questão social é problema do mundo todo, para que também os inconscientes e os inocentes de sua ignorância façam o sulco que canaliza todas as atividades do homem. E nisto não devemos descuidar-nos. Temos o grande dever de terminar com o "ignorantismo", como se denominava na Idade Média os ingênuos e doentes. Nosso ideal tem meios de levar a cabo toda uma reconstrução social, de pugnar por uma nova educação, contemplando todas as aspirações. A esta aspiração, a esta realização devemos dedicar-nos de corpo e alma.

Um sistema social de igualdade, solidariedade e liberdade jamais poderá sustentar-se ou ganhar corpo sem um mútuo acordo geral. Se assim não pensarmos, a revolução política com todos os assassinos, fruto da opressão, da imposição e da lei do mais forte, ou seja da autoridade "Ota-toi de lá que je m'y pose..." O regime capitalista em quebra de debates entre eleger ditaduras militares e civis. E debaixo do aspecto e das aparências, o fato é que continua dominando. É preciso desmascará-lo, divulgando seus crimes brutais, gritando aos ouvidos de todos os povos, e em particular às classes trabalhadoras, que lutam pela emancipação, os horrores e todas as suas traições, que à época da libertação está cercada e que a liberdade absoluta, a igualdade econômica e a solidariedade humana, perfeitas, estão em vias de tornar-se realidade. Mas, também, se faz necessária não lhe ocultar que, repudiando leis e governantes, governos e dominadores de todas as classes a cataduras, arrancando a infância da ignominiosa exploração de homem pelo homem, abjurando e desprezando tutores e guias mentais, o homem tem que sentir-se capaz de conduzir-se de acordo com sua própria necessidade e inclinação. Para isso terá que adquirir consciência de sua responsabilidade. Para tirar proveito do maior dos bens, a liberdade, terá que sobrepôr-se a si mesmo até completar-se, elevando-se sempre e cada vez mais de tal modo que possa constituir-se em exemplo de imitação, tanto em sacrifício como em amor e solidariedade humana.

A igualdade econômica, que se nos dará com direitos iguais a todos os seres humanos ao nivelar a fortuna terrena, será a garantia do direito de vida porquanto respeita o conforto, a saúde e a felicidade, não prejudicando — porque os anarquistas não lutam para ser instrumentos do mal — os componentes da grande família social. A sociedade atúal nos esmaga e tritura com ares de uma divindade sem entranhas. O homem não deve sacrificar, com orgulho, aquela parte de si mesmo, ainda que a mais cara de seu

coração, como forma de contribuir para que as multidões do futuro sejam felizes, já que para consegui-lo tampouco se necessita.

Tenho combatido as injustiças em todas as suas manifestações e na minha atuação tratei sempre de fazer esmagar a desigualdade da perfeição do homem nas suas mais diversas necessidades da vida porque por experiência sei que o homem se vai curvando à luz da inteligência, aplicável ao bem comum. E sabemos, por dedução, que o ser humano se conduz por via de ambiente, de modo que será tão compreensível, tão grande e inteligente como útil à vida de seus semelhantes, quanto mais livres e mais humanas forem nossas doutrinas. Por tal razão, o procedimento dos anarquistas nestas horas deve ser de extrema abnegação, de desinteresse individual para o bem e felicidade futura da humanidade. Em essência não semeamos egoístas. Que ninguém espere beneficiar-se com o porvir da sociedade libertária. Mas trabalharemos para que alguém o seja e que isso constitua nossa maior satistação. Que importa o demais se nos anima a convicção de que o sublime ideal da anarquia amanhã será uma realidade?

Rio de Janeiro, agosto de 1933.[97]

Documento 2

A MORTE DE FÁBIO LUZ

Há homens que irradiam tal idealismo, que a sua morte desperta sentimentos de homenagem por parte daqueles que em vida lhes eram hostis. A sua vida moral, o seu caráter, ficam agregados ao meio em que viveram, formando um conjunto de forças em movimento. Essas forças, a que Ingenieros chamaria "forças morais", saem do âmbito em que se geraram, ganham as fronteiras, universalizam-se, formam conceitos, criam sistemas que podem abalar, profundamente, os alicerces de uma época. Revolucionam, destroem preconceitos, derrubam ídolos, fazem cair aos pedaços as mentiras convencionais do passado e projetam no futuro os raios de luz que guiam os homens em marcha para a conquista do seu sonho de liberdade!

Estas considerações foram sugeridas pelos recortes dos jornais burgueses que noticiam a morte de Fábio Luz, ocorrida em 9 de maio último, recortes

97. Fábio Luz faleceu em 9 de maio de 1938, portanto 5 anos depois que escreveu este trabalho para ser publicado após a sua morte. Pouco depois explodiu a guerra retardando sua divulgação para outubro de 1948.

que um velho camarada, seu companheiro de lutas, me entregou, alvitrando que escrevesse algumas linhas para *Liberdade*, e reivindicasse, assim, para o ideal libertário, a glória de uma existência que lhe foi devotada. Poderão parecer inoportunas estas reflexões, feitas precisamente quando tudo nos leva a crer que a humanidade afunda cada vez mais no abismo das paixões. Realmente, atravessamos um período amargo para a história da humanidade, pois as forças reacionárias ameaçam de destruição todas as conquistas do pensamento universal. Mas a violência das ditaduras, – que atinge neste momento os paroxismos da loucura, com o massacre, o confisco de bens, a expulsão e a morte de judeus na Alemanha – reflete, justamente, os últimos extertores de uma sociedade moribunda, e nós sabemos que é em desespero de causa que as tiranias lançam mão de todos os recursos, mesmo os mais infames e desumanos.

Só uma vez falei com Fábio Luz, há mais ou menos vinte anos. A lembrança desse encontro com o escritor rebelde traz-me, a par da satisfação de havê-lo conhecido, uma recordação dolorosa. É que fui apresentado a Fábio Luz por Nicolau Parada, uma das vítimas da Clevelândia, de tão triste memória para a história das reivindicações do proletariado brasileiro. Conhecia de Fábio Luz apenas alguns folhetos de propaganda e a sua colaboração nos jornais libertários, pois ele atendia com satisfação a qualquer pedido que lhe fosse feito, não obstante as suas atividades no magistério e na literatura.

Eu estava, nessa época, com a responsabilidade da redação de um jornal de classe, e Fábio Luz, atendendo a um pedido que lhe havia sido feito pelo grupo editor, ali colaborava com pontualidade. Esse encontro com Fábio Luz, na modesta sala de um restaurante, teve pois, para mim, uma significação profunda. Decidiu, talvez, da minha orientação futura, porque apenas trazia na mente, ainda vagas e indefinidas, as primeiras noções dos conceitos da filosofia libertária e na imaginação um mundo de ilusões...

A imprensa burguesa escondeu calculadamente, nos seus comentários, quando noticiou a morte de Fábio Luz, a parte mais importante da vida do autor de *Os Emancipados*, o seu ideal, a confiança, o otimismo, a convicção das suas concepções revolucionárias, o seu anarquismo! Sim, porque Fábio Luz escrevia as suas novelas, os seus contos, os seus estudos de crítica, inspirado nos princípios da solidariedade humana, baseado na concepção da humanidade livre, senhora dos seus destinos, vivendo para o amor, para a arte, para a beleza ideal da liberdade e do trabalho sem exploradores. Era assim que Fábio Luz concebia a vida, porque Fábio Luz era anarquista!

Fábio Luz nasceu em Valença, no Estado da Bahia, em julho de 1864, contando, portanto, 74 anos quando morreu. Formado em medicina pela

Faculdade da Bahia, apresentou como tese de doutorado um trabalho: *O hipnotismo e o livre arbítrio*. Em 1888, transferiu-se para o Rio de Janeiro, iniciando a sua carreira de médico nos subúrbios da grande capital, contato com a miséria das classes pobres.

Dotado de grande sensibilidade, aquela dor humana, que às vezes mitigava mas que não podia extinguir, porque as causas se radicavam nas imperfeições da organização social, a palidez das mães operárias, sugadas pelas boquinhas famintas dos filhos recém-nascidos e condenados, como os pais, a uma existência degradante, — tudo isso o revoltava e fazia despertar no jovem médico a angústia das grandes tragédias sociais.

Fábio Luz iniciou a sua produção literária em 1901, com *Novelas*, para logo continuar com *Ideólogo*, em 1903, e *Os Emancipados*, em 1906. Em 1908, apareceu o seu livro *Virgem-Mãe*. No período que vai dessa data a 1912, inspirado, talvez, na solução de um problema educativo para os seus próprios filhos, publicou a obra didática *Leituras de Ilka e Alba*, em que aparece o pedagogo magistral e carinhoso, o pai em vez do mestre, se considerarmos a concepção pedagógica do ensino burguês, que não dispensa os castigos e as humilhações em classe, para o aluno menos desenvolvido.

A propósito de *Leituras de Ilka e Alba*, aproveito a oportunidade para citar um episódio pessoal, que nos proporcionou momentos de grande satisfação. Visitava eu, numa localidade do litoral sul paulista, o Grupo Escolar, a convite do seu diretor, um moço que, iniciando ali a sua carreira de professor, viu-se, em menos de dois meses, nomeado diretor do Grupo, e a seguir, auxiliar de Inspeção da zona de Iguape. A maneira como esse professor se referiu ao livro de Fábio Luz revelou, em nós, uma afinidade de sentimentos que, durante vários meses, nos ligou na mais estreita camaradagem, culminando com um prefácio do então já auxiliar de inspeção, Ciro de Freitas Gais, para um livro, que não cheguei a publicar, mas cujo original conservo com carinho.

Elias Barrão, publicado em 1915, consagrou Fábio Luz como escritor social, sendo este livro uma das suas obras mais discutidas, podendo mesmo afirmar-se que Fábio Luz, apresentando *Elias Barrão* e *Os Emancipados*, foi o precursor do romance social no Brasil. Vêm depois: *Memórias de Joãozinho*, em 1916, *A paisagem no conto, na novela e no romance*, em 1922, sua primeira obra de crítica, seguindo-se, em 1924, *Nunca* e *Estudos de Literatura* em 1927. Publicou, ainda, *Ensaios*, em 1930, *Salamandra*, em 1931, *Pretidão de amor*, em 1932 e *Dioramas*, em 1934.

Como panfletário, entre outros trabalhos dispersos, deixou publicados os seguintes folhetos: *A tuberculose sob o ponto de vista social*, *A Internacional negra*, *Nós e os outros* e *Lua Nova ou o amor livre*.

Fundou a revista *Renovação* e colaborou, não só em vários jornais burgueses, como em *A Plebe*, de São Paulo, semanário libertário e *A Lanterna*, também de São Paulo, anticlerical, e em quase todos os jornais de classe que se editaram em todas as cidades do Brasil.

Ocupava na Academia Carioca de Letras a cadeira nº 12, da qual era patrono Laurindo Rabelo, um dos mais conceituados mestres da língua portuguesa no Brasil.

Espírito anti-acadêmico, Fábio Luz conquistou a posição que desfrutava, tanto nas letras como no magistério, — pois era aposentado como Inspetor Escolar, cargo que ocupava desde 1893, — a golpes de talento, confundindo, com o seu saber, a sua audácia e a sua inteligência, as mais robustas mentalidades suas contemporâneas.

São Paulo, novembro de 1938.

SOUZA PASSOS[98]

98. *Liberdade*, jornal antifacista português, Paris, ano 2, nº 18 — de 1º de janeiro de 1939